

ARAPIRACA

MEMÓRIA VIVA

100 Anos de História



Manoel Ferreira Lira
Eli Mário Magalhães Moraes
Roberto Baía de Barros

Prefeitura Municipal de Arapiraca
Governo do Estado de Alagoas

ARAPIRACA
MEMÓRIA VIVA
100 Anos de História

Arapiraca
2024

**Texto compilado e produzido
pelos jornalistas:**

**Manoel Ferreira Lira
Eli Mário Magalhães Moraes
Roberto Baia de Barros**

Revisão:

José Ventura Filho

Projeto Gráfico e diagramação:

José Adnael Silva

Sumário

Palavra do autores _____	09
Apresentação do prefeito do município _____	11
Apresentação do governo do estado _____	13
Governador da lei da emancipação _____	15
Governador da lei da instalação do município _____	17
Prefeito do centenário do município _____	19
Os autores _____	21
1ª Parte - O início _____	25
2ª Parte - A liberdade política e administrativa de Arapiraca _____	33
3ª Parte - Os que fizeram Arapiraca - Os nativos _____	89
4ª Parte - Os que fizeram Arapiraca - Os migrantes _____	121
5ª Parte - A industrialização de Arapiraca _____	171
6ª Parte - A educação _____	177
7ª Parte - A saúde _____	187
8ª Parte - A memória _____	193
9ª Parte - Anos Difíceis _____	233
10ª Parte - A religiosidade na construção de Arapiraca _____	237
Referências _____	244

Palavras dos autores

Este trabalho acerca da memória de Arapiraca visa oferecer conhecimentos do nascimento, crescimento e desenvolvimento desta terra, antes um planalto e hoje o maior município do Estado, que está completando cem anos de emancipação política. Seus filhos, naturais e adotivos, continuam elevando a terra conhecida como de Manoel André, fundador e primeiro a acreditar em sua pujança.

Foram compilados trabalhos e pesquisas de historiadores e estudiosos do município, como Valdemar Oliveira de Macedo e Zezito Guedes, entre outros, conhecedores profundos do povo e das terras desta parte de Alagoas.

Um agradecimento especial ao advogado José Ventura Filho, ex-professor do Colégio Bom Conselho, que gentilmente revisou o texto deste livro.

Apresentação do prefeito do Município

O ano de 2024 é uma data que carrega um simbolismo muito especial para o município de Arapiraca, por ser o ano em que se comemora o primeiro centenário de sua fundação.

Uma bela história de uma cidade que teve o seu começo no ano de 1848, com a chegada por aqui de Manoel André Correia, vindo de Cacimbinhas e que foi o desbravador das terras de uma planície fértil, repleta de árvores, e dentre estas, aquela que serviria para seu abrigo e que se chamava “arapiraca”, cujo nome foi dado à cidade que acabara de fundar.

Uma terra que passou de povoado à cidade emancipada do município de Limoeiro de Anadia pela luta do major Esperidião Rodrigues e de outro grupo de homens e mulheres que possuíam uma visão de futuro, um sonho de grandeza, de tenacidade e de um espírito empreendedor que até hoje estão presentes no DNA do povo desta terra.

O arapiraquense é um povo que sempre acreditou no progresso de sua cidade; sempre almejou seu crescimento, e por isso não mediu esforços para ver sua terra se desenvolver.

Não é tarefa fácil reunir e compilar fotos e registros dos personagens marcantes da história de Arapiraca; personagens estes que se destacaram em áreas como a agricultura, o comércio, a indústria, a educação, a cultura; e dentre estes muitos outros que na esfera pública dedicaram suas vidas ao trabalho de lutar pelo desenvolvimento da cidade desde o processo de surgimento do povoado até os dias de hoje.

Os jornalistas Eli Mário Magalhães, Roberto Baía e Manoel Lira conseguiram através de um grande trabalho de pesquisa reunir tudo isso em um livro histórico que enaltece os 100 anos de Arapiraca e nos oferece uma ótima oportu-



tunidade de conhecer fatos e personagens que marcaram a história da cidade.

Este trabalho que agora nos é apresentado pelos três renomados jornalistas será também uma importante fonte de pesquisa para os nossos estudantes, para os historiadores, para o público em geral e para as futuras gerações.

Nesses 100 anos de existência, o povo de Arapiraca tem muito o que comemorar. O antigo povoado deu lugar a uma cidade vibrante, dinâmica, importante centro de comércio de todo o interior do estado, com influência nos estados vizinhos e que tem se destacado ano após ano como uma das que mais crescem no Brasil.

Novos bairros, novos logradouros, muitos espaços públicos de lazer trouxeram uma nova forma de relacionamento da população com sua própria cidade, tornando a vida das pessoas que aqui vivem em uma forma mais prazerosa de convívio com os espaços urbanos.

A cidade cresceu muito nesses 100 anos de existência. Hoje somos mais de 240 mil habitantes que recebem os visitantes de braços abertos para juntos continuarmos fazendo de Arapiraca uma cidade que pulsa o desenvolvimento e também defende o desenvolvimento sustentável compatível com as novas exigências das questões ambientais e da valorização do ser humano.

Essa história de progresso e de desenvolvimento foi feita, acima de tudo, pela força de muito trabalho, suor e pelas mãos dos nossos agricultores, dos comerciantes, dos industriais, das nossas destaladeiras de fumo, dos feirantes. Enfim, de cada arapiraquense que aqui vive e continuará vivendo. Afinal, os próximos 100 anos já começaram.

Desejo a todos uma ótima leitura!

José Luciano Barbosa da Silva
(Prefeito Municipal de Arapiraca)

Apresentação do governador do Estado

100 anos de muito orgulho

É com imensa honra que escrevo essas palavras para tentar resumir a força desta terra pujante, celeiro da cultura e do desenvolvimento alagoano. Fico feliz em poder celebrarmos juntos os 100 anos de emancipação política de Arapiraca. Tempo que traduz uma história rica, marcada pela luta, pela garra e pela obstinação de um povo que soube construir seu próprio destino, transformando este município em um dos mais importantes polos socioeconômicos do nosso estado e de todo o Nordeste.

Desde os primórdios, Arapiraca se destacou como um ponto estratégico no mapa de Alagoas. Localizada no coração do agreste alagoano, a terra de Manoel André e depois de Marques da Silva, a cidade se viu favorecida pela fertilidade de suas terras, propícias à agricultura familiar e à pecuária. Essa vocação para o campo, aliada à sua posição geográfica privilegiada, fez com que Arapiraca se tornasse a capital do fumo em nosso país e hoje um importante centro comercial e de escoamento da produção local, virando também a capital do atacado.

Com o passar dos anos, a cidade não se contentou em apenas prosperar economicamente. Arapiraca também se consolidou como um polo cultural vibrante, berço de artistas, que enriqueceram a alma do nosso povo. O jeito de ser e a cultura arapiraquense se faz presente em cada canto da cidade, colorindo nossa vida e nos enchendo de orgulho. A paixão do povo pelo ASA reflete muito bem



esse sentimento. É algo presente no DNA de toda população filha dessa terra.

Mas a história de Arapiraca não se resume apenas ao seu passado glorioso. O presente deste município é marcado por um futuro promissor, com uma gestão responsável e apegada ao trabalho e ao respeito ao passado. Nos últimos anos, Arapiraca tem se consolidado como um importante centro industrial e tecnológico, atraindo investimentos e gerando emprego e renda para a população. A cidade também se destaca por sua infraestrutura moderna e pela qualidade de vida que oferece aos seus habitantes.

E por isso desde que assumi o governo de Alagoas passei a dedicar uma atenção especial ao município. Já entregamos a duplicação da AL-220: que liga Arapiraca até Batalha. São 53 km concluídos, facilitando o escoamento da produção agrícola, impulsionando o comércio e o turismo na região. E na infraestrutura também concluímos a recuperação do Aeródromo de Arapiraca, com sinalização completa da pista de pouso e decolagem, além da restauração do pátio de acesso principal e reestruturação do pátio de aeronaves.

Na Saúde, a construção do Hospital Metropolitano está em andamento, visando suprir a demanda por serviços médicos de alta complexidade na região. E também estamos enfrentando o problema do abastecimento. Com um moderno sistema vamos fazer a água chegar em todos os lares. Essas são apenas algumas das muitas conquistas que os arapiraquenses conquistaram em nosso governo.

Ao olharmos para o futuro de Arapiraca, não podemos deixar de pensar nos desafios que ainda estão por vir. Mas estou confiante de que, com a união do seu povo trabalhador e dedicado, este município continuará a trilhar um caminho de sucesso e prosperidade.

Por isso, neste dia tão especial, quero reafirmar meu compromisso com o desenvolvimento de Arapiraca. O governo do estado continuará a investir em infraestrutura, educação, saúde e segurança, para que este município continue a crescer e a oferecer cada vez mais oportunidades para seus habitantes.

Tenho a certeza de que Arapiraca tem um futuro ainda mais brilhante pela frente. Que Deus continue abençoando esta terra querida e seu povo hospitaleiro!

Paulo Dantas

Governador de Alagoas

Governador da Lei da Emancipação

José Fernandes de Barros Lima, nascido em 1868, em Passo do Camaragibe, exerceu quase todos os cargos políticos no estado: foi deputado estadual, deputado federal, senador, vice-governador e governador. Pessoalmente, foi jornalista (fazendo parte do Clube Republicano Acadêmico) e advogado, com formação na Faculdade de Direito do Recife (1893). No jornalismo, colaborou na revista *O Norte* (órgão republicano), e nos jornais *Arrebol*, *Movimento*, e *Norte de Alagoas*, assumindo, inclusive, a direção do jornal *Correio de Maceió*, em 1811, órgão do Partido Democrático de Alagoas.



Sua atuação política foi impressionante, combatendo a oligarquia dos Malta, que era comandada pelo governador Euclides Malta. Começou sendo vice-governador do estado na chapa de Clodoaldo da Fonseca. Suas obras: *Tiradentes* - poemeto realista; *Cartas de um Democrata*; *Política de Alagoas - Sugestões Para Organização de um Partido em Alagoas*; *A Sucessão Governamental no Estado de Alagoas em 1924*; *Discurso do Governador Fernandes de Barros Lima, que a 12 de junho deixou o cargo pela terminação de seu mandato*; *Estado de Alagoas - Sua Administração e Sua Política - O Estouro da Boiada Alagoana*.

Quando governador, recebia constantemente o paladino da emancipação de Arapiraca, Esperidião Rodrigues, acompanhado de seu filho, Serapião Rodrigues.

Mas, a emancipação de Arapiraca tinha um ferrenho opositor nos meandros do governo, que era o secretário da Fazenda, Castro Azevedo. Daí, entre os anseios dos arapiraquenses e a tenaz oposição de seu secretário, o governador Fernandes Lima, aceitou que Esperidião Rodrigues tentasse conquistar os deputados, de onde deveria partir legislação sobre o novo município.

E assim foi feito. Graças ao apoio integral do deputado Odilon Auto, os parlamentares aprovaram o texto final, encaminhando-o ao governador que, em 31 de maio de 1924, um sábado, a publicou como Lei nº 1.009/24, elevando à “categoria de vila e município a povoação de Arapiraca e contém outras disposições”. Datam e assinam em 30 de maio de 1924 a lei o governador José Fernandes de Barros Lima e o secretário dos Negócios do Interior, José Moreira da Silva Lima. No mesmo dia da sanção, 30 de maio, enviou telegrama para Esperidião Rodrigues nos seguintes termos: “Coronel Esperidião Rodrigues – Arapiraca – Limoeiro – Acabo sancionar Projeto de Lei criando município Arapiraca com cuja população laboriosa, adiantada e progressista me congratulo por intermédio amigo

grande incansável paladino dessa conquista que representa ato de justiça dos poderes públicos a um povo que se levanta por si próprio, que tem iniciativa e que progride. Cordiais saudações. Fernandes Lima – Governador do Estado”.

Seu mandato terminou em 12 de junho de 1924, impossibilitando-o de instalar o novo município.

Governador da Lei da instalação do município

Pedro da Costa Rego, nasceu no Pilar em 1889, jornalista, foi deputado federal, senador federal, governador de estado. Logo cedo, depois de estudar no colégio Liceu Alagoano, transferiu-se para o Rio de Janeiro, cursando o ginásio no Colégio São Bento. Já em 1906 era revisor, depois repórter policial, redator, cronista parlamentar e, finalmente, redator-chefe do *Correio da Manhã*. Em 1912 participou, em sua terra, do movimento que levou Clodoaldo da Fonseca ao governo de Alagoas. Foi secretário da Agricultura do novo governo alagoano. Desentendeu-se com o governador, passando para o Partido Democrático, onde se elegeu deputado federal para o período 1915/1917. Deixando a Câmara Federal, foi eleito governador em 1924, tomando posse em 12 de junho. Era um intelectual, na acepção da palavra, tendo sido presidente da Delegação do Brasil na Conferência Inter-Parlamentar em Bruxelas, em 1930; participou da Conferência Pan-Americana, em Lima, em 1938, e, também, na VIII Conferência Pan-Americana, em 1944.



Pedro da Costa Rego escreveu: *Águas Passadas*, prefácio de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; *A Sucessão Presidencial e o Partido Democrata de Alagoas*; *Mensagem ao Congresso Legislativo*; *A Passagem do Dr. Washington Luís em Alagoas*; *Como Foi que Perseguiu a Imprensa*; *Economia Mal Dirigida*; *Mensagem*, 1925; *Mensagem ao Congresso Legislativo*, 1925; *Mensagem. Ao Congresso Legislativo*, 1926; *Mensagem ao Congresso Legislativo*, 1927; *A Abolição*, *Centenário a Comemorar - I*, Tavares Bastos, *Centenário a Comemorar - II* e *O Primeiro Jornalista*.

Foi ele quem instalou o novo município de Arapiraca, com data escolhida para 30 de outubro, numa festividade descrita pelo redator-chefe de *O Índio*, arapiraquense Monsenhor Macedo, jornal editado pela paróquia de Palmeira dos Índios, como apoteótica. O governador levou diversos secretários de seu governo para homenagear a terra e seus habitantes agora munícipes. Estiveram presentes o secretário dos Negócios do Interior, o Intendente da capital, Domingos Correia, que foi um dos oradores das festividades.

Na festa da emancipação, representando o ex-governador Fernandes Lima, seu filho, Anibal Lima, recebeu as homenagens, inclusive com a aposição do retrato do emancipador.

O prefeito do centenário do Município

Nascido a 13 de agosto de 1958, em Palmeira dos Índios, ainda pequeno veio com familiares residir neste município, onde seu pai, Guido da Silva, assumiu cargo na Empresa dos Correios e Telégrafos, e sua mãe, Deusdeth Barbosa, professora de geografia no Colégio Bom Conselho.

José Luciano Barbosa da Silva cursou Engenharia Civil, (1982), na Ufal – Universidade Federal de Alagoas; curso de Financial Planning, International Monetary Fund Institute, Washington, D.C., Estados Unidos (ago.-nov. 1988); Mestrado em engenharia pela Universidade Federal da Paraíba (1992); curso de Finanças Públicas, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro-RJ (1996) e curso de Programação Financeira, Escola de Administração Fazendária, Ministério da Fazenda, Brasília-DF (1997); Mestrado em International Affairs in Economic Policy Management, pela Universidade de Columbia, Nova York, N.Y.-Estados Unidos (2000).

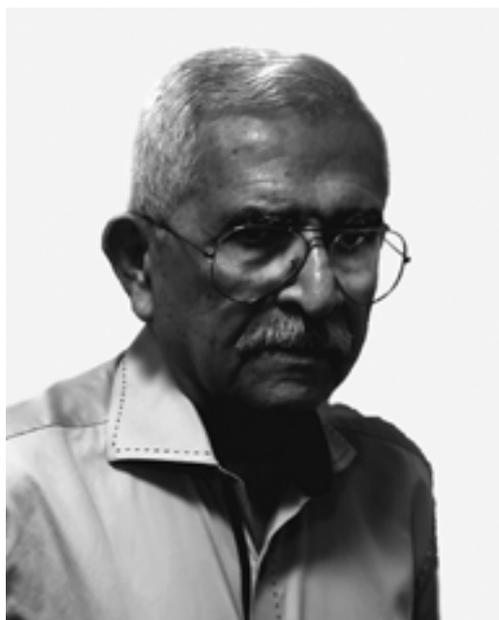


Na política, começou cedo: Secretário Municipal de Educação e Cultura (1993/1005); Secretário de Transportes e Obras (1995/1997); Coordenador de Ajuste Fiscal da Secretária de Administração Estadual (1996/1998); Secretário de Administração (1997/1998); Secretário de Planejamento e Orçamento do Ministério da Justiça (1999); Secretário de Economia e Finanças de Arapiraca (2001-2002). Ministro da Integração Nacional, nomeado em 05/06/ 2002, permaneceu no cargo até 01/01/2003 no governo de Fernando Henrique Cardoso; Secretário de Saúde do Município de Arapiraca (2003/2004).

É prefeito municipal de Arapiraca pela terceira vez. A primeira vez em 2005, sendo reeleito com término do mandato em 2012; foi vice-governador de 2015/2020, assumindo também o cargo de Secretário Estadual de Educação. Atualmente, seu mandato termina em 2024.

Os autores

Manoel Ferreira Lira



Nasceu no Mocambo (hoje Feira Grande), Alagoas, em 26/12/1946. Fez o antigo primário (3ª. e 4ª. séries) no Instituto São Luís, em Arapiraca (1957/1958), que tinha como fundadores e diretores os professores Pedro de França Reis e Manoel de Oliveira Barbosa. De 1959/1962, estudou as quatro séries no antigo ginásio Nossa Senhora do Bom Conselho, dirigido por José Moacir Teófilo, também em Arapiraca, de onde saiu para estudar o científico no Colégio Estadual da Bahia (Central), em Salvador, Bahia, de 1963/1965.

Concluiu, em 1968, o curso de Jornalismo na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal da Bahia. Já em Arapiraca, Alagoas, entre 1971/1973, concluiu o curso de Estudos Sociais na Faculdade de Formação de Professores do 1º. Grau da Fundação Educacional do Agreste Alagoano, hoje Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). Entre os anos de 1977/1981, estudou e concluiu o curso de Bacharel em Direito na Faculdade de Direito de Maceió, pertencente ao Centro de Estudos Superiores de Maceió – CESMAC.

De 1970/1973, foi Secretário de Educação da Prefeitura Municipal de Arapiraca, além de professor de História, de 1970/1975, no Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho.

Foi auditor efetivo da Federação Alagoana de Futebol, tendo sido presidente do Tribunal de Justiça Desportiva da Federação Alagoana de Futebol (FAF), na gestão de Heider Silveira. (1979/1985).

Como jornalista, exerceu a profissão em Salvador na **Rádio Cruzeiro** (da Bahia), **Rádio Bahia** e **Rádio Cultura da Bahia** (em todas como repórter-redator). Foi repórter do **Jornal da Bahia**, de 1968/1969 (onde cobriu a vinda da Rainha Elizabeth II a Salvador, em 1968). Foi repórter da **Folha de Arapiraca**, editor geral do **Jornal do Agreste**, de Arapiraca, editor geral de **O Diário** (em Maceió). Foi editorialista de o **EXTRA**, semanário de Maceió, Alagoas. Publicou, pela editora Performance, em 2022, o livro **OS LIRA – MOCAMBO/ALAGOAS**.

Eli Mário Magalhães Moraes



Nasceu em Lajedo, Pernambuco, em 02/11/1954. Concluiu o antigo primário no Grupo Escolar Adriano Jorge. O ginásio no GNS-BC - Ginásio Nossa Senhora do Bom Conselho, hoje Colégio Bom Conselho. O segundo grau foi concluído em Maceió. É graduado em comunicação social - Jornalismo, pelo Centro de Estudos Superiores de Maceió – CESMAC. Tem o curso de radialismo pelo NCA – Núcleo de Cultura Avançada; Gestão Estratégica no Setor Público – Faculdade de Tecnologia de Alagoas (2017). É Pós-Graduado em Fotografia e Imagem, pela Escola Superior de Marketing, Recife, Pernambuco.

Foi Secretário Municipal de Indústria, Comércio e Turismo, da Prefeitura Municipal de Arapiraca (primeiro governo da Prefeita Célia Rocha), Diretor Geral da sucursal do jornal Tribuna de Alagoas, em Arapiraca. Chefe de Gabinete da Secretaria de Agricultura, Irrigação, Pesca e Abastecimento de Alagoas (governo Ronaldo Lessa). Trabalhou como repórter e colunista nos semanários Primeira Edição, e do jornal ESSE. É diretor do semanário Jornal do Interior, dos sites *tecla1.com.br* e *jialagoas.com*. Exerce hoje o cargo de Secretário Executivo de Articulação Social da Governadoria do Agreste.

É servidor aposentado da Assembléia Legislativa de Alagoas, onde entrou como analista legislativo em 1989.

Roberto Baía de Barros



Formado em Jornalismo pela UFAL em 1987, também é radialista. Trabalhou nos extintos **Jornal de Alagoas** (onde foi responsável pela expansão das páginas de Cidades nos municípios de Arapiraca, São Miguel dos Campos, Santana do Ipanema, Delmiro Gouveia), **O Diário de Alagoas**, **Tribuna de Alagoas** (foi diretor do Interior, repórter e fotógrafo), **Rádio Popular FM de Arapiraca** e repórter da **TV Alagoas**.

É editor dos semanários **Jornal de Arapiraca** e **Jornal do Interior**, colunista e Conselheiro da **JORGRAF** (que edita **Tribuna Independente**) e semanário **Extra**, onde atua desde sua fundação há 25 anos.

Trabalhou como assessor de imprensa da Prefeitura de Arapiraca - gestões Célia Rocha José Alexandre e Luciano Barbosa. Foi fundador do extinto semanário **Jornal Opção**, de Arapiraca, e assessor de comunicação do extinto Hospital Santa Maria, de Arapiraca.

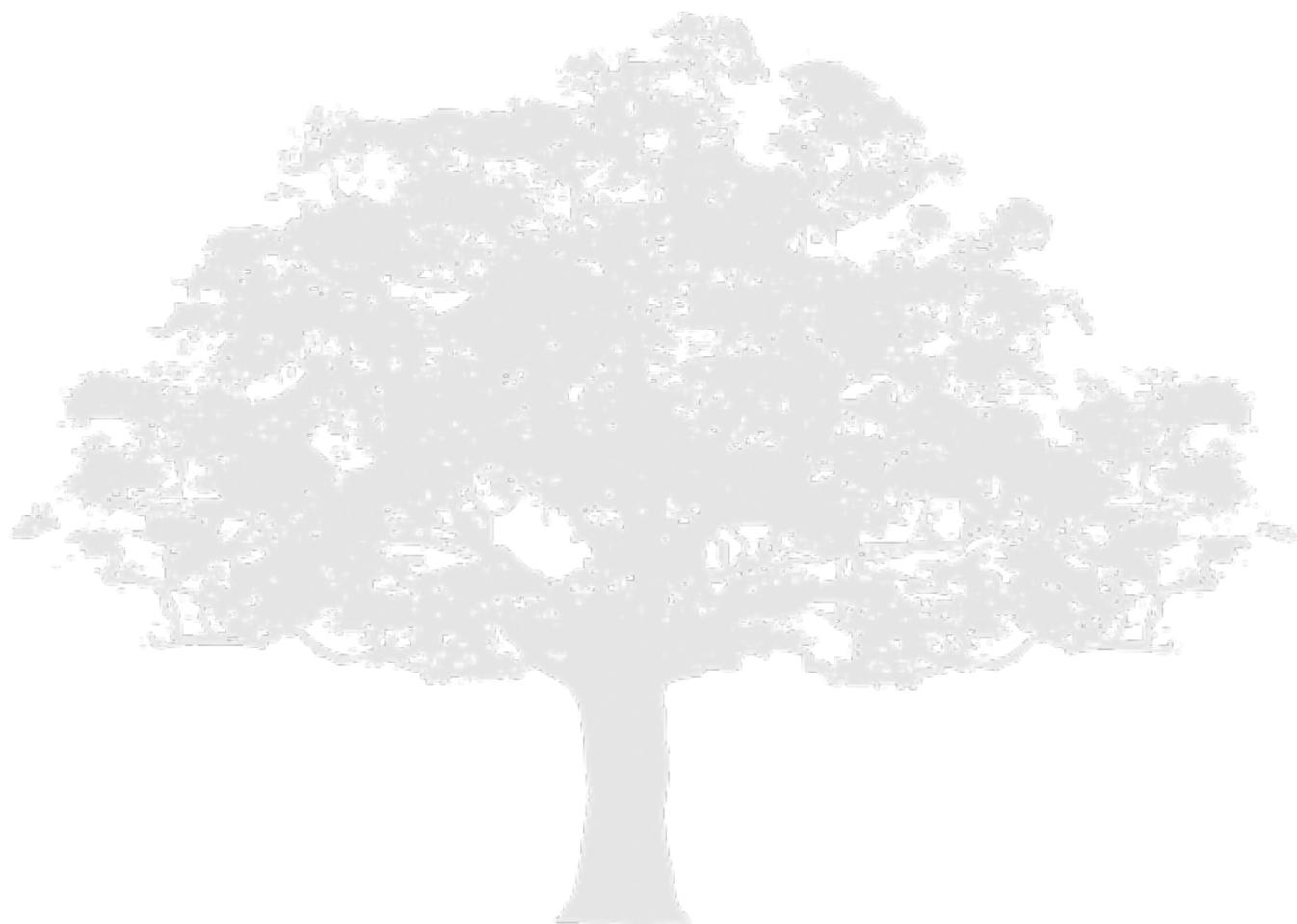
Foi Coordenador de Comunicação na primeira gestão da ex-prefeita Célia Rocha e Coordenador de Comunicação da Prefeitura de São Miguel dos Campos (gestão Francisco Hélio, onde substituiu o jornalista Joaldo Cavalcante). Também trabalhou como assessor de imprensa dos municípios de Feira Grande, Taquarana, Traipu, Coité do Noia e Girau do Ponciano.

É editor dos sites de notícias *arapiracaneWS.com.br* e *jialagoas.com*.

Ganhou os prêmios: 1º Prêmio Freitas Meto de Jornalismo (promovido pela Prefeitura de Arapiraca, 2013) e Prêmio Banco do Brasil de Jornalismo, em 2001.

1ª Parte

O início



Antes da Emancipação, um pouco de história

A história de Arapiraca retroage aos tempos do planalto do Cangandu. Tudo começou nos idos de 1848. Manoel André Correia dos Santos, casado com Maria Isabel da Silva Valente, filha de Amaro da Silva Valente de Macedo, após receber como dote de matrimônio terras adquiridas por seu sogro (fazendeiro de Cacimbinhas/AL) na região de Limoeiro de Anadia (adquiridas do coronel Cangandu), construiu, à sombra da árvore conhecida Arapiraca, uma cabana de madeira coberta com cascas de angico, onde passou os primeiros dias.

Com a construção desta cabana e a chegada de parentes - concunhados (José Veríssimo dos Santos, que chegou em 1858 e se instalou no lugar conhecido como Cacimbas), cunhado (Manoel Cupertino de Albuquerque, em 1859, casado com sua irmã, e que se instalou na localidade conhecida como Baixão) Arapiraca foi se expandindo. Em 1860, chega às terras Terezinha Nunes Magalhães (viúva de José Nunes Pereira de Magalhães e que vinha da região de Campos de Anadia). Vem com os filhos Domingos Nunes Barbosa, Estevão Nunes Barbosa e Manoel Nunes Barbosa (o primeiro instalou-se na região de Canafístula).

A partir de 1861, chegaram José Ferreira de Macedo, Manoel Ferreira de Macedo (cunhados de Manoel André) e o sobrinho Pedro Cavalcante de Albuquerque, filho de Joana da Silva Valente e Manoel Cavalcante de Albuquerque; os primeiros se instalaram na Serra dos Ferreira e Pedro Cavalcante nos Caititus. Em seguida, chegaram os irmãos de Manoel André: Manoel Eugênio, André Correia e José Sotero, que se estabeleceram no Sítio Mangabeira.

Segundo os historiadores, principalmente Zezito Guedes, em pouco tempo formou-se um próspero sítio e, em 1865, quando Manoel André construiu uma capela, já havia um arruado de casas de taipa de duas águas, formando um quadro.

“Estes foram os primeiros povoadores, cujas famílias cresceram e multiplicaram-se, entrelaçando-se (não havia gente de fora) e formando esta imensa árvore genealógica através do tempo.

“Assim, alguns remanescentes de Manoel André como os filhos de Maria Rosa Correia dos Santos e Lúcio Roberto da Silva, passaram a usar o sobrenome Lúcio; os filhos de José Veríssimo dos Santos foram assim registrados: Manoel Antonio Pereira de Magalhães, Antonio Leite da Silva, Esperidião Rodrigues da Silva, José Nunes de Magalhães, Joana Umbelina de Magalhães, entre outros.

“O tronco de Manoel André tem, pois, os seguintes ramos: Correia, Lúcio, Inácio, Vicente, Fausto, Umbelina, Belarmino, Amorim, Oliveira e outros. Segundo conta a tradição, o sobrenome Lima surgiu com a presença de Felipe José Santiago, que teria vindo de Água de Menino, Junqueiro-AL.

“Já o tronco de José Veríssimo dos Santos possui os ramos: Magalhães, Rodrigues, Leite, Barbosa, Nunes, Pereira, Ventura, Honório, Oliveira e outros. Os descendentes de João de Deus (casado com uma tia de Manoel André) se mesclaram com as famílias já referidas e tomaram os mais variados sobrenomes. Quanto aos irmãos José Ferreira de Macedo, Manoel Ferreira de Macedo, Maurício Pereira de Albuquerque e Joana Leopoldina da Silva Valente (casada com Manoel Cavalcante de Albuquerque) seus descendentes têm os sobrenomes: Macedo, Albuquerque, Nunes, Ferreira, Alexandre, Cavalcante, Oliveira, Gama, Pereira e outros.

“Conclusão, eram irmãos: José Ferreira de Macedo, Mauricio Pereira de Albuquerque, Manoel Ferreira de Albuquerque e as esposas de Manoel André, José Veríssimo Pereira, Joaquim Pereira e Manoel Cavalcante de Albuquerque que eram filhas do Capitão Amaro da Silva Valente” (**Arapiraca Através dos Tempos**, Zezito Guedes (José Gomes Pereira), p. 19,20,21, edição de 1999).

Genealogia de Manoel André Correia dos Santos (1815/1890) (Fundador de Arapiraca)

Pais de **Manoel André Correia dos Santos**:

Pai: Gabriel Cortês Correia dos Santos (português)

Mãe: não conhecida

1o. casamento (1845): esposa - Maria Isabel da Silva Valente (1815/ 1855)

Filhos:

1. **Vicente Correia da Silva**, casado com Maria Madalena da Silva;
2. **José Inácio Correia da Silva**, casado com Teresa de Jesus Ferreira de Macedo;
3. **Florêncio Apolinário**, casado com Belmira Maria dos Santos;
4. **Maria Rosa dos Santos**, casada com Lucio Roberto;
5. **Fausto Correia**, casado com Antônia Rosa de Oliveira;

2o. casamento: esposa - Rosa Martins da Silva

Filhos:

6. **Belarmino Correia**, casado com Emília Evaristo Correia;
7. **Josefa Maria**, casada com José Nunes de Magalhães.
8. **Umbelina Rosa da Silva**, casada com Azarias Pereira da Silva.

3o. casamento: esposa - Luisa Maria da Paixão.

(Não tiveram filhos)

Netos de **Manoel André Correia dos Santos**

1.1 Filhos de **Vicente Correia da Silva** (Maria Madalena da Silva):

- a) André Avelino Correia, casado com Josefa Magalhães;
- b) Francisco Vicente Correia, casado com Josefa Lúcia;
- c) José Vicente Correia, casado (1o.) com Maria Filipe dos Anjos e (2o.) com Joana Pereira;
- d) Manoel Firmino Correia, casado com Ana Magalhães;
- e) João Vicente Correia, casado com Antônia Barbosa de Melo.

1.2 Filhos de **José Inácio Correia da Silva** (Teresa de Jesus Ferreira de Macedo):

- a) Josefa Correia (1872), casada com Francisco de Paula Magalhães;
- b) Manoel Inácio Correia, casado com Joana Leite da Silva;
- c) Clarindo Correia dos Santos (1878), casado com Josefa Jovelina Sampaio;
- d) Joana Correia da Silva, casada com Tibúrcio Valeriano da Silva.

1.3 Filhos de **Florêncio Apolinário** (Belmira Maria dos Santos):

- a) Maria Rosa Magalhães, casada com o coronel João Pereira Magalhães;
- b) Antônio Apolinário Correia da Silva, casado com Antônia Umbelina da Silva.

1.2 Filhos de **José Inácio Correia da Silva** (Teresa de Jesus Ferreira de Macedo):

- a) Josefa Correia (1872), casada com Francisco de Paula Magalhães;
- b) Manoel Inácio Correia, casado com Joana Leite da Silva;
- c) Clarindo Correia dos Santos (1878), casado com Josefa Jovelina Sampaio;
- d) Joana Correia da Silva, casada com Tibúrcio Valeriano da Silva.

1.4 Filhos de **Maria Rosa dos Santos** (Lúcio Roberto da Silva):

- a) Manoel Lúcio Correia (1876), casado com Belmira Cavalcante;
- b) Domingos Lúcio da Silva (1887), casado com Cecília Umbelina da Silva;
- c) Maria Rosa, casada com Rosendo Nunes Barbosa;
- d) Tibúrcio Valeriano da Silva, casado (1o.) com Joana Correia e (2o.) com Josefa Umbelina da Silva;
- e) Josefa Lúcio, casada com Francisco Vicente;
- f) Antônio Lúcio, casado com Maria Magalhães;
- g) José Lúcio da Silva, casado com Júlia Pereira França.

2.5 Filhos de **Fausto Correia** (Antônia Rosa de Oliveira):

- a) Maria Fausto, casada com Manoel Pereira Bilau;
- b) Cecília Fausto, casada com João Barbosa;
- c) Rosa Fausto, casada com, Pedro Nemésio.

2.6 Filhos de **Belarmino Correia** (Emília Evaristo Correia):

- a) José Belarmino Correia, casado com Germana Augusta Ferreira Macedo (Maninha);
- b) Artur Belarmino Correia, casado com Antônia Barbosa;
- c) Maria Belarmino, casada com, Antônio Evangelista;
- d) Olinda Belarmino, casada com João Barbosa.

2.7 Filhos de **Josefa Maria** (José Nunes de Magalhães):

- a) Antônia Nunes de Magalhães, casada com Marcelino Diógenes de Magalhães;
- b) José Rodrigues de Melo, solteiro;
- c) Juvêncio Rodrigues de Melo;
- d) Rosa Rodrigues de Melo, solteira.

2.8 Filhos de **Umbelina Rosa da Silva** (Azarias Pereira da Silva):

- a) Manoel Pereira Bilau, casado com Maria de Oliveira Fausto;
- b) Antônia Umbelina, casada com Antônio Apolinário;
- c) Cecília Umbelina da Silva, casada com Antônio Imídio de Magalhães;
- d) Emília Umbelina, casada com Aprígio Jacinto;
- e) Josefa Umbelina da Silva, casada com Tibúrcio Valeriano;
- f) Maria Umbelina da Silva, casada com José Cavalcante de Albuquerque;
- g) José Pereira da Silva (Zuza), casado com Teonila;
- h) Antônio Azarias Pereira da Silva, casado com ...;
- i) Elias Azarias Pereira da Silva, casado com Anita;
- j) Tereza Umbelina da Silva, casada com João Ribeiro Lima;
- k) João de Deus Pereira da Silva, casado com Luzinete da Rocha e Silva;
- l) Olindina Umbelina da Silva, solteira;
- m) Mariquinha Umbelina da Silva, solteira.

O Inventário de Manoel André

Com a morte de Manoel André Correia dos Santos, em 1891, sua última esposa (Luisa Maria da Paixão) e os filhos abriram inventário de seus bens (espólio) em 21 de março de 1891, de forma amigável, no Cartório de Registro Civil de Limoeiro de Anadia.

As terras inventariadas foram adquiridas por Manoel André Correia dos Santos como dote de seu casamento com Maria Isabel da Silva Valente (eram terras abaixo da serra da Mangabeira, no planalto do Cangandu e que pertenceram ao capitão José Joaquim do Cangandu). No inventário, foram contemplados os filhos (em número de oito) de Manoel André, e sua terceira esposa, Luisa Maria da Paixão.

Assim se encontra a Petição Inicial: *“A viúva e os filhos do finado Manoel André Correia dos Santos pedem ao cidadão Juiz Municipal de Limoeiro o Inventário amigável dos bens deixados por seu marido e pai, conforme os documentos apresentados*

“Viúva Luisa Maria da Paixão

“Filhos: 1 - Vicente Pereira da Silva, 2 - José Inácio Correia da Silva, 3 - Florêncio Apolinário da Silva, 4 - Maria Rosa da Silva, casada com Lúcio Roberto da Silva, 5 - Fausto Correia dos Santos, 6 - Belarmino Correia dos Santos, 7 - Josefa Maria da Conceição, casada com José Nunes de Magalhães, 8 - Umbelina Rosa da Silva, casada com Azarias Pereira da Silva.

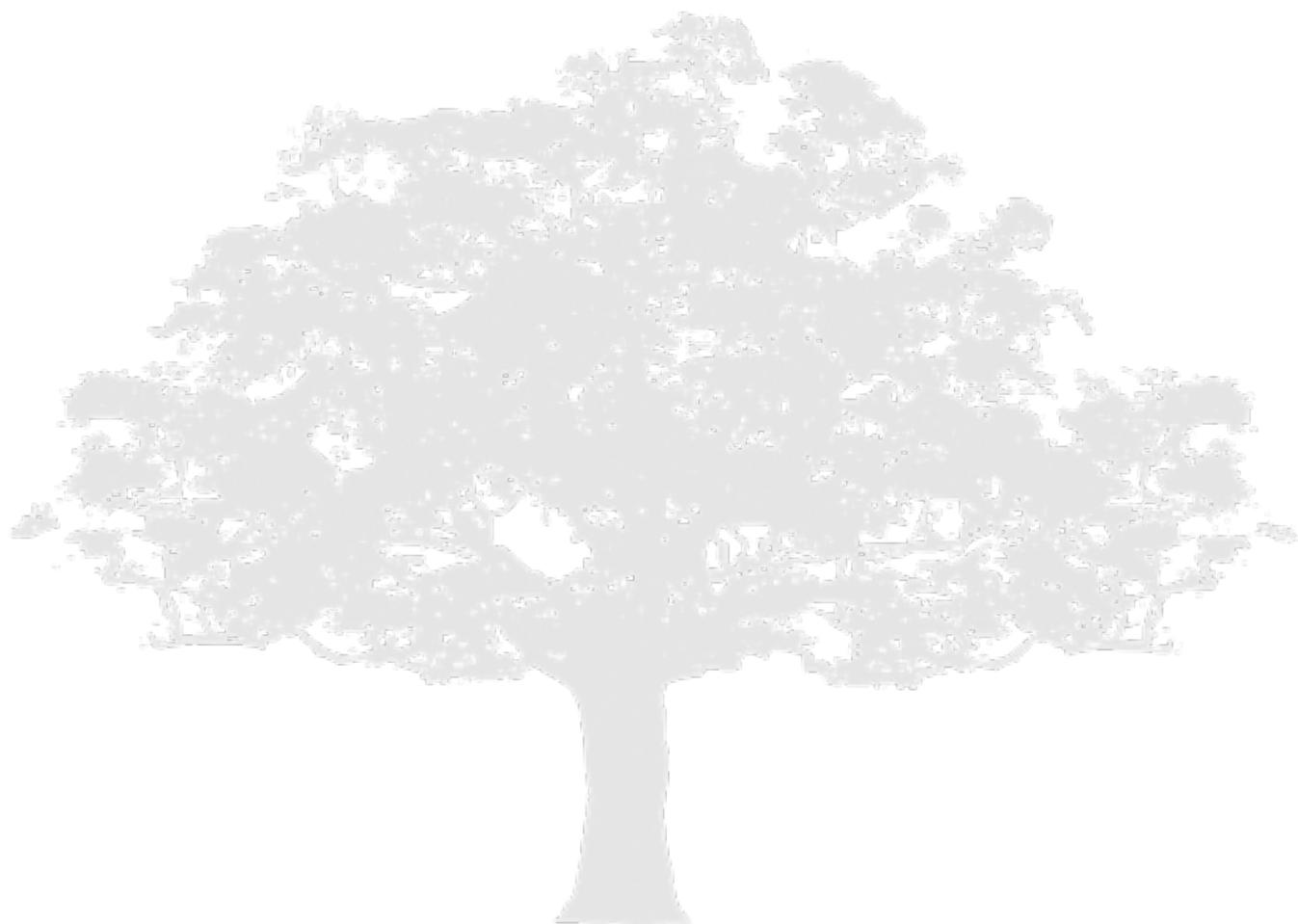
“Nestes termos pedem deferimento

“Limoeiro, 21 de março de 1891”

O fundador de Arapiraca antes havia doado documentalmente, para ser o primeiro patrimônio da igreja católica na região, quatro tarefas de terras (compreendendo o quarteirão hoje conhecido por praça Bom Conselho até a rua Anibal Lima e do comércio até a praça Marques da Silva). Essas terras foram, posteriormente, loteadas pela igreja católica.

2ª Parte

A liberdade política e administrativa de Arapiraca



O emancipador Esperidião Rodrigues

Nasceu em Cacimbinhas, em 1858, e, com seis meses de idade, veio para Arapiraca junto com seu pai, José Veríssimo Nunes dos Santos, indo morar na localidade conhecida como “Cacimbas”. Em 1880, torna-se o primeiro comerciante do povoado de Arapiraca, criando, logo após, a feira da localidade. Em 1892, foi escolhido Presidente do Conselho da Vila de Limoeiro. Neste mesmo ano conseguiu do governo a criação de uma escola para o povoado, como também a criação do Cartório do Registro Civil, para casamento, nascimento e óbitos e uma agência dos correios.

Casou-se duas vezes. Com a primeira mulher, Joana Belarmina Ferreira de Macedo, teve sete filhos, a saber: Antônio Rodrigues Macedo, casado com Luzia Barbosa de Macedo; Lino Rodrigues de Macedo, casado com Francisca Pereira de Magalhães; Domingos Rodrigues de Macedo, casado com Josefa Augusto Ferreira de Macedo; André Rodrigues de Macedo, casado com Marieta Peixoto; Serapião Rodrigues de Macedo, pai do professor Sylvio de Macedo, e casado com Áurea Guedes; Júlio Rodrigues de Macedo, solteiro, e Cecília Rodrigues de Macedo, solteira. Com a segunda mulher, Balbina Farias de Melo, teve os seguintes filhos: Amália Rodrigues de Melo, casada com Rozendo Leandro da Silva; Genésio Rodrigues da Silva, casado com Joana Lúcio Correia; Virgílio Rodrigues da Silva, casado com Eulina Ferreira de Brito; Gundialves Rodrigues da Silva, casado com Marinete Lúcio da Silva; Marieta Rodrigues Cavalcante, casada com Antônio Olímpio Cavalcante; Juvêncio Rodrigues Melo, solteiro; Rosa Rodrigues de Melo, solteira; José Rodrigues de Melo, solteiro.

Em 1908, funda, no Povoado de Arapiraca, uma sociedade musical denominada: “União Arapiraquense”, cujo instrumentos musicais foram adquiridos em Paris. Em 1915, o governador, Cel. Clodoaldo da Fonseca, nomeia-o Intendente da Vila de Limoeiro de Anadia, até 1918. No fim de 1918, desgostoso com a política, vende suas propriedades, reúne os filhos e vai fixar residência no povoado da Igreja Nova (que era conhecido como Triunpho).

No livro *TERRA DAS ALAGOAS* (autores: Adalberto Marroquim, Diegues

Junior, Moreira e Silva), editado em Roma, em 1922, Esperidião Rodrigues é citado como um dos principais comerciantes de fazendas, miudezas, ferragens e chapéus. A citação está na página 176 do citado livro, juntamente com outros comerciantes: Pedro Falcão, Severo Campos, João Campos Machado, Euthimio Queiroz, Sizino Borges, Januário José de Lira (pai de Geraldo Lira e avô de Manoel Ferreira Lira), além de Octavio Cavalcante, H. Sampaio, Manoel Leandro de Lira (pai de Ernesto Leandro de Lira), João José de Farias, Antônio Campos e Rozendo Borges.

Em abril de 1924, chega a Lagoa Comprida seu sobrinho, Domingos Lúcio da Silva, com uma missiva, a qual pedia sua presença para liderar os rumos da Emancipação do Povoado de Arapiraca da Vila de Limoeiro de Anadia.

Depois de muita luta, os arapiraquenses conseguiram a emancipação política do distrito do município de Limoeiro, através da Lei nº 1.009, publicada no Diário Oficial do Estado em 31 de maio de 1924. Logo depois, o distrito judiciário de Arapiraca passa para a comarca de Palmeira dos Índios, e é o juiz daquele município, dr. Luís Medeiros que marca a data das primeiras eleições (antes, nomeia a junta governativa, que teve como presidente Francisco de Paula Magalhães).

A eleição do primeiro prefeito de Arapiraca ocorreu em 30/11/1924, saindo vencedor Esperidião Rodrigues da Silva, tendo como vice-prefeito José Zeferino de Magalhães e o Conselho Municipal (hoje Câmara Municipal), ficou assim constituído: Pedro Leão da Silva (presidente), Pedro Gama da Silva, Manoel Pereira Correia, Manoel Lúcio Correia e Rosendo Leite da Silva.

Reuniões administrativas: as primeiras foram realizadas nas dependências do Hotel Estrela, que ficava na rua Nova (hoje praça Marques da Silva); depois, em prédio próprio, situado onde por muitos anos foi sede da câmara de vereadores do município (avenida Rio Branco, 104).

Com eleição municipal em 30/9/1930, Esperidião Rodrigues da Silva foi reeleito prefeito, tendo como vice Antônio Romualdo da Silva, e governaram Arapiraca até 26/7/1932. Foi a época da Revolução de 30.

Sobre Esperidião Rodrigues da Silva, o padre Francisco Macedo (depois monsenhor), quando pároco de Palmeira dos Índios, assim se expressou, no jornal **O ÍNDIO**:

“Arapiraca e o coronel Esperidião Rodrigues da Silva

Francisco de Macedo

“A história contemporânea de Arapiraca tem seu fator principal n’um sobrinho de Manoel André.

“Esperidião Rodrigues era criança quando seu tio veio habitar à margem da várzea da veneranda arapiraqueira, sendo seus pais cooperadores na fundação do povoado nascente.

“Casado com dona Joanna Rodrigues de Macedo, em 1876, começou vida comercial, juntamente com Manoel Evaristo e Florêncio Silva, filho de Manoel André.

“Sua atividade, de então, foi coroada dos melhores resultados, a ponto de ser, em poucos anos, a primeira casa do sítio, em giro.

“De nascimento, espírito liberal, reuniu sempre os requisitos precisos a um homem do povo.

“A família arapiraquense cada dia mais auge estava.

“É o novo propulsor de parte de parte mais importante da economia local. Foi, com seus companheiros de iniciativa, um dos dedicados organizadores da riqueza da pequena praça que já tinha galgado foros de distrito civil.

“Entretanto, revezes da sorte fizeram-no afastado de sua primeira vocação, voltando-o ao descortino de novos empreendimentos, em favor de sua querida pátria.

“Envelhecendo no ardor pelo engrandecimento do torrão amado, tornou-se, ao fim, a concretização de todas aquelas gerações, para o eficiente do mais alevantado dos surtos progressistas de que é máximo expoente, no momento atual.

“É, pois, o cel. Esperidião um super-homem da família arapiraquense.

Sua senhoria, não obstante o acabrunho de sérios embaraços financeiros, tomou o guião do arrojado certame pela independência de sua terra e tanto fez até que o conseguiu.

“Sua vontade de bronze avançou sempre.

“Batido de terríveis obstáculos jamais arrefeceu.

“E nem a terrível campanha do arcaico Limoeiro, nem o vozerio incendiário e infamante de imbecis despeitados do progresso arapiraquense, nada o susteve caminho à fora, no seu designio. Sonhador, como Manoel André, lobrigou sua vila completamente independente do antigo feudo que a aferrava servilmente com injusta opressão, desde o nascer.

“Quis, como todo bom arapiraquense, que se formasse à parte daquele decrépito montão de vícios porque de geração a geração progredisse o espírito honesto e criador do primeiro habitante.

“Por vezes lhe sendo oferecida a mudança da sede do município para Arapiraca, nunca se sentiu bem em abraçar tal obséquio, como aconteceu ainda com o emérito dr. Fernandes Lima, em sua última visita.

“Era sua senhoria nesse tempo o intendente e chefe do velho município.

- Quero um município virgem, dizia sua senhoria.

“E sua vontade pertinaz efetivou-se, não só criando um município virgem, completamente arapiraquense, mas denso em população inteligente, operosa e rica de largueza, bens terrenos agrícolas e de criação.

“Por último, comprovando seu valor, educação e generosidade, logrou para si e para todos de sua família o renome honrosíssimo da mais solene e imponente inauguração de sua vila.

“Conquistador simpático, pode trazer, de uma só vez, a seu torrão natal, as sumidades do poder estadual e espiritual, congraçando, assim, sua gente com o mais seleta de Alagoas”.

Filhos de Esperidião Rodrigues da Silva

1º casamento

Filhos de Esperidião Rodrigues da Silva Magalhães

(ele tinha 17 anos) com

Joana Balarmina Ferreira de Macedo (prima)

1. Antônio Rodrigues de Macedo (casado com Luzia Macedo)
2. Lino Rodrigues de Macedo (casado com Francisca Maria de Magalhães)
3. Domingos Rodrigues de Macedo (casado com Josefa Augusta Ferreira de Macedo)
4. André Rodrigues de Macedo (casado com Marieta Peixoto Rodrigues)
5. Serapião Rodrigues de Macedo (casado com Áurea Barreto de Macedo)
6. Júlio Rodrigues de Macedo (casado com Maria Barros)
7. Cecília Rodrigues de Macedo (solteira)

2º casamento

**Filhos de Esperidião Rodrigues da Silva Magalhães
com Balbina Farias de Melo (em 1897)**

1. José Rodrigues de Melo (casado com uma descendente de espanhol no Rio de Janeiro)
2. Genésio Rodrigues da Silva (casado com Joana Cavalcante Correia)
3. Amália Rodrigues de Melo (casada com Rosendo Leandro da Silva)
4. Laura Rodrigues de Melo (casada com Petronilo de Oliveira)
5. Virgílio Rodrigues de Melo (casado com Eulina Brito Rodrigues)
6. Rosa Rodrigues de Melo (solteira)
7. Juvêncio Rodrigues de Melo
8. Marieta Rodrigues de Melo (casada com Antônio Olímpio Cavalcante)
9. Gondizalves Rodrigues de Melo (casado Maria Lúcio Rodrigues)

3º casamento

**Aos 78 anos, viúvo, casa-se pela terceira vez com
Maria Rodrigues, e não tiveram filhos.**

A Emancipação política

É necessário frisar que, antes de se tornar município, Arapiraca tornou-se distrito em 1892, com cartório de registro civil (para registros de nascimento, casamentos civis, certidões de óbitos) e uma subdelegacia de polícia. Tudo isto ocorreu logo após a Proclamação da República, com a nova Constituição do Brasil, de 1891. O distrito de Arapiraca teve como seu primeiro Juiz de Paz José Francisco da Silva Goes, que também ocupou o cargo de subdelegado de polícia, e como escrivão do Registro Civil Manoel Apolinário da Silva (neto de Manoel André Correia dos Santos).

A Emancipação Política de Arapiraca deu-se, entretanto, em 30 de maio de 1924, com o governador Fernandes Lima sancionando a Lei no. 1009/1924 (a publicação da lei deu-se no Diário Oficial de 31/5/1924, primeira página).

Essa emancipação, porém, somente é comemorada todo ano no dia 30 de outubro, quando da posse da primeira Junta Governativa, nomeada que foi pelo governador Costa Rego, através de Ato publicado no Diário Oficial, de 18 de outubro, página 2.

Como a lei que criou o município de Arapiraca não era auto regulamentável, necessário houve que o governo de Alagoas (já com Costa Rego como governador) regulamentou nos termos deste decreto:

“Considerando que a Lei no. 1.009/1924 “*não determina quais os poderes competentes para apurarem as eleições, expedirem diplomas, reconhecerem e empossarem os membros da administração municipal; considerando mais que o município, uma vez criado, não poderá ficar privado de sua administração própria; e, considerando, finalmente, que a Constituição e as leis estaduais não regulam a espécie e, de acordo com o número 2 do art. 50 da mesma Constituição, compete ao Governador expedir decretos, regulamentos e instruções para fiel execução das leis, Decreta:*“(Decreto no. 1078, de 17 de maio de 1924, DO 18/5/24, p. 2).”

Foi, então, regulamentada a lei criadora do município de Arapiraca. No mesmo diário oficial, o governador nomeia a primeira Junta Governativa de Arapiraca.

Eis o Ato governamental: “O Exmo. Snr. Governador do Estado, por actos de hontem, e de acordo com o art. 1o. do Decreto n. 1078, de hontem mesmo datado, nomeou os cidadãos Domingos Rodrigues, Olegário Cavalcante, Francisco Magalhães, Aprigio Jacintho, Antonio Appolli-

nario, Antonio Ribeiro, Pedro Lima, José Pereira Sobrinho, Tiburcio Valeriano e Cicero Gonzaga, membros da Junta Governativa do Municipio de Arapiraca, creado pela Lei n. 1009, de 30 de maio do corrente anno” (escrito conforme o original).

O Telegrama

Assim que sancionou a lei, o governador Fernandes Lima encaminhou telegrama a Esperidião Rodrigues, nos seguintes termos:

Cel. Esperidião Rodrigues da Silva

Arapiraca - Limoeiro

Acabo sancionar Projeto Lei criando município de Arapiraca, com cuja população laboriosa, adiantada e progressista me congratulo por intermédio amigo, grande incausável paladino dessa conquista que representa ato de justiça aos poderes públicos e a um povo que se levanta por si próprio, que tem iniciativa e que progride.

Cordiais saudações



Assinatura usada pelo governador em atos governamentais.

O telegrama é datado de 30 de maio de 1924. A lei foi publicada no Diário Oficial do Estado no dia 31 de maio.

A lei da emancipação

(Lei nº 1.009, de 30 de maio de 1924)

Eleva à categoria de Vila e Município a povoação de Arapiraca e contem outras disposições.

“Faço saber que o Congresso Legislativo do Estado decreta e eu sanciono a lei seguinte:

Artigo 1º - Fica elevada à categoria de Vila e Município a povoação de Arapiraca.

Artigo 2º - É criado o foro civil e judiciário no mesmo Município, cujos limites ficam sendo os seguintes: Ao Norte, o Município de Palmeira dos Índios, pelo riacho Tingu, de sua confluência com o rio “Traipu” até suas nascentes; dessas, por uma linha reta até encontrar com a nascente do riacho denominado “Riachão da Vitória” e por este abaixo até onde confine com o rio Coruripe; a leste, com o Município de Limoeiro a partir da confluência do riacho denominado “Riachão dos Vitorinos” com o rio Coruripe, por este rio, a encontrar o lugar denominado “Poço da Julia”, dali, pela estrada real que segue para a “Lagoa do Pé Leve” e desta pelo riacho “Pé Leve Velho” abaixo até o rio Piauí; ao sul, com os Municípios de Porto Real do Colégio e S. Braz, partindo do açude Piauí, pela estrada real até encontrar a Fazenda “Lagoa Seca”, desta passando pela Fazenda “Gruta D’Água”, antiga Perucaba pela Fazenda Poços e dali pela estrada real passando nos sítios “Baixa da Onça” e “Mulungu”, até o sítio “Riacho Fundo”; ao oeste, com o Município de Traipu pela estrada real que vai do “Riacho Fundo” e passa no sítio Mata Limpa e nas Fazendas “Camude” e “Folha Miúda” até encontrar o povoado Riachão, na margem do rio Traipu, e por este acima até a confluência do riacho Tingu.

& Único – Ficam desanexadas faixas de terras dos Municípios de Palmeira dos Índios, Colégio, S. Braz e Traipu e o Distrito de Arapiraca do Município de Limoeiro.

Artigo 3º - É igualmente criado um Tabelionato de Notas e Escrivanias do Civil, Crime, Comercial, Órfãos e Ausentes, Juri e mais anexos.

Artigo 4º - A instalação do novo Município será feita de acordo com as disposições legais e aplicáveis à espécie.

Artigo 5º - Revogam-se as leis e disposições em contrário.

O Secretário de Estado dos Negócios do Interior assim a faça executar.
Palácio do Governo, em Maceió, 30 de maio de 1924, 35° da República.

JOSÉ FERNANDES DE BARROS LIMA

José Moreira da Silva Lima

Publicado na Secretaria de Estado dos Negócios do Interior, em Maceió, 30 de maio de 1924.

Aureliano Tolentino da Costa, Diretor.”

A festa da emancipação

Antevendo os festejos da emancipação política e administrativa de Arapiraca do município de Limoeiro, o pároco de Palmeira dos Índios e diretor do semanário **O ÍNDIO**, que também demonstrou ser um cronista de época, assim fez publicar no dia 19 de outubro de 1924, com o título VILLA DE ARAPIRACA: *“No dia 30 próximo, terá lugar a inauguração do município de Arapiraca, com a assistência do exmo. Snr. Governador do Estado, sendo honrada a solenidade com a presença do amado bispo diocesano d. Jonas Batinga que celebrará missa festiva em ação de graças pela independência da nova Villa.*

“O exmo. Dr. Secretario Moreira Lima e outras auctoridades de relevo no Estado estarão alli para maior brilho imponente festa.

“Conforme programa recebido dos amigos arapiraquenses, sabemos haverá mais perfeita organização de uma solenidade condigna ao progresso local.

“Afim vai Arapiraca dar a nota deslumbrante do que é, comprovando sua alta educação e amor ao progresso”(o trecho está conforme o original).

Os festejos em comemoração à emancipação política de Arapiraca no dia 30 de outubro (data escolhida por Esperidião Rodrigues a pedido do governador Costa Rego, e que também era o dia de aniversário de seu filho Serapião Rodrigues de Macedo) começaram logo cedinho. O historiador Zezito Guedes assim disse: *“Para comemorar a grande festa, os jovens colocaram faixas em vários pontos e ornamentaram as ruas com luxuosos cortes de seda doados pelos comerciantes: cel. José Farias, José Magalhães, João Ribeiro Lima, capitão Chico Preto, Firmino Leite, Manoel Evaristo e José Leite.*

“Às 5h da manhã houve salva de tiros executados pelo “Tiro de Guerra 657”, que proporcionou a primeira emoção da comunidade que experimentava o sentimento cívico, o espírito de cidadania e a independência. Em seguida, a banda de música “União Arapiraquense” saiu às ruas para abrilhantar as cerimônias da Emancipação e os acordes arrancavam risos e lágrimas

do povo nas ruas. As girândolas de fogos ecoavam sem cessar aumentando a euforia do povo que se aglomerava nas ruas. Naquela época, as ruas denominavam: Quadro, Nova, Pinga-Fogo, do Comércio e a da Igreja.

“Após a Missa em Ação de Graças, houve um almoço na residência de Manoel Leão, cujo destaque foi a presença do governador Costa Rego e de sua comitiva. A solenidade de posse e o baile comemorativo ocorreram no sobrado de Antônio Apolinário, que a partir do momento passou a ser chamado Paço Municipal. O orador oficial foi Olegário Magalhães; abrilhantaram todas as solenidades do evento a “Banda da Escola Musical União Arapiraquense”, regida pelo maestro e os músicos Serapião Rodrigues de Macedo, Juvino Cavalcante, Nezinho Gonzaga, Firmino Magalhães, Toinho Rodrigues, Chico Leite, Genésio Rodrigues, Lau Leite, Mestre Tôta, Gondim Rodrigues, João Nunes e Juvêncio Rodrigues” (conforme o original).

Disse a descendente do emancipador, Roza Lúcio Rodrigues Carnaúba, em seu **Rascunhos** (não publicado) que “Arapiraca em festa recebe o governador, que veio, pessoalmente, declarar oficialmente a nova categoria política do povoado... balões subindo aos céus, bandeiras aos ventos, banda de música e a população empolgada, com girândolas de fogos, numa alegria contagiante.”

Nos festejos, na alegria dos arapiraquenses, não podia faltar o deputado Odilon Auto, autor do projeto de lei que deu origem à lei da emancipação. Foi ele que, quando os outros parlamentares se abstinham de apoiar Arapiraca, se dispôs a levar à frente a ideia libertadora de Esperidião Rodrigues. Convidado de honra.

Outra descendente do libertador Esperidião Rodrigues, Maria Julita Palmeira Rodrigues, em seu livro **Registro**, assim fala sobre os festejos da emancipação: “Grande festa em 30 de outubro. Vem o governador a Arapiraca dar posse à Junta Governativa. É recebido por Esperidião, Manoel Lúcio, entre outros. Serapião Rodrigues de Macedo (filho de Esperidião Rodrigues), jornalista, se fez presente, representando o deputado Luiz Silveira. A Banda de Música executou, emocionada, o Hino Nacional. O Tiro de Guerra esteve presente na solenidade. Muitos festejos populares, bandeirinhas coloridas tremulando junto a balões. Houve baile, animado pela mesma banda. Além dos moradores, também se fizeram presentes várias pessoas oriundas de Sertãozinho e Cacimbinhas. A felicidade pela conquista imperava.”

Ainda sobre o dia festivo da emancipação, o cronista padre Francisco Macedo, escreveu: “Agora que a justiça do exm^o dr. Fernandes Lima elevou-a à categoria de vila independente eis as excepcionais solenidades que se desenrolaram na quadra, para sempre memorável, de sua posse, pelo egrégio dr. Costa Rego, nosso modelar Governador.

“Dia 29

“Às 16 horas, um curso de autos, procedentes de Alagoas, conduziu o exm^a Governador e sua exm^a comitiva, tendo sido recebida pelo cel. Esperidião Rodrigues e seus amigos Domingos Lúcio, Manoel Cerqueira, Domingos Bezerra, Firmino Leite, Manoel Lúcio, João Malta e outros, em automóveis, fez sua entrada na vila.

“Sua exm^a revma. O sr. Bispo, o tiro de guerra, representantes locais e enorme massa po-

pular esperavam o chefe do Estado à entrada da vila. O eminente chefe do Executivo, obsequioso, deixou o carro para abraçar seus novos amigos, sendo cortejados pela grande multidão, por entre o estrugir de foguetes, e ao som de música local, recebendo, ao demais, as carícias da família arapiraquense que o envolvia em flores.

“A exm^a comitiva composta dos ilustríssimos e exm^{os}. snrs. Dr. Moreira Lima, dr. Ernandi Bastos, dr. Antônio Vasconcelos, cel. Salvador Rocha Santos, Aníbal Falcão Lima, por si e pelo exm^o. Dr. Fernandes Lima, Major Antônio Pantaleão, Miguel Alcides Filho, Antônio Motta Moreira Filho, Elias José de Almeida e outros cujos nomes nos escaparam à reportagem, foi alvo de apreço e simpatia.

“O trajeto até a residência provisória do governador estava intransitável de gente.

“A guarda de honra do tiro, composta de 60 atiradores, apresentava garbo e disciplina, efetuando as homenagens devidas ao Chefe de Estado.

“O povo, em regozijo, dava vivas aos nomes do dr. Fernandes Lima, dr. Costa Rego, d. Jonas Batinga e dr. Moreira Lima.

“Ao tomar assento na casa de hospedagem, foi saudado s. ex. por Olegário Cavalcante, seguindo-se, depois de ligeiro descanso, o jantar servido por prendadas e gentis senhorinhas

“Dia 30.

“às 6 horas da manhã, alvorada do tiro de guerra, com hasteamento do Pavilhão Nacional.

“S. ex. revm^a. o sr. D. Jonas celebrou missa campal em um bem-organizado altar, edrede preparado, na praça da municipalidade, oferecendo o santo sacrifício em ação de graças pela felicidade de Arapiraca.

“S. ex. revm^a, acompanhado por seleta multidão, foi assistido pelo Governador, sua comitiva e o povo, com máximo acatamento, entre os acordes das músicas da escola “cantorum” e da marcial.

“às 9, em seguida, tendo chegado em auto especial os exm^{os}. drs. Pedro e Domingos Correia, promotores de S. Miguel e de Atalaia, como parentes de família arapiraquense, fez aquele a organização da caixa rural para ser, como foi empossada pelo ex. sr. Governador, em hora aprazada, depois da posse do município.

“Ao meio dia, conforme o programa, teve lugar a posse solene da nova vila.

“S. ex. o sr. Governador, assistido dos exm^o revm^o snr. Bispo, drs. Secretário do Interior, Intendente da Capital, dr. Juiz de Direito desta Comarca, demais senhores e famílias, recebeu por si e pelo dr. Fernandes Lima, na pessoa de seu ilustre filho Aníbal Lima, a honra da imposição de seus retratos, no salão nobre da municipalidade, sendo orador o dr. Domingos Correia, que produziu significativo e agradável discurso. Em seguida, completa a hora meridiana, presidiu s. ex. a inauguração, dando por instalado o município.

“E usando da palavra, fez vibrante e eloquente discurso de congratulação, em que sobressaíram estas sugestivas expressões, que sirvam de lemas para todos os governantes.

“-Acontece que os Estados estão a pedir à Nação como os Municípios ao Estado, sem

fazerem antes o possível por se desobrigarem de seus deveres econômicos e progressistas”.

“-Donde o marasmo em que permanecem de uma esperança indolente, enquanto podiam suas colunas de atividade para minorar o grande peso das obrigações do País”.

“Fez sentir s. ex. que cada município deve empenhar todas as suas forças diretivas para que bem se arrecade e melhor se empregue o imposto. E só em casos acima de suas forças seja dado recorrer ao Estado.

“Terminado sua brilhante oração, com aplausos, deu posse ao exmº Juiz de Direito no novo distrito, desobrigando-se o dr. Luiz Medeiros, em seguida pelo recebimento dos compromissos das autoridades locais, ficando assim inaugurado o novo município.

“Enquanto subiam girândolas de foguetes, e o tiro e a música faziam as honrarias de estilo.

“Acedendo ainda s. ex. ao convite do dr. Pedro Correia, deu a honra de presidir a inauguração da Caixa Rural, cujo programa e estatutos relatou com fervor e eloquente o ilustre arapiraquense.

“Era 14 horas e tudo estava encerrado, seguindo-se um baile de regozijo em honra de s. excia. E de sua comitiva.

“Às 16 horas, voltou s. ex. para a Capital acompanhado de seu cortejo, levando grata satisfação, pois não só se manifestou contente com o local e desenvolvimento da nova vila, como de seu progresso agrícola e industrial, comprovado em seu passeio pelos aprazíveis subúrbios.

“D. Jonas Batinga regressou no dia seguinte, 31, pelas 6 da manhã, em auto especial.”

Os deputados que emanciparam Arapiraca

Muito se fala sobre a emancipação política do município de Arapiraca. Pouco sobre o deputado autor do projeto de lei que cria o novo município, Odilon Auto. E menos ainda sobre a Assembléia Legislativa, período 1923/1924, e que deu ao governador Fernandes Lima, para sanção, e posterior lei, o projeto que livra Arapiraca do julgo político-administrativo de Limoeiro.

Esses são os deputados da época, 17ª Legislatura: *Adalberto Alfonso Marroquim, Adolpho Augusto de Camerino, Alfredo de Santa Ritta, Alípio Minervino da Silva, Antônio Cândido Vieira, Arthur Acioli Lopes Ferreira, Ângelo Graciliano Martins, Ernesto Bezerra, Firmo Ferreira de Castro, Francisco Henrique Moreno Brandão, Francisco da Rocha Holanda Cavalcante, Joaquim de Freitas Melro, José de Aquino Ribeiro, José Faustino Marinho Falcão, José Gonçalves Lages, José Malta de Sá, José Quintella Cavalcanti, José Rodrigues de Lima, José Soares Pinto, Júlio César de Mendonça Uchoa, Juvêncio da Rocha Ramos, Luiz da Cunha Lima, Manoel Firmino Tenório, Odilon Auto da Cruz Oliveira (autor do projeto de lei), Octávio Leite da Costa Amazonas, Pacheco Ramalho, Pedro Pierre da Silva Braga, Tibúrcio Valeriano Nemésio, Tito de Barros e Wenceslau José Almeida.*

Serapião Rodrigues de Macedo, o esquecido

Um dos sete filhos de Esperidião Rodrigues com sua primeira mulher, Joana Belarmina Ferreira de Macedo, participou ativamente com o pai na luta pela emancipação política de Arapiraca. Era ele quem, constantemente, acompanhava Esperidião nas andanças à capital, pleiteando a independência da terra arapiraquense: ia aos deputados, ia ao governador Fernandes Lima; até ao secretário da Fazenda Estadual, Castro Azevedo, principal opositor à emancipação. Foi Serapião Rodrigues de Macedo, o quinto filho, que nasceu a 30 de outubro de ano desconhecido, entre 1875 e 1897 (o 1º e o 2º casamentos), o esquecido.

Além de jornalista (escrevia artigos nos jornais da capital), Serapião, que fez seus primeiros estudos com o mestre Antônio Raimundo e estudos musicais na escola “*União Arapiraquense*”, tornando-se um bom trombonista. Casado com Áurea Barreto Guedes, teve três filhos: Advogado e professor universitário José Sílvio Barreto de Macedo (Mestre em Direito), o médico psiquiatra Gilberto Barreto de Macedo e a dra. Célia Rodrigues de Macedo. Registrou todos os filhos na cidade de Penedo (como morou com os pais e irmãos em Triumpho, hoje Igreja Nova, e em Lagoa Comprida, povoado de São Braz.

A escolha do dia 30 de outubro para a instalação política e administrativa de Arapiraca foi, segundo historiadores, uma homenagem de Esperidião Rodrigues ao filho, que tanto labutou pela emancipação: quando o governador Pedro da Costa Rego solicitou ao líder arapiraquense a data para a instalação do novo município, este indicou o dia 30 de outubro – “*É data de aniversário de meu filho Serapião, que me ajudou muito.*”

E assim foi feito.

Não se conhece nenhuma homenagem do povo arapiraquense ao filho de Esperidião Rodrigues. Esquecimento? Seu trabalho, comunicando-se constantemente com políticos alagoanos, “abrindo caminhos” para o pai entre os deputados à Assembléia Legislativa (que à época chamava-se de Senado Estadual) foi muito importante. Era,

sem dúvida, um arapiraquense junto ao Poder do estado.

A única lembrança para os arapiraquenses a que se tem notícia, afora o 30 de outubro, foi feita pela ACALA - Academia Arapiraquense de Letras e Artes -, criada em 1987, dando seu nome à cadeira número 20.

Mas, mesmo assim, o que gostava mesmo era participar ativamente da banda musical de Arapiraca, tocando trombone. Não faltava a festejo onde a banda musical se apresentasse para que Serapião ali também fizesse presença.

Serapião Rodrigues não era um filho pródigo: para o pai, mais um entre outros tantos (o pai teve 16 filhos, sendo sete do primeiro casamento com Joana Belarmina Ferreira de Macedo, nove com a segunda esposa, Balbina Farias de Melo; com a terceira esposa, Maria Rodrigues, não teve filho. O Serapião foi o quinto filho do primeiro casamento).. Para Arapiraca, contudo, foi de grande valia num trabalho incansável na luta pela emancipação política.

Até hoje, apesar de inúmeras pesquisas dos historiadores arapiraquenses, não foi encontrado qualquer foto retratando Serapião Rodrigues.

Povoados de Arapiraca em 1924

Quando foi emancipada, Arapiraca absorveu diversos povoados, entre eles:

Vila de Arapiraca;	Poção;
Alto do Cruzeiro;	Lagoa dos Cavalos;
Cacimbas;	Mocó;
Baixão;	Boa Vista do Porco;
Caititus;	Bom Jardim;
Capiatã;	Lagoa dos Veados;
Cavaco;	Capim;
Baixa Grande;	Folha Miuda;
Canafístula;	Lagoa Cavada;
Craibas dos Nunes;	Serrote;
Riacho da Onça;	Fernandes;
Poço Frio;	Olho D'Água do Cazuzinha;
Breu;	Baixa da Onça;
Mangabeira;	Lagoa de Dentro;
Serra;	Guaribas;
Genipapo;	Boa Vista do Alazão; Cangandu;
Baixa do Capim;	Batingas;
Rio Morto;	Pé Leve Velho;
Quati;	Pau D'Arco;
Bom Nome;	Laranjal;
Lagoa do Rancho;	Piauhi;
Poço do Padre;	Bananeira.
Oitizeiro;	

Os limites do município, que estão na Lei 1.009/24, foram delimitados por Messias Pereira de Albuquerque, Domingos Pereira de Albuquerque, Antônio Apolinário, Manoel Lúcio Correia e Francisco de Paula Magalhães, com uma área de 614 km².

Cidadãos arapiraquenses nomeados autoridades

Durante os festejos da emancipação, alguns arapiraquenses, escolhidos pela Junta Governativa, foram nomeados pelo governo do Estado para diversos cargos. Assim, Domingos Lúcio da Silva, Manoel Francisco da Silva, José Leite da Silva e Francisco Xavier da Silva, foram nomeados para Delegado de Polícia, 1º, 2º e 3º suplentes. Marcelino Magalhães, Pedro Pereira da Silva, Balbino José dos Santos e João Ferreira de Albuquerque para os cargos de subdelegado de Polícia, 1º, 2º e 3º suplentes do 1º Distrito. Azarias Pereira, Antônio Rodrigues de Macedo, José Francelino de Oliveira e Rozendo Magalhães para os cargos de Adjunto de Promotor Público e Curador de Órfãos, Interditos e Ausentes e 1º, 2º e 3º suplentes de Juiz substituto.

O primeiro prefeito

Acabaram-se os festejos. A hora agora era de trabalhar o novo município. Apesar de não fazer parte da primeira Junta Governativa, Esperidião Rodrigues foi, sem sombra de dúvidas, o principal baluarte na luta pela emancipação de Arapiraca. E foi eleito o primeiro prefeito de Arapiraca, tomando posse em 7 de janeiro de 1925.

Nem tudo são flores ...e vêm os primeiros impostos

Muitas leis, decretos, portarias, desapareceram no tempo. Muito foi esquecido ou perdido. Mas, a memória conseguiu se preservar, no todo ou fragmentada. É o caso da primeira lei do novo município, a lei orçamentária, publicada no jornal semanário O ÍNDIO, editado em Palmeira dos Índios, e que tinha o padre Francisco de Macedo como diretor. Na edição do dia 11 de janeiro de 1925 está publicado parte deste orçamento. Esta lei orçamentária é assinada pelo prefeito Francisco de Paula Magalhães, que era presidente da Junta Governativa, até 07 de janeiro de 1925, quando assumiu o município Esperidião Rodrigues da Silva como primeiro prefeito eleito de Arapiraca. O português usado na lei abaixo descrita é o da época:

“ORÇAMENTO MUNICIPAL DE ARAPIRACA

“O Coronel Francisco de Paula Magalhães, Prefeito do Município de Arapiraca

“Faço saber que a Junta Governativa decreta e eu publico os seguintes impostos para o orçamento de 1925.

“Capítulo I

“Art. 1º. A Receita do município de Arapiraca para o exercício financeiro de 1925 é orçado na importância de nove centos quatro centos e setenta mil reis proveniente dos seguintes impostos.

“§ 1º. Imposto do chão de feira

“N.1 - 1\$000 r\$ por banca para vender gêneros de estiva nas feiras do município

“N.2 – 1\$000 r\$ por banca ou bahu de miudezas nas feiras do município

“N.3 – 2\$000 r\$ por cada vendedor de tecidos não estabelecidos no município

“N.4 – 1\$000 r\$ por cada carga de carne seca de gado abatido fora do município

“N.5 – 3\$000 r\$ por botequim em pequenos hotéis nas feiras do município

“N.6 – 1\$000 r\$ por cada carga de rede e arreios

“N.7 – 500 r\$ por cada carga de coco

- “N.8 – 400 r\$ por cada carga de fructas
 “N.9 – 500 r\$ por cada carga de assucar
 “N.10 – 000 r\$ por cada carga de rapadura
 “N.11 – 500 r\$ por carga de peixe
 “N.12 – 500 r\$ por cada carga de camarão caranguejos e mariscos
 “N.13 – 300 r\$ por cada vendedor de obras de flandres
 “N.14 – 400 r\$ por cada carga de arroz beneficiado
 “N.15 – 500 r\$ por cada volume de café em grão
 “N.16 – 400 r\$ por rolo de fumo em corda
 “N.17 – 400 r\$ por cada caixa de sal
 “N.18 – 500 r\$ por cada vendedor de machados, facas, facões e outras peças não especificadas
 “N.19 – 300 r\$ por cada Barril de caldo de cana
 “N.20 – 500 r\$ por cada vendedor de louça vidrada
 “N.21 - 500 r\$ por cada vendedor de caldo
 “N.22 – 400 r\$ por cada carga de esteira de Periperi e de cangalhas ou sella e bem as abardas de cangalhas
 “N.23 – 200 r\$ por cada taboleiro de cocada e doces não especificados
 “N.24 – 200 r\$ por volume de farinha de mandioca ou sejam 200 r\$ por cuia
 “N.25 – 200 r\$ sobre volume de milho
 “N.26 – 400 r\$ sobre volume de feijão
 “N.27 – 200 r\$ sobre volume de fava ou feijão de corda
 “N.28 – 50 r\$ sobre cuia de amendoim
 “N.29 – 400 r\$ por carga de arroz não beneficiado.

3.120\$000

“§ 2º - Exportação

- “N.1 – 20 r\$ por cada pelle de cabra ou carneiro
 “N.2 – 200 r\$ por cada couro seco, salgado ou curtido
 “N.3 – 200 r\$ por cada 15 kilos de algodão em capulho
 “N.4 – 100 r\$ por cada 15 kilos de mamona
 “N.5 – 100 r\$ por cada 15 kilos de goma de mandioca
 “N.6 – 100 r\$ por cada cuia de feijão
 “N.7 – 100 r\$ por cada vara de fumo
 “N.8 – 200 r\$ por saco de lã

300\$000

“§ 3º - Transmissão

- “§ Único – 2% sobre os contratos de bens urbanos e suburbanos

300\$000

“§ 4º - Abatimento de gado

- “N.1 – 5\$000 r\$ por cada bovino abatido para consumo publico

“N.2 – 1\$000 r\$ por cada suíno

“N.3 – 500 r\$ por cada lamígero ou espécies

2:400\$000

“§ 5º - Entrada aguardente

“§ Único – 1\$000 r\$ por carga de aguardente vinda de outro município ou vendida nas feiras deste

200\$000

“§ 6º - Deverções nas festas religiosas e populares do município

“N.1 – 2\$000 r\$ por cada botequim

“N.2 – 5\$000 r\$ por cada bazar

“N.3 – 2\$00 r\$ por Cesmorama

“N.4 – 10\$000 r\$ por trivoly

“N.5 – 2\$000 r\$ por cinema ambulante

“N.6 – 20\$000 r\$ por casa de diversão não especificada excepto reisados e maracatás

50\$000

“§ 7º - Commercio e Industria

“N.1 – 20\$000 r\$ por balcão de cazas commerciaes de 1ª classe, 10\$000 de 2ª e 5\$000 de 3ª

“N.2 – 3\$000 r\$ por caza de fabricar farinha

“N.3 – 5\$000 r\$ por tenda de qualquer arte

“N.4 – 2\$000 r\$ por todo aquelle que vier de outro município comprar neste algodão em capulho

“N.5 – 20\$000 r\$ por balança para compra de algodão

“N.6 – 20\$000 r\$ por comprador de pelles de cabra ou casrneiro

“N.7 – 5\$000 r\$ por carros de boi; de ganho no município

“N.8 – 20\$000 r\$ por vender café nas feiras do município

“N.9 – 10\$000 r\$ por vender sal nas feiras do município

“N.10 – 10\$000 r\$ para comprar gomma no município

“N.11 – 5\$000 r\$ por engenhoca para caldo

1.300\$000

“§ 8º - Decimas de prédios urbanos

“N.1 – 1% sobre o valor locativo das cazas alugadas no perímetro da villa e 5% sobre o valor locativo das cazas habitadas por seus proprietários

1.500\$000

“§ 9º - Afferição de pesos e medidas

“N.1 – 1\$500 r\$ por metro

“N.2 – 5\$000 r\$ por balança grande decimal e 2\$000 r\$ por pequena balança de balcão

“N.3 – 2\$000 r\$ por ternos de peza de 5 grs. Até 10 kilos e 5\$000 r\$ por ternos de peza de 50 grms a 80 kilos

100\$000

“§ 10º - Construção e reconstrução

“N.1 – 10\$000 r\$ por edificação e reconstrução e sobrados ou chalet e 5\$000 r\$ por cazas no perímetro da villa”

(Infelizmente, o restante deste orçamento, cuja lei foi publicada no semanário **O ÍNDIO**, desapareceu no tempo).

Com a participação do município no desenvolvimento de Alagoas, já no ano de 1929, Arapiraca participa das atividades. O Quadro Demonstrativo da Exportação de Algodão, sub-Produtos e Tecidos durante o Ano referido, apresentado pela diretoria de serviços de algodão, do Estado de Alagoas, apresentado em 2 de dezembro de 1930 (assinado pelo diretor J. Castelo Branco), informa que Arapiraca contribuiu com a exportação de 150 quilos de algodão e 50 de rede (segundo o escriturário Aristides Athayde de Oliveira, incluiu-se a denominação rede na coluna de algodão por falta de espaço). O valor da exportação de algodão foi de 320\$000.

Mas, por outro lado, na divulgação do orçamento estadual de 1930, há citação sobre o novo município. Vejamos: “A receita do município foi orçada em 21:450\$000. A arrecadação, até 31 de dezembro último, se elevou a 21:668\$800 que, adicionados ao saldo do balancete anterior, na importância de 818\$170 e mais a quantia de 9:000\$000, de um empréstimo contraído Estadual, por autorização do Congresso, perfazem 31:486\$970”.

Continua o documento estadual: “Com esses recursos, o Prefeito fez as seguintes despesas: 1:886\$200, com a construção de 9 quilômetros de estrada de rodagem de Arapiraca a Limoeiro; 239\$000, com a aquisição de ferramentas necessárias aos aludidos serviços; 4:550\$000, com a aquisição, transporte e pintura dos postes destinados à instalação da linha telefônica de Arapiraca; 1:151\$000, com a construção de um cercado para o matadouro público; 532\$500, com a limpeza da fonte pública; 149\$000, com a desobstrução de caminhos; 643\$280, com os juros do empréstimo contraído pela Municipalidade; 1:150\$000, com a contribuição para pagamento do empréstimo; 1:200\$000, por conta do fornecimento de luz pública; 3:056\$294, da percentagem aos arrecadadores dos impostos municipais; 727\$500, com os alugueis das casas onde funcionam a Escola Municipal e o Telégrafo Nacional; 282\$000, com o serviço eleitoral; 50\$000, com a subvenção ao Caixa Escolar; 1:940\$000, com o funcionalismo municipal; 2:400\$000, com o subsídio do Prefeito; 621\$500, com o expediente da Prefeitura; 842\$000, com a limpeza pública; 180\$000, com os serviços de limpeza do cemitério público; 90\$000, com o expediente do jury; 181\$700, com pequenas despesas.

Disse o prefeito à época, João Ribeiro Lima, que “não lhe foi possível solver todos os problemas da Municipalidade”. O balancete foi encerrado com um déficit de 11:990\$000.

A manifestação do governo de Alagoas

Acerca do relatório enviado pelo prefeito de Arapiraca ao governador do Estado, prestando contas, vale ressaltar o relatório que o governador faz ao Congresso Estadual: “Diz-me o prefeito que poucos foram os melhoramentos realizados nos seis meses de sua administração, com os pequenos recursos de que dispôs. Ao assumir o exercício, a 2 de julho do ano passado, verificou, no exame a que procedeu das contas da Prefeitura, a existência de um deficit de 926\$600. Conseguiu arrecadar 11:279\$850 que, acrescidos de 800\$000, produtos de uma transação, perfazem 12:079\$850.

“Tirou a Prefeitura do atraso em que se achava, quanto aos seus compromissos ordinários, construiu 5 quilômetros de estrada de rodagem, de Arapiraca a Palmeira dos Índios, no que gastou 2:366\$000; dispendeu 290\$500 em consertos da estrada; aplicou 81\$900 na instalação elétrica da Prefeitura; pagou 60\$000 do aluguel da casa ocupada pela escola municipal “Deodoro da Fonseca”; empregou 349\$000 nos serviços de limpeza do referido prédio e na aquisição do indispensável mobiliário.

“Justifica ainda o prefeito outras despesas com serviços de pequeno vulto.

“Reportando-se à administração anterior, nos seis meses que precederam aos de sua gestão, informa-me que a arrecadação realizada por seu antecessor atingiu a 9:720\$640.

“Quanto à aplicação que teve esta importância, o prefeito transcreve, em seu relatório, o registro, que encontrou, de despesas como estas e outras mais que, a seguir, se leem: “2:000, por consertos de cercas na fonte pública; 5\$000, no conserto de carroças; 80\$000, no pagamento da professora da escola municipal, relativo aos meses de abril e maio; 1:414\$130, da percentagem paga aos procuradores das rendas municipais; 409\$340, dos serviços da limpeza pública; 123\$300, de expedição de telegramas; 35\$000, de telegramas e serviço eleitoral; 58\$800, com o cercado da Prefeitura; 44\$800, do feitio de medidas e de toldo para as mesmas; 1:784\$700, com o calçamento do beco 13 de Maio; 300\$000, da aquisição de uma carroça;

31\$000, da compra de gasolina e óleo para o caminhão; 621\$000, com reparos feitos na estrada; 26\$000, da compra de remédios para doentes pobres; 32\$700, do fornecimento aos presos pobres; 90\$200, com o expediente e publicações; 115\$000, com fornecimento da água para a feira; 1:600\$000, pagos a S.A. Melhoramentos de Arapiraca pelo fornecimento de luz, durante os meses de janeiro a abril; 400\$000, a Guilherme Moreira Araújo, de duas prestações de um caminhão vendido à Prefeitura; 80\$6700, dos serviços da Prefeitura; 900\$000, do subsídio do prefeito; 100\$000, da representação do mesmo; 300\$000, dos vencimentos do salário do secretário da Prefeitura; 180\$000, dos do amanuense do Conselho Municipal; 83\$500, do expediente do delegado de polícia durante os meses de janeiro a maio; 119\$000, de impressos; 100\$000, de gratificação ao escrivão do júri; 60\$000, da gratificação ao escrivão da polícia; 50\$000, da gratificação ao oficial de justiça, correspondente aos meses de janeiro a maio; 75\$000, da gratificação ao vigilante municipal; 60\$000, do aluguel do prédio ocupado pela Prefeitura, relativo aos meses de janeiro a março; 225\$000, nos serviços de calçamento da rua "Odilon Auto"; 7\$000, da compra de dois cadeados para a cadeia pública; 30\$000, da caderneta para o chauffeur; 40\$000, da compra de dois pares de chapas para veículos; 108\$000, do conserto do caminhão.

"Essas despesas importam em 9:721\$140.

"Acréscenta o prefeito, nas informações minuciosas que me prestou, mais o seguinte, que transcrevo textualmente: "Ao assumir o exercício, encontrei comprado para o município um caminhão, cujo pagamento deveria ser feito em prestações. Um caminhão velho. E como tal objeto para nada servia ao município, o vendi, para melhor aplicação dar ao seu produto."

"Estas observações, lealmente feitas pelo prefeito sobre a administração anterior do município, os gastos e a natureza destes, dispensam comentários porque já trazem consigo a eloquência de um libelo."

A participação do deputado estadual Odilon Auto

Eram tempos difíceis aqueles antes da emancipação política. O município de Limoeiro de Anadia, a quem Arapiraca pertencia desde sua fundação, não aceitava dar-lhe a liberdade. Receio de perder área territorial e, principalmente, receita.

Ora, para conseguir a emancipação, o Cel. Esperidião Rodrigues tinha que conquistar o governador do estado, José Fernandes Lima, que sempre se mostrou aberto à solicitação dos arapiraquenses. Tinha, também, de mudar a opinião do secretário da Fazenda, que era arredo à ideia. Aliás, tentava constantemente demonstrar ao governador e aos políticos que era inviável, do ponto de vista financeiro e econômico, a libertação de Arapiraca do município de Limoeiro. Havia, também, as posições contrárias dos deputados, de onde, necessariamente, deveria sair a iniciativa da emancipação. A maioria, sim, era contrária ao distrito de Arapiraca ser independente, formar um novo município alagoano. Mesmo com todas as conversas, apresentações de dados, de Esperidião Rodrigues e seu filho Sarapião.

O governador Fernandes Lima, para ajudar os arapiraquenses, ou se ver “livre” daquele peregrino que o assediava por mais de 40 dias, a pleitear a liberdade de um povo, colocou o problema nas mãos dos políticos, assegurando sancionar um projeto de lei que libertasse Arapiraca de Limoeiro. O Cel. Esperidião Rodrigues sorriu, um largo sorriso interior: já contava com o apoio do governador. Agora, era conquistar os deputados.

Surgiu, então, a figura de um farmacêutico pilarense de nome Odilon Auto da Cruz Oliveira, que já vinha na sexta legislatura como deputado estadual, desde 1911. O deputado Odilon Auto, como era conhecido como parlamentar, abraçou a causa e, junto com os arapiraquenses, assessores, e cheio de dados conseguidos nas repartições estaduais, prepara um projeto de lei, que depois toma o nº 1.009, e sai à caça de apoio

dos colegas. Durante meses angariava apoio.

Finalmente, em maio de 1924 consegue terminar o projeto de lei nº 1.009, levá-lo aos colegas e conseguir sua aprovação., transformando Arapiraca em Vila e Município. Foi o início da liberdade.

Em 31 de maio de 1924, o Diário Oficial do Estado, na primeira página, publica a sanção do projeto, tornando-o lei.

O deputado Odilon Auto, que participou da festa da emancipação em 30 de outubro, já no governo de Costa Rego, continuou como parlamentar ainda por mais três legislaturas, deixando a hoje casa de Tavares Bastos em 1930. Saliente-se que um de seus descendentes, sobrinho-neto Rogério Auto Teófilo, foi prefeito do município, pois sua mãe, Thereza Auto Teófilo, era filha de Helvécio Auto da Cruz Oliveira, irmão do deputado Odilon Auto.

As lideranças de Arapiraca e o prefeito Francisco Pereira Lima, em 23 de março de 1963, fundaram a Companhia Telefônica de Arapiraca e, no prédio construído e situado na rua Gordilho de Castro, 45, denominaram-no de Odilon Auto. Em 1976, com a incorporação da Companhia Telefônica de Arapiraca pela TELASA e, depois, TELEBRAS. O novo prédio da telefônica foi construído na rua Nossa Senhora Aparecida e o permaneceu com o nome do deputado. O nome do deputado Odilon Auto também identifica uma rua que interliga os bairros de Ouro Preto e São Luís.

Odilon Auto da Cruz Oliveira faleceu em 1951.

Cronologia depois da Emancipação

18/10/1924 – O jornalista Pedro da Costa Rego nomeia a primeira Junta Governativa de Arapiraca;

07/01/1925 – Esperidião Rodrigues é eleito prefeito da Vila Arapiraca, tendo como vice José Zeferino de Magalhães; governaram até 08/01/ 1928;

07/01/1925 – Leitura do termo de posse do primeiro prefeito eleito de Arapiraca, pelo juiz Dr. Medeiros, da cidade de Palmeira dos Índios (para onde passou o Distrito de Arapiraca);

08/01/1928 – Eleito e empossado o segundo prefeito, José Gomes Correia (vice – João Ferreira de Albuquerque);

08/06/1928 – Tomou posse o prefeito João Ribeiro Lima (vice – João Ferreira de Albuquerque);

07/09/1930 – Esperidião Rodrigues é reeleito prefeito de Arapiraca tendo como vice Antônio Romualdo: governaram até 1932.

Lista de prefeitos de Arapiraca

Nº	PREFEITO	PARTIDO	MANDATO	OBS.
1	Esperidião Rodrigues da Silva	Partido Republicano Federal - PRF	07/01/1925 a 08/01/1928	
2	José Gomes Novais de Farias	Partido Republicano Democrático - PRD	09/01/1928 a 08/05/1928	Suicidou-se
3	João Ferreira de Albuquerque	Partido Republicano Democrático - PRD	08/05/1928 a 01/07/1928	Vice
4	João Ribeiro Lima	Partido Republicano Democrático - PRD	02/07/1928 a 30/10/1930	
5	Esperidião Rodrigues da Silva	Aliança Liberal - AL -	30/10/1930 a 26/07/1932	
6	Manoel Firmino Leite	Partido Progressista - PP-	27/07/1932 a 08/02/1933	Nomeado pelo governador do estado
7	Pedro Barbosa	Partido Progressista - PP-	09/02/1933 a 13/03/1933	Nomeado pelo governador do estado
8	Manoel Lúcio Correia	Partido Progressista - PP-	14/03/1933 a 18/08/1934	Nomeado pelo governador do estado
9	Pedro Barbosa	Partido Progressista - PP-	19/08/1934 a 04/10/1934	Nomeado pelo governador do estado
10	Guilherme Moreira	Liga Republicana Conservadora - LRC	05/10/1934 a 08/01/1936	Nomeado pelo governador do estado
11	Aprígio Jacinto Silva	Partido Democrático Nacional - PDN	09/01/1936 a 10/01/1937	Nomeado pelo governador do estado
12	Genésio Rodrigues da Silva	Partido Democrático Nacional - PDN	11/01/1937 a 16/12/1937	Nomeado pelo governador do estado
13	Domingos Mota Acioli	Partido Republicano Democrático - PRD	16/12/1937 a 23/02/1940	Nomeado pelo governador do estado
14	Genésio Rodrigues da Silva	Partido Democrático Nacional - PDN	24/02/1940 a 26/03/1941	Nomeado pelo governador do estado
15	Manoel Leal	Partido Social Democrático - PSD	27/03/1941 a 02/02/1945	Nomeado pelo governador do estado
16	João Ribeiro Lima	Partido Social Democrático - PSD	03/02/1945 a 10/05/1947	Nomeado pelo governador do estado
17	Afonso Galvão	Partido Social Democrático - PSD	10/05/1947 a 05/08/1947	Nomeado pelo governador do estado
18	Gaspar Vieira de Melo	Partido Social Democrático - PSD	05/08/1947 a 30/01/1948	Nomeado pelo governador do estado
19	Luis Pereira Lima	Partido Social Democrático - PSD	31/01/1948 a 30/01/1951	Eleito em sufrágio universal

20	Coaracy da Mata Fonseca	Partido Social Democrático - PSD	31/01/1951 a 01/02/1955	Eleito em sufrágio universal, posteriormente renunciou
-	José Pereira Lúcio	União Democrática Nacional - UDN	02/09/1955 a 02/10/1955	Pres. da Câmara de Vereadores, no cargo interinamente
21	José de Souza Guedes	União Democrática Nacional - UDN	03/10/1955 a 30/01/1956	Eleito em sufrágio indireto (pela Câmara de Vereadores)
22	João Lúcio da Silva	União Democrática Nacional - UDN	31/01/1956 a 30/01/1961	Eleito em sufrágio universal
23	Francisco Pereira Lima	União Democrática Nacional - UDN	31/01/1961 a 30/01/1966	Eleito em sufrágio universal
24	João Lúcio da Silva	Aliança Renovadora Nacional - ARENA	31/01/1966 a 30/01/1970	Eleito em sufrágio universal
25	João Batista Pereira da Silva	Aliança Renovadora Nacional - ARENA	31/01/1970 a 01/02/1973	Eleito em sufrágio universal
26	Higino Vital da Silva	Movimento Democrático Brasileiro - MDB	02/02/1973 a 11/07/1975	Eleito em sufrágio universal
27	Agripino Alexandre dos Santos	Movimento Democrático Brasileiro - MDB	11/07/1975 a 31/01/1977	Vice
28	João Nascimento Silva	Partido Democrático Social - PDS	01/02/1977 a 13/06/1982	Eleito em sufrágio universal
29	José Barbosa de Oliveira	Partido Democrático Social - PDS	14/06/1982 a 31/01/1983	Vice
30	Severino Leão Barbosa	Partido Democrático Social - PDS	01/02/1983 a 31/01/1988	Eleito em sufrágio universal
31	José Alexandre dos Santos	Partido da Reconstrução Nacional - PRN	01/01/1989 a 31/12/1992	Eleito em sufrágio universal
32	Severino Leão Barbosa	Partido Liberal - PL -	01/01/1993 a 31/12/1996	Eleito em sufrágio universal
33	Célia Rocha	Partido da Social Democracia Brasileira - PSDB	01/01/1997 a 31/12/2000	Eleita em sufrágio universal
			01/01/2001 a 31/12/2004	Eleita em sufrágio universal
34	Luciano Barbosa	Partido do Movimento Democrático Brasileiro - PMDB	01/01/2005 a 31/12/2008	Eleito em sufrágio universal
			01/01/2009 a 31/12/2012	Eleito em sufrágio universal
35	Célia Rocha	Partido Trabalhista Brasileiro - PTB	01/01/2013 a 31/12/2016	Eleita em sufrágio universal
36	Rogério Teófilo	Partido da Social Democracia Brasileira - PSDB	01/01/2017 a 07/08/2020	Eleito em sufrágio universal (faleceu no exercício do mandato)
37	Fabiana Pessoa	Republicanos	11/08/2020 a 31/12/2020	Vice, assumiu o cargo em virtude do falecimento do titular
38	Luciano Barbosa	Movimento Democrático Brasileiro - MDB	01/01/2021 a 31/12/2024	Eleita em sufrágio universal

Idas e vindas na formação territorial de Arapiraca

Não foi tão somente a Lei nº 1.009, de 31 de maio de 1924, que deu vida ao território de Arapiraca. Decretos e leis moldaram, nesses cem anos, o mapa arapiraquense:

Primeiramente, veio a lei que libertou Arapiraca do município de Limoeiro, dando a sua primeira feição como distrito-sede, instalado que foi em 30 de outubro de 1924, cujos limites foram assim estabelecidos: *“Ao norte, o município de Palmeira dos Índios pelo riacho Tingu, de sua confluência pelo rio “Traipú” até suas nascentes; dessa, por uma linha recta até encontrar com a nascente do riacho denominado “Riachão das Victorias” e por este abaixo até onde confine com o Rio Coruripe; a leste, com o município de Limoeiro, a partir da confluência do riacho denominado “Riachão dos Victorinos” com o Rio Coruripe, por este rio, a encontrar o lugar denominado “Poço da Julia”, d’ahi, pela estrada real que segue para a “Lagoa do Pé Leva” e desta pelo riacho “Pé Leve Velho” abaixo até o açude Piauhy; ao sul, com os Municípios de Porto Real do Collegio e São Braz, partindo do açude Piauhy, pela estrada real até encontrar a fazenda “lagoa Seca”, desta passando pela “Fazenda Gruta D’Água”, antiga Perucaba pela Fazenda Poços e d’ahi pela estrada real passando nos sítios “Baixa da Onça” e “Mulungu”, até o sítio “Riacho Fundo”; ao oeste, com o Município de Traipú, pela estrada real que vai do “Riacho Fundo” e passa no Sitio Matta Limpa e nas fazendas “Camude” e “Folha Miuda” até encontrar o Povoado Riachão, na margem do rio Traipú, e por este acima até a confluência do Riacho Tingu (português original da época);*

Com o Decreto Estadual n.º 2.335, de 19 de janeiro de 1938, o município de Arapiraca adquire o extinto município de São Braz, como distrito; Ainda em 1938, porém em 30 de novembro, o Decreto nº 2.435, Arapiraca adquire o distrito de Lagoa da Canoa do município de Traipú. No mesmo

decreto, São Braz é desmembrado de Arapiraca e passa a pertencer a Traipú.

É criado o distrito de Caraíba e anexado ao município de Arapiraca, que passa a ter os distritos de Arapiraca, Caraíba e Lagoa da Canoa;

Pelo Decreto-lei Estadual n.º 2.909, de 3 de dezembro de 1943, o distrito de Caraíba passou a denominar-se Craíba, que assim passou o município de Arapiraca a ter três distritos: Arapiraca, Craíba e Lagoa da Canoa;

Nas divisões territoriais de Alagoas, ocorridas em 01 de julho de 1950 e 01 de julho de 1960, Arapiraca permaneceu com os mesmos três distritos;

Pela Lei Estadual n.º 2.471, de 28 de agosto de 1962, o distrito de Craíba é desmembrado de Arapiraca e passa a ser município;

Por Resolução do Senado Federal n.º 113, de 12 de dezembro de 1963, contudo, Craíba deixa de ser município e volta a distrito de Arapiraca;

A Lei Estadual n.º 4.335, de 23 de abril de 1983, desmembrou o distrito de Craíba de Arapiraca, emancipando-o com o nome de Craibas.

Arapiraca, segundo o IBGE, com data de 2021, tem uma área territorial de 345,655 km². Os limites de Arapiraca são marcados pelos municípios de **Craibas e Igaci, ao Norte, Feira Grande, São Sebastião e Lagoa da Canoa, ao Sul, Limoeiro, Junqueiro e Coité do Nóia, a Leste e Lagoa da Canoa e Girau do Ponciano a Oeste.**

Os legisladores

A Câmara Municipal e seus vereadores

Somente em 1936, doze anos após a emancipação política, Arapiraca elegeu seus primeiros vereadores, que se instalaram no prédio da Câmara de Vereadores situada na rua do Cedro, hoje conhecida como avenida Rio Branco. Essa primeira legislatura, que durou de 1936/1937, e que foi presidida por Esperidião Rodrigues, teve como primeiro presidente José Lúcio da Silva, vice-presidente João Ferreira de Albuquerque, e como secretário Domingos Romualdo de Oliveira.

Os outros vereadores eram: Amâncio José dos Santos (que renunciou em setembro de 1936, assumindo Maria Lima de Oliveira, que passou a ser a primeira mulher vereadora de Arapiraca), Francisco Olympio Cavalcante, José de Oliveira e Silva, Manoel Firmino Leite, Arthur Fausto Correia (que perdeu o mandato em novembro de 1936 por ter mudado seu domicílio – de Arapiraca para Viçosa. Assumiu o suplente André Luís da Silva) e Josué Messias dos Santos.

A Câmara Municipal de Arapiraca teve seus trabalhos suspensos de 1938 até 1947, por ato do golpe militar de 1937 (a ditadura do Estado Novo, sob o comando de Getúlio Vargas).

1ª Mesa Diretora da 1ª Legislatura

(Período 1948/1949)

Presidente – Alípio Caldas de Oliveira

Vice-Presidente – Lúcio José da Silva Gomes

1º Secretário – Romualdo de Oliveira Lima

2º Secretário – Manoel Lúcio Correia

Vereadores: Severino Florêncio Teixeira, Gastão Brasileiro de Melo, Manoel Ferreira de Santana, José Lúcio de Melo, Domingos Vital da Silva

2ª Mesa Diretora da 1ª Legislatura

(Período 1950/1951)

Presidente – Alípio de Oliveira Caldas

Vice-Presidente – Romualdo de Oliveira Lima

1º Secretário – Manoel Lúcio Correia

2º Secretário – Domingos Vital da Silva

Vereadores: Severino Florêncio Teixeira, Gastão Brasileiro de Melo, Manoel Ferreira de Santana, José Lúcio de Melo, Lúcio José da Silva Gomes.

1ª Mesa Diretora da 2ª Legislatura

(Período 1951/1952)

Presidente – José Lúcio de Melo

Vice-Presidente – Cândido Graciliano da Silva

1º Secretário – José Ferreira Barbosa

2º Secretário – Antônio Ventura de Oliveira

Vereadores: José Antônio de Melo, Alípio de Oliveira, Domingos Vital da Silva, João Vicente da Silva, José de Oliveira e Silva.

2ª Mesa Diretora da 2ª Legislatura

(Período 1953/1954)

Presidente – José Ferreira Barbosa (só em 1953) e Alípio de Oliveira Caldas (só em 1954)

Vice-Presidente – Cândido Graciliano da Silva (só em 1953) e José Lúcio de Melo (só em 1954)

1º Secretário – José Antônio de Melo

2º Secretário – Antônio Ventura de Oliveira

Vereadores: Domingos Vital da Silva, João Vicente da Silva, José de Oliveira e Silva.

1ª Mesa Diretora da 3ª Legislatura

(Período 1955/1956)

Presidente – José Pereira Lúcio (só em 1955 e José Lúcio de Melo (só em 1956)

Vice-Presidente – Domingos Vital da Silva (só em 1955) e Benício Alves de Oliveira (só em 1956)

1º Secretário – Antônio Ventura de Oliveira

2º Secretário – Benício Alves de Oliveira

Vereadores: José Pereira Rocha, José de Oliveira e Silva, Letícia Barbosa, Manoel Ângelo Sobrinho.

2ª Mesa Diretora da 3ª Legislatura

(Período 1956)

Presidente – José Lúcio de Melo (só em 1956)

Vice-Presidente – Benício Alves de Oliveira (só em 1956)

1º Secretário – Antônio Ventura de Oliveira

2º Secretário – Domingos Vital da Silva (SÓ EM 1956)

Vereadores: José Pereira Lúcio, José Pereira Rocha, José de Oliveira e Silva, Letícia Barbosa, Manoel Ângelo Sobrinho.

3ª Mesa Diretora da 3ª Legislatura

(Período 1957/1958)

Presidente – José Lúcio de Melo

Vice-Presidente – Domingos Vital da Silva

1º Secretário – Antônio Ventura de Oliveira

2º Secretário – José Tertuliano da Silva

Vereadores: José Pereira Rocha, José de Oliveira e Silva, Letícia Barbosa, Manoel Ângelo Sobrinho, José Pereira Lúcio.

1ª Mesa Diretora da 4ª Legislatura

(Período 1959/1960)

Presidente – Higino Vital da Silva

Vice-Presidente – Alonso de Abreu Pereira

1º Secretário – Letícia Barbosa

2º Secretário – Antônio Ventura de Oliveira

Vereadores: José Lúcio de Melo, Domingos Vital da Silva, Lourenço de Almeida, Geraldo de Lima e Silva, Antônio Juvino da Silva.

2ª Mesa Diretora da 4ª Legislatura

(Período 1961)

Presidente – Alonso de Abreu Pereira

Vice-Presidente – Higino Vital da Silva

1º Secretário – Antônio Juvino da Silva

2º Secretário – Antônio Ventura de Oliveira

Vereadores: José Lúcio de Melo, Domingos Vital da Silva, Lourenço de Almeida, Geraldo de Lima e Silva, Letícia Barbosa.

3ª Mesa Diretora da 4ª Legislatura

(Período 1962)

Presidente – Alonso de Abreu Pereira

Vice-Presidente – Domingos Vital da Silva

1º Secretário – Antônio Ventura de Oliveira

2º Secretário – Geraldo de Lima e Silva

Vereadores: José Lúcio de Melo, Higino Vital da Silva, Lourenço de Almeida, Letícia Barbosa, Antônio Juvino da Silva.

1ª Mesa Diretora da 5ª Legislatura

(Período 1963)

Presidente – Alonso de Abreu Pereira

Vice-Presidente – Domingos Vital da Silva

1º Secretário – Antônio Ventura de Oliveira

2º Secretário – João Saturnino de Almeida

Vereadores: Geraldo de Lima e Silva, Higino Vital da Silva, Antônio Juvino da Silva, José Joaquim da Silva, João Nunes Ferreira.

2ª Mesa Diretora da 5ª Legislatura

(Período 1964)

Presidente – Alonso de Abreu Pereira

Vice-Presidente – Antônio Juvino da Silva

1º Secretário – Antônio Ventura de Oliveira

2º Secretário – João Saturnino de Almeida

Vereadores: Geraldo de Lima e Silva (que renunciou ao mandato em maio de 1964, assumindo o suplente José Tertuliano da Silva), Higino Vital da Silva, José Joaquim da Silva, João Nunes Ferreira, Domingos Vital da Silva.

3ª Mesa Diretora da 5ª Legislatura

(Período 1965)

Presidente – Alonso de Abreu Pereira

Vice-Presidente – Antônio Juvino da Silva

1º Secretário – Antônio Ventura de Oliveira

2º Secretário – João Saturnino de Almeida (em virtude de seu falecimento, em outubro de 1965, assumiu o suplente Joaquim Bezerra Pereira)

Vereadores – José Tertuliano da Silva, Higino Vital da Silva, José Joaquim da Silva, João Nunes Ferreira, Domingos Vital da Silva

4ª Mesa Diretora da 5ª Legislatura

(Período 1966)

Presidente – Alonso de Abreu Pereira

Vice-Presidente – Domingos Vital da Silva

1º Secretário – Antônio Ventura de Oliveira

2º Secretário – Joaquim Bezerra Pereira

Vereadores: José Tertuliano da Silva, Higino Vital da Silva, João Nunes Ferreira, José Joaquim da Silva.

1ª Mesa Diretora da 6ª Legislatura

(Período 1967/1968)

Presidente – Antônio Ventura de Oliveira

Vice-Presidente – Domingos Vital da Silva

1º Secretário – Joaquim Bezerra Pereira

2º Secretário – José Ulisses de Oliveira

Vereadores: Dalmácio Lúcio da Silva, Lourenço de Almeida, Agripino Alexandre dos Santos, João Nunes Ferreira, Pedro Alexandrino dos Santos.

2ª Mesa Diretora da 6ª Legislatura

(Período 1969/1970)

Presidente – Antônio Ventura de Oliveira

Vice-Presidente – Domingos Vital da Silva

1º Secretário – Joaquim Bezerra Pereira

2º Secretário – José Ulisses de Oliveira

Vereadores: Dalmácio Lúcio da Silva, Lourenço de Almeida, Agripino Alexandre dos Santos, João Nunes Ferreira, Pedro Alexandrino dos Santos.

1ª Mesa Diretora da 7ª Legislatura

(Período 1971/1972)

Presidente – Jorge Pereira de Oliveira

Vice-Presidente – Vicente Barbosa de Magalhães

Secretário – João Nunes Ferreira

Vereadores: Antônio Juvino da Silva, Enoch Macedo Júnior, Domingos Vital da Silva, João Nunes Lopes, Pedro Aristides da Silva, José Protásio Neto.

1ª Mesa Diretora da 8ª Legislatura

(Período 1973/1974)

Presidente – Ismael Pereira Azevedo

Vice-Presidente – Antônio Juvino da Silva

Vereadores: Clodoaldo Pedro da Silva, João Nunes Ferreira, Adalberto Saturnino de Almeida, Edvaldo Barbosa Leão, Jorge Pereira de Oliveira, Raimundo de Araújo, Pedro Aristides da Silva.

2ª Mesa Diretora da 8ª Legislatura

(Período 1974/1976)

Presidente – Pedro Aristides da Silva

Vice-Presidente – Clodoaldo Pedro da Silva

Vereadores: Antônio Juvino da Silva, João Nunes Ferreira, Adalberto Saturnino de Almeida, Edvaldo Barbosa Leão (renunciou o cargo em setembro de 1975 para assumir o de deputado estadual. Assumiu como suplente Gilberto Rodrigues Menezes), Jorge Pereira de Oliveira, Raimundo de Araújo, Ismael Pereira Azevedo.

1ª Mesa Diretora da 9ª Legislatura

(Período 1977/1978)

Presidente – Genivaldo Barbosa de Melo

Vice-Presidente – Adalberto Saturnino de Almeida

Secretário – Manoel Pereira Filho

Vereadores: João Oliveira Lima, Maria Aparecida da Silva, João Nunes Ferreira, Gilberto Rodrigues Almeida, Ismael Pereira Azevedo, Maurício Fernandes dos Santos.

2ª Mesa Diretora da 9ª Legislatura

(Período 1979/1980)

Presidente – Manoel Pereira Filho (em setembro de 1980 renunciou o cargo de vereador para assumir o de deputado estadual. Assumiu o suplente de vereador Ercílio de Oliveira Santos)

Vice-Presidente – João Oliveira Lima

Secretário – Adalberto Saturnino de Almeida

Vereadores: Maria Aparecida da Silva, João Nunes Ferreira, Ismael Pereira Azevedo, Maurício Fernandes dos Santos, Genivaldo Barbosa de Melo, Gilberto Rodrigues de Menezes.

3ª Mesa Diretora da 9ª Legislatura

(Período 1981/1982)

Presidente – João de Oliveira Lima

Vice-Presidente – Maria Aparecida da Silva

Vereadores: João Nunes Ferreira, Ismael Pereira Azevedo, Maurício Fernandes dos Santos, Genivaldo Barbosa de Melo, Gilberto Rodrigues de Menezes, Ercílio de Oliveira Santos, Adalberto Saturnino de Almeida.

4ª Mesa Diretora da 9ª Legislatura

(em face das renúncias do presidente e do vice-presidente da Mesa Diretora)

Presidente – Adalberto Saturnino de Almeida

Vice-Presidente – Genivaldo Barbosa de Melo

Secretário – Ercílio de Oliveira Santos

Vereadores: João Nunes Ferreira, Ismael Pereira Azevedo, Maurício Fernandes dos Santos, Maria Aparecida da Silva, Gilberto Rodrigues de Menezes, João de Oliveira Lima.

1ª Mesa Diretora da 10ª Legislatura

(Período 1983/1984)

Presidente – Eronides Monteiro Maia

Vice-Presidente – Genivaldo Barbosa de Melo

Vereadores: Wellington Lemos Palmeira, Adalberto Saturnino de Almeida, João Oliveira Lima, Maria Aparecida da Silva, Erisvaldo Bandeira Rios, José Barbosa Lopes, Rosa Gonzaga Lima, Fernando José Rezende de Barros, Maurício Fernandes dos Santos.

2ª Mesa Diretora da 10ª Legislatura

(Período 1985/1986)

Presidente – Wellington Lemos Palmeira

Vice-Presidente – Adalberto Saturnino de Almeida

1ª Secretária – Maria Aparecida da Silva

2º Secretário – Erisvaldo Bandeira Rios

Vereadores: João Oliveira Lima, José Barbosa Lopes, Rosa Gonzaga Lima, Fernando José Rezende de Barros, Maurício Fernandes dos Santos.

3ª Mesa Diretora da 10ª Legislatura

(Período 1987/1988)

Presidente – Adalberto Saturnino de Almeida

Vice-Presidente – João Oliveira Lima

1º Secretário – Eronides Monteiro Maia

2º Secretário – Wellington Lemos Palmeira

Vereadores: José Barbosa Lopes, Rosa Gonzaga Lima, Fernando José Rezende de Barros, Maurício Fernandes dos Santos, Erisvaldo Bandeira Rios.

1ª Mesa Diretora da 11ª Legislatura

(Período 1989/1990)

Presidente – Ted France Roque Pereira

Vice-Presidente – José Lopes da Silva

1º Secretário – Severino Pereira da Silva

2º Secretário – Wellington Lemos Palmeira

Vereadores: Fernando José Rezende de Barros, Adalberto Saturnino de Almeida, José de Macedo Ferreira, Cícero Valentim dos Santos, Nelson Brandão Leite, Paulo Leão Barbosa, Célia Maria Barbosa Rocha, Josefa Santos Cunha, Neusvaldo Barbosa Leão, Maria Herbene Teixeira de Melo, Eronides Monteiro Maia.

2ª Mesa Diretora da 11ª Legislatura

(Período 1991/1992)

Presidente – Fernando José Rezende de Barros

Vice-Presidente – José de Macedo Ferreira

1º Secretário – Wellington Lemos Palmeira

2º Secretário – Cícero Valentim dos Santos

Vereadores: Adalberto Saturnino de Almeida, Nelson Brandão Leite, Paulo Leão Barbosa, Neusvaldo Barbosa Leão, Célia Maria Barbosa Rocha, Josefa dos Santos Cunha, Eronides Monteiro Maia, Maria Herbene Teixeira de Melo, Ted France Roque Pereira, José Lopes da Silva, Severino Pereira da Silva.

1ª Mesa Diretora da 12ª Legislatura

(Período 1993/1994)

Presidente – Célia Maria Barbosa Rocha

Vice-Presidente – Edwilson Fábio de Melo Barros

1º Secretário – Maria Aparecida da Silva Pereira

2º Secretário – Ricardo Pereira Melo

Vereadores: José Júlio de Almeida Filho, Sebastião Kleber Torres de Oliveira, Alexandre Tenório de Oliveira, Fernando José Rezende de Barros, Cícero Valentim dos Santos, José Ernesto de Souza Filho, José Lopes da Silva, Josefa dos Santos Cunha Maria Herbene Teixeira de Melo, Neusvaldo Barbosa Leão, José Geraldo Cajueiro Filho.

2ª Mesa Diretora da 12ª Legislatura

(Período 1995/1996)

Presidente – Maria Aparecida da Silva Pereira

Vice-Presidente – José Júlio de Almeida Filho

1º Secretário – Ricardo Pereira Melo

2º Secretário – Sebastião Kleber Torres de Oliveira

Vereadores: Alexandre Tenório de Oliveira, Fernando José Rezende de Barros, Cícero Valentim dos Santos, José Ernesto de Souza Filho, José Lopes da Silva, Josefa dos Santos Cunha (em fevereiro de 1995 renunciou ao cargo para assumir o de deputado federal. Foi substituída pelo suplente Édson Holanda Moreira), Maria Herbene Teixeira de Melo (faleceu em fevereiro de 1996, sendo substituída pelo suplente Washington Luís de Oliveira Melo), Neusvaldo Barbosa Leão, José Geraldo Cajueiro Filho, Célia Maria Barbosa Rocha, Edwilson Fábio de Melo Barros,

1ª Mesa da 13ª Legislatura

(Período 1997/1998)

Presidente – Ronaldy Vital Rios

Vice-Presidente – Daniel Houly Almeida

1º Secretário – José Lopes da Silva

2º Secretário – Ricardo Pereira Melo

Vereadores: José Ernesto de Souza Filho, Edwilson Fábio de Melo Barros, Maria Aparecida da Silva Pereira, Washington Luís de Oliveira Melo, Adilson de Almeida, Tarcizo Sampaio Freire, Dalmácio Lúcio da Silva, Ismael Judá Santos Nicácio, José Nascimento Leão, Sebastião Kleber Torres de Oliveira, Petrúcio Valentim dos Santos.

2ª Mesa Diretora da 13ª Legislatura

(Período 1999/2000)

Presidente – Edwilson Fábio de Melo Barros

Vice-Presidente – Washington Luís de Oliveira Melo

1º Secretário – Adilson de Almeida

2º Secretário – Tarcizo Sampaio Freire

Vereadores: José Ernesto de Souza Filho, Maria Aparecida da Silva Pereira, Dalmácio Lúcio da Silva, Ismael Judá Santos Nicácio (em fevereiro de 1999 renunciou o cargo para assumir o de deputado estadual. Assumiu o suplente, José Nascimento

Leão, Sebastião Kleber Torres de Oliveira, Petrúcio Valentim dos Santos, Ronaldy Vital Rios, Daniel Houly Almeida (em virtude de seu falecimento, em fevereiro de 1999, assumiu o suplente Mário César Fontes), José Lopes da Silva, Ricardo Pereira Melo.

1ª Mesa Diretora da 14ª Legislatura

(Período 2001/2002)

Presidente – José Lopes da Silva

Vice-Presidente – José Cícero Valentim

1º Secretário – Adilson de Almeida

2º Secretário – Tarcizo Sampaio Freire

2ª Mesa Diretora da 14ª Legislatura

(Período 2003/2004)

Presidente – Ricardo Pereira Melo

Vice-Presidente – Josias de Albuquerque Barbosa

1º Secretário – José Evilásio Amorim de França

2º Secretário – José Carlos Braz

Vereadores: Cosme Alves Cordeiro (em janeiro de 2003 renunciou ao cargo, assumindo o de deputado estadual. Foi substituído pelo suplente Adoniran de Souza Guerra), José Nascimento Leão, José Júlio de Almeida Filho, Dalmácio Lúcio da Silva, Sebastião Kleber Torres de Oliveira, José Cícero Valentim dos Santos, Adilson de Almeida, Tarcizo Sampaio Freire, Ronaldy Vital Rios, Moisés Machado Filho, José Lopes da Silva.

1ª Mesa Diretora da 15ª Legislatura

(Período 2005/2006)

Presidente – Ricardo Pereira Melo

Vice-Presidente – Gilvânia Gomes de Barros Pereira

1º Secretário – Josias de Albuquerque Barbosa

2º Secretário – José Júlio de Almeida Filho

Vereadores: Adilson de Almeida, Jairo Marques de Barros, João dos Santos, José Lúcio de Souza, José Nascimento Leão, Sidney Vieira Barbosa, Tarcizo Sampaio Freire, Valquíria Alves Brandão César, Moisés Machado Filho.

2ª Mesa Diretora da 15ª Legislatura

(Período 2007/2008)

Presidente – Moisés Machado Filho

Vice-Presidente – Valquíria Alves Brandão César

1º Secretário – José Lúcio de Souza

2º Secretário – Josias de Albuquerque Barbosa

Vereadores: Ricardo Pereira Melo (renunciou ao cargo em fevereiro de 2007, para assumir o de deputado estadual. Assumiu o suplente Aldenir Malaquias de Souza), Gilvânia Gomes de Barros Pereira, José Júlio de Almeida Filho, Adilson de Almeida, Jairo Marques de Barros, João dos Santos, José Lúcio de Souza, José Nascimento Leão, Sidney Vieira Barbosa, Tarcizo Sampaio Freire.

1ª Mesa Diretora da 16ª Legislatura

(Período 2009/2010)

Presidente – Josias de Albuquerque Barbosa

Vice-Presidente – Maria das Graças Lisboa Soares

1º Secretário – Moisés Machado Filho

2º Secretário – Tarcizo Sampaio Freire

Vereadores: Gilvânia Gomes de Barros Pereira, Adalberto Saturnino de Almeida, Severino de Lira Pessoa, José Clarindo Lopes, João dos Santos, Rogério Pereira Melo, Josival Ferreira de Lima, Robério de Lima Ataíde, Daniel Rocha Soares.

2ª Mesa Diretora da 16ª Legislatura

(Período 2011/2012)

Presidente – Adalberto Saturnino de Almeida

Vice-Presidente – Daniel Rocha Soares

1º Secretário – Robério de Lima Ataíde

2º Secretário – José Clarindo Lopes

Vereadores: Josias de Albuquerque Barbosa, Maria das Graças Lisboa Soares, Moisés Machado Filho, Tarcizo Sampaio Freire, Gilvânia Gomes de Barros Pereira, Severino de Lira Pessoa (renunciou ao cargo em fevereiro de 2011, assumindo o de deputado estadual. Tomou posse o suplente Fernando Antônio Mendes Barbosa), João dos Santos, Rogério Pereira Melo, Josival Ferreira Lima.

1ª Mesa Diretora da 17ª Legislatura

(Período 2013/2014)

Presidente – Gilvânia Gomes de Barros Pereira

Vice-Presidente – Aurélia Magna Fernandes

1º Secretário – Maria das Graças Lisboa Soares

2º Secretário – Fábio Rogério Pereira Chaves

Vereadores: Adalberto Saturnino de Almeida, Rogério Pereira Melo, Edvânio Correia de Oliveira, Ronaldy Vital Rios, Fabiana dos Santos Cavalcante, Sérgio Fábio Nunes, Josival Ferreira de Lima, Moisés Machado Filho, Tarcizo Sampaio Freire (renunciou ao cargo em 2014, para assumir o de deputado estadual. Assumiu o suplente Josias de Albuquerque Barbosa), Marcus Fabiano Matos Barboza, Márcio Marques de Souza.

2ª Mesa Diretora da 17ª Legislatura

(Período 2015/2016)

Presidente – Márcio Marques de Souza

Vice-Presidente – Sérgio Fábio Nunes

1º Secretário – Moisés Machado Filho

2º Secretário – Ronaldy Vital Rios

Vereadores: Gilvânia Gomes de Barros Pereira, Aurélio Magna Fernandes, Maria das Graças Lisboa Soares, Fábio Rogério Pereira Chaves, Adalberto Saturnino de Almeida, Rogério Pereira Melo, Edvânio Correia de Oliveira, Fabiana dos Santos Cavalcante, Josival Ferreira de Lima, Josias de Albuquerque Barbosa, Marcus Fabiano Matos Barboza.

1ª Mesa Diretora da 18ª Legislatura

(Período 2017/2018)

Presidente – Maria das Graças Lisboa Soares

Vice-Presidente – Moisés Machado Filho

1º Secretário – Melquisedec de Oliveira

2º Secretário – Gilvânia Gomes de Barros Pereira

Vereadores: Marcus Fabiano Matos Barboza, Leandro Barbosa de Almeida, Rogério Pereira Melo, Jairo Marques de Barros, Willomaks Cândido de Magalhães, Pablo Emanuel da Silva, Aurélia Magna Fernandes, Fábio Rogério Pereira Chaves, Edvânio Correia de Oliveira, Fábio Henrique de Lima Bezerra, Marcos Santos Caetano,

Sérgio Fábio Nunes, Thiago Severino Lopes dos Santos, Moisés Machado Filho.

2ª Mesa Diretora da 18ª Legislatura

(Período 2019/2020)

Presidente – Jairo Marques de Barros

Vice-Presidente – Thiago Severino Lopes dos Santos

1º Secretário – Fábio Rogério Pereira Chaves

2º Secretário – Pablo Emanuel da Silva

3º Secretário – Marcus Fabiano Matos Barboza

Vereadores: Maria das Graças Lisboa Soares, Moisés Machado Filho, Melquisedec de Oliveira, Gilvânia Gomes de Barros Pereira, Leandro Barbosa de Marcus Fabiano Matos Barboza, Almeida, Rogério Pereira Melo, Willomaks Cândido de Magalhães, Aurélia Magna Fernandes, Edvânio Correia de Oliveira, Fábio Henrique de Lima Bezerra, Marcos Santos Caetano, Sérgio Fábio Nunes, Thiago Severino Lopes dos Santos, Moisés Machado Filho.

1ª Mesa Diretora da 19ª Legislatura

(Período 2021/2022)

Presidente – Thiago Severino Lopes dos Santos

Vice-Presidente – Fábio Rogério Pereira Chaves

1º Secretário – Márcio Marques de Souza

2º Secretário – Pablo Emanuel da Silva

3º Secretário – Melquisedec de Oliveira

Vereadores: Rogério Pereira Melo, Fábio Henrique de Lima Bezerra, Leandro Barbosa de Almeida, Fany Gabriella Peixoto Braga, Márcio José da Silva, Sérgio Fábio Nunes, Marcus Fabiano Matos Barboza, Wallyson Bispo da Silva, Ginaldo Muniz da Silva, Adrano Targino Bispo, Túlio Sampaio Freire, Edvânio de Oliveira Nunes, José Carlos Barbosa Júnior, Damião Vicente Campos.

2ª Mesa Diretora da 19ª Legislatura

(Período 2023/2024)

Presidente – Thiago Severino Lopes dos Santos

Vice-Presidente – José Carlos Barbosa Júnior

1º Secretário – Márcio Marques de Souza

2º Secretário – Pablo Emanuel da Silva

3º Secretário – Sérgio Fábio Nunes

Vereadores: Rogério Pereira Melo, Fábio Henrique de Lima Bezerra (faleceu em 17/07/2023), Leandro Barbosa de Almeida, Fany Gabriella Peixoto Braga, Márcio José da Silva, Marcus Fabiano Matos Barboza, Wallyson Bispo da Silva, Ginaldo Muniz da Silva, Adrano Targino Bispo, Túlio Sampaio Freire, Edvânio de Oliveira Nunes, Damião Vicente Campos, Fábio Rogério Pereira Chaves, Márcio Marques de Souza, Melquisedec de Oliveira e Wellington Magalhães (assumiu o mandato em consequência da morte do vereador Fábio Henrique).

Deputados à Assembleia Legislativa por Arapiraca

Arapiraca teve representantes no legislativo estadual desde 1951, quando foi eleito o primeiro deputado, Claudenor de Albuquerque Lima, com 1.917 votos. A seguir, a relação dos eleitos, com respectivos partidos políticos e por ordem cronológica:

- 1 – Claudenor de Albuquerque Lima – 1951/1955 – PST
- 2 - Claudenor de Albuquerque Lima – 1955/1959 – PSD
- 3 - José Marques da Silva – 1955/1959 – UDN (foi assassinado em fevereiro de 1957)
- 4 - Claudenor de Albuquerque Lima – 1959/1963 – PSP (foi presidente da Assembléia Legislativa no biênio 1959/1961)
- 5 – José Pereira Lúcio - 1959/1963 – UDN
- 6 – Claudenor de Albuquerque Lima – 1963/1967 - PSP
- 7 – Cláudio de Albuquerque Lima – 1963/1967 - PDC
- 8 – José Lúcio de Melo – 1963/1967 - UDN
- 9 – José Lúcio de Melo – 1967/1971 - ARENA
- 10 – Alonso de Abreu Pereira – 1967/1971 - ARENA
- 11 – José Lúcio de Melo – 1971/1975 - ARENA
- 12 – Higino Vital da Silva – 1967/1971 – MDB
- 13 – Higino Vital da Silva – 1971/1975 - MDB
- 14 – Narciso Lúcio da Silva-1975/1979 - ARENA
- 15 – Luiza Evangelista da Silva – 1975/1979 - MDB
- 16 – Agripino Alexandre dos Santos – 1979/1983 - MDB
- 17 – Manoel Pereira Filho (Nezinho) – 1983/1987 - PDS
- 18 – Elionaldo Maurício Magalhães – 1983/1987 - PDS
- 19 – Ismael Pereira de Azevedo – 1983/1987 – PMDB
- 20 – Neusvaldo Barbosa Leão – 1983/1987 - PDS
- 21 – Manoel Pereira Filho (Nezinho) – 1987/1991 - PTB
- 22 – Ismael Pereira de Azevedo – 1987/1991 - PMDB

- 23 – José Leão de Melo (Nascimento Leão) – 1987/1991 - PFL
- 24 – Elionaldo Maurício Magalhães – 1991/1995 - PTB
- 25 – Talvane Luís Gama Albuquerque – 1991/1995 - PTR
- 26 - Demuriez Leão Barbosa – 1995/1999 – PMDB
- 27 - Marcelino Alexandre dos Santos – 1991/1995 - PTB
- 28 – José Leão de Melo (Nascimento Leão) – 1991/1995 – PTB
- 29 – Marcelino Alexandre dos Santos – 1995/1999 – PFL
- 30 – Rogério Auto Teófilo – 1995/1999 – PFL
- 31 – José Cícero Valentim dos Santos – 1995/1999 - PDT
- 32 – José Jadson Pedro de Farias – 1995/1999 - PFL
- 33 – Marcelino Alexandre dos Santos – 1999/2003 – PTB
- 34 – Ismael Judá dos Santos Nicácio – 1999/2003 - PTdoB
- 35 – Rogério Auto Teófilo – 1999/2003 – PFL
- 36 – Cosme Alves Cordeiro (Alves Correia) – 2003/2007 – PSB
- 37 – Edwilson Fábio de Melo Barros (Dudu Albuquerque) – 2003/2007 – PTB
- 38 – José Pedro de Farias (Zé Pedro da Arael) – 2003/2007 -PSDB
- 39 – Ricardo Pereira Melo (Ricardo Nezinho) – 2007/2011 - PTdoB
- 40 – Edwilson Fábio de Melo Barros (Dudu Albuquerque) – 2007/2011 – PSB
- 41 – Ricardo Pereira Melo (Ricardo Nezinho) – 2011/2015 – PTdoB
- 42 – Severino de Lira Pessoa – 2011/2015 - PPS
- 43 – Ricardo Pereira Melo (Ricardo Nezinho) – 2015/2019 – PMDB
- 44 - Severino de Lira Pessoa – 2015/2019 – PPS
- 45 – Tarcizo Sampaio Freire – 2017/2019 - PSB
- 46 – Rodrigo Santos Cunha – 2015/2019 - PSDB
- 47 – Breno Couto de Albuquerque Melo – 2019/2023 – PRTB
- 48 – Ricardo Pereira Melo (Ricardo Nezinho) – 2019/2023 – MDB
- 49 – Tarcizo Sampaio Freire – 2019/2023 – PP

Há, ainda, alguns deputados estaduais que, mesmo não sendo eleitos por Arapiraca, aqui nasceram:

- Aloísio da Silva Nogueira – 1947/1951 – PSD
- José Lobo Ferreira – 1951/1963 - Frente Democrática Trabalhista
- Ademar Medeiros – 1967/1971 – MDB
- Jair Lira Soares (Jairzinho Lira) – 2015/2019 e 2019/2023 - PRTB

Deputados à Câmara Federal por Arapiraca

José Pereira Lúcio (Lucinho) - O município, surgido em 1924, somente teve participação no parlamento federal a partir de José Pereira Lúcio, o Lucinho. Isto foi em 1963, assumindo o cargo de deputado federal, pela UDN – União Democrática Nacional. Foi reeleito deputado, em outubro de 1966, assumindo o cargo, pela ARENA – Aliança Renovadora Nacional, em janeiro de 1967. Permaneceu no cargo até 1971.

Josefa Santos Cunha (Ceci Cunha) - Eleita deputada para o mandato de 1995 a 1998, pelo Partido Social da Democracia Brasileira – PSDB. Reeleita em 1998, foi diplomada, mas não tomou posse, Foi assassinada no mesmo dia da diplomação.

Rogério Auto Teófilo (Rogério Teófilo) - Foi deputado federal de 2003 a 2007, pelo Partido da Frente Liberal – PFL.

Célia Maria Barbosa da Rocha (Célia Rocha) - Foi deputada federal no período de 2011 a 2015, pelo Partido Trabalhista Brasileiro – PTB.

Pedro Talvane Luís Gama de Albuquerque Neto (Talvane Albuquerque) - Foi deputado no período de 1995 a 1999, quando teve o mandato cassado.

Severino de Lira Pessoa (Severino Pessoa) - Foi deputado no período de 2019 a 2023, pelo Partido Republicano Brasileiro – PRB.

Daniel Barbosa de Almeida Silva (Daniel Barbosa) – eleito pela pri-

meira vez pelo PP, é filho do atual prefeito. É empresário e Bacharel em Comunicação Social, Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo; Bacharel em Comunicação Social, Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo; curso superior de formação específica em Gestão de Comunicação Empresarial, Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, tendo cursos de Gestão e Avaliação de Políticas Públicas, da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro;

Senadores por Arapiraca

João Lúcio da Silva - Foi o primeiro senador por Arapiraca. Suplente do senador Arnon de Melo, assumiu uma cadeira no senado federal de 1983 a 1985.

João do Nascimento Silva – Foi suplente do senador Teotônio Vilela Filho (Téo Vilela), assumindo o cargo de senador da República por quatro meses.

Rodrigo Santos Cunha – Eleito senador em 2018 para exercer o cargo de 2019 a 2027. Até então, foi o senador mais votado de Alagoas.

Os símbolos de Arapiraca

Os símbolos de Arapiraca surgiram durante a gestão do prefeito Francisco Pereira Lima, que tinha como Secretário-Geral o professor, e depois promotor de Justiça, Miguel Valeriano da Silva.

O Hino de Arapiraca

Mesmo emancipado desde 1924, somente em 30 de outubro de 1961, o município de Arapiraca teve seu hino, através da lei municipal nº 36, sancionada pelo prefeito Francisco Pereira Lima. A letra é do professor Pedro de França Reys (filho de Igreja Nova, antiga Triunfo) e a música do maestro Nelson Palmeira (natural de Traipu).

A letra:

*Sob o céu de safira estrelado
Num agreste deste imenso Brasil
Fora um rincão pequenino fadado
A ser majestoso, soberbo e viril.*

Arapiraca, Estrela radiosa

(Coro) *Que fulgura sob o céu do Brasil
Cidade sorriso, cidade formosa
Cheia de esplendores e de encantos mil*

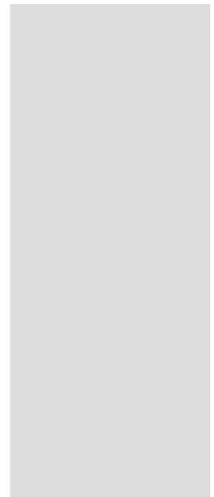
*Arapiraca, fora a transpiração
De um sertanejo cheio de fé
Rendemos, pois, de coração,
O nosso “hosana” a Manoel André*

*A cultura do fumo, a sua riqueza
O “ouro negro”, que os seus campos veste
Lhe adquirira um título de nobreza
Cidade galã, Princesa do Agreste*

*Terra adorada, Gloriosa terra
Crisol da Pátria, abençoada por Deus
Recebe, pois, o afeto que se encerra
Nos meigos corações dos filhos teus.*

A Bandeira

Também a bandeira de Arapiraca foi oficializada durante a gestão do prefeito Francisco Pereira Lima, em 29 de agosto, através de um projeto de lei de autoria do vereador Higino Vital da Silva. A lei nº 20/64, foi concebida pelos educadores José Moacir Teófilo e Isabel Torres de Oliveira, e tem o seguinte significado:



Verde – os campos fumageiros

Branco – a paz e o caráter do povo

Amarelo – a riqueza legada pelo fumo.

O Brasão

A mesma lei que oficializou a Bandeira de Arapiraca também criou o brasão municipal. De autoria da professora Isabel Torres de Oliveira, tem o seguinte significado:

A coroa mural – é o símbolo da cidade

As cinco torres – de prata porque não é a capital do estado

A coroa de ouro – é o símbolo da Princesa do Agreste

A árvore – é a origem, o encontro de Manoel André com a árvore que se chama Arapiraca, e que naquele tempo cobria um raio de cinquenta metros quadrados

O listeu – nele temos as cores vermelha, branca e azul do Estado de Alagoas, mostrando que Arapiraca é um município deste Estado

Os ramos de fumo e mandioca – representam os principais produtos do município.



O Hino da Independência

Também em 1967, de autoria do vereador Agripino Alexandre dos Santos (Lei nº 16/67), o município oficializou seu hino à independência.

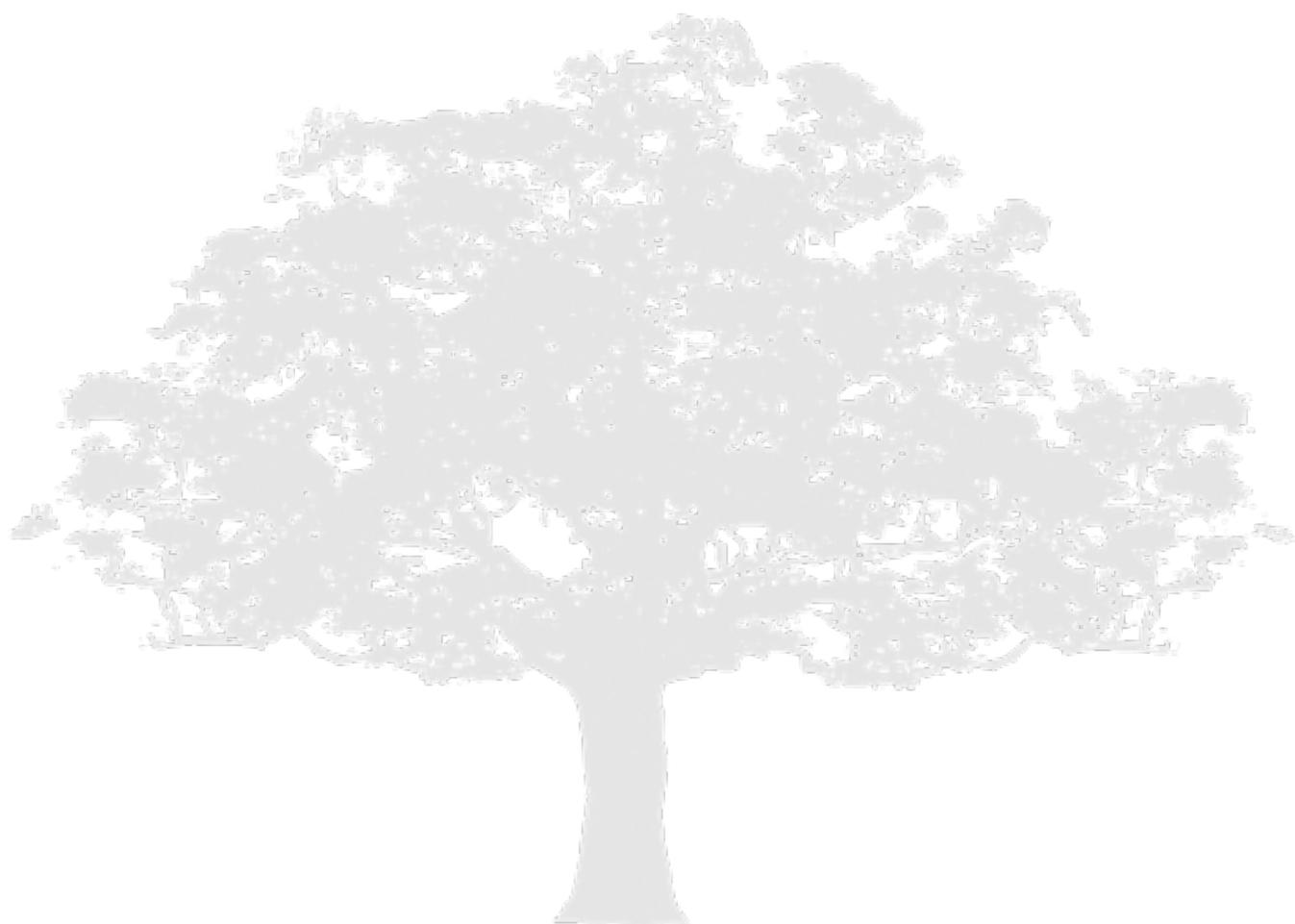
*No Estado de Alagoas
Uma cidade se destaca
És tu, Princesa do Agreste,
Encantadora Arapiraca.*

Coro

*Parabéns, Arapiraquenses,
A vossa Terra, mãe gentil,
É uma estrela que rutila
Neste colosso, o Brasil.
Ó terra adorada e bela
Com o teu porte sorridente
Vibra, canta e seresta
Hoje és independente
Pela tua independência,
Cheio de orgulho e de amor,
Foi Esperidião Rodrigues
O grande batalhador
A este forte baluarte
Da nossa Emancipação
O nosso culto de amor,
De afeto e veneração.*

3ª Parte

Os que fizeram Arapiraca Os nativos



Os nativos

Quando a história traz à luz os nomes dos primeiros habitantes de Arapiraca, devem-se, aqui, não só ser citados os que nasceram propriamente no planalto do Cangandu, mas, também, aqueles que inicialmente vieram se instalar nestas paragens. Considera-se, deste modo, os parentes de Manoel André e de sua primeira mulher, Maria Isabel da Silva Valente, tanto habitantes de Anadia quanto de Cacimbinhas. De uma família ou de outra, os familiares de ambas souberam bem conviver com as terras de Arapiraca.

Exemplo: Esperidião Rodrigues nasceu em Cacimbinhas, aqui chegando ainda menino de braço, filho que era de José Veríssimo; ou, como os filhos de Terezinha Nunes Magalhães, vindo dos Campos de Anadia.

Somente após o assentamento desses primeiros migrantes é que Arapiraca passa a ter filhos nascidos na própria terra. Para isto, então, mostrando a pujança desses desbravadores, é que são citados alguns migrantes como nativos.

Palavras do Nativo

Tutmés Airan de Albuquerque Melo, nascido em 18/07/1962, filho do ex-deputado estadual Cláudio de Albuquerque Lima e da professora Creuza Melo de Albuquerque, todos arapiraquense. É, atualmente, desembargador do Tribunal de Justiça de Alagoas, tendo ingressado no curso de Direito aos 17 anos de idade. Tem Mestrado em Direito Público pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e especialização em Ciências Jurídicas pela Universidade Federal de Alagoas. Além de Desembargador foi Presidente do Tribunal de Justiça de Alagoas, o arapiraquense foi coordenador geral do NUPEMEC (AL), professor do curso de Direito da UFAL, Procurador Geral do Estado de Alagoas, ex-Secretário de Justiça e Cidadania do Estado de Alagoas.



Suas palavras:

“Uma cidade, sobretudo a cidade onde nascemos, é muito mais do que um aglomerado de casas que ali habitam. É, antes de tudo, p lugar para onde, para além dos vínculos familiares que nos eternizam proporcionar a seus filhos, estabelecemos os nossos primeiros afetos. Quem não se lembra, por exemplo, com enorme saudade, dos amigos feitos nos primeiros bancos escolares, amigos de verdade?”

“Às amizades somam-se as oportunidades. Isto quer dizer que a cidade que nos apresentou ao mundo há de ser capaz de alimentar o nosso sonho à felicidade. E os homens só são felizes quando realizam as suas necessidades. Para isso, cidade deve rimar com oportunidade, isto é, proporcionar a seus filhos, naturais ou adotivos, tal como faz uma mãe cuidadosa, estudo, trabalho e renda para que a vida seja vivida com dignidade.

“Arapiraca, nos seus cem anos de existência, tem feito isso como poucas cidades fazem. Não à toa, dizemos com orgulho que somos arapiraquenses. Aqui, deitamos as nossas raízes. Sua história se confunde com a nossa própria história, de tal modo que Arapiraca explica, em parte, o que somos e por que somos. Em outras palavras, isto sugere que a nossa cidade é, além de tudo, identidade: através de seus símbolos, nós nos identificamos com ela e, ao mesmo tempo, somos, por causa dela, identificados.

“Os torcedores do ASA que o digam: se amam o ASA é porque amam Arapiraca e fazem questão absoluta de assim serem vistos e percebidos. E isto acontece porque a cidade não é um lugar qualquer, é o nosso lugar, o lugar que aprendemos a amar.

“Em Arapiraca fiz meus melhores amigos, tive grandes oportunidades e criei identidades.

“A minha cidade é expressão do meu amor pela humanidade”.

Agripino Alexandre dos Santos (1942/2020)

Começou sua vida política como vereador. Em 1972, como vice-prefeito, assumiu os destinos de Arapiraca, substituindo o prefeito Higino Vital. Durante sua administração, reformulou quase que totalmente o Estádio Coaracy da Mata Fonseca, dotando-o de um gramado exemplar. Foi também deputado estadual eleito o mais votado do estado (pelo MDB), em 1978. Defendeu, à época, a implantação do programa pró-alcool. Tinha os cursos de Contabilidade e bacharel em Direito. Foi procurador da Assembléia Legislativa de Alagoas.



Antônio Juvino da Silva (1913/1982)

Representante do interior do município, pois nascido no Canaã, veio morar em Arapiraca, numa casa ao lado da Igreja de São Sebastião. Desde 1959 que participou da vida política do município, sempre como vereador representante de sua terra natal. Era correligionário de Luís Pereira Lima, líder do PSD. Como vereador, foi intransigente defensor da educação, conseguindo com que fossem construídos grupos escolares nas localidades de Pojuca (hoje fazendo parte de Craíbas), Pau Ferro e Canaã.



Antônio Ventura de Oliveira (1910/2000)

Filho de Arapiraca (pais Ventura José de Farias e Maria Luiza de Oliveira), deixando 07 filhos: José Ventura Sobrinho (agricultor), Vandete Lúcio dos Santos (doméstica), Margarida de Oliveira Santos (doméstica) Roberto Ventura de Oliveira (bancário aposentado), e Lúcia Ventura Pessoa (funcionária pública municipal), foi, durante muitos anos, trabalhador rural braçal. Assumiu também o cargo de professor particular de alfabetização, principalmente no Bairro Cavaco, onde residia. Ingressou na política em 1958, sendo correligionário dos Lúcio e membro da UDN (União Democrática Nacional), tendo sido vereador por diversos mandatos, até 1970. Foi presidente da Câmara Municipal de Arapiraca (1967/1970). É homenageado através do Grupo de Lagoa da Angélica. Foi Presidente da Associação Rural de Arapiraca.



ASA – Associação Sportiva de Arapiraca (1952)

Um ano após ter se formado do Ferroviário Atlético Clube (Ferroviário da Estação), o ASA foi campeão alagoano de futebol em 1953. O regulamento do campeonato dizia que o campeão de futebol do interior jogaria com o campeão da capital, para daí sair o campeão de todo o estado. O ASA, campeão do interior, foi, então, proclamado o grande vencedor, pois o Ferroviário de Maceió recusou-se a disputar o título. O ASA campeão era este, da esquerda para a direita: Antônio Pereira Rocha (presidente), Euvaldo, Acebílio, Dema, Baiano, Zezinho Paraíba, Zequinha, Pinheiro, Cícero e Luizinho Evangelista; agachados: Everaldo, Cabeleira, Netinho, Cecé, Paizé, Marcelo e Valdemar



Benildo Barbosa de Medeiros (1941/1997)

Nasceu em Arapiraca, 19 de agosto de 1941. Infância igual a de qualquer um no dia a dia da rua 15 de Novembro. O estudo primário fez no Instituto São Luiz (dos saudosos Pedro de França Reis e Manoel de Oliveira Barbosa), onde, depois, foi professor. Hoje, é a Escola Rosa Mística. O curso secundário, hoje médio, fez no Ginásio Nossa Senhora do Bom Conselho. O ensino superior, com habilitação em estudos sociais e geografia, na antiga Faculdade de Formação de Professores do 1º Grau, atual UNEAL. Graduado em francês pela Aliança Francesa de Maceió.



Bernadete de Oliveira Lima (1930/2007)

Nasceu em 18 de agosto de 1930, no tradicional bairro Cacimbas em Arapiraca. Filha do casal José Francelino de Oliveira e Maria Lima de Oliveira, estudou as primeiras letras com a professora Chiquinha Macedo. No início da década de 1940, ingressou no Grupo Escolar Adriano Jorge, onde estudou o curso primário com seus irmãos José Francelino Filho (Zequinha), Áurea, Odete e Elza. Em 1947, foi nomeada pelo prefeito Afonso Jaime Galvão, para ser funcionária da prefeitura. Nessa fase, trabalhou intensamente na campanha a prefeito de Arapiraca do candidato Luiz Pereira. Depois, passou a seguir politicamente o prefeito João Lúcio da Silva.



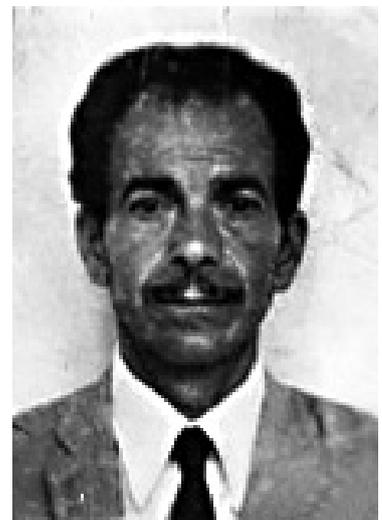
Célia Pereira Rocha (1952)

Médica e política. Exerceu os mandatos de vereadora (PFL – 1989/1992, PSDB - 1993/1996), Prefeita (PSDB – 1997/2000), prefeita (PSDB – 2001/2004), deputada federal (PTB – 2010/2012), prefeita (PTB – 2013/2016). Também foi Secretária Municipal de Saúde (de 1984/1988). Cursos: além do curso Medicina (Faculdade de Medicina de Valença – RJ), Pós-Graduação em Gestão de Cidades (Universidade de Pernambuco), Pós-Graduação em Estática (Faculdade de Ciência da Saúde – SP). Médica liberal em São Paulo (1976) e Arapiraca (1983/1984). Entre outras atividades, foi presidenta do Conselho Municipal do Direito da Mulher (Arapiraca), membro da União dos Vereadores de Alagoas (UVEAL), membro do Conselho Municipal da Saúde de Arapiraca.



Clodoaldo Pedro da Silva – Coló (1924/1990)

Um verdadeiro desportista, na acepção da palavra. Nascido de uma família de nove filhos, aprendeu as primeiras letras quando trabalhava como *office-boy* nos Seminários Diocesano de Maceió e de Salvador (Ba). Em Arapiraca, foi servidor municipal na gestão do prefeito Luís Pereira Lima. No esporte, foi chefe de concentração do ASA e fundador e presidente do Ipiranga, time amador que formou alguns excelentes jogadores (Chico Bau é exemplo). Na política, foi vereador pela legenda do MDB – Movimento Democrático Brasileiro (1973), e suplente nas eleições de 1976. Fez parte da Banda de Música N.S. do Bom Conselho, cujo maestro era Nelson Palmeira.



Eloísio Barboza Lopes (1933/2002)

Eloísio Barbosa Lopes não foi tão somente um agricultor arapiraquense. Com sua tenacidade, saiu de simples auxiliar de seus pais, João Barbosa da Silva e Elvira Barbosa Lopes, a um dos maiores plantadores de fumo em área contínua do mundo. Ele foi o pioneiro em levar o fumo arapiraquense ao exterior, como aos Estados Unidos e Alemanha. Sua empresa de exportação, também, exportou para o sul-deste brasileiro, principalmente São Paulo (cidades de Presidente Prudente, Marília, Bauru, Andradina, Mirante do Paranapanema) e Paraná (cidades de Maringá, Cruzeiro do Oeste, Tupã). O arapiraquense foi casado com Maria Aparecida Porto Lopes e só tinha o curso primário incompleto (foi aluno da escola Adriano Jorge). O maior plantador de fumo do mundo também soube diversificar seus negócios, plantando melancia japonesa, mandioca, algodão e feijão de corda. Foi sócio da Companhia Telefônica de Arapiraca. Na década de 60, recebeu em sua fazenda o governador de Alagoas Antônio Simião Lamenha Lins, impressionado com a pujança do jovem arapiraquense.



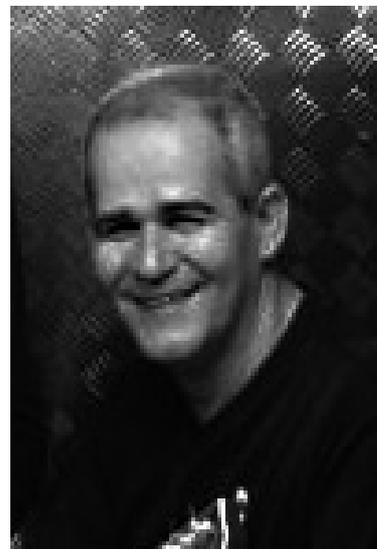
Eloísio Ribeiro de Magalhães (1923/2011)

Filho do ex-prefeito, escrivão e tabelião João Ribeiro Lima, Eloísio se destacou desde menino como aluno, primeiro de Dona “Chiquinha Macedo”, depois na Escola Técnica Floriano Peixoto, em Satuba (AL). Em 1940, já no Rio de Janeiro, ingressou no Exército do Brasil para, em 1944, apresentar-se como voluntário para participar ativamente da 2ª guerra mundial. No 11º. Regimento de Infantaria, com mais 10.000 seguiu para a europa, desembarcando no porto de Nápoles, Itália. Participou ativamente como membro da FEB (Força Expedicionária Brasileira). Após a guerra, foi homenageado pelo governo de Portugal, que tinha como presidente Oliveira Salazar. É considerado um “Herói da Pátria”, recebendo a “Medalha de Guerra”, “Cruz de Combate de 2ª. Classe” e “Medalha da Campanha da Itália”.



Fernando Melo (1953)

O instrumentista alagoano de Arapiraca, Fernando Melo, é considerado um dos melhores violonistas de nosso País. Desde cedo, aos 7 anos, iniciou-se nos estudos de música, formando, com seus irmãos The Lucios Boys. Em 1967, com 14 anos, mudou-se para Maceió, onde participou profissionalmente como músico em conjuntos de bailes. Em 1974, em São Paulo, com seu parceiro KLuiz Bueno, trabalhou como músico acompanhando vários artistas. A partir de 1977 passou a fazer parte do Grupo de Rock Progressivo A Boissucanga (Fernando no baixo). Desfeito o grupo, formou o DUOFEL, um dos melhores duos do Brasil. Em 1994, foi indicado como melhor solista pelo **“Prêmio Sharp de Música”** o maior prêmio de música brasileira. Depois de 22 anos de Duofel, em 2000, Fernando Melo se dedica a sua terra e começa um trabalho que é uma trilogia sobre Alagoas, que vai ao encontro da sua memória musical, com três CDs: *“Forró de Violão”*, *“Tocador”* e *“Da Lagoa pro Mar do Mar pra Lagoa”*.



Florisvaldo de Paula Magalhães (1930/2006)

Um dos filhos de Lino de Paula Magalhães, era um visionário. Sempre pensou à frente de muitos; quando Arapiraca tinha somente o Cinema Trianon, Flor (como era conhecido) levou o cinema itinerante aos bairros da cidade, como Baixão, Cavaco, Canafistula, Baixa Grande e até Craíbas. Exibia os filmes, quase sempre, em salas de aula municipais, sempre à noite e fins de semana. Foi dele, também, o primeiro transporte urbano, com cinco kombis ligando o centro da cidade aos bairros. Antes, foi proprietário do Expresso Arapiraquense – com o mais novo ônibus do estado – ligando Arapiraca a Maceió, via Taquarana e Marimbondó. Seus ônibus fizeram linha Arapiraca-Feira Grande, às segunda-feira. Foi um dos fundadores do Centro Espírita Companheiros de Emanuel.



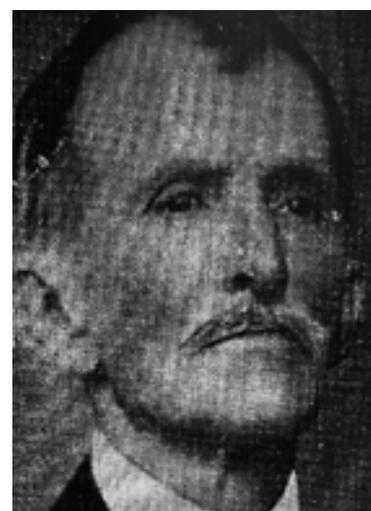
Francisca Petrina de Macedo - Chiquinha Macedo (1892/1990)

Nascida ainda quando Arapiraca pertencia ao município de Limoeiro de Anadia, Chiquinha Macedo, como era mais conhecida, sempre viveu sua existência como professora, ensinando as primeiras letras. Neta de Manoel Valente, sogro de Manoel André Correia, era irmã de Monsenhor Macedo (Francisco Xavier de Macedo). Em 1912, foi a primeira catequista e zeladora da Igreja Nossa Senhora do Bom Conselho, onde seu irmão era pároco. Nos anos de 1940 ensinava no Grupo Escolar Adriano Jorge, que antes chamava-se Grupo Escolar Arapiraca. Ela dá o nome à cadeira 14 da ACALA – Academia Arapiraquense de Letras e Artes. Faleceu em Maceió.



Francisco de Paula Magalhães (?/?)

De grande importância para o município desde ter sido o primeiro mandatário de Arapiraca, como presidente da Junta Governativa (de 24 de outubro de 1924 a 07 de janeiro de 1925), elaborando algumas leis para o novo município que surgia. Segundo o escritor Waldemar Oliveira de Macedo, foi o primeiro plantador de fumo do município.



Hermeto Pascoal (1936)

O historiador Zezito Guedes conta que aos 11 anos de idade, o menino Hermeto já se apresentava na feira de Arapiraca, juntamente com o seu irmão. Nasceu no ano de 1936, na localidade conhecida como “Olho D’Água” no então povoado de “Lagoa da Canoa” (hoje município), desde pequeno aprendeu a tocar flauta e sanfona e arrumava uns “trocados” exibindo seus dotes artísticos pelas ruas de sua cidade natal. Em 1950, a família de Hermeto Pascoal se mudou para Recife/PE, onde continuou se apresentando com um irmão nas rádios. No final da década, foi para o Rio de Janeiro/RJ, onde tocou em conjuntos regionais e na Rádio Mauá. Mais tarde, transferiu-se para São Paulo/SP, onde formou o grupo “Som Quatro,” que o projetou para o mundo.



Higino Vital da Silva (1927/1975)

Higino Vital da Silva é de Arapiraca, mas começou sua vida de comerciante, no ramo de farmácia em Coité do Noia (AL). Lá, também, deu início a uma vida de política, elegendo-se vereador. Não satisfeito, voltou a Arapiraca, continuando como proprietário de farmácia. Seu amor à política, levou-o à Câmara de Vereadores. Em 1966, foi eleito deputado estadual e, em 1970, reeleito. Em outubro de 1973, conquistou sua maior vitória: foi eleito prefeito do município, governando, contudo, somente até 1974, quando se afastou para tratamento médico de uma doença que o levou à morte um ano depois. Conseguiu, entretanto, mesmo doente, eleger sua mulher, Luiza da Silva, deputada estadual.



João Batista Pereira da Silva (1930/2004)

Advogado por profissão, foi administrador e político por pouco tempo: de 1970 a 1973, quando governou Arapiraca. Seu maior legado foi a criação da Fundação Educacional do Agreste Alagoano, mantenedora da Faculdade de Formação de Professores de Primeiro Grau de Arapiraca (com cursos de Letras, Ciências e Estudos Sociais), depois incorporada pelo Estado como FUNESA e atualmente UNEAL (Universidade Estadual de Alagoas). Como prefeito, teve a visão de viabilizar a implantação dos Instrumentos de Trabalho: Código de Obras; Código de Finanças; Código de Parcelamento e Uso do Solo; Código de Postura e Estrutura Administrativa.



João do Nascimento Silva (1948/2015)

Odontólogo, filho de tradicional família de fumicultores, cedo enveredou na política, sendo eleito prefeito (de 1977 a 1982), deputado estadual (de 1983 a 1986) e suplente de senador de Teotônio Vilela Filho (assumindo o cargo por 120 dias em 1990/1991). Assumiu o cargo de Secretário Estadual de Cultura. É nome de escola municipal, homenageado pela prefeita Célia Rocha que disse ter sido ele *“um grande homem. Nada mais justo que reverenciá-lo com seu nome imortalizado na fachada de uma escola de nossa rede municipal de ensino.”*



João Lúcio da Silva (1914/1985)

De nascido no sítio Caititus (hoje um dos bairros de Arapiraca) e órfão aos oito anos, de família humilde (filho de Salustiano José dos Santos e Rosa Maria da Silva), até senador da República (1981/1983), onde conviveu com as maiores figuras da política brasileira da época, João Lúcio da Silva engrandece o povo deste município. Foi enxadista (vivendo do trabalho na roça), pequeno comerciante e plantador de fumo. Enveredou na política, juntamente com seu irmão José Lúcio, sendo eleito por duas vezes prefeito de Arapiraca (de 1956/1960, pela UDN e de 1966/1969, pela ARENA). Suplente, com a renúncia por motivo de doença, do senador Arnon de Melo, assumiu uma cadeira no senado federal. O desenvolvimento e o progresso de Arapiraca surgem a partir de sua primeira administração pública.



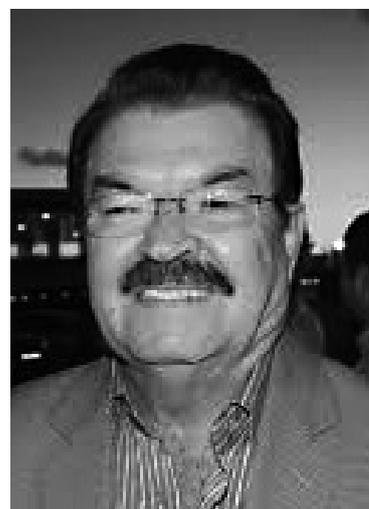
João Ribeiro Lima (1889/1964)

Foi tabelião. Duas vezes prefeito: uma, de 1928 até 1930, eleito pelos arapiraquenses, quando foi destituído pessoalmente pelo, à época, coronel Juracy Magalhães; a segunda, como interventor, (de 1945/1947), nomeado pelo também interventor de Alagoas, capitão Ismar de Gois Monteiro. Na sua gestão, construiu a antiga sede da prefeitura (hoje praça Pereira Lima), o cemitério da Baixa Grande (hoje Cemitério Pio XII). Foi quem criou a escola Fernandes Lima, em Bananeiras. Durante sua gestão de dois anos, Valdomiro Barbosa adquiriu a força e luz de Arapiraca, que pertencia a Antônio Apolinário, havendo uma melhora significativa na iluminação pública.



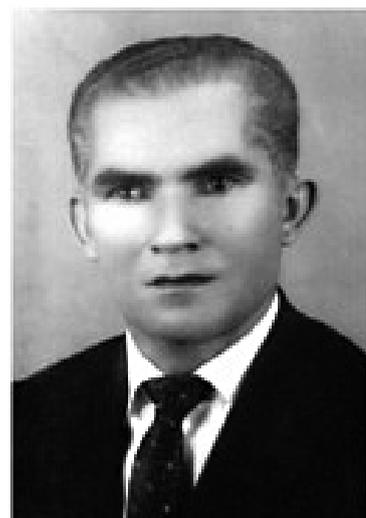
José Alexandre dos Santos (1936)

De vendedor de frutas à porta de casa a líder do Grupo Coringa, um dos 13 filhos de João Alexandre dos Santos e Anália Lúcio, representa bem a memória de Arapiraca. Passando por várias etapas da vida, chegou a liderar o maior empreendimento alimentício de Arapiraca (com ramificação no Nordeste – fábricas aqui e no sudoeste da Bahia), é um dos símbolos da transformação econômica da região. A região e Arapiraca em especial viveu um grande período a monocultura do fumo. Ele soube, com determinação, transformar isto. É um líder econômico. Enveredou na política, sendo prefeito de Arapiraca no período de 1989 a 1992.



José Lúcio de Melo (1911/1974)

Nascido, como o irmão João Lúcio da Silva, no sítio Caititus, e órfão aos nove anos, foi caixeiro (comerciário) na mercearia de Luís Pereira Lima. Depois, passou a trabalhar por conta própria, como farmacêutico e foi até industrial: fundou a primeira indústria de Arapiraca, “Charutos Leda”. Em 1947, ingressou na política, a pedido do amigo e senador Rui Palmeira, tendo sido vereador pela UDN, por quatro vezes, de 1948/1951; de 1952/1955; de 1956/1959, e de 1960/1962. Como deputado estadual, foi eleito por três vezes: de 1963/1966; de 1967/1970, e de 1971/1974. O primeiro ginásio de esportes de Arapiraca é em sua homenagem, prestada pelo governador Guilherme Palmeira. Foi, junto com o irmão Manoel Lúcio da Silva, um dos fundadores do Clube dos Fumicultores.



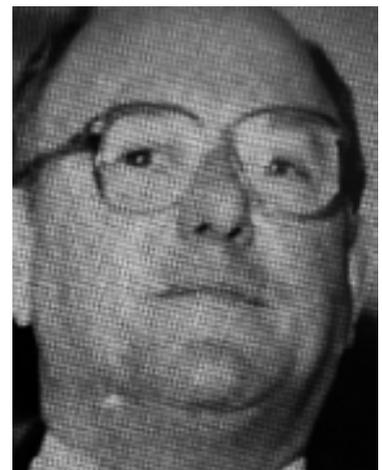
José Pereira Lúcio (1931/2005)

Bisneto do fundador de Arapiraca, foi um político por natureza. Aluno da professora Francisca Macedo, fez o primário no Grupo Adriano Jorge; o antigo ginásio, fez em Maceió, no Colégio Marista e no Guido de Fontgaland. Estudou o curso clássico no Colégio Estadual da Bahia (Central), indo terminá-lo no Rio de Janeiro, no Colégio Jurema. Foi político, exercendo, aos 23 anos, o cargo de vereador de Arapiraca, em 1954, pela UDN (União Democrática Nacional), fundada por seu pai. Assumiu interinamente a prefeitura e, em 1958, foi eleito deputado estadual com 27 anos de idade. Depois, foi deputado federal, a partir de 1963, por duas legislaturas.



José Sylvio Rodrigues Cavalcante (1938/2013)

José Sylvio Rodrigues Cavalcante, bisneto de Esperidião Rodrigues, sempre foi uma das figuras mais importantes no crescimento e desenvolvimento de Arapiraca. Foi, inicialmente, professor primário no antigo Instituto São Luís e, depois, como contabilista, exerceu o professorando no Ginásio Nossa Senhora do Bom Conselho. Desportista, foi presidente do ASA, como também exerceu a presidência do Clube dos Fumicultores. Mas, foi no cargo de diretor de Finanças de Arapiraca que mais contribuiu para o crescimento do município, nas gestões de João Batista Pereira da Silva e Severino Leão. Era, sem sombra de dúvidas, um humanista, gentil.



José Zeferino Magalhães (?/?)

José Zeferino de Magalhães nasceu no bairro Cacimbas, filho de Manoel Antônio Pereira de Magalhães e Ana Maria da Silva Valente. Seu pai era sobrinho de Esperidião Rodrigues da Silva, o emancipador de Arapiraca. Casou-se com Antônia América Cavalcante Magalhães. Era comerciante e, em 1908, participou da fundação da Sociedade Musical União Arapiraquense. Em 1917, colaborou com a criação do Tiro de Guerra. Foi um dos membros da Junta Governativa até a posse de Esperidião Rodrigues como primeiro prefeito de Arapiraca. Hoje, há somente um descendente direto, Leondeney Cavalcante de Souza Guerra. Em 1904, com Arapiraca passando por uma grande crise na saúde de seus filhos, que surgiu a figura do arapiraquense Zeferino Magalhães. Uma epidemia de febre tifóide (ou foi de peste?) Os historiadores divergem) acometeu a todos, com centenas e centenas de mortes. A verdade é que morreram inúmeras pessoas, dentre elas Fabião Augusto de Macedo e Manoel Antônio Pereira de Magalhães, pai de José Zeferino de Magalhães.



Jovelino José de Lima (1936)

Filho do povoado Cavaco, hoje um dos prósperos bairros de Arapiraca, sempre gostou de música, conciliando o amor à arte a profissão de agricultor (plantava fumo). Desde os 14 anos, quando via a banda passar nas ruas de Arapiraca – a Banda de Música do Clube dos Fumicultores, sentia vontade de ali estar também. Com o incentivo do maestro Nelson Palmeira, foi se afeiçoando cada vez mais com os instrumentos musicais, apaixonando-se pelo clarinete. Seu pai, que não o queria naquele ramo, após muita insistência, aquiesceu. Jovelino, com o passar do tempo, participou de conjuntos musicais e da saudosa Banda de Música do Clube dos Fumicultores, tornando-se, também, maestro. É de sua autoria, afora inúmeras músicas carnavalescas, a composição musical do hino do ASA, letra do professor Pedro de França Reys. Tocou vários carnavais no Clube dos Fumicultores, que hoje só existe na memória. Também tocou no Jaraguá Tennis Clube, no Iate Clube Pajuçara e na ASPLANA, antigos clubes de Maceió.



Letícia Barbosa (1930/2005)

Nasceu no Sítio Mocó, zona rural de Arapiraca. Mesmo comerciante na rua do Comércio (praça Manoel André) foi uma política. Era correligionária de Luís Pereira Lima, fazendo parte da Coligação Democrática de Arapiraca. Foi a segunda mulher a assumir uma cadeira na Câmara de Vereadores em 1958 (pelo Partido Democrático Social). Depois, filiou-se ao MDB. Como vereadora, foi autora do projeto de lei que criou a Biblioteca Municipal.



Luís Evangelista Luizinho (1933)

O desenvolvimento esportista em Arapiraca passa pelo futebol. Desde a construção da estrada de ferro, trecho que ligava Arapiraca a Porto Real do Colégio, que os jovens daquela época já disputavam longas partidas de futebol. Um desses arapiraquenses foi Luís Evangelista, goleiro do ASA; e campeão estadual em 1952. O título somente foi reconhecido muitos anos após, graças ao empenho do torcedor e advogado José Pereira.



Manoel Ângelo Sobrinho - Né Ângelo 1919/2011)

Durante toda sua vida foi um batalhador. Com 16 filhos para criar (entre eles, João Nascimento, que foi prefeito de Arapiraca), labutou em currais de fumo e como pecuarista. Sempre morou entre os bairros de Baixão (onde nasceu) e Cavaco e era nessa região que ajudava os mais necessitados, doando feijão, milho, leite, todos frutos de sua terra, que ficavam nos sítios Breu, Cavaco, Canaã.



Manoel de Oliveira Barboza (1929 /2013)

Durante mais de cinquenta anos, esse arapiraquense fez parte da primeira escola particular de Arapiraca, juntamente com o fundador Pedro de França Reys. Era o Instituto São Luís, cujas bancas serviram a milhares de crianças de Arapiraca e/ou vindas de municípios vizinhos. Foi, também, membro atuante do Lions Clube de Arapiraca e um dos fundadores da Casa dos Velinhos São Vicente de Paula, a Casa dos Velinhos, onde participou ativamente durante grande parte de sua vida. Ali, foi velado.



Manoel Leão (1890/1954)

Um visionário. Foi dele o primeiro automóvel de Arapiraca (um caminhão Ford, ano 1919, que como consumia muita gasolina, tinha o apelido de “marvoso”). Também foi dele, depois de uma visita a Penedo, o primeiro cinema da cidade, que funcionou por muito tempo na hoje praça Marques da Silva (onde antigamente foi o Banco da Lavoura de Minas Gerais), o cine Leão, no início de 1944. Era fomicultor, um ricaço da época. Morreu atropelado por um trem quando atravessa em uma moto a linha que separava o centro da cidade ao Baixão.



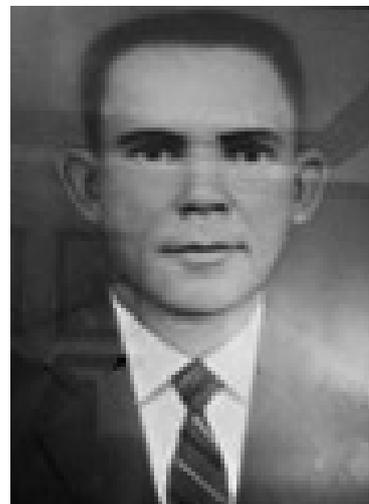
Manoel Lúcio Correia (1876/1953)

Com a Revolução de 1930, foi nomeado Intendente de Arapiraca (de 13/03/1933 a 18/08/1934). Depois, em 1948 foi eleito vereador, assumindo na 1ª Legislatura (de 1948/1949) o cargo de 2º Secretário da Mesa Diretora; na 2ª Legislatura (de 1950/1951), foi 1º Secretário da Mesa Diretora. Era neto de Manoel André (filho de Maria Rosa dos Santos e de Lúcio Roberto da Silva). Um dos seus irmãos foi Tibúrcio Valeriano da Silva.



Manoel Lúcio da Silva - (1906/1961)

Um dos três irmãos Lúcio (Manoel Lúcio da Silva, José Lúcio de Melo e João Lúcio da Silva) e o único que não participou da política partidária. Com seu irmão José Lúcio de Melo era proprietária da primeira indústria de charutos e cigarros da região: a Fábrica Leda. Foi fundador e presidente do Clube dos Fumicultores e da Banda de Música do Clube dos Fumicultores, que teve Nelson Palmeira como um de seus maestros. Pai de políticos, Severino Lúcio e Dalmácio Lúcio e do médico José Carlos da Silva (vereador por duas legislaturas) é nome de rua no bairro Cacimbas.



Marcelino de Paula Magalhães (1877/?)

Filho de Manoel Antônio Pereira de Magalhães e neto de José Veríssimo dos Santos. Era irmão de José Zeferino de Magalhães e primo de Esperidião Rodrigues (tendo sido casado, em 1899, com Antônia Nunes). Antes da emancipação política de Arapiraca, Marcelino de Paula Magalhães foi subdelegado de polícia em 1919, considerado pessoa de mãos firmes - o terror dos ladrões. Era comum para ele a aplicação de penas acessórias as mais violentas, como cortar a mão do delinquente; ou, o mais grave, enfiar prego na cabeça do detento pego roubando. A notícia de sua violência se espalhou rapidamente, “trazendo a Arapiraca paz e tranquilidade” durante muito tempo.



Maria Cleonice Barbosa de Almeida (1932/2015)

Nasceu em Arapiraca, no dia 11 de maio de 1932. Filha de Lino Barbosa da Silva e de Maria Fragoço Barbosa. Casou-se em 1960, com o bancário José Edson de Almeida, vindo ser mãe de quatro filhos: Cledja, Cleudson, Cledvan e Cleurdson. Iniciou seus estudos em Arapiraca, vindo a concluí-los em Maceió no Instituto Estadual de Educação, conhecido pelo excelente nível educacional, onde se tornou professora. Sua vida profissional iniciou-se pelo Colégio Bom Conselho, onde lecionou por vários anos, sendo em seguida nomeada professora para o então Grupo Escolar Adriano Jorge, em que sua mãe D. Maria Fragoço, uma das primeiras professoras de Arapiraca, lecionou e atuou como diretora, ao lado de sua tia Amália Fragoço. Após o Adriano Jorge, a professora Cleonice, como ficou conhecida, foi transferida para a Escola Estadual Prof. Quintella Cavalcante, onde atuou como professora de Geografia, vice-diretora administrativa e diretora.



Maria de Lourdes Barros (1948/2009)

Foi a primeira arapiraquense a ser Miss Alagoas. Com 19 anos, em 1967, foi eleita Miss Arapiraca e, logo após, Miss Alagoas, representando o estado no concurso Miss Brasil, inclusive em viagens internacionais, como Peru, Bolívia e Chile. Servidora do município de Arapiraca, concluiu, em Maceió, o curso de odontologia, profissão que exerceu por quase trinta anos. Casada, deixou três filhos. Morreu em 2009, vítima de leucemia mieloide aguda.



Maria de Lourdes Lima (1935/2019)

Filha de José Francelino e Maria de Oliveira Lima seguiu os caminhos de sua mãe, como zeladora da igreja de São Sebastião, situada na praça Marques da Silva. Alma caridosa, ofereceu abrigo a pessoas que, alguns tempos depois, quiseram se apropriar daquele prédio religioso, tombado como patrimônio imaterial de Arapiraca. A Justiça lhes deu ganho de causa. Como cuidadora e zeladora sempre patrocinou os festejos de São Sebastião em novembro (para fugir das festas da padroeira do município entre janeiro e fevereiro). Lourdes Lima foi servidora dedicada da prefeitura municipal, quando esta funcionava no prédio antigo da praça Luís Pereira Lima. Incentivadora, participava ativamente do preparo e apresentação dos concursos de Miss Arapiraca, que depois representavam a cidade no Miss Alagoas.



Maria de Lourdes (Albuquerque) Melo (1934/2022)

Nascida em 21 de setembro de 1934, na antiga praça Gabino Besouro (hoje praça Marques da Silva), um dos quatro filhos de Pio Matos Melo e Mariquinha (os outros foram Creuza de Albuquerque Melo, Tereza (Teca) de Albuquerque Melo, Niraldo Melo), sempre foi “os olhos” dos rapazes da cidade. Esbelta, bonita, Maria de Lourdes cativava a todos, com sua beleza, meiguice e educação. E cativou Claudenor de Albuquerque Lima, com quem se casou em 21 de fevereiro de 1952, e com quem teve os filhos Cléa de Albuquerque Melo, Carlos de Albuquerque Melo, Claudete de Albuquerque Melo, Claudênia de Albuquerque Melo e Cláudia Maria de Melo Lima. A família sempre participou e ainda participa da política arapiraquense - seu sogro, Luís Pereira Lima foi prefeito de Arapiraca (1948/1951), o ex-marido, deputado estadual por três vezes em 1951/1951, 1955/1959, 1959/1963, o neto Edwilson (Dudu) Fábio de Melo Barros deputado estadual em 2003/2007 e 2007/2011, e o bisneto Breno Couto de Albuquerque Melo é deputado estadual atualmente.



Maria de Oliveira Lima (1905/1989)

Mãe de nove filhos, moradora da rua do Cedro (hoje avenida Rio Branco), foi a primeira mulher a ocupar uma cadeira na Câmara de Vereadores de Arapiraca, escolhida que foi pelo prefeito Guilherme Araújo, e que tinha a finalidade de ajudar na administração municipal. Fez parte, entre 1936/1937, da gestão que tinha como companheiros José Lúcio da Silva, Amâncio Barbosa, Josué Messias, Fausto Correia, entre outros. Com a ida de seu primo, José Zeferino Magalhães para o Rio de Janeiro em 1935 ficou encarregada como zeladora da Igreja de São Sebastião. Exerceu com denodo o cargo, até quando faleceu, em 1989.



Maria José de Matos Mateus – Dedé Leão (1928/2004)

Filha de José Mateus Sobrinho, proprietária com o marido Rui Leão, do tradicional Bar e Restaurante Leão, situado no Largo Dom Fernando Gomes. Tinha como característica receber seus clientes. Um deles, que vinha para as feiras de segunda-feira, era o João Sampaio, tio do ex-governador Guilherme Palmeira, e proprietário de terras no Prata, município de São Miguel, e das Dunas de Marapé, hoje no município de Jequiá da Praia. Gostava de “botar cartas”, que dizia lhes mostrar os futuros das pessoas.



Maria Leão de Melo – Lia Leão (1927/2012)

Arapiraquense do sítio Mangabeiras (filha de Antônio Leão de Melo e Joana Maria da Conceição), já trabalhava na roça (em terras de seu irmão Neposiano) com dez anos de idade. Sempre se mostrou em todos os sentidos uma religiosa, começando em 1942 a frequentar a igreja de Nossa Senhora do Bom Conselho, atuava na catequese e no ofício religiosa, além de cantar nas missas e novenas. Em 1970, durante uma grande seca, tomou a iniciativa de realizar novena de 45 dias em louvor de Nossa Senhora, com romaria e deixando a santa cada noite em uma residência. Em 1976, novamente, por sua iniciativa, os arapiraquenses fizeram nova romaria. Como da primeira vez, no último dia das rezas, choveu forte em Arapiraca. Participou ativamente das santas missões de Frei Damião.



Mário de Oliveira Lima (1921/1986)

Filho de José Francelino de Oliveira e Maria Oliveira Lima. Na infância, contraiu poliomielite e passou a ser cuidado pelos avós maternos Rozendo Vieira e Melo conhecido como Rozendo Lima por ter nascido no dia de Santa Rosa Lima e Cristina Lima de Oliveira. Estudou no Grupo Adriano Jorge onde não chegou a concluir o curso primário. Ainda pequeno, teve paralisia infantil e, numa época de escassos médicos, ficou deficiente, com falta de mobilidade em uma perna. A deficiência física não foi empecilho para o seu desenvolvimento. Desde jovem se destacava pelo seu empreendedorismo. Montou uma oficina de bicicletas onde consertava, alugava e vendia. Nessa época casou-se com Ivete França e teve 4 filhas. Resolveu investir no ramo de sorvetes e inaugurou a Sorveteria Pinguim localizado na Praça Marques da Silva onde comercializava sorvetes e picolés e o famoso combinado Pinguim com cobertura de doce de banana.



Miguel Valeriano da Silva (1930/2007)

Padre Aldo de Melo Brandão, quando da morte do promotor de justiça, professor e diácono Miguel Valeriano assim se manifestou: *“Estudou Direito e, por concurso, foi nomeado Promotor Público... exerceu a função com muita probidade como homem de caráter que era como professor de Português, História e Filosofia, lecionou no Colégio N.S. do Bom Conselho; no Quintela Cavalcante, onde também foi diretor e na Faculdade de Formação de Professores. Foi educador emérito, cuidando com muito êxito da formação intelectual, moral e ética dos seus alunos.”* Foi professor de português no Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho (antigo ginásio) e no Colégio Estadual Quintela Cavalcante. Promotor de Justiça Estadual e Diácono Permanente da Igreja Católica por mais de 20 anos. Miguel Valeriano da Silva era bisneto do fundador de Arapiraca, Manoel André, e uma das figuras mais populares do seu tempo.



Nelson Rodrigues Correia (1927/2001)

Neto de Esperidião Rodrigues. Bacharel em Direito em 1952 pela Faculdade de Direito de Alagoas foi, em 1950, um dos fundadores do Ginásio Nossa Senhora do Bom Conselho, tornando-se, pouco tempo depois, seu professor e diretor. Foi, também, professor de Direito Penal da FADIMA (Faculdade de Direito de Maceió). Na magistratura alagoana, iniciou como juiz em 1955, exercendo atividades nas comarcas de Piranha, Piaçabuçu, Igreja Nova, Passo do Camaragibe, Traipu, Viçosa, Maceió. Assumiu o cargo de Desembargador do Tribunal de Justiça de Alagoas em 1996. Também exerceu o cargo de juiz efetivo do Tribunal Regional Eleitoral de Alagoas. Era, antes de tudo, um apaixonado pelo ASA. Deixou, sem concluir, material sobre sua cidade com o título de Pesquisa Histórica de Arapiraca.



Odilon Ferreira Leão (1926/1995)

Fumicultor, comerciante e político, exerceu a vice Prefeitura de Arapiraca na gestão do prefeito João Batista Pereira da Silva, de 1970 a 1973 (assumiu a prefeitura uma vez, quando o prefeito fez viagem a Brasília). Além do trabalho diário, era um folião e tinha gosto pelo carnaval arapiraquense, tanto o de salão (Clube dos Fumicultores) quanto o de rua. Durante muitos anos, exerceu sua atividade de comerciante em sua loja à avenida Rio Branco.



Pedro Antônio dos Santos – Beregedé (1924/2002)

Agricultor, jogador e árbitro de futebol, boêmio, carnavalesco e um dos fundadores da *Bandinha do Dedé*. Este foi Beregedé (Pedro Antônio dos Santos), nascido em Riacho Seco, município de Arapiraca, morando, algum tempo, em São Paulo. Mas, foi aqui, como agricultor no ramo de fumo, em corda e em folha, que Beregedé se desenvolveu, ajudando, também, no crescimento de Arapiraca. Suas terras ficavam na região do Pé-Leve.

Para os amantes do futebol, Beregedé quase sempre aparecia aos domingos, trajando calção e pretos, camisa da mesma cor, chuteira, e, à boca, um apito. Era o árbitro que apoitava os jogos amistosos do ASA no *poeirão*, ainda sem gramado. Ou, para os carnavalescos, ele se apresentava os quatro dias de momo na *Bandinha do Dedé*, voltando para sua casa na quarta-feira de cinzas.



Pedro Balbino Sobrinho (1915/2000)

Pedro Balbino Sobrinho, brasileiro de Arapiraca, nasceu em 1915, no Sítio Serra dos Ferreiras, zona rural do município agrestino, era o filho mais novo da prole de quatro. Com a perda do pai aos cinco anos, sua mãe sustentou a família trabalhando para fazendeiros da região. Mais tarde com os filhos já adolescentes, resolveu investir na família e Pedro, o mais novo aos 17 anos, negociou arrendamento de terras e foram trabalhar de meeiros, nas plantações de fumo, feijão e milho. Em 1938, aos 23 anos, casou-se com Maria Vieira Balbino (conhecida como Dona Lia Balbino), donde nasceram 18 filhos, dos quais 14 sobreviveram aos percalços da vida e aos modelos da saúde da época.



Pedro Cavalcanti Neto (1920/2002)

Serventuário da Justiça desde 1934, foi um dos fundadores do Cartório do 2º Ofício de Arapiraca, assumindo o tabelionato até sua morte. Desportista e sócio do ASA, foi um dos fundadores do centro espírita kardecista Companheiros de Emanuel, onde fazia pregações e realizava atividades humanitárias. Era filho de José Cavalcante de Albuquerque e Maria Umbelina Albuquerque. Arapiraca muito lhe deve, por sua honradez e espírito público. Participou por diversas vezes da diretoria do clube de futebol ASA, sendo, também, membro da maçonaria local.



Serapião Rodrigues da Silva (?/?)

Era o quinto filho de Esperidião Rodrigues de Magalhães e Joana Belarmina Ferreira de Macedo. Foi jornalista em Maceió e participou ativamente do trabalho incansável de seu pai na luta pela emancipação política de Arapiraca. Conhecia muitos dos deputados alagoanos que aprovaram o projeto de lei de autoria de Odilon Auto tornando Arapiraca independente de Limoeiro de Anadia. Era, como se dia à época, “*um abridor de caminho*”. Mesmo morando na capital do Estado, não se esquecia de voltar a sua terra e participar, como músico, da banda “*União Arapiraquense*”, quer se apresentava em várias localidades de Alagoas. Foi pai do Mestre em Direito e professor universitário José Sylvio Barreto de Macedo, do médico psiquiatra e professor Gilberto Barreto de Macedo e da dra. Célia Rodrigues de Macedo. Fiscal de rendas da Secretaria da Fazenda de Alagoas’, é patrono da cadeira n° 20 da ACALA (Academia Arapiraquense de Letras e Artes).

Severino Barboza Leão (1944)

Filho de agricultor (João Barboza e Antônia Leão), exerceu os cargos de bancário (Banco do Nordeste do Brasil), secretário geral da prefeitura de Arapiraca (anos 70), prefeito (duas vezes) de Arapiraca, Secretário de Educação de Arapiraca, Agricultura Estadual de Alagoas e ex-reitor da Fundação Universidade de Alagoas, ex-FUNASA, atualmente UNEAL. Foi o responsável pela entrada na política arapiraquense dos ex-prefeitos Célia Rocha (foi Secretária de Saúde de Arapiraca), Rogério Teófilo (Secretário de Administração de Arapiraca) e o atual prefeito Luciano Barbosa como Secretário de Educação de Arapiraca. Foi também suplente de senador na chapa do senador Renan Calheiros. Na política, foi da ARENA (administração do prefeito João Batista Pereira da Silva) e PMDB (candidato a suplente de senador) na chapa de Fernando Collor de Mello.



Tereza Nelma da Silva Porto Viana Soares (1957)

Nascida em Arapiraca, a psicóloga (com pós-graduação) passou toda sua infância nesta cidade. Na capital de Alagoas, antes de ingressar na política, lecionou na rede pública de ensino. Presidiu a Associação Pestalozzi de Maceió por dez anos. Foi vereadora (quatro vezes), deputada federal pelo PSDB (2019/2023). Hoje, está no Ministério da Pesca. Exerceu e ainda exerce importância na defesa das pessoas com deficiência. No parlamento, apresentou inúmeras ações para com as pessoas com deficiência, na defesa das mulheres e das pessoas idosas. Foi a principal batalhadora para que fosse instalado em Arapiraca um núcleo de saúde contra o câncer, ligado diretamente ao município de Barretos/SP.



Terezinha de Souza Leite (1933/1998)

Foi uma educadora por excelência. Do ensino de música ao canto orfeônico (que lecionava no Colégio Bom Conselho, nos idos de 50/60), participou da feitura do livro *Alagoas*, editado pelo Ministério da Educação, através da Fundação Nacional do Material Escolar. Com licenciatura em Pedagogia (Psicologia e Sociologia na Educação) pela UFAL, em 1975, foi, também, professora concursada do Estado. Era filha de Firmino Leite, ex-prefeito de Arapiraca e irmã dos religiosos Darcy Leite e José Leite.



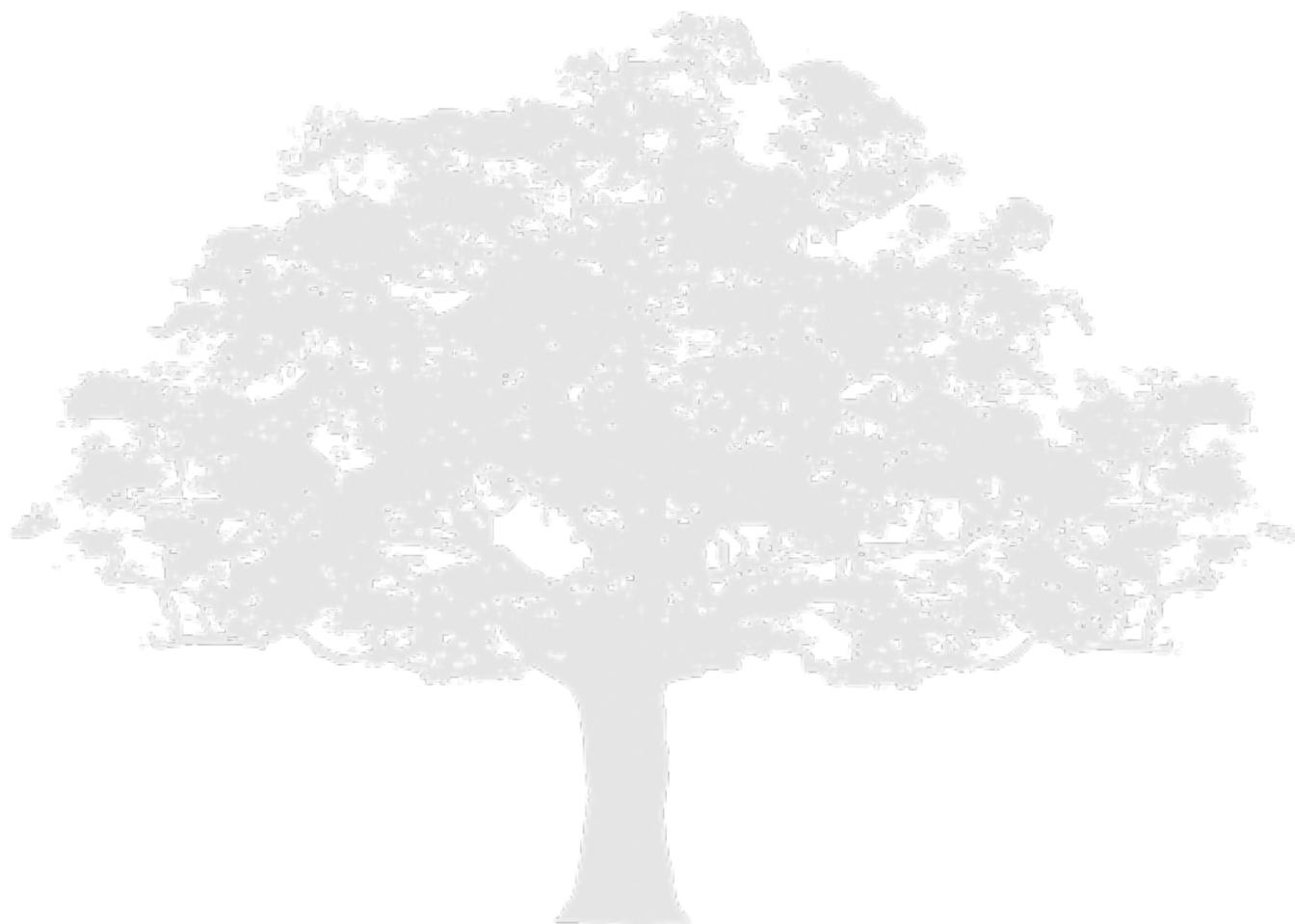
Vicente da Silva - Vicente Categoria (1945/2011)

Torcedor símbolo do ASA, jogou no time amador Ipiranga (do saudoso Clodoaldo Pedro da Silva – “seu” Coló) e no próprio ASA, em 1953, logo depois que o time se sagrou campeão alagoano. Era conhecedor profundo da “*Sportiva*”, possuindo um acervo de mais de 500 fotos, inclusive com o famoso Garrincha, quando ele jogou pelo ASA, no *Fumeirão*. Era também conhecido como o “rei das embaixadas”. Vicente foi agraciado pela diretoria do clube arapiraquense, recebendo uma medalha como o torcedor símbolo e tema de reportagens pela revista Placar e pelo Fantástico, da Rede Globo.



4ª Parte

Os que fizeram Arapiraca Os migrantes



Aos que aqui chegaram

Não só dos nativos vive um povo. A formação de um lugar é a conjunção entre os filhos da terra e os migrantes, vindos não se sabe de onde, mas determinados a se estabelecerem. Principalmente numa miscigenação salutar com os terrenos. Bem disse o poeta de Lagoa da Canoa (canoense), Judas Isgorogota (pseudônimo de Agnelo Rodrigues de Melo): *“Vocês não queiram mal aos que vêm de longe, aos que vêm sem rumo certo: as tempestades é que nos atiram para as praias sem fim ...”*.

Carroceiros, que se transformaram em transportadores; políticos, que foram industriais; mestres de oficina, que construíram automóveis; estudiosos que foram mestre na educação; vendedores de carvão, que se transformaram em industriais; peladeiros, que foram mestres na arte da bola, E por aí vai: “os que vêm de longe, os que vêm famintos, os que vêm rasgados de dar compaixão, os olhos parados, os pés doloridos, pisando saudades calcadas no chão ...”

Sem dúvida, a criação de Arapiraca deu-se primordialmente com a chegada do migrante Manoel André Correia dos Santos. Logo depois, cunhados, irmãos, primos. E formaram um povo: os Correias, os Rodrigues, os Magalhães, os Lúcius, os Ribeiro, os Leite e outros eram os nativos. Disse, ainda, o poeta: *“vocês nunca souberam o que é tempestade na vida de um homem ... e nem saberão! É a seca na mata ... e o mato rangendo, é a terra tostado, virando zarcão...”*

Palavras do Migrante

Elionaldo Maurício de Magalhães Morais, nascido em Lagedo (PE), em 25/03/1948, aqui chegou criança, acompanhando os pais José Atanázio de Morais e Noêmia Magalhães Morais. Fez os estudos secundários no Ginásio Nossa Senhora do Bom Conselho, terminando o superior, curso de Direito, na Universidade Federal de Alagoas. Seu primeiro emprego público foi como fiscal de rendas da Secretaria da Fazenda do Estado de Alagoas. Exerceu, ainda os cargos de Secretário Executivo do Ministério da Fazenda; foi Secretário da Indústria e Comércio de Alagoas, diretor presidente da CBTU (Companhia Brasileira de Trens Urbanos) e Superintendente da SUDENE. Na política, exerceu, por três vezes, o cargo de deputado estadual (PDS e PTB). Hoje é empresário na área da construção civil e hotelaria.



Suas palavras:

“Cem anos após a vinda de um Magalhães (Terezinha Nunes Magalhães, mãe de José Veríssimo da Silva Magalhães e avó de Esperidião Rodrigues da Silva) para Arapiraca aqui cheguei: vim com meus pais, José Atanázio de Morais e Noêmia Magalhães Morais, e os irmãos Célia, Eraldo, Eliane, Eli Mário, Elônia e Eli Jânio, em 1961. Todos Magalhães originários de Lajedo, Pernambuco. Minha outra irmã, Clésia, já aqui nasceu, um ano após.

“A vinda de toda a família para Arapiraca deu-se graças a Paulo Lins e sua esposa Lindinalva; ele era pastor presbiteriano, e ajudou meu pai a abandonar a política partidária e violenta de Lajedo. Aqui conclui o curso primário, fiz o admissão ao ginásio e estudei (o antigo ginásio e o científico) no Ginásio Nossa Senhora do Bom Conselho, depois Colégio Bom Conselho.

“Afora as aulas, ajudava meu pai numa fábrica de macarrão — Macarrão Paladim —, o sustento da família. Com esforço, fiz vestibular na UFAL, Faculdade de Direito, em 1974, especializando-me, depois, nas áreas financeira e tributária. Através de concurso público, cheguei a fiscal de rendas do estado, exercendo os cargos de diretor-geral da Receita de Alagoas. Depois, fui coordenador geral de Administração Tributária e secretário interino da Secretaria da Fazenda do Rio Grande do Norte. No estado da Paraíba, exerci o cargo de diretor do serviço federal de processamento de dados, em convênio com o governo federal. No governo de Marco Maciel, também exerci a diretoria geral da Receita de Pernambuco e fui secretário interino da Fazenda. No governo federal, fui secretário de economia e finanças do Ministério da Fazenda.

“Na política alagoana, representando Arapiraca, fui deputado estadual por três vezes

(a primeira, em 1982, pelo PDS; a segunda e terceira, em 1986 e 1992). No governo Collor, fui superintendente da SUDENE

“Outros cargos vieram, como: secretário da Indústria, Comércio e Turismo de Alagoas, secretário do Planejamento e secretário geral da prefeitura de Maceió, além de diretor-presidente da Companhia Brasileira de Trens Urbanos – CBTU, com sede no Rio de Janeiro.

“Tudo isto, partindo de Arapiraca, que me ofereceu as oportunidades. Aqui, quando a cidade completa 100 anos de emancipação, sendo a segunda mais importante do estado, uma economia pujante e para onde convergem diariamente pessoas de todos os rincões. As atividades socioeconômicas, seu comércio, sua pecuária e uma indústria que se levanta, ao lado de uma ampla diversidade de atividade nas áreas da educação, saúde, tecnologia e serviço.

“Sem dúvida, meus pais souberam escolher, com a ajuda inestimável de Paulo Lins, Arapiraca como a terra prometida. Para si e seus filhos.

“Honra-me, sobretudo, ser um migrante arapiraquense. E fazer parte dos Magalhães e Moraes.”

Acebílio Vieira Leite (1934/1992)

Nascido em Mar Vermelho, filho de Jocelina Rodrigues Vieira (Mãe Nina), viveu toda sua vida, primeiro como jogador de futebol e, depois, como *bedel* (chefe de disciplina) do Ginásio Nossa Senhora do Bom Conselho. No ASA, de onde só saiu uma única vez para jogar pelo Propriá (SE). Foi considerado o melhor meio de campo já surgido em Arapiraca. Era um craque de bola, diziam os cronistas esportivos da época. Antes mesmo de abandonar as chuteiras, Acebílio era “o braço” direito do diretor do CBC, José Moacir Teófilo, junto aos alunos das épocas de 60/90. Foi homenageado pela municipalidade com o nome em um ginásio de esportes na escola fundamental João XXIII.



Adalberto Pereira Rocha (1917/2015)

Nascido nos Pilões, zona rural de Feira Grande (antiga Mocambo), participou ativamente nos municípios pelos seus desenvolvimentos. Agricultor, pecuarista, comerciante foi um dos proprietários da Cerâmica Arapiraca, situada na Baixada Onça (fundada por Geraldo Lira, Florisvaldo Magalhães, engenheiro José Lira e economista Djalma Pereira Rocha, este filho), entre os dois municípios. Fundou a Radar (revenda de carros Fiat), a Panificação Rio Branco, o Café Coringa (na rua Aníbal Lima), participou da criação da Companhia Telefônica de Arapiraca. Em Feira Grande era pecuarista e fumicultor. Em Maceió, além de proprietário de postos de gasolina, tinha uma revenda de autopeças na Avenida Fernandes Lima, a Morape. Era irmão do fundador do ASA, Antônio Pereira Rocha, e de Alírio Pereira Rocha (Alino), proprietário do primeiro caminhão Ford Roquete de Arapiraca, em 1958.



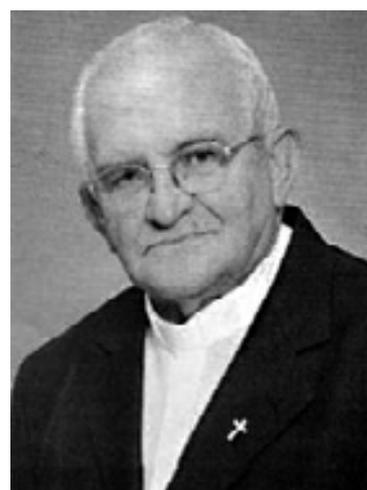
Alfredo Vieira de Araújo - Alfredinho (1948/2004)

Nascido em Santa Cruz do Capibaribe, chegou em Arapiraca ainda menino. Por conta própria, aprendeu a dedilhar as cordas de uma guitarra. Logo, logo enveredou pela música; primeiramente, a *jovem guarda*; depois, foi um eclético músico. Ah, mas Alfredinho foi um mestre na música nostálgica, na *dor de cotovelo*, na música *brega*. Fez parte de Os Notáveis.



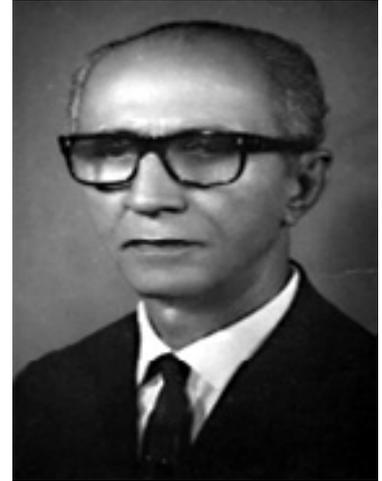
Aldo de Melo Brandão - padre Aldo (1927/2015)

Viveu 62 dos seus 88 anos de vida como sacerdote católico. Destes, 24 como pároco em Arapiraca. Foi mais que um sacerdote: autor de inúmeras obras sociais e religiosas, como Creche Meu Lar, Casa da Menina, Unidade de Recuperação Nutricional, Marcenaria Jesus e José, Capela da Divina Providência, Rádio Comunitária A Voz do Povo, A Voz de Deus, Escritório de Obras Sociais e era representa do jornal O Mensageiro. Morreu como Monsenhor da Igreja Católica.



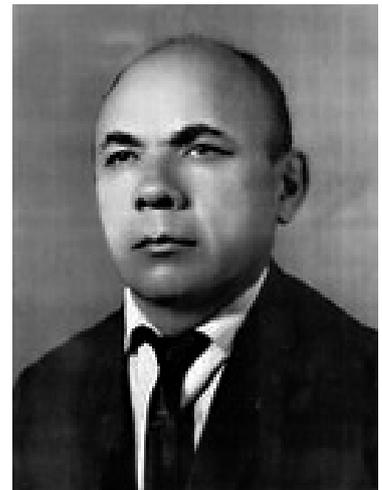
Alípio de Oliveira Caldas (1902/1982)

Nascido em Rio Largo, e com experiência no ramo de farmácia, chegou em Arapiraca e foi logo se instalando como farmacêutica na praça Gabin Besouro (depois praça Marques da Silva). Ali, além do comércio de remédios, juntava amigos. Com o tempo, lançou-se na política, sendo eleito vereador (foi presidente da Câmara Municipal). Representou o município de Arapiraca no II Congresso Nacional dos Municípios, que se realizou em Minas Gerais. Sempre foi um conciliador. Desgosto com a política, foi para a capital Maceió, onde terminou seus dias como servidor da Assembléia Legislativa Estadual.



Alonso de Abreu Pereira (1920/ 2012)

Nascido em Olho D'Água das Flores (AL), aqui chegou em 1944 e foi viver do comércio, sendo, em pouco tempo, um dos maiores comerciantes (armazém de secos e molhados) do município. Entrou na política, tendo sido vereador (1958) e deputado estadual (1966), não conseguindo, porém, alcançar seu maior desejo: ser prefeito. Participou ativamente da vida social e esportiva de Arapiraca, como membro do Clube dos Fumicultores, fundador do Lions (1966), do Clube dos Lojistas e da Maçonaria (1963). Foi presidente do ASA e um dos fundadores da Companhia Telefônica de Arapiraca - CTA.



Amphilophio Calazans de Souza Guerra (1888/1972)

Vindo de Brumado (Ba) até Palmeira dos Índios e, de lá, a Arapiraca, foi uma das figuras mais importantes nas atividades liberais do novo município. Casado com Elfrida Cavalcante de Souza Guerra, defendeu os mais pobres nas lides advocatícias, sem nunca de ter curso de Direito. Era um rábula (advogado provisionado). Amigo de Graciliano Ramos que, quando morou em Palmeira dos Índios, deixou com os filhos, a máquina datilógrafa que pertenceu ao escritor alagoano e lhe havia sido ofertada como gratidão e afeto. Fundou o primeiro Tiro de Guerra de Arapiraca. Chegou a ser sócio do jornalista Pedro da Costa Rego (em lavras de pedras preciosas na região do Poção, localidade conhecida como Bonsucesso), que assumiu o governo e instalou o município de Arapiraca.



Antônio Limeira da Silva - Antônio da Pipoqueira (1945)

Da Lagoa de São José (PE), onde nasceu em 1945 até Arapiraca, quando chegou em 1948 com três anos de idade, Antônio da Pipoqueira, como ainda é hoje conhecido, sempre foi um batalhador. Durante muitos anos participou do corpo de funcionários da Sorveteria Pinguim (mais precisamente a partir dos 15 anos). Vendia, principalmente, picolés: saía logo cedo pelas ruas da cidade, oferecendo o gelato; muitas vezes, ia até os lugarejos mais distantes, como Mocambo, Lagoa da Canoa, Craíbas. Depois, por problemas físicos – não podia mais andar com desenvoltura – Antônio passou a vender pipocas (daí seu segundo nome), criando, com seu trabalho, seis filhos. Durante muitos anos, depois que perdeu a visão, Tonho da Pipoqueira passou a sustentar a família com o resultado de sua Lanchonete Santo Antônio, onde conta “histórias e causos”. Orgulha-se de ter em seu poder mais de dois mil discos de vinil, que ainda hoje os ouve.



Antônio Felinto de Oliveira (1917/1992)

Nascido no povoado Peri Peri, no interior de Limoeiro de Anadia, o jovem Antônio Felinto de Oliveira resolveu expandir suas ideias, sua força de trabalho, e veio para Arapiraca, onde se instalou no início da antiga rua Boca da Caixa, hoje rua 15 de Novembro. Ali instalou seu armazém onde vendia de tudo, principalmente produtos de ferro. Era o boom das construções de alvenaria, com o uso ainda incipiente de ferros nas estruturas dos imóveis. Daí para especializar sua casa de comércio, com o sugestivo nome de Armazém dos Ferros, em vendedora de peças para carros, foi um pulo. Antônio Felinto, então, visionário, notou o crescimento do uso de carros, de automóveis a caminhão, pelas ruas e estradas do novo município, surgido em 1924. E sabia vender: *“aqui só tem peças legítimas vindas de fora do Brasil. Pode confiar!”*



Antônio Vital Sobrinho (1924/1985)

Nasceu no antigo povoado Rio Morto, quando este pertencia a Arapiraca (hoje o distrito de Novo Rio, de Igaci). Durante sua vida foi importante comerciante (loja de material de construção na praça Manoel André, em frente ‘a Igreja Matriz). Depois, estabeleceu-se na rua Estudante José de Oliveira Leite, além de loja de eletrodomésticos na praça Manoel Leão. Participou ativamente da vida intelectual de Arapiraca, sendo um dos incentivadores na criação da rádio Novo Nordeste. É nome de rua em Arapiraca.



Antônio Pereira Rocha (1919/2016)

O feiragrandense nasceu nos Pilões, zona rural deste município vizinho, mas foi em Arapiraca que viveu grande parte dos seus 97 anos. Foi, durante algum tempo, considerado um nômade: murou no Recife, em Montes Claros (Minas Gerais) e na capital São Paulo. Foi em Arapiraca, entretanto, que ficou mais raízes, inclusive fundador e primeiro presidente do ASA - Associação Sportiva de Arapiraca, sucessora do Ferroviário Atlético Clube. Pai da médica e política Célia Rocha. Durante muito tempo, na política arapiraquense foi fiel aliado dos udenistas João Lúcio da Silva, José Lúcio de Melo, Pereira Lúcio e Marques da Silva.



Argentina Melo de Brito (1934)

Nascida em Lagoa da Canoa, percorreu parte do Brasil à procura de dias melhores: com 21 anos, chegou em Maceió para estudar Contabilidade; em São Paulo, aprendeu datilografia e ingressou no Banco da Lavoura de Minas Gerais. Depois de três anos, voltou ao Nordeste, onde foi morar em Recife. Depois, veio a cidade de Bom Conselho, Pe, onde concluiu o curso Pedagógico. Voltou a Lagoa da Canoa. Em 1964, resolveu definitivamente viver em Arapiraca, fundando na rua do Sol (depois foi para a rua Manoel Leão) uma Escola de Datilografia. Durante muitos anos ensinou a arte de escrever através da máquina datilográfica a inúmeros arapiraquenses.



Artur Alves da Silva (1910/1988)

Nascido na Vila de Cajueiro, antigo município de Conceição do Paraíba, em 1910, chegou a Arapiraca nos idos de 1949, morando na rua Lúcio Roberto. Nos fundos da igreja de Nossa Senhora do Bom Conselho, às segundas-feiras, colocava uma máquina de “tirar retrato”, em cima de um pano vermelho, tendo ao lado vidros com “óleo de capim e de mutamba”, para curar inúmeras doenças. Era o primeiro retratista a tirar fotos de homens e mulheres de Arapiraca. Posteriormente, instalou-se na praça Bom Conselho, aos fundos da igreja do mesmo nome, com o Foto Brasil. Um dia, um senhor de estatura mediana, trajando calça de azulão, chapéu de massa, molho de chaves à cintura, o indaga. “Como é seu nome, meu filho, e qual sua origem?” Após a resposta, disse: “Aqui é bom. Respeite, capriche, e tudo dará certo. Sou o Cel. Luiz Pereira Lima, seja bem-vindo!”



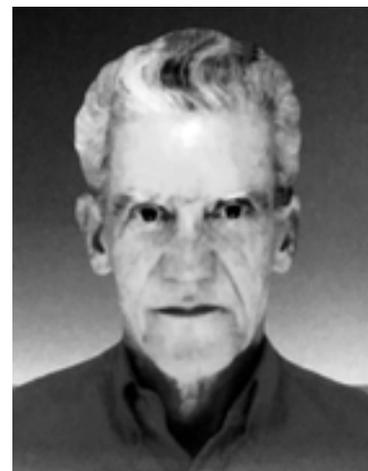
Aurília Vieira Pereira (1928/1996)

É de Mata Grande (AL), de onde saiu com três anos de idade para Palmeira dos Índios (AL). Ali, conheceu Joaquim Bezerra Pereira com quem veio a se casar em 1947. Após, veio morar em Arapiraca, onde, juntamente com seu marido, desenvolveu diversas atividades, inclusive sendo a primeira mulher arapiraquense a dirigir um automóvel. Daí, para dirigir um caminhão (com combustível) e comercializar pelos municípios vizinhos, foi rápido. Sempre junto com o esposo, abriram loja de autopeças, o “Hotel Magistral” (na praça Gabino Besouro, depois Marques da Silva). Possuiu até uma empresa de ônibus, em Maceió (Auto Viação Pajuçara). Candidata a vereadora, em 1960, ficou como suplente. Depois, apoiou seu marido, que foi eleito. Por tudo, é nome de rua no bairro Eldorado, em Arapiraca.



Benedito Galvão Ribeiro (1931/2019)

O baiano de Conceição de Almeida, que foi registrado como Benedito Galvão Ribeiro, chegou a Arapiraca com 36 anos e trouxe uma vasta experiência no tratar do fumo, desde a plantação e classificação a orientação para o beneficiamento, além de gerenciamento de compras, egresso da empresa Guararapes, Importação e Exportação Ltda, de Salvador. Outras experiências: Demam & Cia Ltda (exportadora de fumo), Acomel (Importadora e Exportadora de Fumo Ltda), da qual chegou a ser sócio. Expert em tudo que se relacionava ao fumo, desde quando chegou em 1967, aplicou seu conhecimento nas terras de Arapiraca. Até que fundou, em 1979, a CAPA – Comercial Arapiraquense de Produtos Agrícolas Ltda, produtora de capa escura para charutos e exportadora de fumo em folha.



Benício Alves de Oliveira (1916/1956)

Nascido no sítio Nogueira, em Anadia, em 1916, destacou-se, antes de sua vida em Arapiraca, como empregado da empresa Comércio e Construção, que prestava serviço a Great Western – linha de ferro Maceió/Porto Real do Colégio. Era apontador de obras. Em Arapiraca, além de continuar o trabalho na linha férrea, enveredou-se no comércio (com armazém de secos e molhados no bairro de Cacimbas e outro em Lagoa da Canoa). Possuía um caminhão para fretes; na política, foi vereador, de 1954/1958, pela UDN, partido comandado pelo deputado e compadre José Marques da Silva



Carlos Rolf Schinke (1934/1972)

Nasceu na Alemanha, chegando ao Brasil (Bahia) com 14 anos, estudando e trabalhando na empresa Suerdieck. Logo veio para Arapiraca onde, no ramo de compra de folhas de fumo, foi dirigente. Como era uma empresa sazonal, havia a equipe permanente do escritório, bastante enxuta, e na época da safra, fazia-se contratação em massa, tudo era armazenado nos galpões da filial, que ficava localizada no bairro de Guaribas, até ser feito o enfardamento que saía em comboio para a Bahia. Também foi, quando a empresa saiu de Arapiraca, dirigente da Tabacalera do Brasil. Foi membro ativo do Rotary Clube e sócio nº 35 do Clube dos Fumicultores



Claudenor de Albuquerque Lima (1929/2009)

Filho de Luís Pereira Lima, logo se destacou na política, como o pai. Advogado, foi um dos fundadores do Ginásio N. S. do Bom Conselho (depois colégio CBC), tendo sido um dos primeiros diretores. Deixou o cargo para ingressar na vida pública: como deputado estadual foi eleito por quatro vezes: em 1951/1954 (PTN), 1955/1958 (PSD), 1959/1962 e 1963/1966 (PST). Em 1986, pela Coligação PMDB-PTB-PcdoB e PSC não conseguiu se eleger. Durante seus mandatos, influenciou a política de Arapiraca. Fundou, também, a Rádio Cultura de Arapiraca. Na política, neto e bisneto o seguiram como deputado estadual.



Deusdeth Barbosa da Silva (1937)

Suas origens são de Murici, vindo para Arapiraca depois de ter passado por Palmeira dos Índios, onde estudou as primeiras letras e casou-se. Aqui, a partir de 1970, seguiu a carreira de professora, primeiramente no CBC (Colégio Bom Conselho), depois ensinou também história. Foi professora também no Grupo Hugo Lima (gestão João Batista Pereira da Silva) e na Escola Antônio Cezário (Lagoa do Rancho), participando do corpo docente da Escola Quintela Cavalcante (Colégio Estadual). Fez licenciatura na Faculdade de Formação de Professores do Primeiro Grau (primeira escola de nível superior de Arapiraca). Educadora por excelência, fundou o IESC, com cursos de Pedagogia e História.



Domingos Motta Accioly (1880/1977)

Foi o primeiro interventor de Arapiraca, nomeado em 17/12/1930 pelo governo de Osman Loureiro. Ficou no cargo até 1940. Foi casado com Ana de Barros Motta, que viveu de 1901 a 1988. A revista O CRUZEIRO, em 30 de setembro de 1940, publicou uma reportagem acerca de seu governo: *“É na zona central do Estado de Alagoas que se acha situado um dos seus municípios progressistas. Pode-se afirmar sem receio de contestação que Arapiraca, na orientação sadia do prefeito Domingos Motta Accioly, atingiu a um gráo sensível de desenvolvimento que abrangiu todos os sectores de sua vida politico-administrativa. Na sua superfície de 414 quíilometros quadrados realizou o prefeito Domingos Motta Accioly um verdadeiro milagre de trabalho, construindo numerosas rodovias, fomentando a agricultura local e beneficiando, emfim, as classes trabalhadoras com a sua visão de edil zeloso e dynamico.”* (A ortografia é a usada à época).



Domingos Vital da Silva (1904/2000)

Oriundo da Serra da Pitombeira, seis quilômetros do distrito de Novo Rio (antigo Rio Morto, Igaci), era casado com Ana Barbosa da Silva, e, com três filhos (José, Isaura e Abílio) chegou a Arapiraca em 1937, estabelecendo-se no Alto do Cruzeiro, adquirindo uma propriedade na Serra do Porco. Com o fim do Estado Novo e redemocratização do país, foram criados os partidos políticos e Domingos Vital ingressou na política partidária, sendo um dos fundadores da UDN – União Democrática Nacional. Foi, o que se pode dizer, um exemplo de dignidade e cidadania, sendo considerado o vereador do século, falecendo aos 96 anos.



Dr. Edler Tenório D'Almeida Lins (1917/2000)

Com mais de 50 anos dedicados à medicina, foi sempre o médico de família em Arapiraca. No início, consultando de casa em casa; depois, como um dos proprietários da Casa de Saúde Nossa Senhora de Fátima, onde sempre atuou no atendimento a pobres e ricos. Filho de Mar Vermelho (AL), foi em Arapiraca onde viveu mais de cinco décadas dos seus 83 anos de vida. Era pai dos médicos Aliomar de Almeida Lins, Fernando de Almeida Lins e do policial rodoviário federal Clodoaldo de Almeida Lins. Foi uma referência para jovens médicos.



Dr. Djacy Correia Barbosa (1931/2013)

Cientista a sua maneira, o médico era também um altruísta. Durante dezenas de anos foi médico de família, atendendo pessoas indistintamente de posição política e/ou econômica (Arapiraca convivia com duas facções partidárias: udenistas e pessedistas). Diplomado em medicina em Salvador, Bahia, nos anos 50, trabalhou arduamente até fundar, sozinho, um hospital, o Afra Barbosa (no início, era uma clínica na rua Lúcio Roberto), legado que deixou para seus herdeiros. Era um visionário.



Dr. Geraldo Cavalcante Cajueiro (1929/2013)

Geraldo Cajueiro, como gostava de ser chamado, ou simplesmente Dr. Geraldo, atuou por muito tempo como médico clínico-geral em Arapiraca, onde se fixou com sua mulher, também médica, Dagmar Cavalcante, em 1955. Como médico, foi contratado como perito da Previdência Social em 1960; médico-perito coordenador das perícia médica do agreste, em 1965; integrou a equipe nacional de inquérito epidemiologista de tracoma no estado do Espírito Santo, em 1970; integrou a equipe nacional de tracomologista para avaliação de epidemia em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, em 1980; assumiu a chefia de coordenação da perícia acidentária e renda mensal-vitalícia – R.M.V., em 1981; coordenador da perícia médica rural – FUNRURAL, em 1982; médico sanitaria de último nível do Ministério da Saúde, em 1983.



Dr. Geraldo Lúcio da Silva (1927/2016)

Nascido em Palmeira dos Índios (filho de Francisco Lúcio da Silva e Elvira Lúcio da Silva), cursou o ensino primário em Arapiraca e o médio no colégio Guido de Fontgalland de Maceió. Ingressou no 59º Batalhão de Infantaria Motorizada do Exército Brasileiro, indo, após cursar medicina na Universidade Federal de Pernambuco, com especialização em dermatologia e leprologia. Foi um dos fundadores da Casa de Saúde Nossa Senhora de Fátima. Fora da medicina, foi membro do Lions Clube, várias vezes presidente do Clube dos Fumicultores de Arapiraca e sócio fundador da Companhia Telefônica de Arapiraca, que depois foi adquirida pela Telasa. Só uma vez fez incursão na política, sendo candidato a prefeito de Arapiraca em 1978.



Dra. Dagmar Cavalcanti Cajueiro (1930/2024)

É atalaiense. Aqui chegou com o marido (em 1955), o médico Geraldo Cavalcanti Cajueiro, depois de formada em medicina pela Universidade Federal de Pernambuco, em 1954. De início, foi uma pequena clínica na avenida Rio Branco, onde atendia e realizava pequenas cirurgias. Foram muitos os problemas enfrentados pela médica, pois Arapiraca não tinha nenhuma casa de saúde, apenas postos de saúde. Ela saía pelos sítios, onde fazia muitos partos. Após encerrar sua vida como obstetra, passou a trabalhar no 5º Centro da Secretaria de Saúde de Arapiraca e na primeira gestão da Prefeita Célia Rocha, em 1997, passou a atuar na Junta Médica que funcionava na Secretaria de Administração. Encerrou suas atividades como médica em 2000.



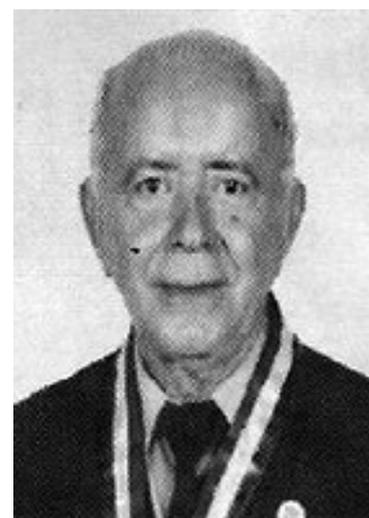
Dr. José Fernandes de Lima (1929/2006)

Clínico geral, estabeleceu-se na avenida Fernandes Lima onde, juntamente com outros colegas (Édler Lins, Geraldo Lúcio, Judá Fernandes), estabeleceram a Casa de Saúde Nossa Senhora de Fátima. Era um altruísta, tratando a população com atos além da medicina. Um de seus maiores feitos foi fundar uma instituição para acolher a população mais idosa, garantindo proteção e saúde conhecida como Casa dos Velinhos. Foi presidente da instituição mantenedora por 22 anos (Sociedade de Assistência São Vicente de Paula), cuja inauguração teve a presença do Núncio Apostólico do Brasil, Dom Sebastião Baggio). Era um médico de família.



Dr. Judá Fernandes Lima (1933)

Nascido em Viçosa, tornou-se médico em 1960, e, logo depois de especialização em São Paulo, em 1963, radicou-se em Arapiraca. Foi, durante muitos anos, o primeiro cirurgião, ostentando o título de especialista em Ginecologia e Obstetrícia. Sempre foi participante de atividades nas áreas médica, religiosa, cultural (membro da ACALA – Academia e Artes e Letras de Arapiraca) e social. Membro do Lions Clube, e, entre outros: da Rádio Novo Nordeste (AM e FM), diretor presidente da empresa EDINNOL (Empresa de Divulgação Novo Nordeste Ltda. Cidadão honorário de Arapiraca.



Durval de Brito – Durval Chicote (1917/1976)

Filho de primos (José Francisco de Brito e Ave-
lina Francisca de Brito) e natural de Pesqueira, Pernam-
buco, primeiro se instalou na região de Lagoa de Dentro,
exercendo a mesma atividade daquela região agrestina: a
agricultura. Gostava de praticar a vaquejada, pois, mes-
mo com deficiência em um olho, era exímio vaqueiro,
principalmente na pega do boi, competindo em vaque-
jadas por diversas partes do Brasil, daí ser conhecido
como Durval Chicote. Amealhou inúmeros prêmios,
deixando para sua descendência e amigos arapiraquen-
ses um legado de humildade, honestidade e dignidade.



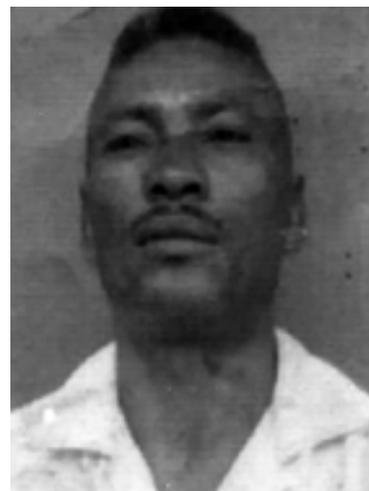
Edgar Pacheco Lima (1922/1984)

Veio de Ouro Branco (hoje Arcoverde - PE)
para Arapiraca com 25 anos e aqui se instalou como me-
cânico, acompanhando seu cunhado Cândido que era
mecânico. Desenvolveu seu trabalho quase sempre na
hoje rua Fernandes Lima. Em final dos anos 70 mudou-
-se para a avenida Ventura de Farias. Uma das façanhas
do mecânico Edgar foi montar um Ford 1946 em sua
oficina, que ainda hoje pertence a seus descendentes e
funciona normalmente. Deixou nove filhos.



Elias Ferreira da Silva (1914/1994)

Era pernambucano de Belo Jardim, chegando a Arapiraca em 1953, indo morar na rua 30 de Outubro. Depois, quando já morava na praça Marques da Silva instalou o Hotel Brasil, que foi considerado o melhor da cidade e, também, era o representante da companhia de ônibus Progresso – que fazia a linha Caruaru – Penedo, com paragem obrigatória em Arapiraca. Depois, representou a viação Princesa do Agreste, que ia até Salvador. Bom carnavalesco, não perdia folia e foi, inclusive, um dos fundadores da Escola de Samba Gigante do Ritmo, organizado por seu genro Seba, antigo zagueiro do ASA. Essa escola, depois passou a ser chamada de Escola de Samba 30 de Outubro.



Floriano de Oliveira França (1902/1990)

Nascido em Sertãozinho, município de Major Isidoro, ano de 1902, chegou em Arapiraca para trabalhar da Great Western, que construía os trilhos da Rede Ferroviária do Brasil, trecho Arapiraca-Porto Real do Colégio. Naquele tempo, assumiu o barracão que dava assistência aos funcionários da estrada de ferro, numa época em que inúmeros imigrantes deixaram a terra natal e se agregaram ao enorme contingente de funcionários da CCC. Após deixar o trabalho, estabeleceu-se no Hotel Brasil, na então Rua Nova (atual praça Dep. Marques da Silva), onde a família passou a residir. Era um dos personagens da Sorveteria Pinguim, pai de Ivete França.



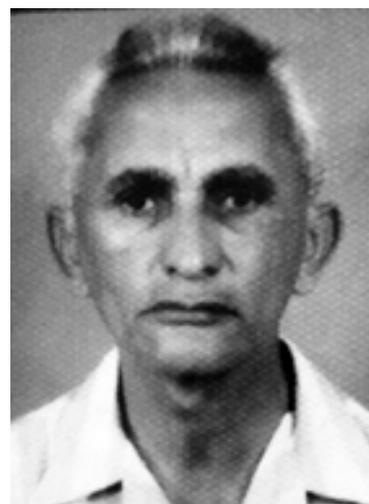
Francisco Pereira Lima (1905/1996)

Aqui chegou na década de 20, oriundo de Serra Talhada (Pe), conhecida à época como Vila Bela. Foi comerciante (Loja Brasil), fumicultor e pecuarista. Ingressou na política pelas mãos do prefeito João Lúcio da Silva, tendo administrado a municipalidade de 1961 a 1965. Adquiriu, com recursos próprios do município, a primeira máquina caterpillar para abrir e conservar estradas. Sua administração é considerada uma das melhores de Arapiraca, pela sobriedade, desenvolvimento e honestidade. Era irmão de Luís Pereira Santos e primo de Luiz Pereira Lima. Foi auxiliado como secretário geral da prefeitura pelo advogado e promotor Miguel Valeriano da Silva. A família o homenageou, durante a missa de 7 dia, com a frase: *“O que você conseguiu fazer foi modificar o seu nível de consciência, bem mais evoluído do que você deixou”*.



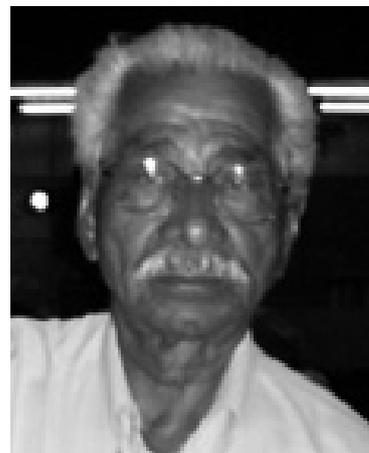
Geraldo Lira (1922/1999)

Nascido no Mocambo (hoje Feira Grande), cedo se instalou em Arapiraca. Primeiro, foi comerciante de secos e molhados, com loja na praça Manoel André, onde logo foi um dos maiores comerciantes do município. Instalou uma indústria de beneficiamento de algodão, às margens do trevo Padre Jeferson de Carvalho. Foi um dos primeiros sócios da RADAR - primeira revendedora de produtos FIAT do município; também foi sócio da maior cerâmica de Arapiraca. Participou da sociedade que trouxe ao município os primeiros telefones, a CTA - Companhia Telefônica de Arapiraca. Sua instrução educacional não passou do antigo primário, mas foi presença marcante nos empreendimentos econômicos, sociais e religiosos do município. Era um dos aliados de João Lúcio da Silva, participando ativamente da política local, como membro da antiga UDN - União Democrática Nacional. Por seu domínio nos negócios, muitos o consideravam, na prática, um economista.



Henrique Honório Silva - Pernambuco (1929/2016)

Nasceu na Serra do Boi em Garanhuns – PE e chegou em Arapiraca em 1941, aos 12 anos. Vendia bolos da sua irmã Elisa Boleira. Foi um dos primeiros carroceiros de Arapiraca, junto com seu Lorde, seu Liberalino, seu Cantílio e outros. Foi, também, plantador de fumo, onde melhorou de vida, comprando uma camionete Ford amarela, passando depois para um caminhão Mercedes 1113. Casado com Maria Helena Silva em janeiro de 1949 constituindo sua família com 3 filhos (Geraldo, Everaldo e Eraldo) e 2 filhas (Maria Gleide e Cida). Muito espirituoso e brincalhão, fazia gozações de variadas situações, ficando famoso por várias “estórias”. Era conhecido por todos como Pernambuco.



Ivete França (1930/2018)

Remanescente da tradicional família do fundador de Major Izidoro, de quem é bisneta, e filha do comerciante Floriano de Oliveira França e Flora Bezerra França, Ivete nasceu em 10 de maio de 1930 e chegou em Arapiraca em 1937, quando seu pai aceitou o convite da administração da empresa Companhia Comércio e Construção (CCC). A adolescente Ivete França, uma criatura de fácil comunicação, extrovertida e com alegria contagiante, cativava a todos que frequentavam o Hotel Brasil, que além da clientela normal, recebia também os desportistas de Arapiraca, principalmente os torcedores do Flamengo. Ivete França sentia-se feliz, e misturava-se à juventude da época para defender arduamente o seu clube de coração. Em 1944, Ivete França participou das manifestações organizadas pela presidente da LBA (Legião Brasileira de Assistência), Margarida Oliveira, na Segunda Guerra Mundial, quando a juventude foi convocada para participar da campanha filantrópica em prol dos soldados de Arapiraca que lutavam nos campos gelados da Itália e necessitavam de agasalhos. Casada com Mário Lima, em 1950, Ivete França mostrou mais uma faceta de sua personalidade – a sua extraordinária capacidade de trabalho. Atuando ao lado do seu esposo, instalou a Sorveteria Pinguim na praça Dep. Marques da Silva, que passou a ser novo ponto de encontro da cidade.



Isabel Torres de Oliveira - Dona Bezinha (1924/2004)

Nasceu em Viçosa, Alagoas. Professora formada pela Escola Normal de seu município, já aos 11 anos de idade seguiu uma carreira que a fez estar nas salas de aula de Taquarana/AL, até chegar em Arapiraca/AL para assumir a direção da Escola Adriano Jorge. A partir daí, sucederam muitas outras. Percorreu várias matérias, oferecendo aos alunos desde aulas de Português, Literatura ou até mesmo Desenho – mais um de seus talentos. É de sua autoria, por exemplo, a criação da Bandeira e do Brasão do município de Arapiraca. É, também, autora da gramática “Flor do Lácio”, obra importante no ensino do português. Aprovada em 1º lugar no Concurso de Juiz de Direito da 1ª Entrância, no Tribunal de Justiça de Alagoas, foi, infelizmente, preterida sua nomeação por questões políticas e também pelo fato de ser mulher (ela seria a 1ª juíza de direito de Alagoas). Insatisfeita com a aposentadoria compulsória conquistada em 1997, resolveu criar o Colégio Arcanjo Mikael. Um impulso para que desse início a concretização de mais um sonho. “Devo ter sido chamada de louca”, comentou em sua autobiografia. Assim, através de sua tenacidade, viu aprovada e implantou a 1ª Faculdade de Direito do interior de Alagoas, o CESAMA.



Joana Vieira Silva - Joanhinha (1937/2022)

Nasceu em Palmeira dos Índios, chegando em Arapiraca quando tinha 12 anos de idade. Formada em pedagogia e em técnica de comércio, atuando no ramo de lavanderia. Foi, contudo, como primeira locutora (radialista) de Arapiraca que ficou conhecida. Primeiro, fundou a **rádio São Joaquim**, que funcionava em sua própria residência. Foi, também, locutora de serviços de alto-falantes que funcionaram no Largo Dom Fernando Gomes. Mas, foi na **Rádio Antena de Publicidade** (de propriedade da Prefeitura de Arapiraca) onde se destacou, ao lado de radialistas como J. Sá. Foi servidora da Prefeitura Municipal de Arapiraca.



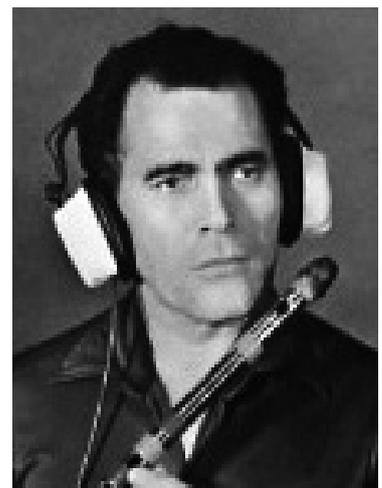
João Antônio da Silva (1931/?)

Veio em 1940 para Arapiraca (nasceu em Agrestina, PE). Aqui. No dia a dia, com muita determinação, transformou-se num dos principais comerciantes locais (vendia secos e molhados), instalado na rua São Francisco. Casado com Lacy Correia (filha de Né de Paula Magalhães), participou ativamente da vida econômica e social do município, tendo sido sócio da rádio Novo Nordeste e da Companhia Telefônica de Arapiraca.; Foi, também, um dos fundadores e sócio do Lions Clube de Arapiraca. Era figura participante ativo quando os arapiraquenses se reuniam e decidiam o progresso do município.



João Bibi dos Santos - João do Pife (1932/2009)

João do Pife, nascido em Porto Real do Colégio, aprendeu a tocar pífano ainda criança, quando ajudava os pais nas lavouras de fumo, em Arapiraca. Dono de uma musicalidade ímpar e autodidata, o menino logo começou a ganhar fama e a ser reconhecido pelo seu talento. No final da década de 1960 até o fim da década de 1980, João do Pife viveu a fase áurea de sua carreira artística, realizando shows em todo o Brasil, acompanhando o humorista “Coronel Ludugero” e tocando com artistas de renome nacional, a exemplo de Luiz Gonzaga e Dominginhos. Durante anos gravou inúmeros discos de vinil e foi considerado por Hermeto Pascoal um gênio da arte de tocar o pífano. Morreu aos 78 anos de idade, e teve reconhecido o seu talento pela Prefeitura de Arapiraca: à época, recebeu das mãos do prefeito Luciano Barbosa o “Troféu Arraiá da Integração”, em reconhecimento a preservação da música de raiz e a cultura popular.



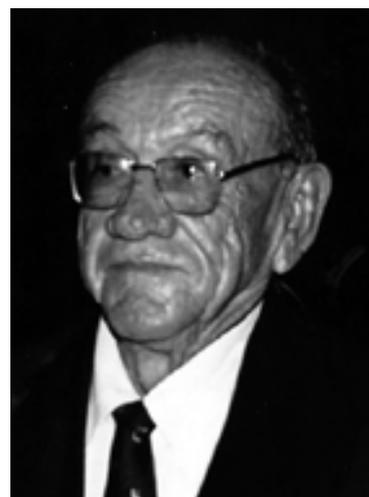
João Luiz Gomes (1936/2001)

Veio de Palmeira dos Índios. Grande empreendedor. Cedo, começou trabalhando com o pai, Manoel Luiz Gomes, como sapateiro. Depois, instalou uma sapataria na rua Anibal Lima. Um trágico incêndio, levou-o a abandonar o ramo e surgiu como uma movelaria na esquina entre a rua Anibal Lima e a praça Manoel André (comércio). Daí, estendeu revenda em Palmeira dos Índios, Santana do Ipanema, Maceió. Foi, também, grande desportista, apaixonado pelo ASA. Em suas folgas, pilotava avião (mais uma grande paixão) pelos céus de Arapiraca. Gostava do apelido de “*Malcher*”.



João Monteiro Araújo (1928/2007)

De origem paraibana, município de Teixeira, trabalhou na juventude na roça e na estrada de ferro. Chegou em Arapiraca em 1960, quando foi eletricitista da Força e Luz de Arapiraca, empresa pertencente a Valdomiro Barbosa (durante quatro anos). Seis anos após, foi trabalhar na recém-criada Companhia Telefônica de Arapiraca (foram 10 anos), até esta ser incorporada pela TELASA - Telecomunicações de Alagoas (10 anos na empresa). Aposentou-se em 1996.



Jocelina Rodrigues Vieira - Mãe Nina (1915/1989)

Analfabeta, nascida em Mar Vermelho (AL), chegou em Arapiraca ainda nos idos dos anos 40, à procura de novos ares na cidade grande. Sem instrução, foi trabalhar como faxineira (hoje chama-se zeladora) da mais nova instituição de ensino, o Ginásio Nossa Senhora do Bom Conselho nas novas instalações. E logo, logo, com sua vassoura e um pano para limpar as carteiras e os birôs, percorria pela manhã e pela tarde as primeiras três salas de aula do ginásio. Depois, autorizada pelo diretor José Moacir Teófilo, colocou uma cantina nas dependências do ginásio. Era a festa dos alunos. Mas não era conhecida pelo nome de Jocelina. Ela era a Mãe Nina, a segunda mãe de todo os alunos. Rígida, mas afável, fez parte da vida de milhares de alunos que passaram pelos cursos de ginásio, científico, pedagógico, comercial. Continuou a viver o Colégio Bom Conselho até perto de sua morte, em 13 de janeiro de 1989. Teve dois filhos, Acebílio Vieira Leite e Jurandir Vieira Leite, e adotou Valdenita Rodrigues Vieira.



Jorge Valença Neves (1924/1992)

Natural de São José da Laje, logo cedo trabalhou com seu pai na empresa de Distribuição de Água do município, que era de propriedade de seu pai, Clarício Valença Neves. Ingressou na algodoeira Lajense S.A. em 1944, como conferente. Casado com dona Maria Verônica de Andrade Neves, gerenciou a Algodoeira Lajense em Santana do Ipanema, em 1954. Chegou em Arapiraca no ano de 1961, trazendo a usina de beneficiamento de algodão e uma fábrica de óleo vegetal, tendo sido diretor executivo da Empresa Carlos Lyra S.A., no ramo de compra de folha de fumo. Participou ativamente da construção da Concatedral Nossa Senhora do Bom Conselho e da instalação da rádio Novo Nordeste, além de grande pecuarista.



José Atanázio de Moraes (1926/1991)

Nasceu em Canhotinho (Pe) em 1926, tendo sido vereador por duas vezes em Lagedo (Pe). Depois de divergências políticas, resolveu estabelecer-se em Arapiraca em 1960 quando aqui chegou junto com seu amigo Paulo Lins (o Paulo Crente). Instalando uma fábrica de macarrão na rua 15 de Novembro – o Macarrão Paladim, que depois foi estabelecido na rua Florêncio Apolinário, no bairro do Alto do Cruzeiro. Conseguiu com sacrifício encaminhar todos os filhos na educação, formando médicos, advogados, professores e jornalista.



José Canuto Sobrinho (1919/)

Nascido em Limoeiro de Anadia, em 17 de outubro de 1919, Zeca Canuto sempre fez parte do progresso e desenvolvimento de Arapiraca, aqui chegando em 1954. É, sem dúvida, uma **memória viva** do município que adotou. Foi comerciante na av. Rio Branco durante mais de 30 anos, como proprietário da Panificação e Mercearia Perseverança, em frente ao grupo escolar Adriano Jorge (que ali funcionou até o ano de 1984). Lúcido, casado com Dona Maninha e pai de três filhos. Mesmo com 100 anos, sempre reconhecia os amigos e relembrava dos velhos e bons tempos arapiraquenses. Morou na rua Manoel Leão.



José Carmo do Sá – JSá (1932/2017)

Artista plástico, teatrólogo, radialista, músico e poeta. Um homem da comunicação. Foi, sem dúvida, uma das maiores expressões artísticas que viveu em Arapiraca. Pioneiro na radiofonia arapiraquense, trabalhou no antigo cinema Leão; em 1951, apresentava a prece do *Ângelus* no serviço de som do município; em 1954, passou a trabalhar no cine Trianon; depois, foi para o serviço de autofalantes Tupã (funcionava com cornetas de som nas esquinas das ruas); trabalhou na rádio Cultura de Arapiraca (de Claudenor Albuquerque Lima) e na Antena de Publicidade (que pertencia ao município). J Sá foi locutor da primeira rádio oficial de Arapiraca, a Novo Nordeste, que surgiu em 1976. Foi, sem dúvida, símbolo da cultura de Arapiraca. Era filho de São Miguel dos Campos.



José Cícero dos Santos – Zé do Rojão (1938/2013)

Além de radialista, foi forrozeiro, cantor, repentista, compositor e vereador por Coité do Noia. Mas, foi na rádio Novo Nordeste onde começou a atuar desde 1976. Pela antiga gravadora Rozenblit (de Recife, Pe), gravou, em 1971 um forró que denominou de “Rojão”; daí, recebeu a alcunha de Zé do Rojão, dada pelo maestro Jovelino Lima, seu grande incentivador. Seu primeiro LP, chamado de Boca de Forno I, foi gravado em 1979 e, em 1980, gravou Boca de Forno II. Seu último LP foi intitulado Poesias Maturas. Natural de Taquarana, veio ainda menino (tinha seis anos) também atuou na morar no distrito de Lagoa do Rancho. Para a sede de Arapiraca, foi um salto. Zé do Rojão, além de conquistar Arapiraca, atuou nas rádios Liberdade de Aracaju e Tv Aperipê (Sergipe), Emissora Rural de Petrolina (Pernambuco), Rádio Sampaio de Palmeira dos Índios (Alagoas). Um grande artista.



José Ernesto de Souza - (o Moco) (1926/1985)

Nascido em Coruripe, chegou em Arapiraca em 1956, atraído pelo progresso e desenvolvimento do município. Vendeu o caminhão, do qual dependia o sustento da família (mulher, Maria José Lessa de Souza, e 11 filhos) e uma fazenda em Penedo. Com o resultado das vendas, montou uma das primeiras oficinas de carros da cidade. Em 1975, com visão, comprou maquinário no Recife (vindo da Itália) e construiu a Oficina São José Ltda, a primeira do interior de Alagoas, especialista em retífica de motores de carros. Faleceu no Recife, Hospital Real Português, acometido de um AVC isquêmico, deixando os filhos Marli, Marlene, José, Vera, Jorge, Ana, Helena, Paula, Luiza, Valdete e Adriano.



José Ferreira Barbosa (1918/1974)

José Ferreira Barbosa, natural de Lagoa da Canoa (AL), casado com Edith Barbosa de França, deixou cinco filhos: José Carlos Barbosa, engenheiro, agricultor e que foi também Presidente da Casal na área de Engenharia; José Paulo Barbosa, advogado, Sônia Barbosa Valeriano, professora; Silvete Ferreira Barbosa, supervisora de ensino superior, e Solange Barbosa Fonseca, funcionária estadual. Foi, além de proprietário de terras, pecuarista, empresário e vereador em Arapiraca por duas legislaturas (presidente da Câmara de Vereadores 1953/1954), representando o povoado de Lagoa da Canoa e, também, por pouco tempo, delegado de polícia em Lagoa da Canoa. Era cunhado do vereador Benício Alves e, ameaçado de morte, morou por alguns anos no Rio de Janeiro. Fundou em Arapiraca o maior cinema do interior de Alagoas: o Cine Trianon, em 1951.



José Gomes Pereira – Zezito Guedes (1936)

O historiador, escultor e folclorista Zezito Guedes é paraibano de Princesa Isabel, atual Juru. Sua vida, entretanto, é toda ela vivida aqui, onde concluiu todos os cursos, do antigo primário ao superior, formando-se em Letras pela Faculdade de Formação de Professores, hoje parte intrínseca da UNEAL. Mestre, não foi somente artesão (aquele que copia, mas artista plástico (aquele que cria), quando iniciou suas atividades em 1958. Membro da AAI (Associação Alagoana de Imprensa), participou de diversas exposições artísticas, de Recife, passando por São Paulo e Rio de Janeiro (sua primeira participação foi no I Salão de Artes de Arapiraca, em 1967. Zezito foi, por muitos anos, diretor do Departamento de Cultura do município. O museu de Arapiraca tem seu nome e a Câmara de Vereadores o agraciou com o Título de Cidadão Honorário de Arapiraca.



José Lima Mota (1920/2010)

Chegou a Arapiraca vindo de Penedo, apesar ser filho de Traipu (aqui chegou pelas mãos do penedense Sebastião Pessoa). Pouco tempo foi suficiente para o traipuense passar ao comércio do couro, com uma indústria de curtição. Casado com Vandete (Detinha) de Oliveira, José Mora instalou sua indústria perto do Açude do DNOCS. O comércio, na esquina da praça Gabino Besouro, depois praça Marques da Silva. Calmo, com uma educação exemplar, tinha uma paixão: era torcedor fanático do ASA (foi, por diversas vezes, membro da diretoria do clube arapiraquense). Foi, também, um dos sócios da rádio Novo Nordeste, fundada em 20 de agosto de 1976.



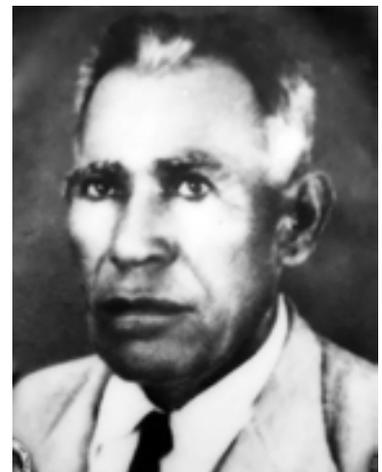
José Marques da Silva (1924/1957)

Nascido em Canudos (hoje o município de Belém/AL), com curso de medicina em Salvador (Ba), chegou, em 1954, a Arapiraca apresentado à família Lúcio pelo senador Rui Palmeira (UDN). Como médico clínico (geral), Marques da Silva logo angariou a simpatia e a confiança dos arapiraquenses. Entrou na política, tendo sido eleito o deputado estadual mais votado do estado, pela legenda da UDN. Combativo, entrou em conflito com políticos adversários (comandados por Luís Pereira Lima e seus filhos Claudenor Albuquerque Lima e Cláudio Albuquerque Lima, do PSD). Foi assassinado em fevereiro de 1957, em frente a Igreja de São Sebastião, na praça Gabino Besouro, hoje praça Marques da Silva, em sua homenagem. Antes, em carta testamento escrita ao presidente nacional da UDN (senador Milton Campos) denunciou os futuros assassínios, enumerando-os. Alguns que participaram do assassinato foram condenados



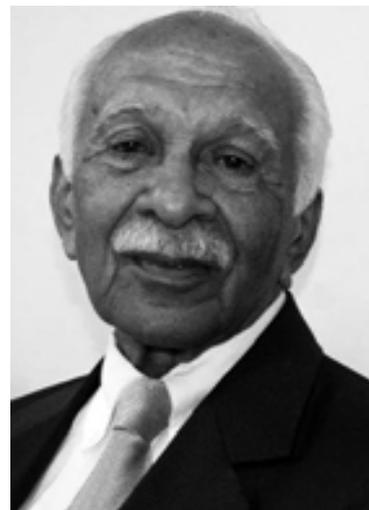
José Matheus Sobrinho do Nascimento – Zezé Moço (1896/1961)

Na formação de Arapiraca, seu crescimento e desenvolvimento não se pode esquecer a figura de Zezé Moço que, vindo de Pindoba, aqui se instalou, primeiramente como agricultor e plantador de fumo e mandioca na Lagoa do Rancho; depois, como comerciante de tecidos na hoje praça Manoel André. Foi casado, a primeira vez com Leta Mattos Melo, de Palmeira dos Índios, com quem teve 11 filhos (entre eles: Haroldo Matos Matheus, Valdemar Lopes Matheus, Amparo Matos, Maria José (Dedé) Matos Leão, Margarida Matos, Consuelo Matos e Aparecida Matos. Era um conservador nos costumes.



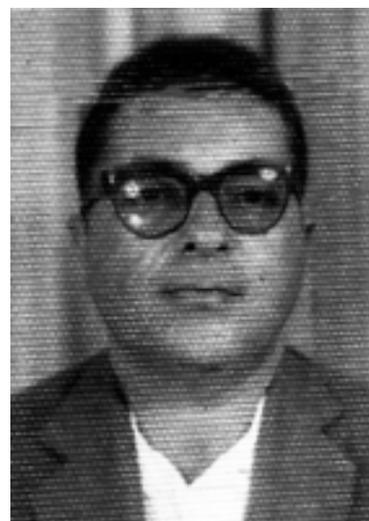
José Moacir Teófilo (1927)

A trajetória do Dr. José Moacir Teófilo é tão extensa quanto importante, não só para os seus familiares, mas para o município que o adotou e que ele se apaixonou logo que chegou, em 02 de novembro de 1954, como interventor do Ginásio Cenecista N. S. do Bom Conselho (nasceu no sítio Brejo, em 1927, zona rural de Taquarana, antiga Canabrava. Hoje o Brejo pertence ao município de Coité do Nóia). O seu espírito altruísta e de empreendedor educacional se fez valer, contribuindo com a fundação da Faculdade de Formação de Professores do 1o. e 2o. Graus do Agreste, atual UNEAL. Ele também enveredou no progresso de desenvolvimento da cidade e foi sócio fundador da Companhia Telefônica de Arapiraca, da Rádio Novo Nordeste AM e do Lions Club de Arapiraca. Participou como sócio, juntamente com Claudir Aranda Valeriano, do cinema Trianon. Também criou os cursos de Direito e Análise de Sistema, extensão do CESMAC para o Colégio Bom Conselho de Arapiraca. Atuou, durante muitos anos, como advogado. É ex-seminarista. Foi, por duas vezes, Secretário de Educação de Alagoas.



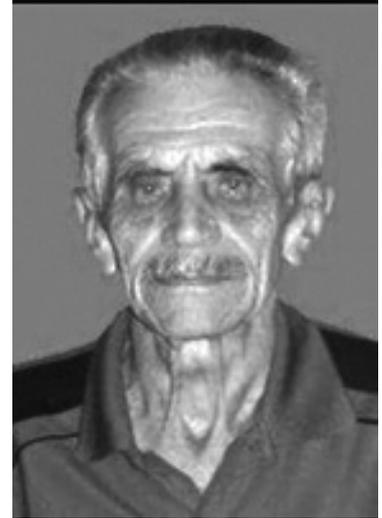
José Salustiano da Silva – José Salu (1924/1991)

Chegou ainda jovem no sítio Goitizeiro, zona rural de Arapiraca, vindo de sua terra natal, Viçosa. Ali cresce e casou-se com Antônia Rita da Silva, com quem teve 15 filhos. Antes de chegar à cidade (rua Boa Vista), foi comerciante, nos anos 40, no povoado Guaribas. Pouco tempo depois, tornou-se proprietário de padaria, Padaria Supapo, fazendo parte da Associação dos Panificadores de Arapiraca. Homem íntegro, foi sócio fundador do Clube dos Fumicultores. Mesmo semialfabetizado, fez de tudo para dar instrução a seus filhos.



Lauro Pereira de Carvalho (1927/2012)

Natural de Mauriti (CE), radicou-se na cidade de Arapiraca no ano de 1941, com 14 anos de idade, chegando à cidade, na companhia de seu genitor, após ficar órfão de mãe. Ainda muito jovem, após o falecimento do seu pai, Manoel Pereira da Cunha, foi morar em companhia de seu irmão “Nôzinho”, um conhecido alfaiate de Arapiraca, quando e com quem, então, aprendeu o ofício da arte de alfaiataria. Anos após, Nôzinho se transferiu para Brasília. Lauro, já como alfaiate conhecido e com grande freguesia na cidade, se estabeleceu na rua do Comércio. No ano de 1956, nas festividades carnavalescas da cidade, conheceu a professora Mirian Acioly de Vasconcelos, a qual namorou por 01 ano e contraíram matrimônio no dia 12/10/1957, na Igreja Matriz Nossa Senhora do Bom Conselho. Para criar seus filhos, além de ser alfaiate, Lauro também tinha uma lanchonete: Comercial Lanches, na praça Manoel André (rua do Comércio), centro da cidade de Arapiraca. Passou a residir na cidade de Maceió em 1986.



Leonor Luna Linhares - Irmã Maria Helena (1917/1992)

Fundadora do Colégio São Francisco de Assis, Leonor nasceu em Delmiro Gouveia (AL), tendo estudado os primeiros anos na cidade de Propriá (SE). Com apenas 15 anos, entrou no Convento das Irmãs Franciscanas Hospitalares da Imaculada Conceição, quando passou a se chamar de Irmã Helena do Espírito Santo. Após os votos, passou a viver em Penedo (AL), no Colégio Imaculada Conceição. Viveu, também, em 1945 em Aracaju, no Colégio Patrocínio de São José. Ainda como educadora, foi para Mossoró (RN), de onde retornou a Penedo. Em 1954, por solicitação do padre Epitácio Rodrigues ao bispo diocesano Dom Felício, foi designada para iniciar a construção do Colégio São Francisco de Assis. Faleceu em Aracaju, porém, a pedido do povo arapiraquense, aqui está sepultada.



Laurenço de Almeida (1915/1978)

Professor, poeta, prosador, político, “*bom vivant*”. Era um cavalheiro. Sempre solícito, nascido no engenho Triunfo, distrito de Cajueiro, em Capela (AL), chegou a Arapiraca em 1945, depois de percorrer Maceió, Quebrangulo e Limoeiro de Anadia (onde casou-se com Alvacy de Souza Vieira). Aqui, por muitos anos foi contador das empresas do cunhado Valdomiro Barbosa, principalmente na Força e Luz de Arapiraca. Na política, foi secretário-geral da Prefeitura de Limoeiro de Anadia e, em Arapiraca, vereador pelo PTN (Partido Trabalhista Nacional) e um dos aliados do PSD, que era liderado por Luís Pereira Lima. Foi professor do Ginásio Nossa Senhora do Bom Conselho, hoje CBC.



Luiz Pereira Lima (1905/?)

Chegando de Serra Talhada (Pe), em 1928, antes passou por Cacimbinhas (casando-se com Afra Albuquerque) e Palmeira dos Índios, instalou-se na Boca da Caixa, hoje rua 15 de Novembro. Ali, numa bodega, vendeu banana, pinha, jaca e até aguardente; depois, plantou, comprou e vendeu fumo em folha e fumo em corda. Cresceu rapidamente no comércio e enveredou na política. Foi eleito prefeito de Arapiraca, governando o município de 1948/1951. Dois de seus filhos, Claudenor de Albuquerque Lima (4 vezes) e Cláudio de Albuquerque Lima (uma vez) foram deputados estaduais. Elegeu o genro, Coaracy da Mata Fonseca (que foi casado com Severina (Silvia) de Albuquerque Lima), prefeito de Arapiraca.



Luís Pereira Santos (1910/1987)

Comerciante (Loja Santos e Miscelânea Sonora) e fumicultor, foi, durante o governo de Silvestre Péricles, delegado municipal de Arapiraca, exercendo o cargo com punhos de ferro. Era originário de Serra Talhada, Pernambuco, aqui chegando juntamente com o irmão, Francisco Pereira Lima. Era primo do ex-prefeito Luiz Pereira Lima. Foi, também, servidor do DER/PE. Sua casa comercial ficava situada onde hoje é a praça Manoel André (antiga rua do Comércio). Foi, por muitos anos, fumicultor.



Luiza Evangelista da Silva (1930/2012)

Nasceu no Coité do Noia, mas foi em Arapiraca que passou quase toda sua vida, ao lado do marido Higino Vital, comandando uma farmácia que ficava ao lado da Igreja Nossa Senhora do Bom Conselho (hoje Igreja do Santíssimo). Seu marido, ex-vereador, ex-deputado e prefeito de Arapiraca, fez dela seu sucessor na Assembléia Legislativa quando assumiu uma cadeira de deputada estadual. Aliás, foi a segunda mulher alagoana a ser deputada (MDB), entre 1975/1979. Faleceu em Maceió.



Manoel Ernesto Bezerra (1925/2009)

Vindo de Solânea (PB) em 1952 chegou em Arapiraca. Primeiro, como visitante. Gostou do que viu e foi buscar a esposa (Dalila) José Ernesto e Nilson Ernesto. Os outros 12 filhos aqui nasceram. Primeiramente, estabeleceu-se onde hoje é o edifício Mora (praça Marques da Silva). Depois, enveredou-se na fabricação de calçados, quando surgiu a fábrica Marcelo, com o *slogan*: "Se depender da Marcelo, o Nordeste andar^á calçado". Depois, veio a *Sapataria Confiança*, com filiais em Propriá (Se) e Maceió. Foi um grande empreendedor.



Manoel Severino dos Santos - Manoel Agostinho (1926/1993)

Nasceu em Agrestina, Pernambuco. Passou por Palmeira dos Índios, antes de se estabelecer em Arapiraca, em 1949. Aqui, começou como agricultor e marchante de porcos, com tarimba no Mercado Pública. Depois, estabeleceu-se na esquina entre a rua Anibal Lima e a praça Gabino Besouro (hoje, praça Marques da Silva), onde estabeleceu-se com uma mercearia. Depois, abriu um bar e restaurante no Largo Dom Fernando, com a denominação de Continental. Foi, posteriormente, dono da Eletrônica A Exposição, onde vendia bicicletas, rádios, máquinas de costura, eletrodomésticos e peças para automóvel. Daí, surgiu a primeira revenda de automóveis de Arapiraca, a ARAVEL, no mesmo Largo D. Fernando Gomes.



Maria Brito Melo - Maroquinha (1907/1974)

Nascida em Santana do Ipanema, casada com João de Brito (João Biu), foi, durante muito tempo, a pessoa encarregada para analisar e divulgar o tempo de Arapiraca. Diariamente, dirigia-se ao Observatório Meteorológico, que ficava situada na Sementeira (onde hoje é a sede da Universidade Federal de Alagoas), para colher dados e informá-los à capital federal. Foi a primeira mulher nomeada no interior de Alagoas como observadora do tempo. Deixou sete filhos.



Maria Carmelita de Barros Motta (1907/2001)

Segunda filha de Domingos Motta Accioly, era natural de Palmeira dos Índios. Administrou o Meridional Hotel durante muitos anos, como proprietária fosse. Solteira, dedicou toda sua vida no bem atender os hóspedes deste hotel situado na avenida Rio Branco, ponto de encontro de viajantes (vendedores para as inúmeras lojas de tecidos e armazéns) e novos inquilinos (bancários do Banco da Lavoura, Banco do Nordeste, Banco Freire Silveira, Banese). Era rígida no tratar dos hóspedes: só ia descansar nas noites frias de Arapiraca da época, quando o último hóspede se recolhesse. Morreu aos 94 anos, sempre atendendo bem. Com seu falecimento, o Meridional Hotel fechou suas portas.



Maria das Neves Barbosa Borges (1936/1993)

A professora Maria das Neves Barbosa chegou em 1962 a Arapiraca para passar as férias. Veio de São Paulo, onde trabalhava no IAA (Instituto do Açúcar e Alcool). Antes, já tinha estudado o ensino normal no Colégio São José, em Maceió. E aqui completou seu ciclo de educação, formando-se em Letras pela Faculdade de Formação de Professores do Primeiro Grau, em 1975, participando, também, na hoje UNEAL. Depois, foi ensinar, como professora municipal (escola Hugo Lima) e estadual (escolas Costa Rego e Quintella Cavalcanti), participando, também, do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL). É nome de uma escola fundamental no bairro São Luís. A taquaranense, que recebeu da Câmara de Vereadores de Arapiraca, em 1993 a Comenda Manoel André, era casada com o viúvo Aloísio Borges, com quem viveu de 1963 a 1981, tendo cinco filhos: Aloísio José, Luís Henrique, Hosana Cláudia, Felipe Rinaldi e Isabel Barbosa Borges.



Maria Fragoso Barbosa (1902/1991)

Nascida em Bom Conselho, Pernambuco. Antes de viver em Arapiraca, morou, quando criança, em Viçosa (AL) e Maceió, onde se formou como professora; lecionou em Colônia de Leopoldina. Chegou a Arapiraca em 1928, indo ensinar o primário (até o 3º. ano) em uma escola na rua 15 de Novembro. Participou, também, do coro da Igreja Nossa Senhora do Bom Conselho. Casou-se (1930) com o agropecuarista e comerciante Lino Barbosa da Silva, tendo sete filhos e um adotivo. É mãe da educadora Arapiraca. Além de mestra e educadora, era amante da cultura e do folclore: apresentou, anualmente (de 1953/1958), o pastoril da Igreja Nossa Senhora do Bom Conselho Cleonice Barbosa. Durante muitos anos, foi uma das mais prestigiadas educadoras do Grupo Escolar Adriano Jorge, fundado em 1940 com o nome de Grupo Escolar.



Maria Nina de Araújo – Madame Nina (1926/2014)

Paraibana de Patos (PB), onde cursou o primário no Colégio Cristo Redentor, chegou a Arapiraca em 1950. Aqui, após um curso na Paraíba (1951), instalou-se como a primeira cabeleireira no município, quando era conhecida como “Madame Nina”. Era casada com José Dias de Araújo, o “Bigodero”. Deixou três filhas e faleceu com 88 anos.



Nelson Soares Palmeira (1910/1995)

Nascido em Traipu. Viveu sua vida quase toda em Arapiraca. Foi o autor da música do Hino de Arapiraca. Saxofonista da Banda da Polícia Militar, chegou em Arapiraca no ano de 1952, onde fundou a Banda Musical da cidade, e participou, como maestro, da orquestra de bailes do Clube dos Fumicultores. O maestro Nelson Palmeira também fundou os conjuntos “NP7” (sigla de Nelson Palmeira e os 7 Músicos) e os “Notáveis”, grupo musical que fez bastante sucesso em Alagoas, nos anos 1960. Tinha bastante cuidado com seus músicos na famosa Banda de Música Municipal. “Cuidado, não quero ninguém fora do tom. Prestem atenção nas partituras”, dizia ele, apontando para um pedestal que ficava logo a sua frente quando estava regendo a bandinha. Os grandes carnavais de Arapiraca, nas décadas de 1970, 80 e 90, o maestro Nelson Palmeira, com a sua bandinha de Frevo, animava os foliões e as noites de Frevo nos clubes da cidade.



Padre Antônio Lima Neto (1927/1980)

Além de religioso, foi professor de português e latim (Ginásio N.S. do Bom Conselho, Colégio Estadual Quintela Cavalcante e Francisco de Assis). É de família humilde, nascido em Lagoa do Caldeirão, município de Palmeira dos Índios. Ordenado padre em 1951, foi pároco nas paróquias de Traipú, São Braz e Feira Grande, para, depois, assumir a paróquia de Santo Antônio, no bairro Cacimbas, em Arapiraca. Antes, foi capelão do Colégio São Francisco de Assis e coadjutor da paróquia N.S. do Bom Conselho. Humanista, com formação filosófica pela Faculdade de Letras e Filosofia, foi, também, um dos professores fundadores da Faculdade de Formação de Professores do 1º. Grau do Agreste, hoje UNEAL. Como escritor, foi publicado um livro post-mortem (**“Recados para os Meus Irmãos”**), sendo patrono da cadeira no. 13 da ACALA - Academia Arapiraquense de Letras e Artes.



*“Para mim
O viver é Cristo
E o morrer é lucro”*

Padre Epitácio Rodrigues (1905/1999)

Monsenhor Epitácio Rodrigues é filho de Teotônio Melo e de D. Doralice de Albuquerque Melo, sendo natural de Traipu. Nascido aos 18 de fevereiro de 1905, foi ordenado sacerdote em 24 de maio de 1931, em Maceió. Foi celebrante em Arapiraca a partir de 1935, tendo sido o primeiro pároco da Paróquia de Nossa Senhora do Bom Conselho, criada em 1944. Ali permaneceu até o ano de 1979, quando renunciou. Faleceu em 1999 e está sepultado na Igreja de São Sebastião. Em sua homenagem, Arapiraca escreveu:

“A MONSENHOR EPITÁCIO RODRIGUES

“18/02/1905 - 09/07/1999

“O reconhecimento e a gratidão do povo de Arapiraca, através do poder público municipal, por toda sua contribuição como servidor do “REINO” e como precursor do desenvolvimento integral do Cidadão/Cristão.

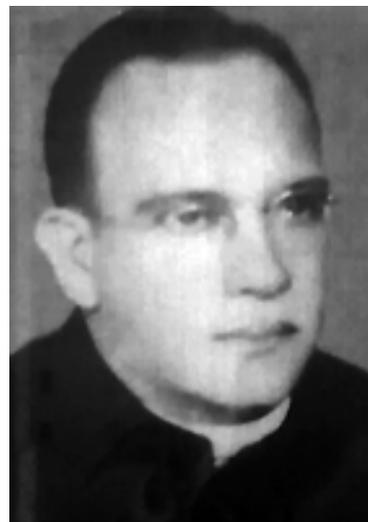
“Arapiraca, 09 de agosto de 1999.

“Ao 30º dia de seu viver a salvação em Plenitude”.



Padre Jefferson de Lima Carvalho (1917/?)

Sem dúvida, um dos grandes professores do Ginásio Nossa Senhora do Bom Conselho, onde lecionou francês nas décadas de 50/60. Era natural de Coruripe e, por muito tempo, padre auxiliar da igreja matriz Nossa Senhora do Bom Conselho. Era enérgico e participou do desenvolvimento do município, como religioso e professor de reputação ilibada. O município de Arapiraca, num reconhecimento de seu trabalho em prol principalmente da juventude arapiraquense, o homenageou dando seu nome ao trevo rodoviário localizado na entrada da cidade, separando o centro ao bairro de Canafístula.



Padre José Joaquim Maurício da Rocha (1916/?)

Nascido em Taquarana, vigário de Limoeiro de Anadia, viveu constantemente a vida religiosa de Arapiraca. Participou ativamente juntamente com os padres Epitácio Rodrigues e Jeferson de Carvalho da religiosidade arapiraquense. Era um religioso afável, bonachão e amigo. Foi vigário cooperador da paróquia de Traipú, vice-diretor do Ginásio Diocesano de Penedo, vigário da paróquia de Limoeiro. Padre desde 1942, era personagem constante na religiosidade do povo arapiraquense



Paula Francinete Cartaxo Melo - Dona Paula (1932/2011)

Maria Jucicleide Cartaxo Melo (que, depois, foi registrada como Paula Francinete Cartaxo Melo*) foi mais uma migrante absorvida por Arapiraca. Cearense de Mauriti, de família tradicional (os Cartaxo), aqui chegou em julho de 1952, primeiro “a passeio” (visitar sua irmã Maria Cartaxo Melo), em Major Isidoro, e depois, conhecer Arapiraca onde moravam seus parentes na antiga rua da Aurora, hoje rua Domingos Vital da Silva.

Alegre, brincalhona, risonha, fez logo amizades: uma delas, um rapaz conhecido como Nezinho, que às noites gostava de andar de bicicleta aso redor da praça da igreja de São José. De conversa em conversa, no início uma amizade, depois olhares, e o pedido de Manoel Pereira Filho ao casal Elias Sampaio e Ailza Cartaxo (ela, tia) para namorá-la. Casada, morando ao lado dos pais de Nezinho, teve nove filhos: de José Ronaldo Pereira Melo (1955), José Rodolfo Pereira Melo (1956), Rosângela Pereira Melo (1959), Renê Pereira Melo (1962), Rutineide Pereira Melo (1964), Raulene Pereira Melo (1965), Ricardo Pereira Melo (1967), Rita Pereira Melo (1968) até Rogério Pereira Melo (1970).



Paulo de Aragão Lins – Paulo Crente (1924/2005)

Filho de Canhotinho, PE, chegou em Arapiraca para morar em 1957. Antes, em 1955, fundou a primeira igreja presbiteriana do município, cuja inauguração do templo (rua Monsenhor Macedo, 142) deu-se tão somente em 1960. Fundou, também, a 1ª Igreja Presbiteriana Independente, no Alto do Cruzeiro. Conhecido como Paulo Crente, instalou na praça Marques da Silva, uma moderna sorveteria com o nome de Sylvania. Fundou a fábrica de Macarrão Maceió, em Arapiraca (em 1970). Plantou fumo e algodão numa propriedade rural no Oitizeiro. Foi, porém, antes de tudo, um “*pastor de almas*” como presbítero e excelente oratória.



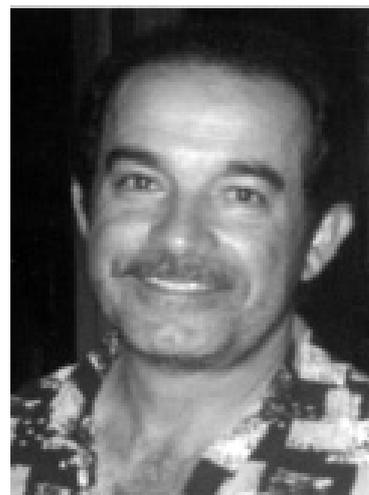
Paulo Lourenço dos Santos (?/2018)

O político e ex-governador Divaldo Suruagy, em seu livro “Os Ventos Estão Inquietos”, descreve: *“Paulo não tem maiores preocupações com dinheiro; o grande lucro é o convívio com jovens, o encontro com amigos, os diálogos que mantém na madrugada, sobre os mais variados assuntos. Ele não é um comerciante. É um verdadeiro anfitrião”*. Zezito Guedes destaca o Bar do Paulo, como um recanto bucólico, onde os frequentadores sentem-se à vontade, com a cortesia e a grande popularidade do Paulo Lourenço. Situado na rua São Francisco, era local de encontro da juventude a partir dos anos 70. Hoje, é saudade. Paulo Lourenço, natural de Palmeira dos Índios, antes de tudo, foi um educador musical em Arapiraca.



Paulo Tenório Ferreira (1941/2012)

Nascido em Bom Conselho (Pe), foi verdadeiramente um abnegado por Arapiraca. Seguiu seu pai no comércio como grande comerciante no ramo de bebidas (daí ser conhecido por muitos como *“Paulo Coca-Cola”*). Mas, antes de tudo, era um apaixonado pelo ASA – no início, *Associação Sportiva de Arapiraca*; depois, *Agremiação Sportiva Arapiraquense*. Foi presidente do ASA de Arapiraca, algumas vezes, agindo quase irracionalmente, por tanto amá-lo. Fez do time de futebol conhecido em todo o Brasil. Alguém disse, quando de sua morte: *“Paulo Tenório foi um grande apaixonado pelo ASA. Doou-se de coração ao time e acreditava que um dia o ASA seria reconhecido como o melhor time de Alagoas.”*



Pedro Aristides da Silva (1912/2002)

De Cacimbinhas (AL), onde nasceu, fugiu na seca de 1939 para Arapiraca a procurar melhores. Aqui, foi de tudo: motorista de caminhão, transportava tijolos de Igaci (AL) para o município arapiraquense; depois, foi trabalhar como empregado da empresa Collier, na estrada de ferro; foi agricultor trabalhando na plantação de fumo. Era um humanista e, como tal, enveredou na política, elegendo-se vereador em 1969, 1973 (quando foi presidente da Câmara no período 1975/1976), e reeleito em 1978. O próprio município lhe concedeu o título de Cidadão de Arapiraca, em 1981. Recebeu, da PMAL, a Comenda de Amigo da Polícia Militar de Alagoas (1981), e em 1992, do prefeito José Alexandre dos Santos foi homenageado como Comendador de Arapiraca.



Pedro de França Reys (1907/1975)

Filho de Igreja Nova, onde nasceu em 1907 (à época, chamava-se Triumpho). Veio para Arapiraca e, como professor estadual e ex-seminarista, foi nomeado para dar aula no Grupo Escolar Adriano Jorge, conquistando a simpatia e a confiança do povo arapiraquense. Era austero, porém gentil. Em 1943, deixou de ser professor estadual, fundando o Instituto São Luiz e, com o apoio de um jovem arapiraquense, Manoel de Oliveira Barboza, tornou-o um estabelecimento de primeira grandeza no ensino primário.

Participou ativamente da vida cultural de Arapiraca, sendo autor da letra do Hino de Arapiraca e do Hino do ASA, além de várias páginas literárias. Inúmeros arapiraquenses passaram pelas bancas do Instituto São Luiz, hoje uma simples lembrança.



Pedro Deocleciano – Pedro Deó (1920/2019)

Pedro Deocleciano, ou como era conhecido por todos, era o Pedro Deó, nascido em Brejo dos Santos, Pe, mas registrado em Teixeira, Paraíba. Após sua primeira viagem a Arapiraca, dinheiro da venda de duas malas de sapatos no bolso, certeza de comida nos pratos por algum tempo, veio a se fixar neste município de Alagoas, fazer bom uso da profissão e dar uma vida melhor à mulher e aos dois filhos. E assim fez. Convidou uns amigos que o ajudavam na feitura de calçados (um deles, Francisco Vieira do Carmo, conhecido como Mestre Cicero). Passou a morar no Alto do Cruzeiro, na casa do sogro. Isto em 1954. A mulher, Espedita Malta Almeida, para ajudar no sustento da casa, passou a bordar toalhas de mesa, lençóis, até vestidos. Os filhos, quando completaram a idade escolar, foram matriculados no Instituto São Luís, do professor Pedro de França Reys. Depois, foi crescer juntamente com Arapiraca, fundando A Calçadeira.



Rogério Auto Teófilo (1957/2020)

Advogado (formado pela UFAL) e Administração (pelo CESMAC) foi um político arapiraquense que exerceu os cargos de deputado estadual (três vezes), deputado federal (duas vezes) e prefeito de Arapiraca (uma vez). Filho do professor José Moacir Teófilo e Tereza Auto Teófilo teve sua vida política ligada ao PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira e ao PFL – Partido da Frente Liberal. Nasceu e morreu em Maceió, mas dedicou toda sua vida à educação, à política e à administração arapiraquense. Foi um líder, professor e diretor do CBC. Como deputado federal e membro da Comissão de Educação e Cultura e da Comissão do Ensino Superior (Câmara dos Deputados), lutou bravamente pela interiorização da UFAL, com a criação do *campus*.



Sebastião Braz de Melo – Seba (1936/2004)

Ele chegou em Arapiraca em 1958 (vindo de Caruaru) e foi logo se tornando um grande zagueiro central do ASA. Nos seus 1,86 m de altura simbolizou o esporte de Arapiraca por muitos anos. Afável no tratar com as pessoas, era um gigante no campo, o “*poeirão*”. Foi campeão do torneio do interior e, quando em 1960 o ASA realizou excursão por vários estados nordestinos, foi um vitorioso. Participou ativamente da vida social do município, fundando a primeira escola de samba, a “*Gigante do Ritmo*”. Depois do ASA, foi membro da rádio Novo Nordeste AM, como comentarista esportivo e, depois, motorista.



Sebastião Siqueira da Silva – o Cecé (?/?)

Sebastião Siqueira da Silva, o Cecé, era Pernambucano, mas Arapiraquense de coração. Começou sua carreira no ASA em dezembro de 1952 e um ano depois conquistou o Campeonato Alagoano, sagrando-se a revelação da competição.

O jogador ficou conhecido como “O Arataca”, pois era um jogador técnico, com chute forte e se deslocava com muita facilidade. Terminou a vida como motorista.



Valdomiro Barbosa (1919/2003)

De tradicional família de Limoeiro de Anadia (os Barbosa), chegou a Arapiraca como comprador de folha de fumo, transformando-se, com o tempo, em exportador do produto para a Europa, principalmente Espanha. Foi quem primeiro trouxe a energia elétrica para Arapiraca, através da companhia Força e Luz de Arapiraca, cuja concessão foi outorgada pelo decreto do presidente Juscelino Kubitschek, em 1959. Depois, foi incorporada pela CEAL - Companhia de Eletricidade de Alagoas, empresa estatal. Foi funcionário dos Correios e Telégrafo, tendo sido guarda-fio e carteiro. Na política, pelo antigo PTB e apoiado pela família Lúcio (UDN), candidatou-se a prefeito, sendo derrotado por Luís Pereira Lima, do PSD. Era servidor dos Correios e Telégrafos. O pai, Pedro Barbosa da Silva, foi prefeito de Arapiraca.



Walter Bezerra Lima (1923/1975)

Walter Bezerra Lima, mais conhecido como Walter da Estatística, nasceu em Palmeira dos Índios em 28/01/1923, sendo filho de Manoel Luiz Lima e Maria José Bezerra Lima. Em 1930, mudou-se para a cidade de Mata Grande, onde mais tarde contraiu matrimônio com Sebastiana Barbosa Guimarães. Em 1952, foi nomeado Chefe da Agência de Estatística de Major Izidoro. Em 1956 foi transferido para a cidade de Arapiraca. Foi professor de música e estatística no Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho. Deu grande contribuição ao município de Arapiraca. À época, elaborou mapa do município com divisão das zonas urbanas, suburbanas e rural. Foi sócio fundador do Rotary Club de Arapiraca, atuando na prestação de serviço aos menos favorecidos. Como Presidente do Rotary, ajudou na construção da Escola Rotary.



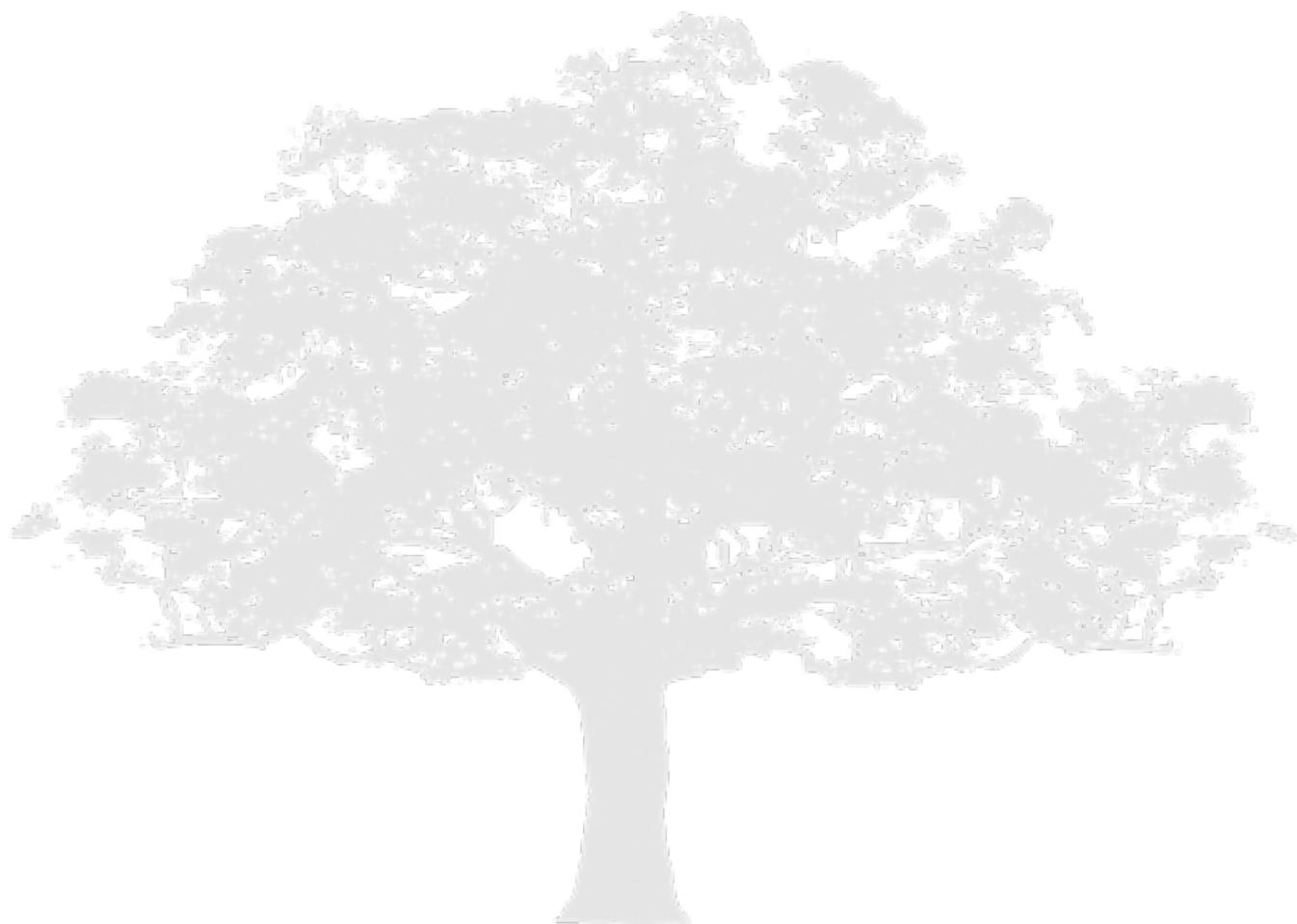
Zoraide de Oliveira Costa (1925/2024)

Viveu 99 anos. Nascida em Barra do Itiúba, região de Porto Real do Colégio, aqui chegou em 1952. Logo cedo, passou a viver só com seus três filhos (o marido, caminhoneiro, ganhava a vida trabalhando dia a dia pelo Brasil, transportando cargas). Com a ajuda de algumas pessoas da família, resistiu a vida atribulada, dando ensino aos filhos. Com o surgimento do Mercado Público Municipal, rua Domingos Correia, já em 1957 conseguia o sustento da família, vendendo secos e molhados (açúcar, arroz, charque, biscoitos, ovos). Com o novo mercado, no mesmo local, expandiu os negócios e conseguiu encaminhar os filhos: Maria Alzira, professora, José Mendes, bancário, e Hildebrando Mendes Costa, odontólogo.



5ª Parte

A industrialização de Arapiraca



Nem sempre foram fábricas, indústrias, o caminho do fumo e de Arapiraca. Muito antes das indústrias, Arapiraca preparava seu fumo em folha e o exportava para o exterior. Algumas vezes, através de seus próprios habitantes, como Eloísio Barboza Lopes (Empresa Lopes Fumageira – voltada a comercialização para capa de charuto, fortalecendo o tripé econômico – “produção agrícola própria – 1.000 tarefas de fumo”; manufatura e preparo da produção própria e da produção dos agricultores que aderiram ao projeto de plantio com orientação técnica voltada à comercialização externa/capa de charuto com agregação de valor à produção) e Valdomiro Barbosa (que durante muitos anos exportou fumo em folha para a Europa, principalmente para a Espanha).

Afora alguns arapiraquenses, que diretamente exportavam o produto do fumo (primeira, baixeiro, sapata, soca), junto a diversos representantes de indústrias internacionais que se instalaram no município de Arapiraca. A saber: A primeira empresa a se instalar foi a *Exportadora Garrido*, já em 1950; a *Empresa Pimentel* (portuguesa), que foi representada por Mário de Oliveira Lima; a *Souza Cruz* (que tentou implanta o Fumo Virgínia em Arapiraca, sem sucesso), instalada na rua Expedicionário Brasileiro, onde, depois foi a empresa *Ermor* – dirigida por bastante tempo pelo português José Alves; a *Carl Leoni*; a *Bert Evert Beckovich* (empresa belga); a *Fumex – Tabacalera do Brasil (empresa espanhola)*, que depois foi *Tabarama* – que teve como dirigentes Carlos Rolf Schinke e depois Dalmácio Lúcio da Silva), instalada na rua Dom Jonas Batinga; em 1956, a *Suerdieck* (empresa alemã), cuja sede era no estado da Bahia (fundada em 1888), que por muito tempo teve o alemão Carlos Rolf Schinke como dirigente; a *Monjeru* (empresa francesa); a *Cacique* – situada na avenida Lamenha Filho, que era dirigida pelo francês Pierre Chambou e tinha como um dos sócios Deca Moço.

Tudo isto ocorreu a partir dos anos 50 e se fortaleceu durante as décadas de 70/80. Depois, já nos anos seguintes, veio o declínio da exportação da folha de fumo, principalmente da primeira – a folha para capa de charuto. Deixou Arapiraca de produzir tanto fumo, numa área de 40 mil hectares, que a transformou na capital brasileira do fumo.

Depois, surgiu empiricamente a industrialização. Não mais a exportação do fumo em folha, mas a transformação do fumo em corda em cigarro que abasteceu e ainda abastece o interior do Brasil.

No início, e logo depois da ocupação territorial da localidade, os povoadores de Arapiraca sempre foram ligados à lavoura e a uma insipiente pecuária. Mas, não podia ser por menos: Alagoas, principalmente na zona da mata (o norte e o leste), fervia

com a cultura da cana de açúcar e tudo que advinha dela. No agreste e sertão (estes praticamente abandonados) sobre-existiam graças ao algodão, o milho e a mandioca.

As terras de Arapiraca não seriam diferentes.

Com uma formação essencialmente agrícola, o território arapiraquense estendeu-se principalmente através da cultura do fumo, quando um nativo, Marcelino Magalhães, sem querer fez aflorar os currais de fumo, adubados pelo estrume do gado juntado as noites agrestinas. Aqui se dizia, sempre, parafraseando políticos que “não existia latifúndios”; “Arapiraca é um verdadeiro minifúndio”, ou, “todos aqui têm terra para plantar e viver”.

E estes minifúndios trouxeram as primeiras indústrias, de fumo é claro! E o crescimento e o desenvolvimento do município.

O desenvolvimento industrial de Arapiraca, com melhorias sempre procuradas por seus habitantes, levou o município a ocupar o primeiro lugar, afora a capital, no crescimento de Alagoas. Este sentimento de orgulho dos arapiraquenses ainda persiste quando memorizam a indústria fumageira, aqui retratada nas quatro principais surgidas a partir dos anos 70.

Afora as fábricas de fundo de quintal, principalmente sapatarias, uma das primeiras, sem dúvida, foi a fábrica de vinagre Camarão, situada na antiga rua da Quitanda, ou rua da Cadeia, como era conhecida. Seus proprietários foram, primeiramente foi João “Loula”; depois, Manoel Abreu.

A primeira fábrica de café foi a de Alceu Alves, miguелense. Situava-se na avenida Rio Branco. Já em fins dos anos 60 e início da década de 70 surgiram outras fábricas: a torrefação de café de Adalberto Pereira Rocha, na rua Aníbal Lima. Adquirida de proprietários de Rio Largo, tinha o nome de Coringa, e era dirigida pelo filho Radijalma Rocha, o Radi, produzindo café torrado e milho. Foi vendida a José Alexandre dos Santos, juntando-se a industrialização do fumo de corda, dando origem ao Grupo Coringa. Aliás, uma digressão: o início da industrialização do fumo, por parte de José Alexandre dos Santos, deu-se através de um empréstimo pessoal do tio João Lúcio da Silva para que ele comprasse e adaptasse uma forrageira no corte do fumo em corda. Daí deu-se realmente início ao Grupo Coringa.

Há outras fábricas, pequenas é claro, porém que impulsionaram Arapiraca. A Café Oten, torrefação de José Marçal de Andrade, sergipano, ex-bancário, que em 1963 funcionava na avenida Rio Branco, em frente ao grupo escolar Adriano Jorge. E a fábrica de macarrão Paladim, do migrante pernambucano do Lajedo José Atanásio Morais, o “seu Morais”. O produto era vendido de porta em porta, com os filhos transportando-o em bicicleta.

A partir de 1970, fins do governo do prefeito João Lúcio da Silva e início da administração do advogado João Batista Pereira da Silva, começou, realmente, mesmo incipiente, a industrialização de Arapiraca. O Grupo Coringa, que não tinha ainda a atual denominação, foi o começo do desabrochar industrial.

No governo João Lúcio da Silva foi desbravada uma nova avenida, que recebeu o nome de avenida do Futuro, uma premonição do crescimento de Arapiraca, desbravada por todos os lados. A avenida do Futuro iniciava-se do fim da rua Nossa Senhora de Fátima, indo até a AL 110, na localidade conhecida como Mocó. Com o substituto, João Batista Pereira da Silva, foi melhorada e mudou de nome, sendo chamada de avenida Coronel Wilson Santa Cruz. Hoje, chama-se avenida Cecy Cunha, homenagem à deputada e feira-grandense, mais eleita por Arapiraca, assassinada em 2009.

Com a chegada da telefônica (Companhia Telefônica de Arapiraca, anos 60), água encanada vinda do rio São Francisco (Morro do Gaia, em São Braz, através da CASAL, anos 70), do ensino de nível superior (Faculdade de Formação de Professores do 1º Grau, anos 70), o desenvolvimento industrial de Arapiraca alavancou-se.

No governo João Lúcio da Silva foi desbravada uma nova avenida, que recebeu o nome de avenida do Futuro, uma premonição do crescimento de Arapiraca, desbravada por todos os lados. A avenida do Futuro iniciava-se do fim da rua Nossa Senhora de Fátima, indo até a AL 110, na localidade conhecida como Mocó. Com o substituto, João Batista Pereira da Silva, foi melhorada e mudou de nome, sendo chamada de avenida Coronel Wilson Santa Cruz. Hoje, chama-se avenida Cecy Cunha, homenagem à deputada e feira-grandense, mais eleita por Arapiraca, assassinada em 2009.

Com a chegada da telefônica (Companhia Telefônica de Arapiraca, anos 60), água encanada vinda do rio São Francisco (Morro do Gaia, em São Braz, através da CASAL, anos 70), do ensino de nível superior (Faculdade de Formação de Professores do 1º Grau, anos 70), o desenvolvimento industrial de Arapiraca alavancou-se.

O fumo Dubom

Uma das indústrias principais foi a do fumo Dubom, vinda da Paraíba, que tinha como proprietário Gabriel Luiz Gomes, o Gabi. Nascido em Patos, ali começou sua indústria, picando fumo em corda com seu pai Manoel Luiz e com os irmãos José Luiz, Aluizio e Zélia Gomes, numa fábrica na rua do Nego. Depois, nos anos 70, Gabi se estabeleceu em Arapiraca, centro da região produtora de fumo, onde sua indústria se expandiu e ganhou mercados em todo o país. Foi a Indústria e Comércio de Fumos Dubom Ltda, situada na rua padre Cícero, 100.

Seu grande trunfo, sem dúvida, foi o garoto propaganda – Luiz Gonzaga, o “Rei do Baião”. Por sinal, até na música sua indústria foi citada: “Samarica Parteira”. Luiz Gonzaga percorria o nordeste, sempre levando a marca do fumo Dubom, o “fumo do cabra macho”. Aqui mesmo em Arapiraca, algumas vezes se apresentou no cine Trianon e em praça pública, com patrocínio de seu “compadre” Gabi.

O fumo Dubom foi uma das marcas mais importantes de fumo em corda picado. Conseguiu até levar seu proprietário a ser vice-prefeito de Patos.

Grupo Coringa

Começou em 1069, a partir do dinamismo de José Alexandre dos Santos, originando-se da transformação do fumo em corda em fumo desfiado por uma forrageira adaptada para oferecer ao fumante um cigarro forte, bom para manusear, Surgiu o **EX-TRAFORTE**, beneficiamento que era feito à mão. Depois, foi adquirida a torrefação de café Coringa, unindo-se os produtos. E só cresceu, com os produtos alimentícios: arroz, batata frita, café, coco, colorífico, flocão de arroz, milho, mingau, refresco, plástico, recheados. Tudo isto em Arapiraca.

A partir de 1990, o grupo Coringa, já conhecido como Indústrias Reunidas Coringa Ltda, surgiu um novo empreendimento na Bahia no Centro Industrial do Cerado (município de Luiz Eduardo Magalhães). Hoje, o complexo tem mais de 80 produtos oferecidos à população.

Fumo Super Bom

Muito antes de iniciar sua indústria, Aurelino Ferreira Barbosa era um profundo conhecedor de fumo, principalmente do fumo de corda, onde vendias nas feiras de Arapiraca, Feira Grande, Lagoa da Canoa e Craíbas. Aos sábados, em cima de um caminhão de frete fazia o trajeto Arapiraca-Feira Grande, onde no chão batido da principal praça vendia seu produto. Isto no início dos anos 60.

Em 1973, porém, consegue criar uma sociedade empresarial, de nome Incosfubom – Indústria e Comércio de Fumo Super Bom Ltda. Hoje a sociedade é formada por ele e sua família, e tem como finalidade principal a fabricação de produtos do fumo, excetos cigarros, cigarrilhas e charutos.

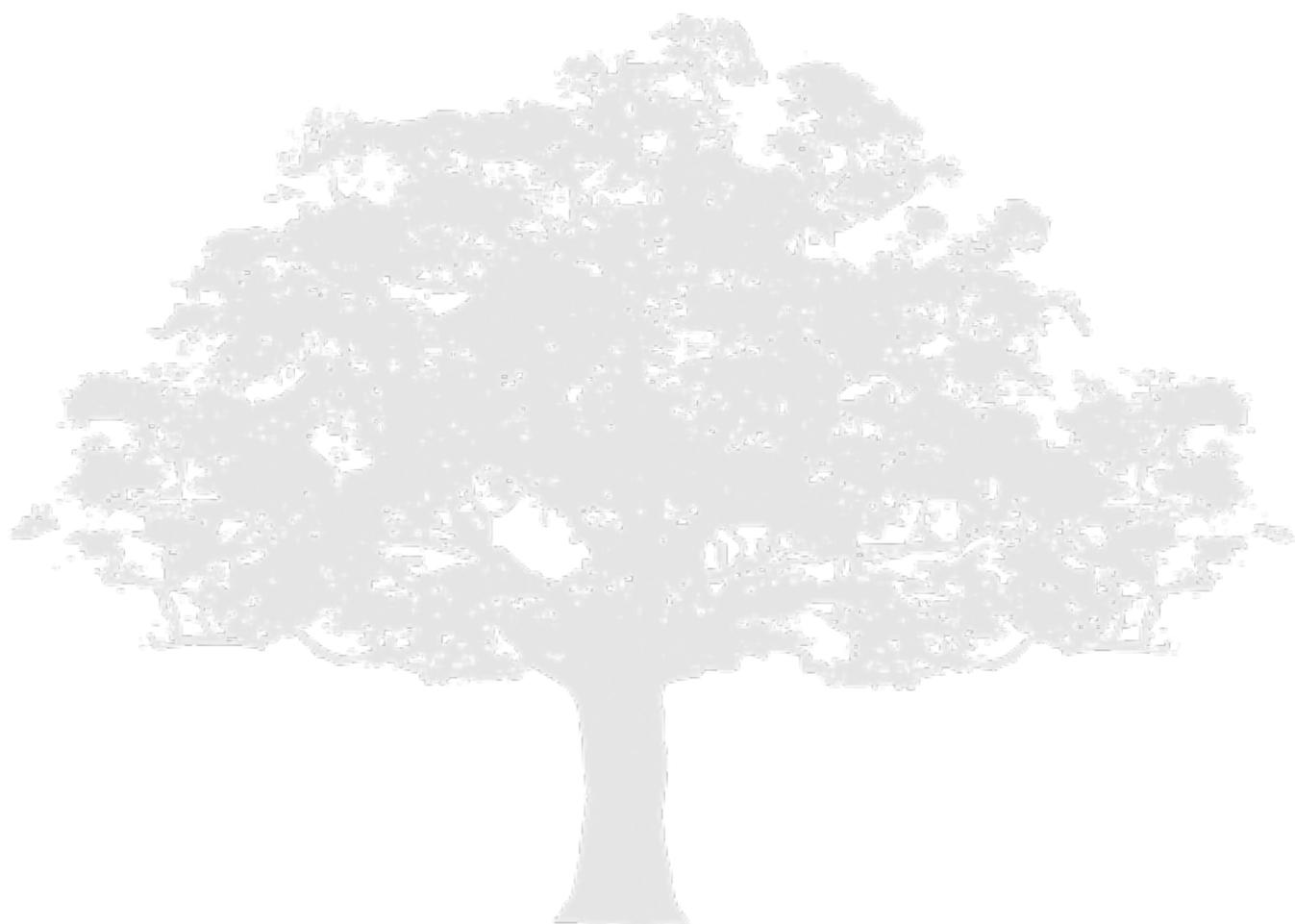
A indústria Incosfubom foi e ainda é conhecida principalmente pelo produto conhecido como Fumo do Cavalinho, comercializado em todo o país, principalmente na região nordeste.

Coca-Cola

Já com delimitação de uma ampla área para a instalação de indústrias, surge o Distrito Industrial de Arapiraca. Uma das primeiras indústrias foi a **Refrigerantes do São Francisco Ltda**, que industrializava e distribuía o refrigerante coca-cola. Isto em fins dos anos 70. Adquirida por outro grupo, veio a Solar BR Coca-Cola que, em 2020, desativou sua linha de produção de refrigerantes. Segundo a empresa divulgou à época, *“toda a estrutura da área comercial e de logística na cidade permanece inalterada, representando a manutenção de cerca de 250 empregos no Município.”*

6ª Parte

A Educação



Antes mesmo da emancipação política, os arapiraquenses tinham uma visão importante, de oferecer ensino a seus filhos. Um dos exemplos é Serapião Rodrigues da Silva, o quinto filho de Esperidião Rodrigues que, além de estudar música da “*União Arapiraquense*”, fez seus primeiros estudos com o mestre Antônio Raimundo, misto de professor e musicista. Isto antes de 1924. Já depois, em 1925, emancipada, Arapiraca aparecia no *Recenseamento da População Infantil em Idade Escolar no Estado de Alagoas* com 161 crianças alfabetizadas, de um total de 357. Sem nenhuma escola privada, o estado mantinha quatro escolas isoladas.

Mas, a primeira escola pública surgiu em 1890, quando Esperidião Rodrigues conseguiu, junto ao governo do Estado, a criação e instalação da primeira escola pública no povoado de Arapiraca, que pertencia ao município de Limoeiro. A primeira professora foi Marieta Peixoto Rodrigues de Macedo, esposa de seu filho, André Rodrigues de Macedo.

Adriano Jorge, a primeira escola pública (1940)

Teve sua inauguração festiva no início de 1940 (governo do interventor de Alagoas Osman Loureiro), construído que foi em terras de Francolino José de França. Foi a primeira escola pública de Arapiraca, com professores concursados, entre eles: Eduvalgina Souza (primeira diretora), Amália Fragoso, Arlinda Loureiro, Pedro de França Reys (vindo de Triunpho, Alagoas), Eunice Cox, Francisca Petrina de Macedo (Chiquinha Macedo, irmã de Monsenhor Macedo), Maria José Mota. Por lá também passaram Diva Gama de Albuquerque, Maria de Lourdes Almeida, Isabel Torres de Oliveira, Vandete Lúcio, Gildete Lira, Maria de Lourdes Queiroz.



Alunos do Grupo Escolar Adriano Jorge, em 1940 ().*

Instituto São Luís, primeira escola privada (1943)

Pouco tempo depois, em 1943, fundado por Pedro de França Reys, aparece o Instituto São Luís, ensino particular, localizado na praça Gabino Besouro, hoje praça Marques da Silva, onde foi a Sorveteria Pinguim. Em 1953, juntamente com o sócio e amigo Manoel de Oliveira Barboza vão se instalar em prédio próprio na rua Estudante José de Oliveira Leite, até ser extinto, surgindo em seu lugar a Escola Rosa Mística.



Ginásio Nossa Senhora do Bom Conselho - o CBC (1950)

Tudo começou com a união de arapiraquenses: o deputado, Claudenor de Albuquerque Lima, seu pai, Luís Pereira de Lima, o padre Epitácio Rodrigues, o juiz Coaracy da Mata Fonseca, Sr. Manoel Brasil Leão da Costa, o Dr. Nelson Rodrigues (depois, juiz de direito), a Prof^a. Maria de Lourdes Queiroz, participantes de um movimento com o objetivo de trazer para Arapiraca uma escola cenequista. O intento foi conseguido em 20 de Janeiro de 1950, com a fundação do Ginásio Nossa Senhora do Bom Conselho, depois Colégio Cenecista Nossa Senhora do Bom Conselho.



Frente com alunos do Ginásio Nossa Senhora do Bom Conselho, já como colégio.

Seu primeiro diretor foi Coaracy da Mata Fonseca e a primeira turma, sob sua direção, funcionou em uma sala do Grupo Escolar Adriano Jorge, tendo como secretária a Prof^a. Maria de Lourdes Queiroz. A mencionada escola contava com um funcionário para serviços gerais, nove professores e 50 alunos.

Com a eleição e posse do prefeito Coaracy da Mata Fonseca, este se afasta da direção da escola, assumindo interinamente o Dr. Nelson Rodrigues Correia, respondendo pela administração e o Dr. Francisco Pinheiro Tavares (conhecido como Tavariinho) pelo setor financeiro. O segundo diretor foi Claudenor de Albuquerque Lima, que o dirigiu até se eleger deputado estadual em 1954.

Colégio São Francisco de Assis (1955/2022)

O início da construção deste colégio foi em 1954, após pedido do padre Epitácio Rodrigues ao bispo diocesano, Dom Felício. O colégio começou a funcionar em 1955, sob a direção da freira Irmã Helena do Espírito Santo (Leonor Luna Linhares), que era das Irmãs Franciscanas Hospitalares da Imaculada Conceição. No início, o colégio era exclusivamente feminino, com ensino do antigo primário. Passou, depois, a incluir o ginásial e o curso normal, funcionando até o ano 2022, quando encerrou suas atividades escolares, depois de 67 anos. Disseram as irmãs: *“Ontem, a partir das 19,30 min até às 21,30 min, reunimo-nos com os pais, responsáveis, alunos e colaboradores, numa reunião presencial e on-line, para lhes comunicar o encerramento das atividades escolares do Colégio Normal São Francisco de Assis, em Arapiraca-Al, no dia 30 de dezembro de 2022.”*



E mais:

“Foi uma oportunidade de muita emoção, amizade, gratidão, benevolência e ação de graças a Deus pelo muito que Ele nos deu e conduziu a educação em nosso Colégio Normal São Francisco de Assis, de 1955 até os dias de hoje”.

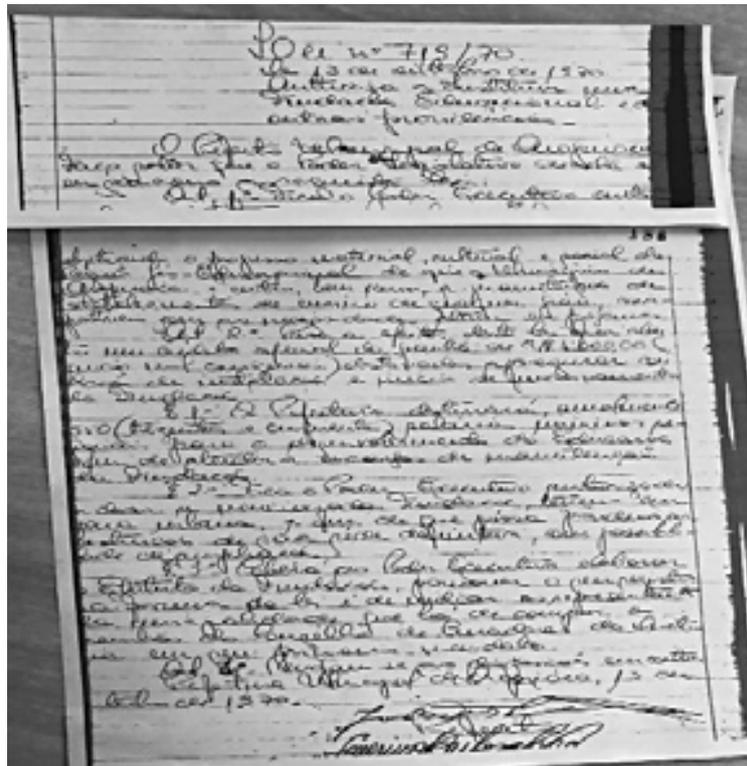
O ensino municipal

Com dados de 2023, o ensino municipal assim se apresentou: 27 Centros de Educação Infantil; 61 Escolas; cerca de 31 mil alunos. É de salientar que a rede municipal de ensino oferta desde a educação infantil aos anos finais do ensino fundamental, além do EJA (Educação de Jovens e Adultos).

Durante o ano de 2023 assim se comportou a matrícula de ensino nas Unidades Educacionais Municipais: Educação Infantil – 7.525 matrículas; Anos Iniciais – 13.918 matrículas; Anos Finais – 8.745 matrículas; EJA – 726 matrículas.

Arapiraca, hoje, possui 11 escolas em tempo integral, cinco Centros de Apoio às Escolas; Centro de Cultura Corporal; Escola de Arte; Escola de Circo; Escola de Campo; Planetário e Casa de Ciência.

Ensino superior, o início (1970)



Tudo começou em 1970. O prefeito era o advogado João Batista Pereira da Silva, sucessor de João Lúcio da Silva, e vitorioso na disputa de 1969 com o comerciante, ex-vereador e depois deputado Alonso de Abreu. Politicamente ligado a ARENA – Aliança Renovadora Nacional, e estreita ligação com as forças dominantes à época, conseguiu reunir jovens no executivo municipal: Severino Leão, como secretário geral; José da Silva Lira, como diretor de viação e obras; Raimundo Araújo, como secretário de educação e saúde; Manoel Ferreira Lira, como diretor de comunicação e informação.

Nos três anos de governo, o prefeito João Batista Pereira da Silva mudou os destinos educacionais de Arapiraca, trazendo, com a ajuda inestimável (e sem ela não teria sido possível) do padre Teófanos Augusto de Barros, amigo dos advogados e educadores José Moacir Teófilo e Miguel Valeriano da Silva, o ensino superior ao interior de Alagoas.

O embrião da hoje UNEAL foi a Faculdade de Formação de Professores do Primeiro Grau, mantida pela Fundação Educacional do Agreste Alagoano, com os cursos de Estudos Sociais (História e Geografia), Letras (Português, Inglês e Francês), e Ciências (Matemática). A criação da FUNESA deu-se em 14 de outubro de 1970, através da Lei nº 719/70, e foi sancionada pelo prefeito João Batista Pereira da Silva. Seu primeiro presidente foi o economista Djalma Pereira Rocha.

CESMAC

Além da UNEAL, outras unidades de ensino superior se instalaram em Arapiraca, como o CESMAC, com a denominação de CESMAC Faculdade do Agreste, oferecendo diversos cursos, entre eles o de Ciências Humanas e Sociais - Direito (bacharelado).

A UFAL em Arapiraca

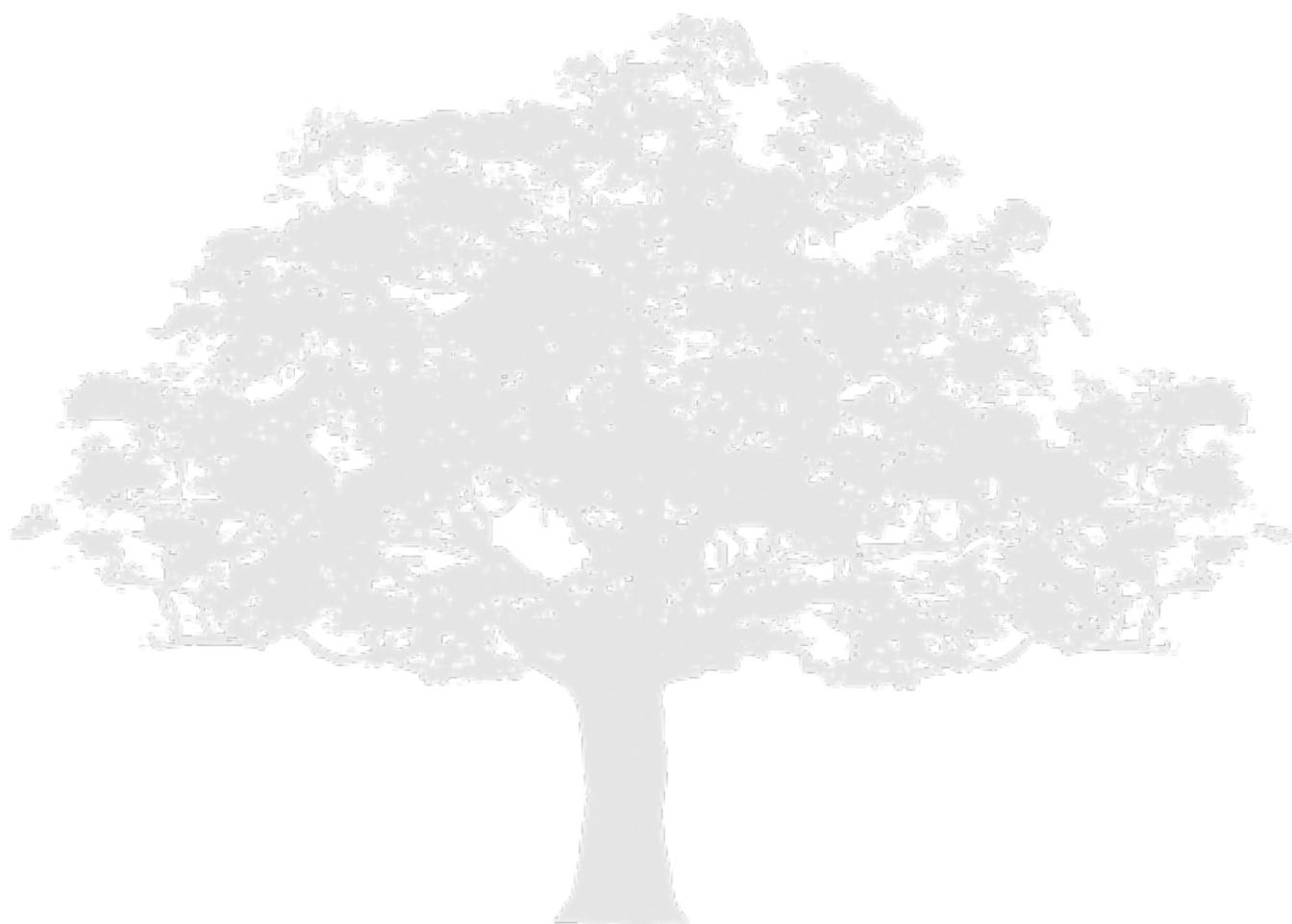
A Universidade Federal de Alagoas tem, hoje, no *Campus Arapiraca* (criado em 2006), os seguintes cursos, que se estende desde Arapiraca para as unidades de Palmeira dos Índios, Penedo e Viçosa:

Bacharelado – Administração, Administração Pública, Agronomia, Arquitetura e Urbanismo, Ciência da Computação, Enfermagem, Engenharia de Pesca, Engenharia de Produção, Medicina, Psicologia, Serviço Social, Sistema de Informação, Turismo e Zootecnia;

Licenciatura Plena – Ciências Biológicas, Educação Física, Física, Letras (Português), Matemática, Pedagogia, Química.

7ª Parte

A Saúde



Desde cedo os arapiraquenses conviveram com problemas de saúde. Poços foram cavados à procura de água (quase sempre era encontrada água salobra, quase impréstavel para o ser humano. Mesmo assim, os novos habitantes do lugar se obrigaram a conviver com o problema.

O saneamento, não existia. Nem a percepção, por parte dos líderes familiares, de que área saneada é praticamente isenta de doenças infecciosas e transmissíveis.

Médico, um sonho.

Segundo alguns historiadores, e por falta do mínimo em saúde, Arapiraca teve um surto de *peste bubônica* (ou foi febre amarela?). Tanto é que em 1924 morreu um dos irmãos de Esperidião Rodrigues, Manoel Antônio Pereira Magalhães (que foi Intendente de Limoeiro em 1892 e que construiu o *açude do governo* e o *tanque de fora*).

Inconformado, um de seus filhos, o José Zeferino Magalhães construiu, com ajuda de parentes e da população, da Igreja de São Sebastião, como pagamento de promessa para que a doença desaparecesse. Esta *peste bubônica* assolou 11 localidades de diversos municípios de Palmeira, Quebrangulo, Viçosa, Anadia e Arapiraca.

Em 1928, já com Arapiraca emancipada, o governo do Estado combateu ferozmente a *variola* através de vacinas à população. A *variola* ficou erradicada de todo o estado naquele ano, após uma campanha firme através do Serviço de Saneamento do Estado, principalmente Igreja Nova (Triunfo), Belo Monte, Arapiraca e Anadia. Segundo levantamento de autoridades estaduais, a *variola* veio através de romeiros que visitavam Joazeiro do Norte.

Segundo o Serviço de Saneamento do Estado, através da vacinação, o foco inicial da *variola* em Arapiraca foi prontamente extintos (com vigilância dos três únicos casos). Houve vacinação de 1.970 pessoas. Nenhum caso novo ocorreu.

Durante algum tempo, muito, por sinal, os arapiraquenses conviveram com as doenças da época, a maior parte delas foi de doenças contagiosas. Pelo que se sabe, somente nos idos dos anos 50 é que o município passou a contar com a figura do médico – o médico de família de hoje. O primeiro médico de que se tem notícia foi o doutor Benedito (não se sabe o sobrenome), que atuava em seu consultório situado entre o fim da praça Gabino Besouro e o hoje Largo dom Fernando Gomes, e nas casas dos doentes.

Nesta mesma época, em 1952, chegou a Arapiraca o médico José Marques da Silva, filho de Canudos (hoje Belém) e recém-formado pela Universidade Federal da Bahia. Também os médicos Dr. Edler D’Almeida Lins e Dr. Valfredo, Dr. Djacir Barbosa são da época de 50. O casal de médicos (Dr. Geraldo Cavalcante Cajueiro e Dagmar C. Cajueiro) chegou a Arapiraca no início dos anos 60 e se instalou na avenida Rio Branco.

Por outro lado, as clínicas médicas surgiram em fins dos anos 60 (a Clínica Médica de Emergência, do Dr. Pedro Nivaldo Lira) surgiu em 1969 na avenida Rio Branco. Depois, a clínica Nossa Senhora de Fátima (médicos Dr. Judá Fernandes, Dr. José Fernandes, Dr. Geraldo Lúcio, Dr. Edler D’Almeida Lins), na rua Fernandes Lima.

O estado e a saúde



A presença do estado se fez através do Hospital Regional, instalado na rua São Francisco. Em 27 de agosto de 1990, passou a ser administrado pela Sociedade Beneficente Nossa Senhora do Bom Conselho, com personalidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos. Atende principalmente Arapiraca e mais de 50 outras localidades, através do SUS e planos de saúde, sendo responsável por urgência e emergência médica de adulto e pediátricos, clínicas médicas, serviços ambulatoriais, inclusive com terapia intensiva neonatal.

Durante o mês, o atendimento do HRNSBC atende a mais de 11 mil pacientes, com média diária de 306 pacientes. Em 2018 o hospital chegou a atender a 128 mil pacientes, internando cerca de 11 mil pacientes naquele ano.

Segundo a direção, a capacidade hoje do HRNSBC “é superior a 100 leitos, sendo que sua maioria é reservado para o Sistema Único de Saúde (SUS), os demais são reservados aos planos de saúde e serviço particular. O HRNSBC possui um centro cirúrgico com 5 salas disponíveis, produzindo cerca de 660 cirurgias por mês, sendo em média 40 de grande porte, 150 de médio porte e 420 de pequeno porte, fazendo assim, em 2017, cerca de 7.400 procedimentos cirúrgicos”.

A saúde através do município

Até quando da administração municipal do prefeito João Lúcio da Silva, Arapiraca não possuía quaisquer atendimentos de saúde. Nos fins dos anos 60, a saúde municipal passou a ter uma ambulância para atendimento a doentes graves que deveriam ser levados até a capital Maceió. Era uma ambulância instalada num carro modelo Kombi. O hospital regional funcionava precariamente, e as clínicas médicas existentes atendiam principalmente a pacientes privados.

Quando da gestão do prefeito João Batista Pereira da Silva, com uma pequena estruturação administrativa, foi criada a Diretoria de Saúde, fazendo parte da Secretaria de Educação – Secretaria de Educação e Saúde. Muito incipiente, no início, mas foi o primeiro passo. O município, apesar de grande, mas com uma economia fragilizada, passou a contar com *serviços e medicamentos essenciais* doados pela *Caritas* (que promovia ações de solidariedade para o atendimento às comunidades afetadas por desastres socioambientais (era o caso de Arapiraca, assolada por uma inclemente seca no início dos anos 70).

Passou a Secretaria de Educação e Saúde a prestar ajuda socorro alimentar principalmente) à população necessidade do município – uma Rural Willys saía constantemente pelas diversas localidades distribuindo alimentos aos necessitados.

Saúde em 2023

Atualmente, o município possui 39 Unidades Básicas de Saúde (UBS), 12 Atenção Especializadas, 05 Vigilâncias em Saúde, 12 postos de atendimento à Atenção Especializada e 05 postos de atendimentos à Vigilância em Saúde.

Arapiraca fez muito pela saúde em 2023. A Prefeitura inaugurou obras importantes, retomou projetos e atingiu grandes feitos, como o marco de 100% de cobertura da Atenção Primária de Saúde (APS) e a implantação do Prontuário Eletrônico do Cidadão (PEC) em todas as UBS do município. A cobertura total da Atenção Primária foi possível graças ao remapeamento do programa Saúde na Família (PSF), que tornou Arapiraca uma das primeiras cidades de médio porte (com mais de 50 mil habitantes) do Brasil a contar com total cobertura da APS. Além disso, a rede de saúde do município também atingiu mais de 90% de cobertura de saúde bucal com a ampliação de mais quatro equipes.

O ano também foi marcado por campanhas de sucesso, como Outubro Rosa, Novembro Azul e Agosto Dourado, e a Campanha Nacional de Multivacinação para crianças e adolescentes. Também em 2023 foi realizada a IX Conferência Municipal de Saúde, que contou com a participação de mais de 400 pessoas, e a eleição da nova composição do Conselho Municipal de Saúde para o biênio 2024-2025.

Dentre as diversas ações da secretaria neste ano, estiveram: entregas de unidades básicas, como o 5º Centro e a UBS do bairro Primavera, que passaram por grandes processos de modernização estrutural. A gestão também inaugurou o novo auditório do Centro de Referência Integrado de Arapiraca (CRIA), implantou um sistema inovador de gestão da assistência farmacêutica, o Hórus, e retomou o projeto Meu Amigo Pet para animais em situação de rua.

Cuidado especializado

Até quando da administração municipal do prefeito João Lúcio da Silva, Arapiraca n2023 também foi um ano marcado pela inauguração de unidades inovadoras de atendimento especializado, como o Centro de Testagem e Aconselhamento e Serviço de Assistência Especializada (CTA/SAE), que atende pacientes que vivem com HIV, e o Espaço Nascer e Crescer, que presta assistência a gestantes de risco e bebês prematuros.

Em novembro, o CTA atingiu a marca de 5 mil vacinas especiais aplicadas a pessoas como HIV graças à Sala de Vacina para Imunobiológicos Especiais. O trabalho realizado no órgão também foi destaque nacional com o prêmio da mostra “Aqui tem SUS” sobre o serviço de inserção de DIU para mulheres soropositivas, realizado pela enfermeira Aruska Magalhães.

A saúde também foi destaque nacional com o CRIA, que neste ano recebeu um certificado de 100% de cura em casos de tuberculose, concedido pelo Ministério da Saúde. O desempenho de excelência se dá pela presença de uma equipe especializada que conta com pneumologista, enfermeira, técnica em enfermagem, farmacêutico, assistente social e um laboratório de referência em tuberculose com biomédica e corpo técnico especializado.

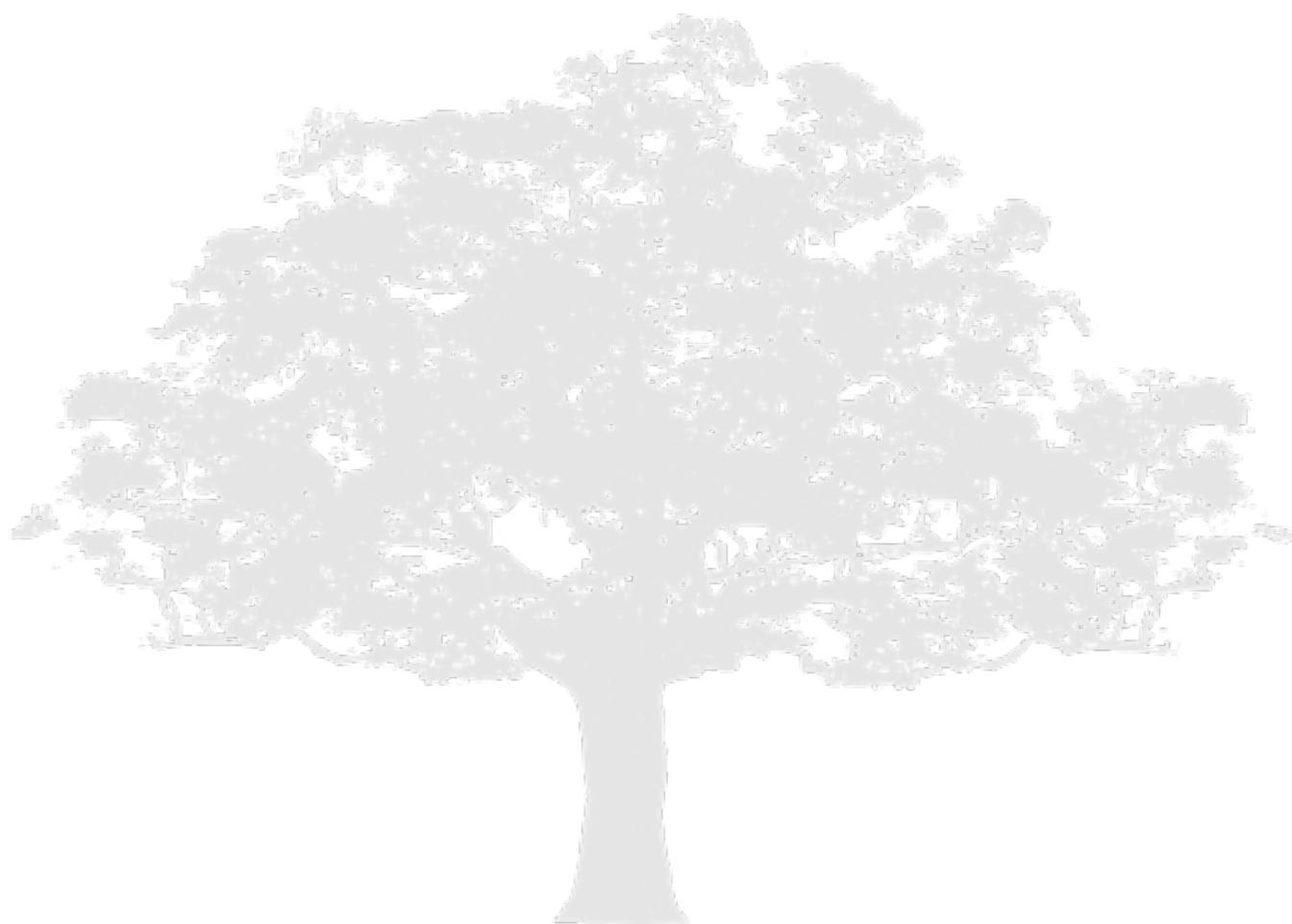
Conquista de uma década

Um dos grandes marcos do ano para a Saúde foi a implantação do Prontuário Eletrônico do Cidadão (PEC) em 100% das UBS do município. A implementação do e-SUS representa um grande avanço na modernização do serviço oferecido em Arapiraca, permitindo mais agilidade e eficiência no atendimento.

O sistema começou a ser implantado em 2017 e foi finalizado no final de novembro de 2023, quando chegou ao recém-revitalizado 5º Centro. Durante todos os anos, foram realizados diversos treinamentos com as 75 equipes de todas as 39 unidades assistidas, reunindo uma parte do corpo técnico da secretaria em nome do avanço e qualidade de atendimento aos munícipes.

8ª Parte

Memória



Um espaço cultural

O conjunto musical OS NOTÁVEIS, grande incentivador da música jovem dos anos 60/70, se notabilizou pela façanha de ter sido o primeiro a gravar um disco (45 RPM com quatro faixas musicais) originário de Arapiraca. Os irmãos Dules e Eraldo Magalhães mostraram a pujança dos arapiraquenses. A gravação foi feita pela gravadora Fábrica de Discos Rozenblit Ltda, do Recife. Os NOTÁVEIS existiram por mais de 15 anos, apresando-se em clubes sociais, nos cinemas Trianon e Triunfo e em festas de formaturas da região.



Édson Ferro, Eraldo Magalhães e Miguel Dules fizeram parte de Os Notáveis

Banda do CBC

Motivo de alegria do diretor Moacir Teófilo, a banda do Ginásio Nossa Senhora do Bom Conselho, depois CBC, sempre alegrou os arapiraquenses. Inclusive foi a segunda melhor do Brasil, ganhando prêmio em concurso de Bandas e Fanfarras no Rio de Janeiro. Nesta foto, encontram-se muitos dos arapiraquenses que hoje representam o município. Vê-se os professores Miguel Valeriano da Silva e Benildo Medeiros e alunos. Alguns identificados: Elionaldo Magalhães, Lourenço Chaves, João Fragozo, Ronaldo Pereira Melo, Valdemar Rodrigues da Silva (o Testa), Leonardo Leite, Demerval (filho de Zé Maria da padaria), Dr. Wellington Palmeira, Aurinelson, Calú, José de Brito, Leonardo China (filho de Zé da Júlia).



Uma lembrança do GNSBC



Formandos de 1965

Durante muitos anos a conclusão do 4º ginásial no Ginásio Nossa Senhora do Bom Conselho representava uma etapa educacional vencida. Esta conclusão era comemorada com aposição de quadro com os concluintes, ou, como no caso aqui, a distribuição de flâmulas com o nome dos alunos que concluíam o período. É o caso dos concluintes de 1965. Entre eles: o ex-deputado estadual e ex-superintendente da SUDENE, Elionaldo Maurício Magalhães Moraes, Manoel Correia Dias (diácono), Ronaldo Pereira Melo (orador da turma), João Xavier (bancário do BB), João Nascimento (ex-prefeito de Arapiraca), José Luiz (bancário do Produban), Wellington Palmeira (médico). O paraninfo da turma foi o vereador e depois deputado estadual Alonso de Abreu Pereira; patrono, o senador Rui Palmeira. Era diretor do ginásio (depois Colégio Bom Conselho) o advogado José Moacir Teófilo.

O rádio em Arapiraca



Estúdio radiofônico de J. Sá, um mestre

Antes dessa profusão de emissoras de rádio, no início AM e hoje todas FM, Arapiraca foi uma das cidades alagoanas onde mais se desenvolveu o sistema de transmissão da palavra por meio de ondas elétricas. Desde 1944, quando chegou da Paraíba um técnico de cinema, o sr. José Gondim, para prestar assistência ao cinema Leão como técnico eletrônico (que funcionou ao lado onde hoje é o Banco Bradesco), que Arapiraca passou a se manifestar através de ondas hertzianas. Seu projeto: inundar a cidade de alto-falantes. Por ser dispendioso, segundo o artista plástico J. Sá, o projeto não foi adiante.

Entretanto, em 1946, na administração de João Ribeiro Lima (que havia sido interventor), nova fase para o rádio em Arapiraca: a ideia do sr. José Gondim ressurgiu, com a instalação de um serviço de alto-falantes na rua do comércio, conhecida como cais de Manoel Leal. Era o Serviço de Alto-falantes da Prefeitura Municipal, na voz de Cyra Ribeiro, filha do interventor e a primeira mulher a falar naquele sistema de som. A primeira música tocada foi “*Pelo telefone*”, às 10 horas da manhã do dia 30 de outubro.

- *Aqui é o serviço de alto-falantes da Prefeitura Municipal de Arapiraca, a voz do povo, dizia a locutora (conhecida como **speak**).*

O povo que ouvia aquela maravilha estava extasiado (o serviço de alto-falantes da prefeitura funcionou até 1948, com os estúdios vizinho ao mercado da farinha, local onde hoje é o Hotel Real).

A partir de 1948, na gestão Luiz Pereira Lima, a prefeitura instalou diversas “bocas de som”: em postes na Praça Gabino Besouro (hoje Praça Marques da Silva), na esquina da Praça Gabino Besouro com a Rua Aníbal Lima, (ali funcionava o estúdio e o locutor era o jovem Miguel Valeriano).

Com a posse do prefeito Coaracy da Mata Fonseca em 1951 (genro de Luiz Pereira Lima), o “locutor” Miguel Valeriano foi ser secretário geral da prefeitura, assu-

mindando o cargo de locutor o estudante Ivan Rodrigues. Surgiu, então, a figura de J. Sá, autor da prece do Ângelus, que era lida diariamente às 18 horas. Com a inauguração do cine Trianon (de propriedade do vereador José Barbosa), em 1952, J. Sá foi convidado para ser o locutor oficial do cinema, que tinha duas cornetas de som, e anunciar os filmes.

Com a saída do prefeito Coaracy da Mata Fonseca, o serviço de alto-falantes do município arrefeceu. J. Sá, então, com a ajuda inestimável de José Gondim, instala em sua residência o serviço de alto-falantes Tupã (os discos de vinil eram emprestados pelo futuro juiz Nelson Rodrigues). Em 1953, J. Sá conseguiu um transmissor e passou a época do rádio, que conseguia levar o som ao centro e bairros próximos ao estúdio (já com licença do Departamento dos Correios e Telégrafos, encarregado da fiscalização das rádios). Em 1954, o serviço de alto-falantes passa a ser chamado de rádio Tupã. Pouco tempo depois, a convite de José Renato, diretor da Rádio Difusora de Alagoas, J. Sá passou a ser mais um locutor da emissora oficial do estado, até que, a convite e oferta do gerente do Banco da Lavoura de Minas Gerais S. A., sr. Euzébio Santos, recebeu um empréstimo bancário para compra dos transmissores da rádio Tupã, passando a proprietário.

Em 1961, a convite do deputado estadual Claudenor de Albuquerque Lima, o radialista J. Sá passa a fazer parte do *cast* da rádio Cultura de Arapiraca, que tinha como diretor geral o próprio deputado, como diretor geral, José de Sá, e como diretor artístico o radialista e político alagoano Castro Filho (depois, vereador em Maceió), com estúdio e transmissor no bairro São Luiz (antiga Fazenda Pernambucana). Eram radialistas: J. Sá, José Benedito Silva, o JBS, José Barbosa das Neves, o “Barbosinha” e Silóé Limeira.

A rádio Cultura de Arapiraca funcionou até 1964, surgimento da militarização brasileira, quando encerrou suas atividades. Neste mesmo ano, tendo à frente da municipalidade o prefeito Francisco Pereira, e secretário geral da prefeitura o advogado Miguel Valeriano, surge a rádio Antena de Publicidade, que passou a funcionar na rua Camilo Collier, por trás da sede da municipalidade (o estúdio e o transmissor foram montados pelo técnico em eletrônica José Gomes, o Dedé).

Durante o governo municipal de João Lúcio da Silva, com seu filho Narcizo Lúcio como secretário geral da Prefeitura, o estúdio da Antena de Publicidade passou a funcionar na avenida Rio Branco, onde hoje é a Biblioteca Municipal (eram locutores: J. Sá, José Benedito Silva, o JBS, Albenzio Perrone, Jurandir Vieira, Sebastião Cândido, Miriam Ferreira, João Rocha, Joana Vieira, a Joanelinha; como controlistas: Valdemar “Testinha”, Zé do Rojão, Humberto Oliveira, o “garoto”, ex-jogador do ASA, José Reginaldo, conhecido como “Radar”, George Sá), até quando teve lacrado seu transmissor pelo Departamento Nacional de Telecomunicação - Dentel.

Como o fechamento da rádio Antena de Publicidade, os ex-prefeitos Francisco Pereira Lima e João Lúcio da Silva, o secretário da prefeitura Narcizo Lúcio da Silva, o secretário de Educação e Saúde, Manoel Lúcio Sobrinho, passaram a responder processo junto ao Dentel, com sede em Recife.

Hoje, Arapiraca tem inúmeras rádios FM (frequência utilizada pelo governo federal).

Jornais arapiraquenses

Com os jornais, não foi diferente a luta incansável de jovens idealistas. O primeiro jornal que se tem notícia, O PIONEIRO, vai na conta deste idealismo: os jovens à época (idos de 1965) João Batista Rocha, Cícero de Oliveira Cruz (secretário de redação), José Ary de Oliveira. Os jovens Benedito Henrique, José de Macedo Ferreira, Durval Vital Barbosa, José Ventura Filho, Zezito Guedes se uniram eram outros redatores. A impressão era na gráfica do Diário Oficial, em Maceió.

Outros jornais surgiram: em 30 de outubro de 1971 foi a vez da FOLHA DE ARAPIRACA, o mais importante semanário arapiraquense. Era editado pela Editora Gráfica Diário de Alagoas S.A., em Maceió, de propriedade de José Mauro Martins; editor-chefe: jornalista José Nilton Oliveira; repórteres: João Batista Rocha, Manoel Ferreira Lira e Leônia Ribeiro (colunista social). Esse jornal tipográfico durante sua existência foi também dirigido por José Moacir Teófilo, Geraldo de Lima e Silva, Nivaldo Alves, Israel Pereira e Narcizo Lúcio.

Ainda nos anos 70, surgiu em *offset* o JORNAL DO AGRESTE, dirigido por Edson Holanda Moreira, José Leão de Melo (Nascimento Leão) e José Pereira Lúcio (Lucinho). Era impresso em Arapiraca, na gráfica situada na avenida Rio Branco – era editor Manoel Ferreira Lira; repórter João Rocha; designe gráfico: Roberto Lúcio; colunista social: Jandira Leão; gerente da gráfica: Almir Santos. Houve também o jornal ALAGOAS EM TEMPO, que teve como diretor presidente o jovem Aldo Veiga e editora Marinete Barros (era semanário).

Mais jornais: JORNAL DA CIDADE, OPINIÃO (de Roberto Baia e Álvaro Lira), JORNAL DE ARAPIRACCA (editado pelo Jornal de Alagoas), CIMFOIRM (impresso em Aracaju e editado por Álvaro Lira). Dificuldades, principalmente financeiras, fizeram destes jornais que retratavam Arapiraca nos anos 60/70/80 de vidas efêmeras.



A televisão

Chuviscos, imagens indo e vindo, longos tempos fora do ar. Esta era a realidade da recepção da televisão em Arapiraca. Com dois receptores situados na Serra da Mangabeira, recendo os sinais das TV JORNAL DO COMMERCIO e TV DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Este era o cotidiano da presença da televisão no município. No governo do prefeito João Batista Pereira da Silva, entretanto, e com a criação de um Departamento de Informação e Comunicação, a situação muda.

Outras áreas foram pesquisadas para melhor captar os sinais televisivos. O técnico José (Dedé) Gomes foi contratado para a tarefa, que conseguiu com a instalação dos transmissores no município vizinho de Feira Grande (Serra do Cacimbo). Ali a recepção do sinal da nova TV Atalaia de Sergipe chegava forte. Arapiraca passou, então, a receber a programação da TV ATALAIA.

A partir da inauguração da TV GAZETA DE ALAGOAS (ano 1974) o município pode, finalmente, captar seus sinais transmitidos diretamente de Maceió e em cores.

Aliás, os arapiraquenses somente passaram a assistir tv a cores nesta época. Antes, quem queria ver imagens coloridas, colocavam filtros a cores de papel transparente nas telas das tv de tubo. As tvs a cores (cinco) foram adquiridas por políticos da cidade: eram RQ Colorado.

A igreja da promessa



José Zeferino de Magalhães nasceu no bairro Cacimbas, filho de Manoel Antônio Pereira de Magalhães e Ana Maria da Silva Valente. Seu pai era sobrinho de Esperidião Rodrigues da Silva, o emancipador de Arapiraca. Casou-se com Antônia América Cavalcante Magalhães. Era comerciante e, em 1908, participou da fundação da Sociedade Musical União Arapiraquense. Em 1917, colaborou com a criação do Tiro de Guerra. Foi um dos membros da Junta Governativa até a posse de Esperidião Rodrigues como primeiro prefeito de Arapiraca. Hoje, há somente um descendente direto, Leondeney Cavalcante de Souza Guerra.

Em 1904, com Arapiraca passando por uma grande crise na saúde de seus filhos, que surgiu a figura do arapiraquense Zeferino Magalhães. Uma epidemia de febre tifóide (ou foi de peste? Os historiadores divergem) acometeu a todos, com centenas e centenas de mortes. A verdade é que morreram inúmeras pessoas, dentre elas Fabião Augusto de Macedo e Manoel Antônio Pereira de Magalhães, pai de José Zeferino de Magalhães. Fervorosos católicos, os habitantes da comunidade, ainda vila, rezavam aos santos, pedindo clemência para tanta morte e miséria.

Zeferino Magalhães foi um deles. Com apoio incontestado de sua esposa, América Cavalcante Magalhães, prometeu em terreno próprio, ao lado de sua residência, construir uma igreja em homenagem a São Sebastião, que diziam ser o protetor da humanidade contra a fome, a peste e a guerra.

Para ajudá-lo na tarefa, ou promessa, Zeferino contratou o pedreiro Antônio Marroquim. Teve, também, a ajuda da Irmandade do Sagrado Coração de Jesus, da

Cruzada, dos Marianos e das Filhas de Maria, todos da igreja matriz de Nossa Senhora do Bom Conselho, que, cantando e rezando benditos, carregavam tijolos, barro, areia e pedras. Cada irmandade religiosa assumia os trabalhos por uma semana.

Após a conclusão da igreja, quem deveria administrá-la? Arapiraca ainda não era paróquia. Aliás, a diocese de Penedo ainda não existia, pois somente foi criada em 03 de abril de 1916, pela Bula "*Catholicae Ecclesiae Cura*", do Papa Bento XV, sendo desmembrada da então Diocese de Alagoas (atual Arquidiocese de Maceió). Integra hoje, junto com a Arquidiocese de Maceió e a Diocese de Palmeira dos Índios, a Província Eclesiástica de Maceió, pertencente ao Regional Nordeste II. Sua superfície é de 8.905 Km². Portanto, a Igreja de São Sebastião veio antes da Diocese de Penedo, cuja Paróquia de Nossa Senhora do Bom Conselho, em Arapiraca, foi criada em 1944. O primeiro pároco, Epitácio Rodrigues, foi celebrante desde 1935 até 1979, quando renunciou por idade avançada.

Uma das figuras mais representativas da sociedade do passado, era a matriarca Maria Lima de Oliveira, com suas origens nas tradicionais famílias com raízes em Arapiraca. Era filha do casal Rosendo Lima Vieira – Cristina de Oliveira, das mais antigas famílias do bairro de Cacimbas, onde nasceu em 17 de janeiro de 1905, portanto, um ano após a construção de minha casa; e cresceu ao lado das irmãs Aldália e Júlia Lima. Maria Lima, como era mais conhecida, casou-se com José Francelino da Silva e dessa união nasceu uma numerosa prole: Mário, Vandete, Valfrido, Elza, Isabel, José, Lourdes, Julieta e Severina. Figura ativa, dotada de muita simpatia, fácil comunicação e capacidade de liderança, Maria Lima foi a primeira mulher a atuar na Câmara de Vereadores, escolhida pelo prefeito Guilherme Araújo, para compor o grupo de conselheiros encarregados de auxiliar a administração, mantendo contatos com a comunidade, numa época em que não havia vereadores. Foi assim que Maria Lima conseguiu se destacar na gestão de 1936 – 1937, desempenhando o seu papel ao lado de José Lúcio da Silva, Fausto Correia, Amâncio Barbosa, Josué Messias e outros líderes daquela fase, desenvolvendo um trabalho voluntário, prestando relevantes serviços tanto no centro urbano como nos distritos onde havia mais carências, principalmente na área de educação, onde a administração mantinha as chamadas escolas isoladas.

Vereadores (anos 60)



Da esquerda para direita os vereadores: Geraldo de Lima e Silva (Geraldo do Neguinho, depois juiz de direito), Antônio Ventura de Farias, José Lúcio de Melo (depois deputado estadual), Alonso de Abreu Pereira (depois deputado estadual), Higino Vital da Silva (depois deputado estadual), Leticia Barbosa (a segunda vereadora mulher de Arapiraca), Antônio Juvino da Silva, Domingos Vital e Lourenço Almeida. Ao fundo, o advogado da Câmara Municipal de Arapiraca, Raimundo Araújo.

Primeira bomba de combustível (fins dos anos 40)



A primeira bomba de combustível de Arapiraca foi obra do palmarino Joaquim Bezerra Pereira e sua mulher, Aurília Vieira. Instalada nos idos dos anos 40, em plena 2a. Guerra Mundial, os proprietários foram obrigados a substituir o combustível, a gasolina, por um produto que continha álcool, cujo produtor era a Usina Serra Grande, de Alagoas (a USGA é o etanol de hoje, com poucas modificações). Daí o nome: **Joaquim da USGA**. Essa primeira bomba estava instalada na calçada de sua residência, na antiga praça Gabino Besouro, posteriormente praça Marques da Silva, e era movimentada manualmente.

Sorveteria Pinguim: um marco em nossa história

Combinado Pinguim: um sabor que ficou na memória de Arapiraca



Bate-papo na Sorveteria Pinguim: Da esquerda para a direita – José Leão de Melo (Nascimento Leão), Paulo Tenório Enaldo Jatobá, Diógenes Leão, José Francelino Filho, Leondeney Guerra, Manoel Ferreira Lira e o mudo.

A história de Arapiraca passa, necessariamente, pela praça Marques da Silva, antes denominada praça Gabino Besouro. Era simples, com uma cacimba d'água ao meio, em frente ao antigo cine Trianon, toda ela arrodada de pés de *figus*, bancos de cimento, quatro enormes árvores que faziam sombra durante todo o dia. Nela existia, além do citado cinema, um banco (Banco da Lavoura S.A.), uma farmácia (pertencente ao ex-deputado José Lúcio de Melo), um hotel (o Estrela), dois restaurantes, um posto de combustível (a USGA) de Joaquim Bezerra, uma casa de vender couro (de José Mota), a igreja de São Sebastião e muitas casas de residências.

Ali, ao lado de A Nordestina (casa comercial de José Mota), estava a Sorveteria Pinguim, pertencente a Mário de Oliveira Lima, filho tradicional de Francelino Oliveira e Maria de Oliveira Lima (primeira mulher a fazer parte do Conselho Municipal e cuidadora da igreja de São Sebastião). Era fabricante de picolés de inúmeros sabores, do maracujá ao coco, passando pelos de castanha, maçãs, amendoins, chocolate. E que dizer dos sorvetes? E do combinado, chamado de Pinguim, sempre de coco, uma outra fruta, coberto com doce de banana em rodela! Com calda. A usar uma expressão da época: era a coqueluche da sorveteria.

Tempos difíceis

Mas, a Sorveteria Pinguim não era tão somente uma casa de lanches, também com uma inigualável cartola. Era a história viva de Arapiraca. Em sua frente, à noite, presenciou o assassinato brutal do deputado Marques da Silva; assistiu a morte de Antônio Ferreira Barbosa (o Antônio da Gaba) e o assassinato do ex-prefeito de Campo Grande, José Paulo Moura. Ou a sentinela do ex-delegado e major Vicente Ramos, na igreja de São Sebastião.

E que dizer das reuniões políticas: muitas noites, até as madrugadas, reuniam-se políticos, como o depois deputado Nascimento Leão, o advogado Sebastião de Oliveira Lima, o promotor de justiça José Martins Filho (pai do hoje ministro do STJ, Humberto Martins), Manoel Lira e o, depois, deputado José Pedro da Arael. Ao sabor de cafés e tragadas de cigarros, discutia-se a política arapiraquense, antes udenista e pessedista; depois, arenista e emedebista.

A Sorveteria Pinguim, a maior casa de lanches de Arapiraca, foi a casa de Gonzaga (o maior sorveteiro), de Darcy, do Gerson, do Boca, do Antônio da Pipoqueira e de Melquiades França, que foi gerente. Em tempo: saudades de assistir, todos os domingos à noite, o desfile ao redor da praça da juventude feminina arapiraquense (os do sexo masculino ficavam parados na calçada da praça, na maioria das vezes, tentando conquistá-las). Muitas vezes, antes da sessão do cine Trianon. Clareava os olhos e alegrava a mente dos rapazes da época. Muitas delas, desfilavam ao redor da fonte luminosa.

Diversão arapiraquense nos anos 60 e 70

Bloco ZUM ZUM



De lembrança, os arroubos da juventude. Aqui se tem de ex-prefeito, João Nascimento (último em pé), à direita; deputada federal Thereza Nelma (a 8ª em pé), da direita para esquerda; bancário Cordeiro, do Produban, sentado, ao lado do Nô; professores como Ubirajara Almeida (último, barbudo, em pé); engenheiro civil, Severino Aristides (5º da direita para esquerda, em pé); advogado Tadeu Ribeiro (vizinho a Thereza Nelma), a direita, Luciano (da Casa São Paulo), designer Nô Nojeira (primeiro, sentado, da direita para esquerda); Flamarion, por trás do Nô, sentado. Outros nomes: Socorro Tenório ou Socorro Totô (6ª da direita para esquerda, em pé); Djalma Santana, Dija (7º da direita para esquerda, em pé); Fernando Tenório ou Fernando Totô (primeiro, em pé, com copo na boca, da esquerda para direita). Sentadas, primeira fila, da esquerda para direita: Bete, Janete e Fátima (filhas de Cícero Iziano). No carnaval, tudo era válido. Esquecia-se de tudo. Era o bloco do *ZUM ZUM*.

Banda de Música do Clube dos Fumicultores (1953)



Maestro: Nelson Soares Palmeira

Membros: Luiz Coqueiro, João Lima, Leônio, Lourival Almeida, João Jequeri, Etelvino Lins e Edgenaldo Nobre (clarinetes); José Lúcio (José Gondim), Leo e Valdemar Correia (trompetes); Antônio Guariba e Nicodemos (trombones); Edivaldo e Neusvaldo Nobre (saxofones); Anibal (bombardino); Hercílio Corado, Djalma e Eraldo (trompas); Gondim Rodrigues e Crisóstomo (tubas); Expedito (bombo); Antônio Abdon (surdo); Antônio Lima (pratos); Paulo Correia Amorim (tarol).

Bandinha do Dedé



Dedé Vigário, pessoa simples, bem-humorada, entusiástica de festas, teve sua passagem por Arapiraca festejando a vida. Criou, junto com amigos, a Bandinha do Dedé, famosa nos desfiles carnavalescos de Arapiraca. Primeiro, a bandinha era para comemorar seu aniversário e, com amigos, como Marcolino Guedes, José Inocêncio, Bereguedé, Milton Militão, Lourenço Almeida, Antônio Luís, Daniel Vieira, José Gondim, Luís Cornélio, Cícero Texaco, Pedro Carnaúba, Valdemarzinho e Ciro, saíam todos pelas ruas de Arapiraca. Sem bagunça. Na Banda do Dedé não havia cabanos nem caras pretas. Tudo era alegria (disse Zezito Guedes).

Brotinho da Cidade



A juventude arapiraquense sempre soube se divertir, principalmente no Clube dos Fumicultores. Em 1973, a escolha do *brotinho da cidade* (Wilma Lino). Do seu lado direito: Ademar Barbosa, João do Nascimento (futuro prefeito municipal), Teresa Nelma (futura deputada federal); do lado esquerdo: Eli Mário, Janete Roque e Maria do Patrocínio.

Cine Trianon (1952/1997)



Foi o segundo cinema da cidade de Arapiraca, surgido após o cinema Leão, do agricultor Manoel Leão. Foi parte da visão empresarial do jovem (à época), José Ferreira Barbosa e foi, durante muito tempo, dirigido pelos jovens Claudir Aranda Valeriano (genro do proprietário) e José Moacir Teófilo. Também foi palco de vários tipos de manifestação de arte e cultura, mas, principalmente, era o entretenimento maior dos arapiraquenses, com ampla sala e espetacular tela, para a época. Representou local de apresentação de teatro - vide *As Mãos de Eurídice*, apresentada por Pedro Onofre; as apresentações de inúmeros artistas, como Luís Gonzaga, Nelson Gonçalves, Altemar Dutra, Jerry Adriane, Cauby Peixoto, Roberto Carlos, Hermeto Pascoal, Ângela Maria, Waldick Soriano etc. Foi, também, palco de programas de calouros apresentados por J. Sá, nas tardes de sábado. Era cultura; era arte. Era cinema (o primeiro filme apresentado foi *O Feiticeiro do Céu*, seguido de *Fabiola* e *Matei Jesse James*).

Pré-ASA - Ferroviário (1950)



O Ferroviário Atlético Clube (conhecido como Ferroviário da Estação), time de futebol pertencente aos trabalhadores da Great Western, que fazia a linha férrea de Arapiraca até Porto Real do Colégio, deu origem ao ASA. Esta foto, de 1950, mostra, da esquerda para a direita: padre Luiz Ferreira (dirigente), Leal, Gonzaga Dentista, Niltinho (irmão do dr. Edler Lins), Sebastião do Leocádio, Francisco Tavares, o Tavarinho, que era professor e técnico do time); Agachados: Celso, Nilson, Jorjão, Arnaldo, Heraldo do Ginú, Aldo Lima; deitado: Luizinho Evangelista (goleiro). Destes, Luizinho, Heraldo do Ginú e Sebastião do Leocádio continuaram no ASA, quando este se formou a partir do Ferroviário, em 1952.

Hotel Estrela



Foi instalado no prédio onde funcionou o Paço Municipal (sede da Primeira Junta Governativa de Arapiraca), por Florêncio Apolinário, na rua Nova (hoje, praça Marques da Silva). Durante algum tempo, mais precisamente nos anos 30, era conhecido como “Hotel de Dona Rosinha” e recebia viajantes dos municípios vizinhos. Era ponto de convergência da sociedade local, onde se falava de tudo (agricultura, da incipiente plantação de fumo, até de política). Os bailes na cidade, quando havia, realizava-se lá. Como hóspedes, o Hotel Estrela teve o major Vicente Ramos (delegado de polícia), o dentista José de Souza Guedes (que foi prefeito), o promotor Pimenta. Hoje, é somente lembranças.

Uma lembrança, a feira



A frase do músico Hermeto Pascoal, filho de Lagoa da Canoa, considerado um dos melhores do mundo e que viveu na infância e adolescência todas as segundas em Arapiraca, bem mostra a importância da feira-livre para o crescimento do município. Dizia ele: *“Não se trata de uma feira que se estabeleceu numa cidade. Mas uma cidade que se formou em torno de uma feira.”*

Hermeto Pascoal nasceu em 1936 e, segundo ele, desde os seis anos de idade ia com seus parentes à feira de Arapiraca. Primeiro, comer bolo e chupar pirulito vendidos nas bancas; depois, *“ouvir”* os sons, como o *“ruídos das marteladas e o trote das mulas, ...ou “o burburinho de vozes acordando mais cedo os moradores das ruas do centro.”*

Mas, nem sempre foi assim. Tudo começou em 1884, quando o jovem Esperidião Rodrigues, vendo o desenvolvimento do povoado Veados (hoje Canaã) com sua feira livre, ondes os moradores da região compravam alimentos (farinha de mandioca, carne fresca e seca – hoje conhecida como carne do sol), vendiam produtos (principalmente algodão), trocavam entre si outros produtos originários do trabalho na roça, lançou a ideia de uma feira na localidade de Arapiraca. Chamou os homens do local, quase todos familiares, e convenceu a todos. Ele, aliás, foi um dos beneficiados, pois era junto com seu primo Florêncio Apolinário proprietário de um armazém que vendia de tudo, inclusive tecido (bem disse o historiador Zezito Guedes). Surgiu, então, muito incipiente, a feira de Arapiraca.

Já em 1920, quatro anos antes da emancipação política, a Feira de Arapiraca ultrapassava a feira de Limoeiro, município do qual fazia parte.

A feira de Arapiraca se expandiu.

Às segundas-feiras, mais e mais ruas eram incorporadas ao comércio livre: primeiro, a Rua do Quadro (hoje Praça Manuel André), e depois vieram a Rua Boca da Caixa (15 de Novembro), Rua Pinga Fogo (Aníbal Lima), parte da Praça Bom Conselho (por trás da Igreja Nossa Senhora do Bom Conselho, parte da hoje Rua Fernandes Lima (da Rua do Quadro até a residência de Valdomiro Barbosa), parte da Rua do Cedro (Avenida Rio Branco), hoje a Rua Esperidião Rodrigues, a Rua do Peixe (hoje Rua professor Domingos Rodrigues).

E tinha de tudo.

Batata-doce do Mocambo (vindo de Feira Grande), tecido e produto de couro vindos de Palmeira dos Índios, fumo em corda de diversas áreas do município, legumes e frutas de Cana Brava (Taquarana) e Limoeiro. Utensílios para o lar, frutas, verduras chegavam toda segunda-feira em Arapiraca. E, repetindo (sem cansar) o músico Hermeto Pascoal: *“Se hoje eu faço música universal é porque na feira de Arapiraca já se fazia música universal”*.

Ah, a feira-livre de Arapiraca!

Feira dos nossos tempos de menino, dos carroceiros (de burro) e dos carroceiros (de mão); dos carregadores e montadores de toldas; dos empregados das lojas e mercearias. Feira da venda, da troca, do bêbado caído nas calçadas; feira do ambulante, da dona de casa, dos alagoanos vizinhos de Arapiraca (aqui vinham vender seus produtos); feira do vendedor de picolés (os de maçãs eram melhores). Feira do poeta e do cidadão honorário arapiraquense (título concedido pela Câmara de Vereadores, projeto de Maurício Fernandes, ao Hermeto Pascoal):

“Não se trata de uma feira que se estabeleceu numa cidade. Mas uma cidade que se formou em torno de uma feira. Desde que Arapiraca é Arapiraca, todas as segundas-feiras, certo como é o nascer do sol, era também os ruídos de marteladas e o trote de mulas com suas cargas rangentes, o burburinho de vozes acordando mais cedo os moradores das ruas do centro.

“Dezenas, centenas de rostos anônimos, desconhecidos e ao mesmo tempo familiares. Gente de Arapiraca, de Palmeira (dos Índios), de Lagoa da Canoa, de Limoeiro de Anadia, gente da cidade e gente do sítio, gente de perto e gente de longe, gente que cresceu frequentando a feira e gente que eu vi um pouco mais velha a cada segunda-feira.

“O cheiro-verde do coentro fresquinho e ainda molhado de orvalho, o cheiro forte do fumo, o cheiro azedo da massa puba, todos os cheiros e fedores da feira, o

desarrumar das cargas para arrumar as bancas, um caos buscando organizar-se. Era como música”.

Ou do João do Pife (que fixou residência no bairro de Canafístula), do Zé do Rojão (filho de Coité do Noia, mas apaixonado por Arapiraca); do Aloísio de Folha Miúda (que cantava Arapiraca e sua feira nas rádios Globo e Tupi, do Rio de Janeiro). Ou, já agora, do Afrísio Acácio, com sua poesia na antiga Praça da Prefeitura.

Esta feira, cantada por muitos e tão bem historiada por Zezito Guedes (em seu livro **Arapiraca Através do Tempo**), já não existe mais. Foi desmontada e deslocada para ruas da periferia, principalmente para os lados do bairro Baixão.

Certo ou errado, ficou só a memória.

Feiras livre em Arapiraca, hoje

Sem as lembranças de um passado não muito distante, a cidade de Arapiraca tem feira livre todos os dias, afora a tradicional às segundas-feiras, e que engloba as seguintes ruas: Maurício Pereira, Teodorico Costa, do Sol, Pedro Leão, Tiradentes, Miguel Correia Amorim, Padre Cícero, José Lopes da Silva e Manoel Ângelo Tavares.

Nos outros dias: feira da Primavera (aos domingos), nas ruas Engenheiro Camilo Colier, 31 de Março, Sargento Benevides, Olinda e Braz Vieira; feira do Baixão (também aos domingos) na rua Miguel Correia do Amorim; feira da Brasília (às quintas-feiras), nas ruas Senador Rui Palmeira, Firmino Leite e Domingos Barbosa; do bairro Itapoã (aos sábados), nas ruas Nossa Senhora da Salete e Nossa Senhora do Ó; feira no bairro Senador Teotônio Vilela (aos domingos), nas ruas São Paulo, Nossa Senhora das Dores, Samaritana e São Geraldo; feira no Jardim Esperança (aos domingos) na Praça Maria das Dores; feira no Jardim Tropical (aos domingos), na Rua Adão Henrique; feira na Canafístula (aos domingos), na rua Lúcio Vital; feira fixa da Fumageira (de domingo a domingo), na Praça Eloísio Lopes.

Feiras livres não faltam em Arapiraca. Por todos os lados, o arapiraquense ou o visitante encontram de tudo. O município, descentralizando a feira livre, ofereceu ao seu munícipe a comodidade, a facilidade. Retirou o bucolismo da maior feira livre do nordeste, cantada em prosa e verso em todos os cantos do Brasil.

Os primeiros nomes das ruas



*Rua Nova, ao fundo a primeira sede do município.
Hoje é a praça Marques da Silva (foto domínio público)*

-Vai, meu filho, ali na rua da Matança e compre um quilo de carne, com osso corredor viu, pois quero comer um pirão!

Assim, ou mais ou menos assim, falava o arapiraquense ao filho, lá pelos fins do século XIX e início do século XX. A rua da Matança hoje é o Largo Dom Fernando Gomes, vizinho a rua Nova, ou como hoje conhecemos como praça Marques da Silva. Ou, como denominou de rua do Cedro a hoje avenida Rio Branco, o primeiro prefeito de Arapiraca, Esperidião Rodrigues.

Naqueles tempos não importava ao poder público denominar nomes de pessoas, ou fatos importantes, às ruas. Era tudo tão simples! Bastava o povo começar a denominar um lugar para que “aquele” nome fosse designado à rua. E nomes simples:

Rua Pinga Fogo, hoje rua Aníbal Lima, que ligava a rua Nova a rua do Quadro, praça Manuel André. Ou, a famosa rua Boca da Caixa, que é conhecida como 15 de Novembro, em homenagem à bandeira brasileira.

Um dos primeiros nomes surgidos na incipiente Arapiraca foi o das Cacimbas, hoje praça Pereira Magalhães, terra dos originários Leites e Magalhães. De cacimbas para saciar a sede, tornou-se um próspero bairro.

Nem tudo espelhava a beleza do lugar. Havia nomes pitorescos, como Beco do Urubu, que ficava entre a rua do Quadro e o início do Alto do Cruzeiro (ali eram abundantes urubus sobrevoarem o pousarem no local, ao lado dos poços que originaram as antigas olarias. Hoje, o nome da rua é pomposo: rua Governador Luís Cavalcante.

Ou, rua da Cadeia (atual rua Pio Matos de Melo, que ficava entre a rua Nova e a rua da Quitanda (atual rua Manoel Abreu).

Mas, como se dá nome a rua? É algo tão comum que a maioria de um lugar nunca se importou em saber a motivação. O nome de uma rua, ou de um bairro, ou de um logradouro qualquer, é como os legisladores locais (no Brasil, os vereadores) através de atos próprios identificam a localidade para facilitar junto aos munícipes. Verdade é que todas as ruas devem ser identificadas para facilitar a locomoção, identificação esta que é importante para o poder público, para o transeunte, para o povo em geral e para as empresas, entre tantas.

Os vereadores em reunião analisam a importância de um nome, corriqueiro ou não, pessoal ou não, para identificar uma localidade. Muitas vezes, é nome de pessoa que foi importante para o local; outras, homenageiam datas que homenageiam determinadas passagens. Mas, sempre datas históricas ou religiosas. O edil sempre ouve a voz do povo!

No caso de Arapiraca, nem sempre foi assim. A rua São Francisco, a maior da cidade, é uma homenagem a São Francisco de Paula, ou como os antigos ainda se lembram, a Francisco de Paula Magalhães, um pioneiro. O nome desta rua substitui a tradicional Rua do Arame.

Outro exemplo, já agora em fins dos anos 60: o prefeito João Lúcio da Silva abriu importante rua que saía do fim da rua Nossa Senhora de Fátima (onde está a rádio Novo Nordeste) até a AL 110 (no sítio Mocó), e solicitou à Câmara Municipal para dar-lhe o nome de Avenida do Futuro. E assim foi feito. O novo prefeito João Batista Pereira da Silva, que o substituiu em 1970, solicitou aos legisladores municipais, e foi aceito com satisfação, a mudança do nome da localidade para Avenida Coronel Wilson Santa Cruz, que era comandante do antigo 20 BC (Batalhão de Caçadores)

Muitos ainda se lembram da praça Luís Pereira Lima, que durante muitos anos era conhecida como praça da Prefeitura, local da sede do executivo municipal, dos Correios e Telégrafos, do IBGE e do Aero-club de Arapiraca (depois Escola Municipal Hugo Camelo de Lima). Ou, a rua vizinha, que hoje é chamada de rua Gordilho de Castro, mas sempre foi a rua do Chafariz.

Identificações são primordiais para se localizar uma rua ou logradouro. Importante, porém, é resgatar os primeiros nomes dados aos logradouros arapiraquenses – mostrando que o povo sempre identifica suas ruas, vielas, praças, com nomes simples, fáceis de identificar. É o nome da praça dos Curís, que poucos sabem ser a praça padre Cícero.

Ah, que nomes! Rua do Peixe (rua Professor Domingos Rodrigues), rua da Gandaia (rua 16 de Setembro), Vila dos Veados (Vila Canaã), Vila Lagoa do Rancho (Vila São José).

Distrito Civil de Arapiraca

O primeiro Distrito Civil de Arapiraca foi criado ainda em 1892, que se encarregou dos registros de nascimento, de casamento e de óbitos. O primeiro escrivão foi Manoel Apolinário Correia da Silva, que teve como substituto André Rodrigues de Macedo.

1 - Primeira certidão de nascimento – João Correia Leite, que nasceu em 24/5/1899, e foi registrado em 17/9/1899, sendo filho de Manoel Inácio Gomes e de Joana Leite da Silva;

2 - Primeira certidão de casamento – de Antônio José Pereira Cravo com Romana Maria da Conceição, em 8/9/1893 (escrivão: Manoel Apolinário Correia da Silva; Juiz de Paz: José Francisco da Silva Gomes);

3 - Primeira certidão de óbito – de Pedro Correia da Silva, em 23/6/1896, que era casado com Maria Amélia da Conceição.

4 - O primeiro Distrito Policial também foi criado na mesma época, e teve como primeiro subdelegado José Francisco da Silva Gomes, que também era Juiz de Paz do Distrito.

A segurança pública de Arapiraca em 1926

Segundo o Gabinete de Identificação e Estatística Criminal do Estado o município de Arapiraca aparece com um total de 102 crimes (eram assim considerados). A estatística mostra o movimento das Delegacias do Estrado durante o exercício de 1926 (a publicação do relatório é de 1927) e é assinada pelo diretor, Dr. José Carneiro, e pelo oficial Ovídio Edgard d'Albuquerque.

Arapiraca apresenta o seguinte quadro:

Homicídio – X
Tentativa de homicídio – 1
Lesões corporais – 3
Suicídio – X
Tentativa de suicídio – X
Defloramento – X
Roubo – 1
Furto – 1
Vadiagem – X
Desordens – X
Jogos proibidos – X
Ofensa a moral – X
Gatunagem – 2
Embriaguês – 1
Averiguações – 6
Queixas verbais – 86
Outros – 1

TOTAL - 102

A presença de Arapiraca junto ao governo do Estado

Sem citação de Arapiraca na mensagem do governador em 1925

Na Mensagem ao Congresso Alagoano, lida na 1ª secção ordinária da 18ª legislatura, em 21 de abril de 1925, assim se manifestou o governador Pedro da Costa Rego sobre Arapiraca:

Diz o governador, às páginas 68 e 69: *“Logo depois de assumir o governo, empreendi varias excursões de estudo aos municípios. Muitos deles já eram conhecidos, de viagens anteriores, em que eu os observara sem a previsão de que seria mais tarde a gerir os destinos do Estado”. Disse mais: “A autonomia municipal é, sem duvida, um bello principio de formação administrativa. Em innumeros casos, porem, ella é no Brasil a vergonha, e não a cellula, do regimen”.*

Sobre Arapiraca, nenhuma citação.

Do prefeito Esperidião Rodrigues ao governador Costa Rego em 1926

Durante o exercício de 1926, o primeiro prefeito de Arapiraca., Esperidião Rodrigues da Silva, assim se manifestou em documento enviado ao governo do estado sobre sua gestão: *“A receita arrecadada importou em treze contos cento e vinte e oito mil duzentos e vinte réis (13:128\$220) e a despesa efetuada, em quatorze contos, cento e seis mil e cento e oito réis (14:106\$108) ficando um deficit de novecentos e setenta e sete mil e oitocentos e oitenta e oito réis (977\$888), em consequência da impossibilidade da arrecadação motivada pela secca que tem sofrido este Município, conforme comuniquei a V. Excia em data anterior”.*(grafia conforme o original).

Sobre Arapiraca na Mensagem do governador Costa Rego em 1927

Em 21 de abril de 1927, com publicação no Diário Oficial do Estado, o governador Costa Rego enviou Mensagem ao Congresso Legislativo durante a 3ª secção ordinária da 18ª legislatura. Sobre Arapiraca, assim se manifestou o governador:

“Arapiraca. Diz o Prefeito, relativamente ao exercício de 1926: “A receita arrecadada importou em treze contos cento e vinte e oito mil duzentos e vinte réis (13:128\$128) e a despesa effectuada, em quatorze contos cento e seis mil e cento e oito réis (14:106\$108) ficando um deficit de novecentos e setenta e sete mil e oitocentos e oitenta e oito réis (977\$888), em consequencia da impossibilidade da arrecadação, motivada pela secca que tem sofrido este Município, conforme communiqueia V. Excia. em data anterior” (p. 122).

Do prefeito João Ribeiro Lima ao governador (Mensagem de 1930)

Mensagem lida na abertura da 3ª secção ordinária da 10ª legislatura. Era prefeito de Arapiraca João Ribeiro Lima (prefeito de dois de julho de 1928 a 30 de outubro de 1930) e o governador era Álvaro Correia Paes (de 12 de junho de 1928 a 10 de outubro de 1930).

Diz o governador: “*Em Arapiraca, o Prefeito João Ribeiro construiu uma estrada regular, de cerca de nove quilômetros, até quasi a fronteira com Limoeiro*” (p.16).

Acerca das realizações municipais, sua receita e despesa, a Mensagem governamental assim se refere a Arapiraca:

“Arapiraca – A receita do município for orçada em 21:450\$000. A arrecadação, até 31 de dezembro ultimo, se elevou a 21:668\$800 que, adicionados ao saldo do balancete anterior, na importância de 818\$170 e mais á quantia de 9:000\$000, de um empréstimo contrahido por autorização do Congresso Estadual, perfazem 31:486\$970.

“Com estes recursos, o Prefeito fez as seguintes despesas: 11:8886\$200, com a construção de 9 quilômetros de estrada de rodagem de Arapiraca a Limoeiro; 239\$000, com a aquisição de ferramentas necessárias aos alludidos serviços; 4:550\$000, com a aquisição, transporte e pintura dos postes destinados á instalação da linha telephonica de Arapiraca; 1:151\$000, com a construção de um cercado parao matadouro publico; 535\$500, com a limpeza da fonte publica; 149\$000, com a desobstrucção de caminhos; 643\$280, com os juros do empréstimo contrahido pela Municipalidade; 1:150\$000, com a contribuição para pagamento do empréstimo; 1:200\$000, por conta do fornecimento de luz publica; 3:056\$294, da percentagem aos arrecadadores dos impostos municipaes; 727\$500, com os alugueis das casas onde funcionam a Escola Municipal e o Telegrapho Nacional; 282\$000, com o serviço eleitoral; 50\$000, com a subvenção ao Caixa Escolar; 1:940\$000, com o funcionalismo municipal; 2:400\$000, com o subsidio ao Prefeito; 621\$500, com o expediente da Prefeitura; 842\$000, com a limpeza publica; 180\$000, com os serviços de limpeza do cemitério publico; 90\$000, com o expediente do jury; 181\$700, com pequenas despesas.

“*Diz o Prefeito que não lhe foi possível solver os compromissos da Municipalidade. O balancete foi encerrado com o deficit de 11:990*” (os textos em itálico estão escritos no português da época).

Crescimento e desenvolvimento de Arapiraca através de datas

O crescimento de Arapiraca e, conseqüentemente, seu desenvolvimento passam por datas que devem fazer parte da memória de todo arapiraquense. Simboliza o início de algo que, de uma forma ou de outra, contribuiu para elevar Arapiraca.

Em 1848, surgimento da primeira casa em terras da Fazenda Cangandu, dando início a Arapiraca;

Construção da capela sobre o túmulo da primeira mulher de Manoel Andre, de nome Maria Isabel da Silva Valente, em 1855;

A Igreja Nossa Senhora do Bom Conselho foi construída em 1867, e ali foram enterradas, além da mulher de Manoel André, sua sogra, Isabel da Rocha Pires, em 1873. Diversos casamentos ali se realizaram, como os de Florêncio Apolinário, José Inácio Correia, Vicente Correia da Silva, Manoel Antônio Pereira de Magalhães, Esperidião Rodrigues da Silva, Pedro Cavalcante de Albuquerque, Antônio Leite da Silva, Lúcio Roberto, José Pereira dos Santos, Antônio Lima de Oliveira, Manoel Jacinto, Antônio Romualdo, José Ferreira de Macedo, Fabião Augusto de Macedo, João Ferreira de Macedo, Manoel Plácido da Silva, Luiz Pereira da Silva, Antônio Nunes Barbosa, Pedro Vieira de Melo, Maurício Pereira de Albuquerque. O padre celebrante era o da paróquia de Limoeiro de Anadia, padre Pedro Vital da Silva;

Em 1875, houve a construção das primeiras casas no local que foi chamado de “*Quadro de Arapiraca*”;

Chegada a Arapiraca de Esperidião Rodrigues da Silva Magalhães, então com sete meses de idade, em 1865;

Em 1880, com 22 anos, Esperidião Rodrigues da Silva Magalhães, juntamente com seu primo e sócio Florêncio Apolinário (filho de Manoel André Correia dos Santos), abrem a primeira casa de comércio do local – onde se comprava e vendia de tudo, inclusive tecido;

Em 1884, início da feira livre de Arapiraca, criada por Esperidião Rodrigues. Até então, a feira dava-se na localidade dos Veados;

Em 1890, Esperidião Rodrigues consegue, junto ao governo do estado, a instalação da primeira escola pública, nomeando sua nora, Marieta Peixoto Rodrigues de Macedo, como primeira professora

Em 1892, o futuro emancipador de Arapiraca, como Intendente de Limoeiro, conseguiu que o governo do estado instale uma subdelegacia de Polícia e um Cartório de Registro Civil no povoado de Arapiraca;

Em 1904, construção da Igreja de São Sebastião, nas terras de José Zefe-

rino Magalhães, para pagar uma promessa;

Em 1908, fundação da escola de música, a “*União Arapiraquense*”;

Ainda em 1908 Esperidião Rodrigues é nomeado, pelo governador Clodoaldo da Fonseca, Intendente de Limoeiro, onde ficou até 1918;

Em 1922, primeiro automóvel, que pertenceu a Manoel Leão, a circular em Arapiraca. Era um Ford 1919 e servia, além do uso pessoal, para transportar produtos locais até a capital;

1924, 3o de maio, emancipação política e administrativa de Arapiraca, através da Lei nº 1.009;

31 de maio, publicação da Lei nº 1.009 no Diário Oficial do Estado, primeira página, emancipando Arapiraca de Limoeiro;

Nomeação, através de Ato assinado pelo governador Pedro da Costa Rego no dia 17 de outubro de 1924, mas publicado no dia 18 no Diário Oficial, da Primeira Junta Governativa de Arapiraca;

Instalação solene do novo município, em 30 de outubro de 1924, da primeira Junta Governativa – “*Domingos Rodrigues, Olegário Cavalcante, Francisco Magalhães, Aprigio Jacintho, Antonio Apolinario, Antonio Ribeiro, Pedro Lima, José Pereira Sobrinho, Tiburcio Valeriano e Cicero Gonzaga*;

Posse dos primeiros prefeito e vice, em sete de janeiro de 1925 – *Esperidião Rodrigues da Silva Magalhães e José Zeferino de Magalhães*, que foram eleitos em 30 de novembro de 1924;

Em 1925, instalação da energia elétrica, com a primeira iluminação à eletricidade de Arapiraca, através do empresário Antônio Apolinário Correia;

A partir de 1930 o desenvolvimento da cultura do fumo, plantado em “currais”, coimo era conhecido, ampliando-se a área de plantio e cultivo deste produto;

Instalação da Câmara de Vereadores de Arapiraca, em 1936, com José Lúcio da Silva, como Presidente, João Ferreira de Albuquerque, como vice-Presidente e Domingos Romualdo de Oliveira como Secretário;

Em 1939, instalação do Grupo Escolar Adriano Jorge (o primeiro curso somente foi instalado em 1940);

Em 1940, Manoel Leão instalou o primeiro cinema no município, o Cine Leão, que funcionava na praça Gabino Besouro;

O Instituto São Luís, escola particular de ensino, foi autorizada a funcionar em 1936, através do Decreto Estadual nº 2.225, mas somente começou a funcionar em 1944;

Em 1945, inaugurada a da Mãe Menina, situada no local conhecido como Cruz da Moça. O prefeito Luís Pereira Lima mandou vir do Rio de Janeiro da imagem da santa;

Criada a paróquia Nossa Senhora do Bom Conselho, em 15 de agosto de 1945;

Em 1947, instala-se em Arapiraca a Empresa Camilo Collier, encarregada da instalação de trilhos para a rede ferroviária até Porto Real do Colégio;

Em 1948, instalação da Estação da Rede Ferroviária;

Em 1949, 30 de outubro, foi a inauguração do Clube dos Fumicultores de Arapiraca;

Em 1950, instalação da primeira agência bancária em Arapiraca – Banco da Lavoura de Minas Gerais;

Em 1950, criação do Ginásio Nossa Senhora do Bom Conselho;

Em 1952, 25 de setembro, foi fundada a Associação Sportiva de Arapiraca, que se originou do Clube Ferroviário, herdando as mesmas cores preto e branco;

Em 1952, foi inaugurado o Estádio Municipal Coaracy da Mata Fonseca;

Em 1952, inauguração do maior e melhor cinema do interior de Alagoas, o Cine Trianon;

Em 1959, instalação da Biblioteca Municipal;

Em 1962, instalação da escola municipal Hugo José Camelo de Lima, a mais importante do município, à época;

Em 1963, a energia elétrica de Paulo Afonso chegou ao município;

Em 1965, instalação da primeira agência do Banco do Brasil S.A.;

Em 1970, instalação do primeiro curso superior no município com a criação da Fundação Educacional do Agreste Alagoano, através da Lei nº /70;

Em 1971, funcionamento dos primeiros cursos superiores em Arapiraca – Estudo Sociais (História e Geografia), Letras (Português, Francês e Inglês) e Ciências (Matemática e Ciências);

Em 1973, chegada da água encanada do Rio São Francisco;

Em 1976, inaugurada oficialmente e legalizada a primeira estação de rádio de Arapiraca, a Rádio Novo Nordeste;

Em 1990, a FUNESA (Fundação Educacional do Agreste), foi estadualizada e passou a integrar a Fundação Universidade Estadual de Alagoas, em 1996;

Exportação e importação de Arapiraca em 1930

ESTATÍSTICA
(Em kilos)

QUADRO DEMONSTRATIVO DA EXPORTAÇÃO DO ALGODÃO, SUB-PRODUCTOS E TECIDOS, DURANTE O ANNO DE 1930

MUNICIPIO	Destino	Algodão		Tecido	Fios	Varredora	Sementes	Linter	Óleo	Farelo	Linha	Toalhas	Lenços	Valor Off.	Direitos Pagos		
		Bruto	L.A.														
Maceió	Div. Est.	8.174		1.898.790	27.339	190.508	2.481.383		177.743	816.080				180.311	7.702	4.602.8058775	457.4908480
Penedo	"	1.153.772		147.671		18.540	597.833	9.583	7.631	4.760						3.177.2848459	172.5808721
Pedra	"			6.700	19.804	22.760										248.6328430	14.0088393
S. Miguel de Campos	"			138.404										265.311		350.1128860	38.8068590
Pão de Açúcar	"						600.432									88.4088150	6.4928502
P. dos Índios	"	194.578		180												248.1378605	17.3628588
Arapiraca	"			rede 50												3208000	358300
S. Eras	"						76.500									14.3708000	1.0008000
Trapiç	"						37.645									23.9748202	1.8238229
Viçosa	"	12.000	7.800				1.104.000									201.9778480	14.5008023
Igreja Nova	"						137.950									22.9958494	1.6008079
Rio Largo	"			22	303											5428018	748720
Dello Monte	"						40.557									5.9938119	4108720
Collégio	"						22.500									3.7908000	2628000
S. José da Lago	"			48.847												137.1558119	9.6008000
União	"	185	25.190	144												49.5038370	2.8408097
Jacuchypa	"	430	94													9448324	668137
Paulo Afonso	"	316	2.400													7.0228000	4918540
		12.920	1.348.155	1.892.900	47.478	229.088	5.698.810	9.583	185.374	820.700	165.311	180.311	7.622	0.501.2628622	729.8008215		

Observações:
Os municípios não mencionados neste quadro nada exportaram no decorrer de 1930.
Por falta de espaço, incluiu-se rede na columna de tecidos.

Directoria do Serviço do Algodão do Estado de Alagoas, em Maceió, 2 de Janeiro de 1930.

VISTO. — J. Castello Branco, Director. Aristides Athayde de Oliveira, Escriptoraria.

ESTATÍSTICA
(C. F. P. e engradados)

QUADRO DEMONSTRATIVO DA IMPORTAÇÃO DE ALGODÃO, SUB-PRODUCTOS E TECIDOS, DURANTE O ANNO DE 1930

Procedencia	Município	Algodão		Tecidos	Fios	Óleo	Farelo	Linha	Redes	Valor Oficial	Direitos Pagos	Observações
		Bruto	L.A.									
Div. Estados	Maceió			4.572				100		1.791.1938003	121.6008608	Os municípios não mencionados neste quadro nada importaram no decorrer de 1930.
"	Penedo	3		1.721	132	7	220			621.7958208	52.7168153	Os demais sub-productos não constam neste quadro, porque não entraram no Estado, durante o anno de 1930.
"	União			290	2					113.8198000	1.1388778	Em se tratando da importação, tomam-se volumes: cosses, fardes, sacos e engradados, e não kilos, como acontece com a exportação.
"	Jacuchypa			36						5.4238200	82185	
"	Maricó			234	2					71.7088210	7388940	
"	Rio Largo			71						23.8718725	2488920	
"	Porto de Pedras			27						5.2048500	58245	
"	Maragogy			85			7	2	1	29.2008200	3148250	
"	Atalaia			45						15.2638000	3058333	
"	Viçosa			597						233.8088205	1.6008779	
"	Leopoldina			48						10.2368500	1028265	
"	S. José da Lago			115					103	56.6258700	6258507	
"	Capella			106						72.1308420	8608642	
"	Porto Calvo			180	2					45.8248625	4508868	
"	Paulo Afonso			18						3.9188200	398160	
"	Piranhas			7						1.1308000	30800	
"	Trapiç			18						3.1498000	36890	
"	Agua Branca			7						1.8988200	44825	
"	Arapiraca			2						3048000	13845	
"	Pedra			11						2.8908000	30890	
"	Comaragibe			28						15.4028000	154800	
"	Igreja Nova			1						848000	58400	
		4		8.170	146	7	227	362	118	3.124.2028208	191.0478005	

Directoria do Serviço do Algodão do Estado de Alagoas, em Maceió, 2 de Janeiro de 1930.

VISTO. — J. Castello Branco, Director. Aristides Athayde de Oliveira, Escriptoraria.

Arrecadação de Arapiraca (comparação - anos 1925/1926)

ANNEXO N. 13

Tappa comparativo da arrecadação das Estações Fiscaes, do exercicio de 1926 com o de 1925

ESTAÇÕES	1926	1925	Differenças	
			Para mais	Para menos
Central	5.452:002\$215	5.968:682\$016		516:679\$801
Alagoas	45:152\$738	48:338\$465		3:186\$727
Anadia	59:704\$243	70:798\$769		11:094\$526
Arapiraca (*)	37:352\$602		37:352\$602	
Atalnia	79:125\$781	94:827\$921		15:702\$140
Barra de S. Miguel (**)		3:545\$572		3:545\$572
Camaragibe	78:164\$748	45:047\$654	33:117\$094	
Coruripe	38:610\$846	33:725\$786	4:885\$060	
Juqueiro	59:278\$041	16:757\$241	42:521\$400	
Jacuhype	49:404\$639	59:724\$973		10:320\$334
Leopoldina	114:455\$085	113:608\$731	846\$054	
Limoetro	30:933\$831	49:802\$153		18:868\$322
Maragogy	90:473\$813	97:203\$979		6:730\$163
Muricy	73:777\$129	105:387\$691		31:610\$562
Palmeira dos Indios	95:619\$662	66:766\$073	28:853\$589	
Parahyba	56:372\$926	113:012\$424		56:639\$498
Penedo e Sul	960:718\$375	1.317:562\$913		356:844\$538
Pilar	82:528\$596	69:989\$421	12:539\$175	
Porto Calvo	48:350\$350	65:451\$852		17:101\$502
Porto de Pedras	71:409\$533	63:105\$039	8:244\$494	
P'o Largo	145:718\$582	160:175\$051		14:457\$069
S. José da Lage	130:170\$150	154:837\$450		24:667\$300
S. Miguel de Campos	121:532\$889	130:475\$007		14:942\$118
S. Luiz do Quitunde	68:934\$350	107:577\$949		38:643\$599
União	122:404\$194	238:731\$640		116:327\$446
Viçosa	146:000\$635	140:140\$365	5:860\$270	
Victoria	98:427\$892	107:616\$835		9:188\$943
Imprensa Official	24:908\$270	20:333\$140	4:575\$130	
Terras da Trindade	1:803\$200	2:053\$000		240\$800
Theatro Deodoro	300\$000	525\$000		225\$000
	8.383:645\$515	9.471:864\$710	178:804\$768	1.267:023\$963

RESUMO

Exercicio de 1926	8.383:645\$515	Para mais	178:804\$768
Idem de 1925	9.471:864\$710	Para menos	1.267:023\$963
Diff. para menos	1.088:219\$195		1.088:219\$195

2ª. Secção da Contadoria do Thesouro, 16 de Fevereiro de 1927.—O Chefe da Secção, *Joaquim Populo de Campos*. — Conforme, Th, 28|2|27. — O Director, *Julio Lopes Ferreira Pinto*.

NOTA — (*) A Recebedoria de Arapiraca foi creada por Decreto n. 1.127, de 17 de Julho de 1925, e provida de funcionarios em 28|12|926.

(**) A Recebedoria da Barra de S. Miguel foi supprimida por Decreto n. 1.124, de 15 de Julho de 1925.

Comparação anos 1926/1928

ANEXO N. 12

DESDOBRAMENTO COMPARATIVO DA ARRECAÇÃO DAS RECEBEDORIAS DO SUL, NOS EXERCÍCIOS DE 1928 E 1927

ESTAÇÕES	1928	1927	DIFERENÇAS	
			Para mais	Para menos
Penedo	761:906\$975	656:260\$700	105:735\$275	
Piassabussé	48:476\$581	41:288\$745	7:187\$836	
Igreja Nova	29:510\$340	24:242\$919	5:267\$421	
Colégio	26:844\$964	23:171\$396	3:673\$578	
São Braz	26:343\$262	10:696\$597	15:646\$665	
Traipú	37:668\$775	33:937\$779	3:730\$996	
Bello Monte	25:222\$595	20:940\$225	4:282\$370	
Pão de Assucar	57:893\$650	45:789\$490	12:104\$160	
Piranhas	30:425\$307	21:603\$340	9:616\$967	
Água Branca	37:263\$745	26:225\$804	11:040\$941	
Paulo Affonso	33:226\$683	33:784\$428		547\$245
Sant'Anna do Ipanema	85:356\$603	92:262\$563		6:905\$870
Pedra	68:838\$784	44:826\$814	24:011\$970	
Coruripe	36:166\$604	9:389\$985	26:776\$619	
Limoeiro	28:640\$942	6:072\$863	22:568\$079	
Arapiraca	40:391\$658	6:116\$591	34:275\$067	
Junqueiro	16:403\$982	2:292\$657	14:111\$325	
	1.391:078\$440	1.098:302\$886	300:229\$169	7:453\$615

R E S U M O

Exercício de 1928	1.391:078\$440	Para mais	300:229\$169
Idem de 1927	1.098:302\$886	Para menos	7:453\$615
Diferença para mais	292:775\$554		292:775\$554

A arrecadação das Recebedorias de Coruripe, Limoeiro, Arapiraca e Junqueiro, no exercício de 1927, corresponde aos meses de Outubro a Dezembro, por terem estas estações fiscaes sido anexadas á de Penedo, por força do Decreto n. 1.213, de 30 Setembro do mesmo anno.

Sub-Directoria da Receita da Secretaria da Fazenda, em Maceió, 15 de Fevereiro de 1929.

O Sub-Director, *Oswaldo de Albuquerque Cardoso*. — Conforme. — Directoria Geral, 15 de Fevereiro de 1929. — *Joaquim Paulo de Campos*, Director Geral.

Comparação anos 1928/1929

QUADRO COMPARATIVO DA ARRECADAÇÃO GERAL PELAS RECEBEDORIAS NOS EXERCÍCIOS DE 1928 e 1929

Recebedorias	Exercícios		Diferenças	
	1928	1929	Para mais	Para menos
Recebedoria Central	7.238:396\$154	7.528:743\$947	290:347\$793	
1º Grupo				
Alagoas	52:210\$209	55:415\$318	3:205\$109	
Anadia	67:481\$614	93:225\$627	25:744\$013	
Atalaia	121:100\$476	76:886\$617		44:263\$859
Camaragibe	83:792\$186	62:173\$578		21:618\$608
Capella	72:351\$922	57:444\$916		14:907\$006
Jacuhype	68:800\$893	61:531\$097		7:287\$796
Leopoldina	78:284\$219	74:657\$643		3:626\$576
Maragogy	145:460\$275	139:258\$774		6:201\$501
Muricy	93:693\$687	89:105\$288		4:588\$399
Palmeira dos Indios	66:326\$280	106:918\$073	40:592\$603	
Pilar	79:644\$602	71:615\$221		8:029\$381
Porto Calvo	58:726\$441	72:252\$860	13:526\$419	
Porto de Pdras	73:174\$222	195:853\$117	122:678\$895	
Quebrangulo	107:636\$203	116:863\$875	9:227\$672	
Rio Largo	174:072\$883	224:231\$933	50:159\$050	
São José da Lage	174:143\$372	178:099\$474	3:956\$102	
São Miguel de Campos	200:625\$392	186:938\$534		13:686\$858
São Luiz de Quitunde	65:463\$991	66:030\$612	566\$621	
União	184:433\$944	144:218\$187		40:215\$757
Viçosa	201:409\$791	172:032\$474		29:376\$317
	2.168:832\$602	2.244:687\$118	269:656\$574	193:802\$058
2º Grupo				
Água Branca	37:266\$745	21:781\$921		15:484\$824
Arapiraca	40:391\$658	40:102\$721		288\$937
Bello Monte	25:222\$595	27:377\$639	2:155\$044	
Collegio	26:844\$964	47:238\$545	20:393\$531	
Coruripe	36:166\$604	47:315\$495	11:148\$891	
Igreja Nova	29:510\$240	36:384\$039	6:873\$799	
Junqueiro	16:403\$982	17:529\$448	1:125\$460	
Limosiro	28:640\$942	29:612\$402	971\$460	
Matta Grande	33:236\$683	35:574\$538	2:337\$855	
Pão de Assucar	57:893\$650	67:424\$271	9:530\$621	
Pedra	68:838\$784	52:506\$582		16:332\$202
Penedo	761:955\$975	819:505\$735	57:509\$760	
Piassabussú	48:476\$581	45:216\$943		3:259\$638
Piranhas	30:620\$307	25:934\$291		4:686\$016
Sant'Anna do Ipanema	85:356\$693	99:302\$640	13:945\$947	
São Braz	26:543\$262	23:806\$842		2:736\$420
Traipú	37:668\$775	39:036\$935	1:368\$160	
	1.391:078\$440	1.475:650\$987	127:360\$584	42:788\$037

Recapitulação:

Recebedoria Central	7.238:396\$154	7.527:743\$947	290:347\$793
Recebedorias do 1º Grupo	2.168:832\$602	2.244:687\$118	75:854\$516
Recebedorias do 2º Grupo	1.391:078\$440	1.475:650\$987	84:572\$547
	10.798:307\$196	11.249:082\$052	450:774\$856

José Plácido.

Craveiro Costa, Contador Geral.

Eles (elas) também fizeram Arapiraca

Arapiraca, com cem anos e como tantos outros municípios desde seu início, não começou, cresceu, desenvolveu-se somente através de filhos e filhas nativos, migrantes, abnegados. Ela também deve, e orgulhosamente, a presença de cada um arapiraquense, cada alagoano, cada brasileiro. De todas as matizes, sem exceções.

Aqui, e agora, quando se chega aos cem anos de emancipação política a memória arapiraquense revive e traz os nomes de *Tiriri*, do *Dez*, da *Véia Paixão*, do *Zinho*, do *Kil*, do *Regis*, do dr. *Wilson*, do *Miguel Me Dá um Pão*, do *Tatubola*, do *Chupeta*, e tantos outros que viveram (muitas vezes chorando, com fome, pedindo, esmolando) amando esta cidade. Eles e elas também fizeram Arapiraca.

A história de um povo não é feita tão somente de nobreza, de homens e mulheres corajosos, destemidos, trabalhadores incansáveis pelo progresso e desenvolvimento. Faz-se, também, lembrando os seres (indivíduos) que, paralelamente, povoaram ao redor do nativo e/ou do migrante. A história não exclui; ela inclui.

A *Véia Paixão*, mulher morena, esguia, solitária, que percorria as ruas de Arapiraca esmolando; a *Chupeta*, que desfilava garbosamente e pedia esmoladas (quando se alcoolizava – quase sempre – se despia nas ruas, à frente de quem olhasse; do *Regis*, filho de um dono de oficina (no início, a oficina mecânica funcionava onde, depois, foi o Cine Trianon), e, que, pedalando, “roubava” bicicletas – depois as deixava em qualquer canto da cidade, pois só queria era pedalar por alguns instantes (havia até uma estória: *Regis não sentia dor – inúmeras vezes caía das bicicletas, se arranhava todo, o sangue corria por pernas e braços e ele tranquilo, sem esboçar quaisquer sinais de dor*).

Do *Regis*, ainda hoje alguns antigos lembram quando muitos colocavam suas bicicletas no meio fio das ruas. Aí, vinha o aviso: *cuidado, o Regis pode aparecer. Coloque cadeado na roda!*

E que falar do Ênio, o *Dez*, que não esmolava, mas sempre pedia, indistintamente: “*Me dê dez aí!*”

Há até uma história contada por ele, quando estava bêbado de “rinchona” – “*A Betânia, o Eraldo pegou e oh!*”) – Betânia era sua irmã, bonita, de estatura mediana; Eraldo, um quase *playboy* da época, que gostava de apitar jogos do ASA.

Falar deles e delas, que não podem ser deixados fora dessas lembranças: *Japão* e a *Aleixadinha* (ele esmolava com ela numa carroça de mão); ou *Sete Latas*, nome dado porque andava sempre com um saco de estopa cheio de latas na cabeça; há o *Agripino* que “ganhava a vida” puxando água nas cacimbas da rua 15 de Novembro.

A vida de *Tiriri*, bem-vestido, elegante, com seu cachorro *Vamo*, que adorava caminhar, aliás, desfilar pelas ruas de Arapiraca. Umas duas vezes empreendeu caminhada até a capital do estado, Maceió, sempre acompanhado de seu fiel amigo *Vamo*. O *Miguel Me Dá um Pão* era um frequentador assíduo da padaria do Cícero Iziano, no Alto

do Cruzeiro (Daí o nome).

-“Seu” Ciço, me dá um pão. Estou “morrendo” de fome.

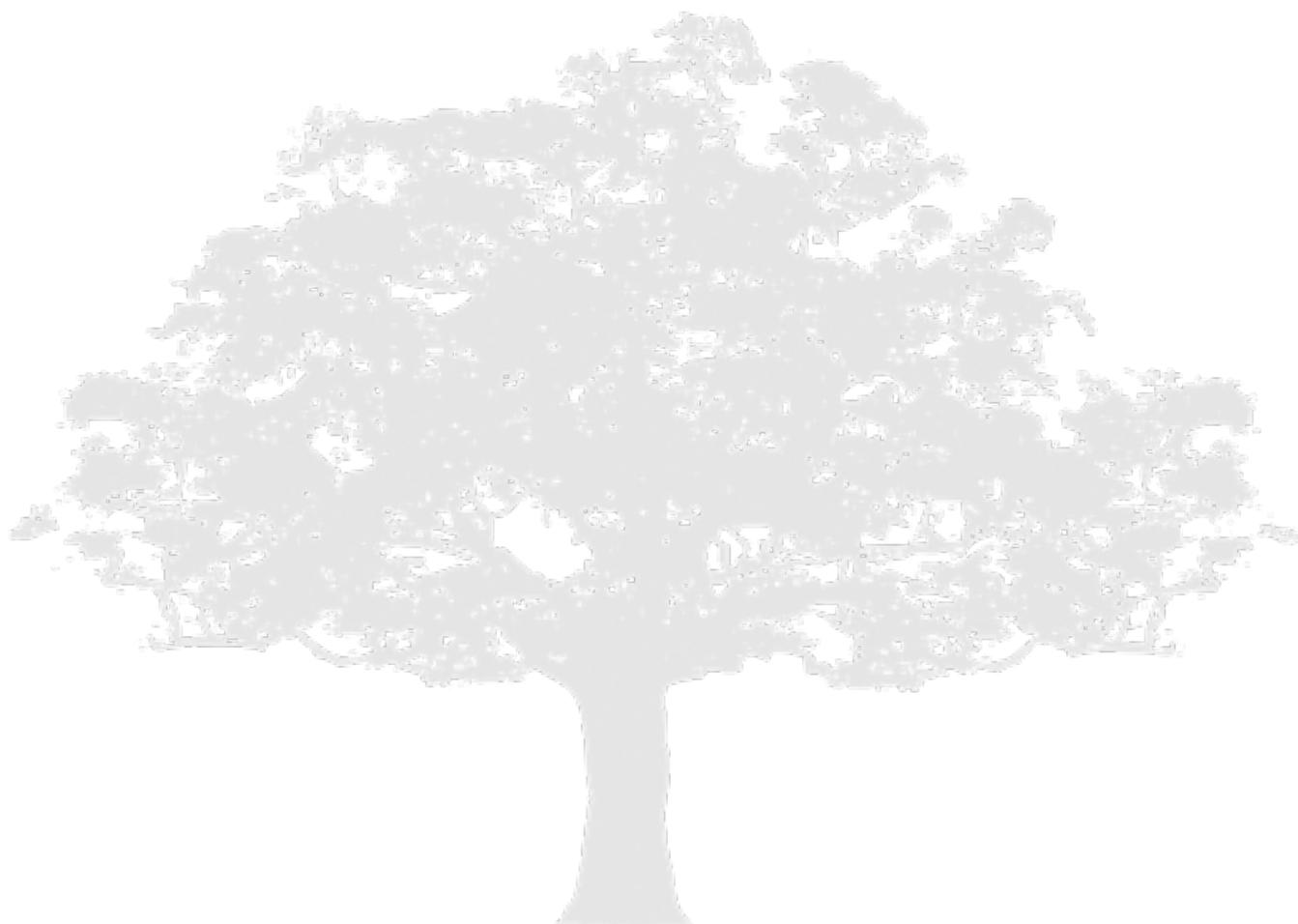
Outros, que não foram pedintes, nem esmoleres, também fizeram parte deste lado de Arapiraca. De uma forma ou de outra. Aqui, a lembrança de *Zinho*, morador da rua do Sol, filho de um intelectual da terra; ou o *Kil*, cujo pai foi coletor estadual e irmão de proprietário de cinema.

Os cem anos de Arapiraca pertencem também a eles, aqui lembrados, e a muitos outros esquecidos, ou àqueles que, infelizmente, alguns querem esquecer. A história de uma cidade tem de ser contada sem esquecimentos: um ano, ou cem, não importa o tempo – todos têm de ser lembrados.

O político, o religioso, o industrial, o intelectual, ou o comerciante, todos mostram a pujança de uma terra. Sem eles, não há dúvidas, Arapiraca não teria resplandecido tanto. Mas, não devem ser esquecidos jamais os *tiriris* da vida; ou o cachorro *Vamo*. São histórias. É memória viva.

9ª Parte

Anos Difíceis



A história dos cem anos de emancipação política e administrativa de Arapiraca, aqui apresentada, apresenta a luta tenaz de seus filhos e de migrantes pelo reconhecimento, crescimento e desenvolvimento desta parte de Alagoas. Nada mais claro do que a miscigenação entre os polos – nativos e migrantes.

Mas, nem sempre foi assim.

Durante parte dos cem anos de desenvolvimento, progresso educacional e social, Arapiraca deixou de ser a luz progressista do Estado e se engalfinhou numa ferrenha luta, não política e partidária, mas de antagonismo entre seus filhos. Luta de morte.

Um exemplo que distingue a luta político-partidária ocorreu entre Arapiraca e Limoeiro; esta, querendo ser livre; este, querendo preservar a hegemonia administrativa sobre aquela. Luta séria, de ideias, de pontos de vista, do progresso contra o atraso.

A desunião entre famílias, política ou não, surgiu a partir dos anos 40, quando passou a vigorar a Constituição de 1946, que libertou o país do Estado Novo de Getúlio Vargas. Eleições diretas para prefeito e vereadores, com políticos de um lado e de outro, cercados por asseclas assalariados, elevaram o nível. Para pior, entretanto.

Bombas na porta da Igreja Nossa Senhora do Bom Conselho, anos 48, onde não se respeitou o lugar sagrado de muitos; morte de um vereador em 1956; morte de um deputado em 1957; fugas de políticos de sua terra para não morrer; fugas de políticos autores intelectuais como tentativa de se livrarem da justiça; bombas em comícios. Arapiraca nos olhos do Brasil, alcunhada de terra de pistoleiros.

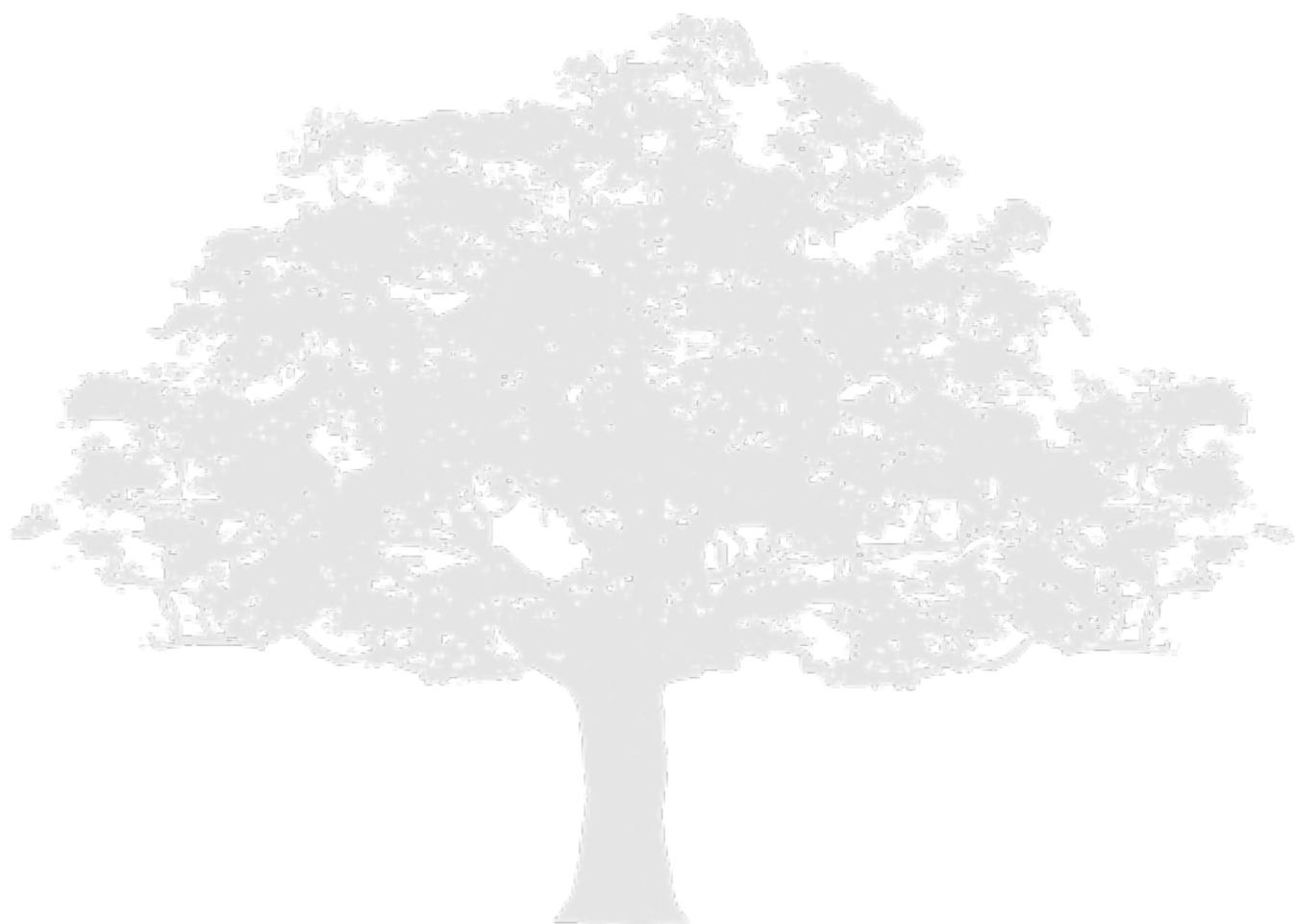
Os anos 50 foram terríveis.

Em 2009, já pacificada, Arapiraca retroage, com uma sua representante sendo assassinada no dia da diplomação.

Nos cem anos de crescimento e desenvolvimento, mesmo passando por dias tristes, Arapiraca soube ultrapassar também os empecilhos da brutalidade para se erguer.

10ª Parte

A religiosidade na construção de Arapiraca





Igreja Nossa Senhora Menina.

A religiosidade dos arapiraquenses surgiu desde quando as terras que hoje fazem parte do município de Arapiraca foram doadas a Manoel André Correia dos Santos. No início, no local onde foram sepultados os restos mortais de Maria Isabel da Silva Valente, sua esposa, em 1855, e depois sua sogra, Isabel da Rocha Pires, em 1873, ele construiu uma capela (a construção da capela terminou em 1864, sendo que a 1ª. Missa foi rezada em 02/02/1865, pelo padre Pedro Vital da Silva). Foi o primeiro ato extemporâneo de religiosidade de Arapiraca. Em 1905, início do século XX, alguns arapiraquenses, acreditando se redimir de inúmeros pecados, e da fúria dos céus que trouxeram a *peste*, em consequência dezenas de mortes, construíram a igreja de São Sebastião. Afora esses dois templos, surgiram outros, como a igreja de Santo Antônio (Cacimbas), a igreja de São José (Alto do Cruzeiro), a igreja de Nossa Senhora Menina (Cruz da Menina), igreja do Senhor do Bomfim, na praça Senhor do Bomfim (praça dos Curís).

Com os templos católicos, chegaram os religiosos. Um dos primeiros, senão o primeiro, foi o padre Pedro Vital da Silva (1854/1904), pároco de Limoeiro de Anadia, paróquia a que Arapiraca pertencia. Ele foi o fundador da capela de Nossa Senhora da Conceição, na localidade de Brejo dos Sulinos, também conhecido como Brejo dos Teófilos, hoje município de Coité do Nóia.

A igreja Nossa Senhora Menina (no local onde morreu uma criança atropelada), surgiu em Arapiraca em 1947, mandada construir pelo prefeito Luís Pereira Lima, depois de, segundo a tradição, ter tido um pedido atendido em graça. A imagem de Nossa Senhora Menina veio do Rio de Janeiro, a pedido do pároco Epitácio Rodrigues (filho de Lagoa da Canoa), que em 1935 rezou sua primeira missa em Arapiraca, e foi pároco de 1944 a 1979, quando se aposentou.

Outro religioso foi o padre Maurício da Rocha (nascido em 1916, que, como pároco de Limoeiro de Anadia, era frequente nos atos religiosos de Arapiraca, auxiliando padre Epitácio Rodrigues. Arapiraca, durante muito tempo, foi o lar do padre Jeferson de Carvalho (natural de Coruripe, nascido em 1917), que, além de sacerdote, atuou por muitos anos lecionando nos colégios Nossa Senhora do Bom Conselho e São Francisco de Assis.

Não há como esquecer, neste pequeno ensaio, a figura do padre Antônio Lima Neto (1927/1980), professor e autor de livro (*Recado para os meus Irmãos*), um dos fundadores da Faculdade de Formação de Professores de Arapiraca. Era um cuidador de almas. Há, dentro da religiosidade dos arapiraquenses, a figura da Irmã Maria Helena (1917/1992, alagoana de Delmiro Gouveia), fundadora e primeira diretora do Colégio São Francisco de Assis.

Outras manifestações religiosas (cristãs evangélicas) surgiram, e permanecem, em Arapiraca, a saber: as igrejas Batista (avenida Rio Branco), Assembleia de Deus (rua Estudante José de Oliveira Leite), Cristã do Brasil – foi demolida (rua São Francisco), Presbiteriana do Brasil (rua Monsenhor Macedo), igreja Cristã Pentecostal do Brasil (rua Domingos Correia). Todas elas têm suas origens entre os anos 50 e 60.

Afora as igrejas cristãs, desde o início surgiu em Arapiraca diversas faces da religião africana, como terreiros de Candomblé, Quimbanda, Umbanda. Os seguidores do espiritismo kardecistas (de Alan Kardec), somente nos anos 70 é que surgiu o Centro Espírita Companheiros de Emanuel (rua Estudante José de Oliveira Leite, bairro de Ouro Preto), fundado por Pedro Cavalcante e Florisval Magalhães.

Um pouco de história



“Em 1859, Manoel André começou a construção de uma igreja no local da sepultura de sua primeira esposa, minha tetravó. A igreja foi construída em alvenaria e parte em madeira. Os tijolos foram feitos no mesmo local, assim como as telhas. O massapê era do bom e foi utilizado por todos os seus herdeiros até meados de 1940. Essa construção foi terminada em 1864.

A imagem de Nossa Senhora do Bom Conselho foi encomendada em Penedo, a uma firma da Bahia, mas, a entrega da mesma se deu na cidade de Bom Conselho. Meu tetravô Manoel André, muito devoto de Nossa Senhora, fez questão de trazer a imagem, a pé, nos ombros.

A bênção da capela se deu em 2 de fevereiro de 1865. Com muita dificuldade, Manoel André conseguiu a vinda do Padre Otávio Oliveira, através de São Braz, para celebrar a primeira missa e a bênção da capela.”

(Trecho do livro RETRATO DE FAMÍLIA, de MARIA JULITA PALMEIRA RODRIGUES).

É médica, reside em Brasília e é filha do Dr. Nelson Rodrigues (juiz de Direito).

Os quilombolas

Com sua fundação reconhecida como 1848, Arapiraca não poderia ter ficado isolada do trabalho escravo, uma constante no Brasil. Mesmo com a chegada da Lei Áurea, em 1888, assinada pela princesa Isabel. Das 68 comunidades quilombolas de Alagoas, duas se destacam no município: a do Carrasco e a do Pau D'Arco.

A comunidade do Carrasco, segundo relatos de membros da *Associação de Desenvolvimento da Comunidade Remanescente de Quilombo do Carrasco*, data de 1802 a presença do negro escravo, com “a festa de Santa Luzia na localidade” (o nome de Carrasco, segundo eles, vem de umas árvores abundantes, hoje chamadas de pau-viola, onde ficaram raízes). São eles oriundos de Angola.

A Vila do Pau D'Arco, onde ainda existe o quilombo do mesmo nome, surgiu da presença de um ex-escravo (Manoel Tomás da Silva) vindo do Tabuleiro dos Negros (Penedo, Alagoas), de José Januário Pragelo (que se casou com uma negra, e de Luís Tolentino, negro vindo do Rio das Cruzes, de Limoeiro de Anadia (que se casou com uma negra). Eles se instalaram embaixo de pés de ipê (ou pau d'arco), daí o nome.

As duas comunidades quilombolas que fazem parte dos cem anos de Arapiraca sempre tiveram a presença do poder público. São partes intrínsecas do município. A afrodescendência não é empecilho, ao contrário.

Referências

ABC DAS ALAGOAS (Tomos I, II, III), Francisco Reinaldo Amorim de Barros, dicionário bibliográfico, histórico e geográfico das Alagoas. Brasília: Senado Federal;

A História de Arapiraca (contada pelas atas da Câmara Municipal), primeira edição, setembro de 2005;

Arapiraca Através do Tempo, Zezito Guedes (José Gomes Pereira), edição de 1999, gráfica Mastergraphy Ltda, Maceió;

Arapiraca na História de Alagoas I e II, Valdemar Oliveira de Macedo, edição 1994, em PDF;

ArapiracaNews, edição de 19 de dezembro de 2023;

Assessoria de Comunicação, Prefeitura Municipal de Arapiraca, ano 2023;

Fragmentos de uma história, Gilberto Barbosa Filho, edição de 2011, Gráfica Farias;

Galeria dos desembargadores de Alagoas, Claudemiro Avelino de Souza (organizador), Viva Editora, edição 2020;

João Pereira Rocha, <http://joaorochoa2.blogspot.com.br>;

Jornal de Arapiraca, Memórias, diversas edições, anos 2021/2022;

Jornal do Interior, diversas edições, ano 2023;

Nossa Terra e Nossa História I e II, Valdemar Oliveira de Macedo, edição 1994, em PDF;

Pesquisa sobre a Câmara Municipal de Arapiraca por Gedilva Barbosa Vital (chefe do Departamento Administrativo e de Pessoal) e Josefa Mônica Xavier do Nascimento (chefe do Departamento de Apoio Legislativo), ano 2022;

Manuscritos (não publicados), Roza Lúcio Rodrigues Carnaúba;

Raízes de Arapiraca (eternizando memórias), Ricardo Nezinho, a partir da 1ª edição, anos diversos;

Raízes Quilombolas, web.arapiraca.al.gov.br;

Registro de Família, Maria Julita Palmeira Rodrigues, edição de 2021;

Terra das Alagoas, Adalberto Marroquim, edição original de 1922, Editora Maglioni & Succ. E. Loescher, Roma;

Wikipédia, pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_prefeitos_de_Arapiraca



Palavras dos autores

Este trabalho acerca da memória de Arapiraca visa oferecer conhecimentos do nascimento, crescimento e desenvolvimento desta terra, antes um planalto e hoje o maior município do Estado, que está completando cem anos de emancipação política. Seus filhos, naturais e adotivos, continuam elevando a terra conhecida como de Manoel André, fundador e primeiro a acreditar em sua pujança.

Foram compilados trabalhos e pesquisas de historiadores e estudiosos do município, como Valdemar Oliveira de Macedo e Zeito Guedes, entre outros, conhecedores profundos do povo e das terras desta parte de Alagoas.

Um agradecimento especial ao advogado José Ventura Filho, ex-professor do Colégio Bom Conselho, que gentilmente revisou o texto deste livro, ao designer Adnael Silva e, preferencialmente, ao prefeito Luciano Barbosa que acolheu as ideias deste projeto.